

Sidney Sheldon

LEMBRANÇAS DA MEIA-NOITE



Sidney Sheldon

LEMBRANÇAS DA MEIA-NOITE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Sidney Sheldon

LEMBRANÇAS DA MEIA-NOITE

Não me cantem canções da luz do dia
Pois o sol é o inimigo dos amantes
Ao invés, cantem das sombras e da escuridão
E das "memórias da meia-noite"

PRÓLOGO

Kowloon - Maio de 1949

- Tem de parecer um acidente. Consegue arranjar isso?

Era um insulto. Sentia a raiva crescer dentro de si. Isso era pergunta para se fazer a um amador que se contratava na rua. Sentiu-se tentado a responder com sarcasmo: "Oh, sim. Acho que consigo fazer isso. Prefere um acidente dentro de casa? Posso fazer que ela parta o pescoço ao cair de um lance de escadas. O bailarino de Marselha. Ou ela podia embebedar-se e morrer afogada na banheira. A herdeira de Gstaad.

Podia tomar uma dose excessiva de heroína. Eliminara três assim. Ou podia adormecer na cama com um cigarro aceso. O detetive sueco no Hotel da Margem Esquerda de Paris. Ou será que prefere qualquer coisa no exterior? Posso provocar um acidente de trânsito, uma queda de avião ou um desaparecimento no mar." Mas não disse nada disto, pois na verdade tinha medo do homem que se sentara na sua frente. Ouvira muitas histórias arrepiantes a seu respeito, e tinha razão para acreditar nelas. De forma que tudo o que disse foi - Sim, senhor, posso provocar um acidente. Ninguém irá descobrir. Mas no momento em que dizia estas palavras a idéia passou-lhe pela cabeça: "Ele sabe que eu saberei." Ficou à espera. Estavam no segundo andar de um edifício da cidade murada de Kowloon, que fora construída em 1840 por um grupo de chineses para se protegerem dos bárbaros britânicos.

As muralhas tinham sido derrubadas na Segunda Guerra Mundial, mas havia outras muralhas que afastavam os estranhos: grupos de criminosos, tóxico-dependentes e violadores que perambulam pelas muitas ruas estreitas Chegaram à Estrada de Mody. O padre taoísta que o aguardava parecia urna figura de um antigo pergaminho, com um clássico roupão oriental desbotado e uma barba branca, às dergrenhada e comprida. Jou sahn. Jou sahn. Gei do chin.Yat-Chihn. Jou.

O padre fechou os olhos numa oração silenciosa e começou a sacudir o chim, a taça de madeira cheia de paus de oração numerados. Caiu um pau, e a sacudidela cessou. No silêncio, o padre taoísta consultou a sua carta e virou-se para o visitante. Ele falava num inglês defeituoso.

- Os deuses dizem que em breve te livrarás de um inimigo perigoso.O homem sentiu um choque agradável de surpresa. Era demasiado inteligente para não compreender que a antiga arte de chim era uma mera superstição. E era demasiado inteligente para ignorá-la. Além disso, havia outro presságio de boa sorte. Hoje, era o Dia de Agios Constantinous, dia do seu aniversário.

- Os deuses abençoaram-te com boa fung shui. Do jeh Hou wah.

Cinco minutos depois, estava na limousine, a caminho de Kai Tak, o aeroporto de Hong Kong, onde o seu avião particular o aguardava para levá-lo de volta a Atenas, e escadas escuras que conduziam às trevas. Os turistas eram avisados a manterem-se afastados, e

nem mesmo a polícia se aventuraria a entrar na Rua TungTau Tsuen, nos arredores. Ele ouvia os barulhos da rua do outro lado da janela, e a poliglota estridente e roufenha de línguas que pertenciam aos residentes da cidade murada. O homem analisava-o com olhos frios e negros. Falou por fim.

-Pois bem. Deixarei o método ao seu dispor.

-Sim, senhor. O alvo está aqui em Kowloon? Londres.

Chama-se Catherine. Catherine Alexander.

Uma limousine, seguida por um segundo cano com dois guarda-costas armados, levou o homem para a Casa Azulem Lascar Row, na área de Tsim Sha Tsui. A Casa Azul estava aberta apenas a clientes especiais. Era visitada por chefes de estado, estrelas de cinema e presidentes de empresas. A gerência orgulhava-se da discrição. Há seis anos, uma das raparigas que trabalhava lá falara dos seus clientes a um jornalista e foi encontrada na manhã seguinte no porto de Aberdeen com a língua cortada. Na Casa Azul havia de tudo para vender; virgens, rapazes, lésbicas que se satisfaziam sem os "talos preciosos dos homens, e animais. Era o único lugar que ele conhecia onde ainda se praticava a arte do século X de Ishinpo. A Casa Azul era uma cornucópia de prazeres proibidos. O homem pedira os gêmeos desta vez. Eram um par requintadamente combinado com belos atributos, corpos incríveis e sem inibições. Lembrou-se da última vez em que lá estivera... o banco de metal sem fundo e as suas línguas e dedos macios e acariciadores, e a banheira cheia de água quente aromática que transbordava para o chão de tijoleira e as suas bocas ardentes expoliando o corpo dele. Sentiu o início de uma ereção.

-Nós estamos aqui, senhor.

Três horas mais tarde, depois de ter estado com elas, saciado e satisfeito, o homem ordenou que a limousine seguisse para a Estrada de Mody. Olhou para as luzes cintilantes da cidade que nunca dormiam. Os chineses deram-lhe o nome degau-lung - nove dragões - e ele imaginava-os a espreitarem nas montanhas sobre a cidade, prontos a descerem e destruírem os fracos e os incautos. Ele não era nada disso.

JANINA, GRÉCIA - JULHO DE 1948

Ela acordava aos gritos todas as noites e era sempre o mesmo sonho. Ela estava no meio de um lago numa tempestade feroz e um homem e uma mulher metiam-lhe a cabeça debaixo das águas geladas, afogando-a. Acordava sempre em pânico, com falta de ar, encharcada em suor. Não fazia idéia de quem ela era e não tinha lembrança do passado. Falava inglês-mas não sabia de que país vinha ou como viera parar na Grécia, no pequeno convento das Carmelitas que a abrigou. A medida que o tempo passava, havia lampejos atormentadores de memória, vestígios de imagens vagas e efêmeras que chegavam e partiam depressa de mais para poder retê-los, segurar e examinar. Chegavam em momentos inesperados, apanhando-a desprevenida e enchendo-a de confusão. No começo, fizera perguntas. As freiras carmelitas eram gentis e compreensivas, mas havia uma ordem de silêncio, e a única que podia falar era a Irmã Teresa, a idosa e frágil Madre Superiora.

- Sabe quem eu sou?

-Não, minha filha - disse a Irmã Teresa. - Como é que eu vim parar a este lugar?

-No sopé destas montanhas, há uma aldeia chamada Janina. Estavas num pequeno barco no lago durante uma tempestade no ano passado. O barco afundou-se, mas graças a Deus duas das nossas irmãs viram-te e salvaram-te. Trouxeram-te para aqui.

-Mas... de onde vim eu antes disso? -Desculpa, minha filha. Não sei. Ela não podia ficar satisfeita com isso. -Ninguém perguntou por mim? Ninguém tentou encontrar-me?

A Irmã Teresa sacudiu a cabeça. -Ninguém. Quis gritar de frustração. Tentou de novo.

- Os jornais... Eles devem ter recebido alguma história sobre o meu desaparecimento.

-Como sabes, não nos é permitida qualquer comunicação com o mundo exterior. Temos de aceitar a vontade de Deus, minha filha. Devemos agradecer-lhe todas as Suas graças. Estas viva.

E foi o máximo que conseguiu obter. No começo, estivera demasiado doente para se preocupar consigo própria, mas aos poucos, à medida que os meses passavam, ela recuperava as forças e a saúde. Quando se sentiu com forças para caminhar, passavam dias a trabalhar nos jardins coloridos dos terrenos do convento, sob a luz incandescente que banhava a Grécia num fulgor celestial, com os ventos suaves que traziam o aroma pungente dos limões e das vinhas. O ambiente era sereno e calmo, e no entanto ela não conseguia encontrar paz. "Estou perdida", pensou, "e ninguém se importa. Porquê? Fiz alguma coisa de mau? Quem sou eu? Quem sou eu? Quem sou eu?" As imagens continuavam a surgir, espontâneas. Certa manhã, acordou de repente e viu a sua própria imagem num quarto com um homem nu que a despia. Era um sonho? Ou era algo que acontecera no passado? Quem era o homem? Era algum com quem se casara? Tinha marido? Não trazia aliança de casamento. De fato, não tinha outros haveres a não ser o hábito negro da Ordem das Carmelitas que a Irmã Teresa lhe dera e um alfinete, um

pequeno pássaro dourado com olhos vermelho-vivos e asas abertas. Ela era anônima, uma estranha vivendo entre estranhos. Não havia ninguém para ajudá-la, nem um psiquiatra para lhe dizer que a sua mente ficara tão traumatizada que só podia ficar só quando afastasse o passado terrível.

E as imagens continuavam a surgir, cada vez mais rápidas. Era como se a sua mente se tivesse repentinamente tornado num enigma gigantesco, com peças estranhas que se iam encaixando. Mas as peças não faziam sentido. Teve uma visão de um estádio enorme cheio de homens fardados com o uniforme do exército. Pareciam estar a fazer um filme. "Era atriz?" Não, parecia estar a dar ordens. "Mas que ordens?" Um soldado entregou lhe um ramo deflores. "Terá de pagá-las", riu-se. Duas noites depois, teve um sonho com o mesmo homem. Estava a despedir-se dele no aeroporto, e acordou a soluçar porque o perdia. No teve mais paz depois disso. Não eram simples sonhos. Eram pedaços da sua vida, do seu passado. "Tenho de saber quem sou. Quem sou." E, inesperadamente, a meio da noite, sem mais nem menos, surgiu-lhe um nome do subconsciente. "Catherine. O meu nome é Catherine Alexander."

ATENAS, GRÉCIA

O império de Constantin Demiris não podia ser localizado em nenhum mapa; no entanto, ele era senhor de um feudo mais poderoso do que muitos países. Ele era um dos dois ou três homens mais ricos do mundo e a sua influência era incalculável. Não tinha título ou posto oficial, mas regularmente comprava e vendia primeiros-ministros, cardeais, embaixadores e reis. Os tentáculos de Demiris estavam por toda a parte, tecidos através da trama e urdidura de dezenas de países.

Era um homem carismático, com uma mente brilhantemente incisiva, fisicamente notável, de altura bem acima da média, entroncado e de ombros largos. Tinha a tez morena e um nariz grego pronunciado e olhos pretos-azeitona. Tinha o rosto de um falcão, de um predador. Quando decidia dar-se ao trabalha, Demiris sabia ser extremamente encantador. Falava oito línguas e era um afamado contador de anedotas. Possuía uma das mais importantes coleções de arte do mundo, uma frota de aviões particulares e uma dúzia de apartamentos, castelos e casas de campo espalhados pelo globo. Era um entendido da beleza, e achava as mulheres belas irresistíveis. A sua reputação era a de ser um amante possante, e as suas leviandades românticas eram tão pitorescas quanto as suas aventuras financeiras. Constantin Demiris orgulhava-se de ser um patriota - a bandeira azul e branca da Grécia estava sempre hasteada na sua villa de Kolonaki e em Psara, a sua ilha privada, mas não pagava impostos. Não se sentia obrigado a obedecer às regras que se aplicavam aos homens comuns. Nas suas veias corria licor - o sangue dos deuses.

Quase todas as pessoas que Demiris conhecia queriam alguma coisa de si: financiamento de um projeto comercial; donativo para uma obra de caridade; ou simplesmente o poder que a sua amizade podia conferir. Demiris gostava do desafio de imaginar aquilo que as pessoas realmente pretendiam, pois raramente era o que aparentava ser. A sua mente analítica era céptica quanto a verdade superficial, e como conseqüência disso não acreditava em nada do que lhe diziam e não confiava em ninguém. O seu lema era: "Fica perto dos teus amigos, mas ainda mais perto dos teus inimigos." Aos repórteres, que escreviam sobre a sua vida, era permitido ver apenas a sua genialidade e encanto, o homem sofisticado e urbano do mundo. Não tinham motivos para suspeitar que sob aquela fachada amável se encontrava um assassino, um lutador de sarjeta, cujo instinto era saltar para a veia jugular. Era um homem implacável que nunca esquecia uma desfeita. Para os antigos gregos a palavra dikaiosini, justiça, era muitas vezes sinônimo de ekdikisis, vingança, e Demiris era obcecado por ambas. Lembrava-se de todas as afrontas que sofrera, e aqueles que tinham o azar de incorrer na sua inimizade recebiam em paga cem vezes mais. Nunca se apercebiam do fato, pois a mente matemática de Demiris fazia da retribuição exata um jogo, pacientemente concebendo armadilhas meticulosas e tecendo teias complexas que finalmente prendiam e destruíam os seus inimigos. Sentia prazer nas horas que passava a arquitetar ciladas para os seus adversários. Estudava as suas vítimas cuidadosamente, analisando as suas personalidades, avaliando os seus

pontos fortes e fracos. Durante um jantar, Demiris ouvira por acaso um produtor de cinema referir-se a ele como "aquele grego untuoso". Demiris esperou o momento propício. Dois anos mais tarde, o produtor contratou uma atriz fascinante de renome internacional para estrelar na sua nova superprodução na qual investiu o seu próprio dinheiro. Demiris esperou até o filme estar meio concluído, e depois seduziu a atriz principal a abandonar tudo e a juntar-se a ele no seu iate.

-Vai ser uma lua~le-mel -disse-lhe Demiris.

Ela teve a lua-de-mel, mas não o casamento. O filme acabou por ser cancelado e o produtor entrou em bancarrota.

Havia alguns jogadores no jogo de Demiris de quem ainda não se tinha vingado, mas não tinha pressa. Gostava da antecipação, do planejamento e da execução. Nos tempos de hoje, não fazia inimigos, pois ninguém podia dar-se ao luxo de ser seu inimigo, de forma que as suas presas se limitavam àqueles que tinham atravessado o seu caminho no passado. Mas a idéia que Constantin Demiris tinha de dikaiosini era de dois gumes. Tal como nunca esquecia uma injúria, também não se esquecia de um favor. Um pobre pescador, que abrigara o jovem rapaz, tornou-se dono de uma frota pesqueira. Uma prostituta, que vestira e alimentara o jovem quando ele era pobre de mais para lhe pagar, herdou misteriosamente um prédio de apartamentos, sem a mínima idéia de quem fosse o seu benfeitor. Demiris começara a vida como filho de um estivador em Piraeus. Tinha catorze irmãos e irmãs, e à mesa nunca havia comida que chegasse para todos. Desde muito cedo, Constantin Demiris revelava um dom excepcional para o negócio. Ganhava um dinheiro extra fazendo biscates depois da escola, e aos dezesseis anos poupara dinheiro bastante para montar uma barraca de comida na doca com um sócio mais velho. O negócio prosperou, e o sócio enganou Demiris com a sua parte. Demiris demorou dez anos a destruir o homem. O jovem rapaz ardia com ambição feroz. "Eu vou ser rico. Vou ser famoso. Um dia todos saberão o meu nome." Era a única canção de embalar que conseguia adormecê-lo. Não fazia idéia de como iria acontecer. Só sabia que ia acontecer. No dia do seu décimo-sétimo aniversário, Demiris leu por acaso um artigo sobre os campos petrolíferos da Arábia Saudita, e foi como se uma porta mágica para o futuro se tivesse repentinamente aberto para ele. Foi ter com o pai.

- Vou para a Arábia Saudita. Vou trabalhar nos campos de petróleo.
- Eh, pá! O que é que tu sabes de campos de petróleo?

-Nada, pai. Vou aprender.

Um mês depois, Constantin Demiris partia.

Era política da companhia para os empregados no exterior da Corporação de Petróleo Trans-Continental assinar um contrato de trabalho de dois anos, mas Demiris não sentia apreensão em relação a isso. Tencionava ficar na Arábia Saudita o tempo necessário para fazer fortuna. Tinha visionado uma maravilhosa aventura de noites árabes, uma terra fascinante e misteriosa com mulheres de aspecto exótico e ouro negro jorrando do chão. A realidade foi um choque. Numa manhãzinha de verão, Demiris chegava a Fadili, um

campo medonho no meio do deserto que constava de um velho edifício de pedra rodeado por barastis, pequenas cabanas cobertas de mato. Havia mil trabalhadores de classe inferior, a maioria sauditas. As mulheres que se arrastavam através das ruas empoeiradas e de terra batida estavam carregadas de véus. Demiris entrou no edifício onde J. J. McIntyre, o administrador do pessoal, tinha o seu gabinete. McIntyre ergueu o olhar quando o homem jovem entrou.

-Então. A sede contratou-te, foi?

-Foi, sim.

-Já trabalhaste nos campos de petróleo, rapaz? Por um instante, Demiris esteve tentado a mentir.

-Não, senhor.

McIntyre deu um sorriso largo.

-Vais adorar isto aqui, Estás a um milhão de quilômetros de parte nenhuma, a comida não presta, não há mulheres em que possas tocar sem que te cortem os tomates, e não há patavina para se fazer à noite. Mas o dinheiro compensa, não ?

-Estou aqui para aprender - disse Demiris com sinceridade. - Sim? Então vou dizer-te o que tens de aprender para já. Tu agora estás num país muçulmano. Isso significa que não há bebidas alcoólicas. Quem for apanhado a roubar fica sem a mão direita. Da segunda vez, a mão esquerda. Da terceira vez, perdes um um pé. Se matares alguém, cortam-te a cabeça.

-Não estou a pensar em matar ninguém. -Espera-grunhiu McIntyre.

-Tu acabaste de chegar.

O complexo era uma torre de Babel, gente oriunda de uma dúzia de países diferentes, todos falando as suas línguas nativas. Demiris ouvia bem e aprendia línguas depressa. Os homens estavam ali para abrir estradas no meio de um deserto inóspito, edificar habitações, instalar equipamento elétrico, montar comunicações telefônicas, construir oficinas, arranjar abastecimentos de água e comida, conceber um sistema de drenagem, administrar cuidados médicos e, pareceu ao jovem Demiris, fazer uma centena de outras tarefas. Trabalhavam com temperaturas acima dos quarenta graus, sofrendo com as moscas, mosquitos, poeira, febre e desinteria. Mesmo no deserto havia uma hierarquia social. No topo estavam os homens encarregados de localizar o petróleo, e abaixo os operários das obras, chamados de "tesos", e os empregados, conhecidos como "calças lustrosas". Quase todos os homens envolvidos na perfuração atual - os geólogos, topógrafos, engenheiros e analistas de petróleo - eram americanos, pois a nova broca rotativa fora inventada nos Estados Unidos e os americanos estavam mais habituados ao seu funcionamento. O jovem decidiu tornar-se amigo deles. Constantin Demiris passava o máximo de tempo possível junto dos perfuradores e não parava de lhes fazer perguntas. Retinha a informação, absorvendo-a como as areias quentes absorvem a água. Reparou que se utilizavam dois métodos diferentes de perfuração. Aproximou-se de um dos perfuradores que trabalhava junto a uma torre de perfuração com 4OO metros.

-Eu estava aqui a pensar porque é que vocês utilizam dois tipos diferentes de perfuração.

O perfurador explicou.

-Bem, rapaz, um por cabo e o outro com a rotativa. Agora, andamos a usar mais a rotativa. Os dois métodos começam exatamente da mesma maneira.

- Ah sim?

-Sim . Para qualquer um deles tem de se erguer uma torre igual a esta para içar as peças de equipamento que têm de ser metidas dentro do poço. -Olhou para o rosto ansioso do jovem. -Aposto que não fazes a mínima idéia por que lhe chamam assim.

-Não faço, não.

-Era o nome de um famoso carrasco do século XVII. -Estou a perceber.

- A perfuração por cabo é ainda mais antiga. Há centenas de anos, os chineses abriam poços de água assim. Eles faziam um buraco na terra, levantando e deixando cair um instrumento cortante que estava pendurado num cabo. Mas hoje cerca de oitenta e cinco por cento de todos os poços são perfurados pelo método da rotativa.-Virou-se para regressar à perfuração.

- Desculpe. Mas como é que funciona o método da rotativa? O homem parou.

- Bem, em vez de abrir um buraco na terra à pancada, basta perfurar. Estás a ver isto? No meio do piso da rotativa está uma mesa giratória de aço que a maquinaria faz girar. Esta mesa rotativa prende com firmeza e roda um tubo que desce através dela. Há uma broca presa à parte inferior do tubo.

-Parece simples, não parece?

-É mais complicado do que parece. Tem de haver um método de escavar o material libertado à medida que se perfura. Há que evitar abalar as paredes e vedar a água e o gás do poço.

- Com toda essa perfuração, a broca não se gasta?

- Claro. Depois temos que tirar para fora toda aquela danada série de tubos, enroscar outra broca na ponta do tubo da perfuradora e meter tudo outra vez dentro do furo. Estás com idéias de ser um perfurador?

- Não, senhor. Tenciono ter poços de petróleo. - Parabéns. Posso voltar ao trabalho agora?

Uma manhã, Demiris observava a inserção de um tubo no poço, mas em vez de perfurar o interior ele reparou que cortou pequenas áreas circulares dos lados do furo e trouxe rochas para cima.

- Desculpe-me. Para que está a fazer isso? - perguntou Demiris. O perfurador parou para limpar a testa.

-Isto é a medula das paredes laterais. Usamos estas rochas para análise, para ver se são portadoras de petróleo.

- Estou a perceber.

Quando as coisas corriam sem problemas, Demiris ouvia os perfuradores gritar, "Vou virar para a direita", o que significava que estavam a fazer um furo. Demiris reparou que havia dezenas de pequeníssimos furos perfurados por todo o campo, com diâmetros que não tinham mais do que cinco ou seis centímetros.

-Desculpe-me. Para que são esses poços?-perguntou o jovem.

-São poços de prospecção. Indicam-nos o que existe no subsolo. Poupa um monte de dinheiro e tempo à companhia.

-Estou a ver.

Tudo era completamente fascinante para o jovem, e as suas perguntas eram infindáveis.

-Desculpe-me. Como é que sabe onde vai furar?

-Temos muitos geólogos, a malta dos calhaus, que tiram medidas dos estratos e estudam os cortes dos poços. Depois os estranguladores de cordas...

-Desculpe-me, o que é um estrangulador de cordas? -Um perfurador. Quando eles...

Constantin Demiris trabalhava desde manhãzinha até ao pôr do Sol, arrastando maquinaria através do deserto escaldante, limpando equipamento e conduzindo caminhões à frente dos raios de chama luminosos que se erguiam dos picos rochosos. As chamas ardiam noite e dia, levando para longe os gases venenosos. J. J. McIntyre dissera a verdade a Demiris. A comida não prestava, as condições de vida eram horríveis, e à noite não havia nada que fazer. Pior, Demiris sentia que todos os poros do seu corpo estavam cheios de grãos de areia. O deserto tinha vida, e não havia maneira de fugir a isso. A areia entrava na barraca, metia-se-lhe na roupa e no corpo, e ele pensou que ia enlouquecer. E depois piorou. O vento do golfo surgiu. As tempestades de areia sopravam todos os dias durante meses, conduzidas por um vento uivante com uma intensidade suficientemente forte para levar os homens à loucura. Demiris olhava fixamente pela porta da barraca para a areia rodopiante.

-Vamos trabalhar com este tempo?

- Tens toda a razão, Charlie. Isto não é uma estância termal. Faziam-se descobertas de petróleo à volta deles. Havia uma nova descoberta em Abu Hadriya e outra em Qatif e em Harad, e os trabalhadores nunca estiveram mais ocupados.

Chegaram duas novas pessoas, um geólogo inglês e a mulher. Henry Potter andava pelos setenta anos, e a mulher, Sybil, tinha pouco mais de trinta. Em qualquer outro lugar, Sybil Potter teria sido descrita como uma mulher de aspecto simplório e obesa com uma voz aguda e desagradável. Em Fadhili, ela era uma beleza delirante. Como Henry Potter estava constantemente ausente na prospecção de novos campos petrolíferos, a mulher ficava muito tempo sozinha. O jovem Demiris ficou incumbido de ajudá-la a mudar-se para os seus novos aposentos.

- Este é o pior lugar que eu já vi na minha vida - queixou-se Sybil Potter na sua voz

plangente. - O Henry está sempre a arrastar-me para lugares terríveis como este, Não sei como é que aguento.

-O seu marido está a fazer um trabalho importante-Demiris assegurou- lhe.

Ela olhou para o jovem atraente especulativamente.

-O meu marido não faz tudo o que devia fazer. Está a entender-me? Demiris sabia exatamente o que ela queria dizer. -Não, senhora.

- Como é que se chama?

-Demiris, senhora. Constantin Demiris. - Como é que os seus amigos o tratam? -Costa,

-Bem, Costa, acho que vamos ser bons amigos. Certamente que não temas nada em comum com esta ciganaria, pois não?

Ciganaria?

-Sim. Estes estrangeiros.

-Tenho que voltar ao trabalho - disse Demiris.

Nas semanas seguintes, Sybil Potter arranjava constantemente desculpas para mandar chamar o jovem homem.

-Henry saiu de novo esta manhã-disse-lhe ela.-Foi fazer essa perfuração estúpida- acrescentou maliciosamente. -Ele devia era fazer mais perfuração em casa.

Demiris ficou sem resposta.

- O geólogo era um homem importante na hierarquia da companhia, e Demiris não tinha intenções de se envolver com a mulher de Potter e pôr em perigo o seu emprego, No sabia exatamente como, mas tinha a certeza de que de uma maneira ou de outra este trabalho ia ser o seu passaporte para tudo com o que sonhara. O petróleo era o futuro e ele estava determinado a ser parte do mesmo.

Era meia-noite quando Sybil Potter mandou chamar Demiris. Ele entrou no complexo onde ela residia e bateu à porta. -Entre. -Sybil trazia uma camisa de noite transparente que infelizmente não escondia nada,

-Eu ... a senhora queria falar comigo?

-Queria, Costa, entre. Este candeeiro da mesinha de cabeceira parece que não funciona.

Demiris desviou o olhar e caminhou até ao candeeiro. Agarrou-o para examiná-lo.

-Não tem lâmpada... -E sentiu o corpo dela contra as suas costas e as mãos a apalpá-lo. - Senhora Potter...

Os lábios dela estavam sobre os dele e começou a empurrá-lo para cima da cama. E ele não teve controlo do que se passou a seguir. Estava nú e a afundar-se dentro dela e ela gritava de satisfação.

- Isso mesmo! Oh, isso mesmo! Meu Deus, há tanto tempo! Ela deu um último grito sufocado e estremeceu.

-Oh querido, eu amo-te.

Demiris estava deitado em pânico.

O que é que eu fiz? Se o Potter descobre, estou frito Como se lesse o seu pensamento, Sybil Potter deu um risinho.

-Este vai ser o nosso segredinho, não, querido? O segredinho deles manteve-se durante os vários meses que se seguiram. Demiris não conseguia evitá-la e, como o marido se ausentava durante dias consecutivos nas suas explorações, Demiris no conseguia pensar numa desculpa para evitar ir para a cama com ela. O pior era que Sybil Potter se apaixonara loucamente por ele.

-Tu és bom de mais para trabalhares num lugar como este, querido - disse-lhe ela. -Eu e tu vamos voltar para a Inglaterra. -A minha casa é na Grécia.

-Já não . -Ela acariciou o seu carpo longo e magro. -Tu vais regressar comigo. Divorcio-me do Henry e nós casamo-nos. Demiris teve uma sensação repentina de pânico.

-Sybil, eu.., eu não tenho dinheiro. Eu... Ela correu os lábios pelo tronco dele.

-Isso não é problema. Eu sei como é que podes ganhar dinheiro, querido.

- Sabes?

Ela sentou-se na cama.

-A noite passada, o Henry disse-me que tinha descoberto um novo campo de petróleo enorme. Ele é muito bom nisso, sabes. Seja como for, parecia excitadíssimo com o fato. Fez o relatório antes de sair e pediu-me que o enviasse no correio da manhã. Tenho-o aqui. Gostavas de vê-lo? O coração de Demiris começou a bater mais depressa.

-Sim, Eu ... gostava. Viu-a sair da cama e mover-se pesadamente até uma mesinha danificada situada a um canto. Tirou um grande envelope amarelo e trouxe-o para a cama.

-Abre-o.

Demiris hesitou apenas por um instante. Abriu o envelope e tirou os papéis que estavam lá dentro. Havia cinco folhas. Leu-as rapidamente, depois voltou ao início e leu todas as palavras.

- Essa informação vale alguma coisa?

"Essa informação vale alguma coisa?" Era um relatório sobre um campo novo que poderia possivelmente vir a ser um dos mais ricos campos petrolíferos da história. Demiris engoliu em seco.

-Sim. Podia valer.

-Pronto, aí tens-disse Sybil num tom feliz. -Agora temos dinheiro. Ele suspirou.

-As coisas não são assim tão simples.

-Por que não? Demiris explicou.

-Isto tem valor para qualquer pessoa que possa comprar opções na terra que circunda esta área. Mas isso exige dinheiro. -Ele tinha um saldo de trezentos dólares no banco.

-Oh, não te preocupes com isso. O Henry tem dinheiro. Eu passo um cheque. Chegam cinco mil dólares?

Constantin Demiris não podia acreditar no que ouvia. - Sim. Eu... eu não sei o que dizer.

-É para nosso bem, querido. Pelo nosso futuro. Ele sentou-se na cama muito pensativo.

-Sybil, achas que podias aguentar esse relatório por um ou dois dias?

-Claro. Vou guardá-lo até sexta-feira. Isso dá-te tempo, querido? Ele abanou a cabeça lentamente.

-Isso dá-me tempo suficiente.

Com os cinco mil dólares que Sybil lhe deu, "não, não é um presente, é um empréstimo, disse a si próprio", Constantin Demiris comprou opções em hectares da terra em redor da nova descoberta potencial. Alguns meses depois, quando os jorros começaram a sair do campo principal, Constantin Demiris tornou-se, instantaneamente, num milionário. Devolveu a Sybil Potter os cinco mil dólares, enviou-lhe uma camisa de noite nova e regressou à Grécia. Ela nunca mais o viu. Há uma teoria que diz que na natureza nada se perde - que todos os sons produzidos, todas as palavras proferidas existem ainda algures no espaço e no tempo e poderão um dia ser lembrados. Antes da invenção da rádio, diz-se, quem teria acreditado que o ar à nossa volta estava cheio de sons de música, de notícias e de vozes de todo o mundo? Um dia seremos capazes de viajar no tempo e ouvir o discurso de Lincoln em Gettysburgo, a voz de Shakespeare, o Sermão da Montanha... Catherine Alexander ouvia vozes do seu passado, mas eram abafadas e fragmentadas, e enchiam-na de confusão...

-Sabes que és uma rapariga muito especial, Cathy? Sentiam desde a primeira vez que te vi...

-Acabou-se. Quero divorciar-me... Amo outra pessoa...

-Eu sei que me tenho comportado mal... Gostava de reparar os meus erros.

-Ele tentou matar-me.

- Quem é que tentou matar-te? - O meu marido.

As vozes persistiam. Eram uma tormenta. O seu passado tornou-se um caleidoscópio de imagens móveis que se precipitavam continuamente no seu pensamento. O convento devia ter sido um abrigo maravilhoso, mas tornara-se repentinamente uma prisão. O meu lugar não é aqui. Mas onde é o meu lugar? Ela não fazia idéia. Não havia espelhos no convento, mas havia um lago refletor lá fora, perto do jardim. Catherine, cautelosamente, evitara, receosa daquilo que ele pudesse revelar-lhe. Mas nesta manhã foi até lá, ajoelhou-se lentamente e olhou para baixo. O lago refletiu uma mulher bronzeada de aspecto maravilhoso, de cabelo preto, feições perfeitas e uns solenes olhos cinzentos que pareciam cheios de dor.., mas talvez isso fosse uma mera ilusão da água. Viu uma boca

generosa que parecia pronta a sorrir, e um nariz ligeiramente arrebitado -uma mulher bonita com pouco mais de trinta anos. Mas uma mulher sem passado e sem futuro. Uma mulher perdida. Preciso de alguém que me ajude", pensou Catherine desesperadamente, "alguém com quem eu possa conversar." Entrou na sala da Irmã Teresa.

-Irmã...

- Sim, minha filha?

-Eu.., acho que gostava de consultar um médico. Alguém que me possa ajudar a descobrir quem eu sou.

A Irmã Teresa olhou para ela durante um longa momento, -Senta-te.

Catherine sentou-se na dura cadeira que se encontrava á frente da velha escrivaninha, marcada pelo tempo.

A Irmã Teresa disse calmamente:

-Minha querida, Deus é o nosso médico. A seu tempo Ele fará com Sue saibas o que Ele te reserva. Além disso, não são permitidos estranhos dentro destas paredes.

Catherine teve um lampejo de memória repentino... uma vaga imagem de um homem que falava com ela no jardim do convento, entregando- lhe qualquer coisa, mas depois a lembrança desapareceu. - O meu lugar não é aqui.

- Qual o teu lugar? E esse era o problema.

-No estou certa. Ando à procura de algo. Perdoe-me, Irmã Teresa, mas sei que não está aqui.

A Irmã Teresa analisava-a, o seu rosto pensativo. -Eu compreendo. Se saísses daqui, para onde irias? - Não sei.

-Deixa-me pensar no assunto, minha filha. Voltaremos a falar em breve.

-Obrigada, Irmã.

Quando Catherine saiu, a Irmã Teresa permaneceu sentada à secretária durante muito tempo, com o olhar fixo no vazio. Era uma decisão difícil que ela tinha de tomar. Por fim, alcançou um pouco de papel e uma caneta e começou a escrever. "Prezado Senhor", principiou ela. Aconteceu algo, que sinto o dever de chamar a sua atenção. A nossa amiga comum informou-mede que pretende abandonar o convento. Por favor diga-me o que devo fazer." Ele leu o bilhete uma vez, e depois recostou-se na cadeira, analisando as conseqüências do recado. "Com que então! A Catherine Alexander quer regressar do mundo dos mortos. É pena. Terei de livrar-me dela. Com cautela. Com muita cautela." Na manhã seguinte, Demiris mandou o motorista levá-lo a Janina. Enquanto atravessava o campo, Constantin Demiris pensava em Catherine Alexander. Lembrava-se de como ela estava bonita quando ele a viu pela primeira vez. Era inteligente, engraçada e alegre, e estava excitada par se encontrar na Grécia. "Ela tivera tudo",pensou Demiris. E depois os deuses vingaram-se. Catherine fora casada com um dos seus pilotos, e o casamento deles tornara-se um inferno vivo. Quase da noite para o dia ela envelhecera dez anos e tornara-

se uma bêbeda gorda e desgrenhada. Demiris suspirou. Que desperdício. Demiris estava sentado na sala da Irmã Teresa.

-Custou-me muito maçá-lo por causa disto-desculpou-se a Irmã Teresa

-, mas a rapariga não tem para onde ir...

-Tomou a decisão certa-assegurou-lhe Constantin Demiris. Ela lembra- se de alguma coisa do passado?

A Irmã Teresa abanou a cabeça. -Não. A pobrezinha... -Foi até à janela, donde viu as freiras que trabalhavam no jardim. - Ela está lá fora agora. Constantin Demiris foi para junto dela e olhou para fora da janela. Havia três freiras de costas para ele. Esperou. Uma delas voltou-se e ele pôde ver-lhe o rosto, e a respiração prendeu-se-lhe na garganta. Ela era bela. Que acontecera àquela mulher gorda e destroçada? -É a do meio - disse a Irmã Teresa. Demiris abanou a cabeça.

-Sim. -As palavras da Irmã Teresa eram mais verdadeiras do que ela pensava.

-Que deseja que eu faça com ela? Com cautela.

- Deixe-me pensar no caso - disse Demiris. Entrarei em contato consigo.

É um milagre", pensou Catherine. "Um sonho realizado." A Irmã Teresa parara junto à sua minúscula cela após as matinais.

- Trago notícias para ti, minha filha. - Sim?

A Irmã Teresa escolhia as palavras cuidadosamente.

-Boas notícias. Escrevi a um amigo do convento a teu respeito, e ele deseja ajudar-te.

Catherine sentia o seu coração a saltar. -Ajudar-me como?

-Isso é algo que tem de ser ele a dizer-te. Mas trata-se de uma pessoa muito amável e generosa. Catherine vais sair do convento. E as palavras causaram um arrepio repentino e inesperado em Catherine. Ia entrar num mundo de que nem conseguia lembrar-se. "E quem era o seu benfeitor?" Tudo o que a Irmã Teresa disse foi; -É um homem muito atencioso. Catherine devias estar agradecida. O carro dele virá buscar-te na segunda-feira de manhã.

Catherine não conseguiu dormir durante as duas noites seguintes. A idéia de deixar o convento e entrar no mundo exterior tornou-se de repente assustador. Sentiu-se desamparada e perdida. "Talvez seja melhor eu não saber a minha identidade. Por favor, Deus, olha por mim." Na segunda-feira, a limousine parou diante do portão do convento às sete horas da manhã. Catherine estivera acordada toda a noite a pensar no futuro incerto que se apresentava à sua frente. A Irmã Teresa acompanhou-a até ao portão que se abria para o mundo exterior. -Rezaremos por ti. Lembra-te de uma coisa: se decidires voltar para junto de nós, haverá sempre lugar para ti aqui.

-Obrigada, Irmã. Não me esquecerei,

Mas no seu íntimo Catherine estava certa de que nunca voltaria.

O longo trajeto de Janina até Atenas encheu Catherine com uma série de emoções conflituosas. Era muitíssimo excitante estar do outro lado dos portões do convento, e, no entanto, havia algo sinistro sobre o mundo de que se aproximava. Ia ela saber que coisa horrível acontecera no seu passado? Tinha alguma coisa a ver com o sonho repetitivo em que alguém queria afogá-la? No início da tarde, o campo deu lugar a pequenas aldeias, até que chegaram finalmente aos arredores de Atenas e em breve estavam no meio da cidade animada. Parecia tudo estranho e irreal a Catherine - e, no entanto, estranhamente familiar. "Eu já cá estive", pensou Catherine excitadamente. O motorista dirigiu-se para leste, e quinze minutos depois chegaram a uma propriedade enorme situada no alto de uma colina. Passaram por um porto alto de ferro e uma casa de pedra à entrada, subiram uma estrada ladeada de ciprestes majestosos e pararam frente de uma enorme villa mediterrânica branca, emoldurada por meia dúzia de estátuas magníficas. O motorista abriu a porta do carro para Catherine sair. Um homem aguardava na porta da frente.

-Kalimehra. -A palavra para bom-dia surgiu nos lábios de Catherine espontaneamente.

-Kalimehra.

- O senhor.., o senhor é a pessoa que eu vim ver?

- Oh, não. O senhor Demiris está à sua espera na biblioteca, Demiris. Um nome que ela nunca ouvira antes. Por que estava ele interessado em ajudá-la?

Catherine seguiu o homem por uma enorme rotunda, com um telhado em cópula assente em placas de faiança inglesa de Wedgewood. Os pisos eram em mármore creme de origem italiana,

O salão era enorme, com um teto alto com viga e sofás grandes, baixos e confortáveis e cadeiras por toda a parte. Uma tela enorme, um Coya escuro e soturno, cobria uma parede inteira. Quando se aproximavam da biblioteca, o homem parou.

- O senhor Demiris está à sua espera lá dentro.

- As paredes da biblioteca eram adornadas de madeira branca e dourada, e as prateleiras alinhadas nas paredes estavam cheias de livros de cabedal gravados em relevo a ouro. Um homem sentava-se atrás de uma secretária enorme. Ergueu o olhar quando Catherine entrou e levantou-se. Procurou um sinal de reconhecimento no rosto dela, mas não houve nenhum.

-Seja bem vinda. Chamo-me Constantin Demiris. Qual é o seu nome?- Ele deu à pergunta um tom informal. "Lembrava-se ela do nome?"

-Catherine Alexander.

Ele não mostrou nenhuma reação.

-Seja bem vinda, Catherine Alexander. Por favor sente-se. - Ele sentou-se em frente dela, num sofá de cabedal negro. Ela era ainda mais maravilhosa de perto. "Ela é magnífica", pensou Demiris. "Mesmo vestida com aquele hábito preto. E uma pena destruir algo tão belo. Pelo menos morrerá feliz

-É ,., é muito amável da sua parte receber-me - disse Catherine. -Não percebo porque é que o senhor...

Ele sorriu afavelmente.

-É realmente muita simples. De vez em quando, dou uma contribuição à Irmã Teresa. O convento tem muito pouco dinheiro, e eu faço o que posso. Quando me escreveu a falar de si e me perguntou se eu podia ajudar, eu disse-lhe que ficaria muito satisfeito em tentar.

-Isso é muito .,. -Calou-se, não sabendo como prosseguir. -A Irmã Teresa disse-lhe que eu... que eu perdi a memória?

-Sim, ela disse qualquer coisa sobre isso.-Fez uma pausa eperguntou sem cerimônia. -Lembra-se de muita coisa?

-Sei o meu nome, mas não sei donde vim, ou quem sou na realidade. - Acrescentou, esperançosamente. - Talvez eu encontre aqui alguém que me conheça.

Constantin Demiris sentiu um arrepio repentino de preocupação. Era a última coisa no mundo que ele queria.

-É possível, claro -disse cautelosamente. -Porque não falamos nisso amanhã de manhã? Infelizmente, tenho que estar presente numa reunião agora. Mandei preparar-lhe uma suite. Acho que se sentirá bem.

-Eu... eu realmente não sei como agradecer-lhe. Ele agitou uma mão.

-Não é necessário. Tratarão bem de si aqui. Sinta-se à vontade.

-Obrigada, senhor. ...

-Os amigos chamam-me Costa.

Uma governanta conduziu Catherine para uma fantástica suite, decorada com tons suaves de branco, mobiliada com uma cama de tamanho excessivo com uma dossel de seda, sofás e poltronas brancas, mesas e candeeiros antigos e quadros impressionistas nas paredes. Persianas de um verde-marinho polido mantinham o sol resplandecente na janela ogival. Através das janelas, Catherine podia ver o mar azul-turquês lá ao longe. A governanta disse

-O senhor Demiris mandou trazer roupas para a senhora escolher. Pode escolher tudo o que lhe apetecer,

Catherine tomou consciência, pela primeira vez, de que ainda trazia vestido o hábito que lhe haviam dado no convento. -Obrigada. Afundou-se na cama macia, sentindo-se como num sonho. Quem era este estranha, e por que estava ele a ser tão amável com ela? Uma hora mais tarde, chegou um carrinho cheio de roupas. Uma modista foi conduzida ao quarto de Catherine.

- Sou Madame Dimas. Vamos ver o que temos de trabalhar. Importa-se de tirar a roupa?

- Como?

-Quer tirar a roupa? Não consigo saber quais as medidas do seu corpo debaixo dessas roupas.

Há quanto tempo não ficava nua à frente de outra pessoa? Catherine começou a despir a roupa, mexendo-se lentamente, sentindo-se embaraçada. Quando ficou nua à frente da mulher, Madame Dimas olhou-a de um modo sabido. Estava impressionada.

-Tem uma bela figura. Acho que vamos conseguir arranjar-lhe umas coisas bem bonitas.

Duas assistentes entraram com caixas de vestidos, roupa interior, blusas, saias, sapatos.

- Escolha o que quiser - disse a modista -, e vamos experimentar.

-Não posso ficar com nada disto-protestou Catherine. -Não tenho dinheiro.

A modista riu-se.

-Não me parece que o dinheiro seja problema. O senhor Demiris vai tratar disso.

-Mas porquê?

Os tecidos trouxeram de volta memórias táteis de roupas que ela deve ter em tempos usado. Eram sedas, tweeds e algodões numa coleção de cores delicadas. As três mulheres eram despachadas e eficientes, e duas horas depois Catherine tinha meia dúzia de belos conjuntos, Era irresistível. Ali estava ela, sem saber o que fazer da vida. "Estou toda arranjada",pensou, "sem ter para onde ir." Mas havia um lugar aonde ir-à cidade. A chave para o que quer que fosse que lhe acontecera estava em Atenas. Estava convencida disso. Levantou-se. "Vamos, estranha. Vamos tentar saber quem tu és." Catherine atravessava o vestíbulo quando um mordomo a abordou.

-Posso ajudá-la?

-Sim. Eu... eu gostava de ir à cidade. Podia chamar-me um táxi? -Estou certo de que isso não será necessário. Temos limousine à sua disposição, Vou providenciar um motorista.

Catherine hesitou. -Obrigada.

O senhor Demiris não gostaria que ela fosse à cidade? Ele não a impedira.

Uns minutos depois ela estava sentada no banco de trás de uma limousine Daimler, com destino à baixa de Atenas. Catherine estava deslumbrada com a cidade barulhenta e animada e pela pungente sucessão de ruínas e monumentos que surgiam à sua volta. O motorista apontou para a frente e disse orgulhosamente: -Aquilo é o Pártenon, no cimo da Acrópole. Catherine fixou o olhar no conhecido edifício de mármore branco. -Dedicado a Atena, a deusa da sabedoria-deu por si a dizer. O motorista sorriu com um ar aprovador.

-A menina é estudante de História da Grécia? Lágrimas de frustração enevoaram a visão de Catherine. -Não sei-sussurrou ela.-Não sei.

Passaram por outra ruína.

-O teatro de Herodes Atticus. Como pode ver, parte das paredes estão ainda de pé. Em

tempos sentava mais de cinco mil pessoas. - Seis mil duzentas e cinqüenta e sete - disse Catherine num tom suave. Modernos hotéis e imóveis de escritórios viam-se por toda a parte no

eio das ruínas intemporais, uma mistura exótica de passado e presente. A limousine passou por um parque enorme no centro da cidade, com fontes efervescentes e dançantes. Dezenas de mesas com mastros de cor verde e laranja ladeavam o parque, e o ar que os cobria estava atapetado com toldos azuis. "Eu já estive aqui", pensou Catherine, as suas mãos a ficarem frias. "E fui feliz." Havia esplanadas em quase todos os quarteirões, e nas esquinas homens vendiam esponjas de recolha recente. Por todo o lado havia flores à venda, as barracas dos vendedores urna paixão de flores violentamente coloridas. A limousine havia chegado à Praça Syntagma. Quando passavam por um hotel na esquina, Catherine gritou. - Páre, por favor!

O motorista encostou à esquina, Catherine estava com dificuldades em respirar. "Estou a reconheceres-te hotel. Já me hospedei aqui," Quando falou, a voz tremia-lhe.

-Gostava de descer aqui. Será que me podia vir buscar dentro de duas horas?

-Claro que sim. -O motorista apressou-se a abrir-lhe a porta, e Catherine saiu de encontro ao ar quente de verão. As pernas tremiam- lhe. -A menina está bem?

Ela não teve resposta. Sentiu como se estivesse à beira de um precipício, quase a cair num abismo desconhecido e aterrador. Movimentou-se por entre as multidões, maravilhando-se com as hordas de pessoas que se precipitavam nas ruas, criando um alarido aterrador de palavras. Depois do silêncio e solidão do convento, tudo aquilo parecia irreal. Catherine deu por si a caminhar na direção de Plaka, a parte antiga de Atenas no coração da cidade, com os seus becos serpenteados e as escadarias em ruínas e gastas que davam para casas minúsculas, cafés e estruturas caiadas tortuosas. Ela achou o caminho através de algum instinto que não percebeu ou tentou controlar. Passou por uma taberna no topo de um telhado, que dava para a cidade, e ficou parada, a olhar. "Eu já estive sentada àquela mesa. Deram-me uma ementa em grego. Éramos três. O que é que queres comer? perguntaram. Importam-se de pedir por mim? Não vá eu pedir ao proprietário. Eles riram-se. Mas quem eram eles?" Um empregado aproximou-se de Catherine. -Goro na sas ooithiso?

-Ochi efharisto.

" Posso ajudá-la? Não, obrigada. Como é que eu soube responder? Sou grega?"

Catherine avançou precipitadamente, e era como se alguém estivesse a conduzi-la. Ela sabia exatamente para onde ir.

Tudo parecia familiar. E nada. "Meu Deus", pensou ela, "estou a enlouquecer. Estou alucinada." Passou por um café chamado Treflinkas. Uma lembrança importunava-a nas partes remotas do pensamento. Acontecera-lhe algo aqui, algo de importante. Não conseguia lembrar-se do que era. Atravessou as ruas movimentadas e sinuosas e virou à esquerda na Voukourestiou. Havia muitas lojas elegantes. "Eu fazia compras aqui."

Começou a cruzar a rua, e uma viatura azul surgiu veloz na esquina, quase que a atropelava. Lembrou- se de uma voz que lhe disse: "Os gregos não fizeram a transição para o automóvel. No fundo, ainda andam de burro. Se queres entender os gregos, não leias os guias; lê as velhas tragédias gregas. Nós estamos repletos de paixões grandiosas, alegrias profundas e grandes mágoas, e não aprendemos a disfarçá-las com um verniz civilizado."

Quem lhe dissera isso? Um homem descia a rua apressado, caminhando na direção dela, olhando-a fixamente. Ele abrandou, um olhar de reconhecimento no seu rosto. Era alto e moreno, e Catherine tinha a certeza de não o ter visto antes. E no entanto...

-Viva. - Ele parecia muito feliz por vê-la.

- Olá. - Catherine respirou fundo. -O senhor conhece-me? Ele tinha um sorriso largo.

-Claro que a conheço.

Catherine sentiu o coração saltar. Ela ia finalmente saber a verdade acerca do passado. Mas como é que se diz "Quem sou eu?" a um estranho numa rua cheia de gente?

-Podíamos... podíamos conversar?-perguntou Catherine. -Acho que devíamos.

Catherine estava à beira do pânico. O mistério da sua identidade estava prestes a ser solucionado. E, no entanto, sentia um medo terrível. "E se eu não quiser saber? E se eu fiz algo de terrível?" O homem levava-a para uma taberna ao ar livre. -Estou tão feliz por encontrá-la - disse ele. Catherine engoliu em seco.

-Também eu.

Um criado de mesa conduziu-os a uma mesa,

-O que que gostaria de tomar?-perguntou o homem. Ela abanou a cabeça.

-Nada.

Havia tantas perguntas a fazer. "Por onde começo?"

- Você é muita bonita - disse o homem. - Foi o destino. Não concorda?

-É verdade. - Ela quase tremia de excitação. Inspirou profundamente.

-Eu ... onde foi que nós nos conhecemos? Ele sorriu mostrando os dentes.

-Isso tem importância, koritsimon? Paris ou Roma, nas corridas, numa festa. - Ele chegou-se para a frente e apertou-lhe a mão. - Você é a mais bonita que eu vi por aqui. Quanto é que leva?

Catherine olhou-o fixamente, sem perceber por um momento, depois, chocada, ergueu-se rapidamente.

-Eh! Qual o problema? Eu pago o que quiser...

Catherine voltou-se e pôs-se em fuga, descendo a rua a correr. Virou numa esquina e abrandou, os olhos cheios de lágrimas de humilhação. Em frente, havia uma pequena taberna, onde havia um letreiro na porta que dizia MADAME PIRIS - ASTRÓLOGA.

Catherine abrandou, depois parou. "Eu conheço Madame Piris. Eu já estive aqui: > O seu coração começou a acelerar. Sentiu que aqui, através da entrada escurecida, estava o começo do fim do mistério. Abriu a porta e entrou. Levou alguns momentos a habituar-se à escuridão cavernosa da sala. Havia um bar familiar no canto, e uma dúzia de mesas e de cadeiras. Um criado veio até ela e dirigiu-se-lhe em grego.

-Kalimehra.

Kalimehra. Pou inch Madame Piris?

O criado apontou na direção de uma mesa vazia no canto da sala, e Catherine foi até lá e sentou-se. Tudo era exatamente como se lembrava. Uma mulher incrivelmente velha, vestida de negro, com um rosto dessecado em ângulos e planos, dirigia-se à mesa.

- O que é que eu posso ...? -Parou, perscrutando o rosto de Catherine. Os seus olhos arregalaram-se.-Conheci-a em tempos, mas o seu rosto ... -Disse ela com a voz entrecortada. -Você voltou! -Sabe quem eu sou?-Catherine perguntou ansiosamente. A mulher fixou-a, com os olhos cheios de horror.

- Não! Você morreu! Vá-se embora

- Catherine gemeu tenuamente e sentiu o cabelo arrepiar-se-lhe.

- Por favor, eu sou...

-Vá-se embora, senhora Douglas! - Eu preciso de saber...

A velha fez o sinal da cruz, voltou-se e desapareceu rapidamente. Catherine deixou-se ficar sentada por um momento, a tremer, depois saiu a correr para a rua. A voz segui-a na cabeça. "Senhora Douglas! E foi como se tivessem aberto uma represa. Dezenas de cenas brilhantemente iluminadas jorraram repentinamente na sua cabeça, uma série brilhante de caleidoscópios fora de controlo. "Eu sou a senhora Larry Douglas p Viu o rosto bonito do marido. Estivera loucamente apaixonada por ele, mas algo correra mal. Alguma coisa... A imagem seguinte era a sua tentativa de suicídio, e o acordar num hospital. Catherine estava na rua, receosa de que as suas pernas não andassem, deixando as imagens aos atropelos no seu pensamento. Ela tinha andado a beber muito, porque perdera Larry. Mas depois ele voltara para ela. Estavam no apartamento dela, e Larry dizia:

- Sei que me portei muito mal. Gostaria de compensar-te, Cathy. Eu amo-te. Nunca amei realmente mais ninguém. Quero mais uma oportunidade. Gostavas de fazer uma segunda lua-de -mel? Conheço um sítio maravilhoso aonde poderíamos ir. Chama-se Janina.

- E depois o horror começara. As imagens que lhe vieram à mente agora eram aterradoras. Estava no cimo duma montanha na companhia de Larry, perdida numa neblina cinzenta e rodopiante, e ele caminhava na direção dela, de braços estendidos, preparado para atirá-la da berma. Nesse momento, chegaram uns turistas e salvaram-na. E depois as caves.

"O empregado do hotel falou-me dumas grutas que há aqui perto. Todos os recém-

casados vão lá. E eles foram às grutas, e Larry levara- a até às profundezas e deixara-a lá para que ela morresse. Pôs as mãos sobre os ouvidos como que para afastar os terríveis pensamentos que a assaltavam. Fora salva e trazida de volta ao hotel, e um médico dera-lhe um sedativo. Mas a meio da noite ela acordara e ouvira Larry e a amante na cozinha, planejando a morte dela, o vento a fustigar-lhe as palavras.

- Nunca ninguém ir...

- Eu disse-te que me encarregava de...

- Correu mal. Não há nada que eles possam... -Agora, enquanto ela está a dormir.

E lembrava-se de ter fugido naquela tempestade terrível-sendo perseguida por eles - meter-se no barco a remos, o vento fustigando o barco no meio do lago tempestuoso. O barco começara a afundar, e ela perdera a consciência. Catherine afundou-se num banco da rua, demasiado exausta para se mexer. Então os seus pesadelos tinham sido reais. O marido e a amante haviam tentado matá-la. Pensou de novo no estranho que fora visitá-la ao convento pouco depois do seu salvamento, Ele entregara-lhe um pássaro de ouro de excelente execução, com as asas suspensas para voar.. "Ninguém lhe fará mal. As pessoas cruéis morreram. Ainda não conseguiu ver o seu rosto com nitidez. A cabeça de Catherine começou a latejar. Finalmente, levantou-se e caminhou lentamente em direção à rua onde ficou de se encontrar com o motorista que a levaria de volta para junto de Constantin Demiris, onde estaria em segurança.

-Porque é que a deixou sair de casa? -perguntou Constantin Demiris.

- Peço desculpa, senhor - respondeu o mordomo. - O senhor não disse se ela podia ou não sair, por isso...

Demiris esforçou-se para parecer calmo.

-Não tem importância. Ela, provavelmente, deve estar de volta daqui a pouco.

-Mais alguma coisa, senhor?

-Não.

Acompanhou a saída do mordomo, Demiris foi até uma janela e fixou o olhar no jardim impecavelmente tratado. Era perigoso Catherine Alexander aparecer nas ruas de Atenas, onde poderia serre conhecida. "É uma pena eu não poder deixá-la viver. Mas primeiro ... a minha vingança. Ela ficará viva até que eu me vingue. Vou divertir-me com ela. Vou mandá-la embora daqui, para um lugar onde ninguém a conheça. Londres será seguro. Podemos mantë-la sob vigilância. Vou arranjar-lhe um emprego num dos meus escritórios de lá. Uma hora mais tarde, quando Catherine regressou a casa, Constantin Demiris pôde sentir instantaneamente a mudança nela. Era como se uma cortina escura tivesse sido levantada e Catherine tivesse repentinamente ressuscitado. Usava um atraente fato de seda branco, com uma blusa branca-e Demiris ficou surpreendido pela grande alteração da sua aparência. "Nostini", pensou ele. Sedutora. -Senhor Demiris...

-Costa.

-Eu.., eu sei quem eu sou, e .., o que aconteceu. O rosto dele nada revelou.

-Ah sim? Sente-se, minha querida, e conte-me.

Catherine estava excitada de mais para se sentar. Começou a andar abruptamente na alcatifa, de um lado para o outro, as palavras saindo- lhe da boca aos atropelos.

-O meu marido e a... a amante dele, Noelle, tentaram matar-me. -Parou, olhando para ele ansiosamente.-Não lhe parece uma loucura? Eu ... eu não sei, Talvez seja.

-Continue, minha querida-disse ele brandamente. -Foram umas freiras do convento que me salvaram. O meu marido trabalhava para si, não trabalhava?-disse ela sem pensar. Demiris hesitou, pesando cuidadosamente a sua resposta. -Trabalhava, sim. -Que mais poderia dizer-lhe?-Ele era um dos meus pilotos. Senti alguma responsabilidade por si. É só...

Ela olhou de frente.

-Mas o senhor sabia quem eu era. Porque não me disse hoje de manhã?

-Eu tinha receio do choque-disse Demiris num tom brando. - Achei que era melhor deixá-la descobrir as coisas por si própria. - Sabe o que aconteceu ao meu marido e a essa ... essa mulher? Onde é que eles estão?

Demiris olhou Catherine de frente. -Eles foram executados.

Ele viu o sangue escoar-se do rosto dela. Ela emitiu um curto som. De repente, sentiu-se fraca de mais para ficar de pé e afundou-se numa cadeira.

-Eu não...

-Eles foram executados pelo Estado, Catherine. -Mas... porquê? "Cuidado. Perigo."

-Porque eles tentaram assassiná-la. Catherine franziu o sobrolho.

-Não percebo. Por que iria o Estado executá-los? Eu estou viva... Ele interrompeu.

- Catherine, as leis gregas são muito severas. E a justiça aqui é rápida. Houve um julgamento público. Uma série de testemunhas declararam que o seu marido e Noelle Page tentaram matá-la. Foram declarados culpados e condenados à morte.

- Custa a acreditar - Catherine deixou-se ficar, atordoada. - O julgamento...

Constantin Demiris aproximou-se e colocou uma mão sobre o ombro dela. -Tem de esquecer o seu passado. Eles tentaram fazer-lhe uma coisa terrível, e pagaram por isso. - Ele prosseguiu num tom mais animado

-Acho que Y tutu. Tem alguns planos?

Ela não O ouviu. "Larry>o, pensava ela. "O rosto bonito de Larry, rindo, Os braços de Larry, a voz dele..."

-Catherine...

Ela ergueu o olhar. - Desculpe.

-Tem alguma idéia quanto ao seu futuro?

-Não, eu... eu não sei o que vou fazer . Suponho que podia ficar em Atenas.,.

-Não- disse Demiris firmemente. -Não seria uma boa idéia. Iria trazer- lhe lembranças muito desagradáveis. Sugiro que deixe a Grécia.

- Mas eu não tenho para onde ir.

-Já pensei no caso-disse-lhe Demiris.-Eu possuo escritórios em Londres. Você já trabalhou para um sujeito chamado William Fraser em Washington. Lembra-se disso?

-William...? - E de repente lembrou-se. Fora uma das poucas vezes mais felizes da sua vida.

-Você era assistente administrativa dele, creio. - Sim, eu...

-Podia fazer a mesma coisa para mim em Londres. Ela hesitou,

-Não sei. Não quero parecer ingrata, mas...

- Compreendo. Sei que tudo parece estar a acontecer muito depressa. - disse Demiris num tom compreensivo. - Precisa de tempo para pensar em tudo isto, Porque é que não janta sossegadamente no seu quarto, e amanhã falamos mais?

Pedir-lhe que jantasse no seu quarto foi uma inspiração de última hora. Não podia permitir que a sua mulher se cruzasse com ela. - O senhor é muito atencioso -disse Catherine. - E muito generoso. Os vestidos são... Ele bateu ao de leve na mão dela e segurou-a uma fração mais do que o necessário. -Sinto um enorme prazer.

Ela sentou-se no quarto a ver o sol flamejante pôr-se no Egeu azul numa explosão de cor. "Não vale a pena reviver o passado. Há que considerar o futuro. Obrigada Senhor pelo aparecimento de Constantin Demiris. Ele era a sua tábua de salvação. Sem ele, ela não teria em quem se apoiar. E oferecera-lhe um emprego em Londres. "Aceito?" Os seus pensamentos foram interrompidos por uma pancada na porta.

-O seu jantar, menina.

Muito depois de Catherine ter saído, Constantin Demiris sentou-se na biblioteca a pensar na conversa que tinham tido, "Noelle." Apenas uma vez na vida se havia permitido perder o controlo das suas emoções. Apaixonara-se profundamente por Noelle Page, e ela tornara-se sua amante, Nunca conhecera uma mulher como ela, Ela sabia de arte, música, negócios e tornara-se indispensável. Nada em Noelle o surpreendia. Tudo em Noelle o surpreendia. Ele estava obcecado por ela. Ela era a mulher mais bonita e mais sensual que Demiris tinha conhecido. Abandonara o estrelato para estar a seu lado. Noelle provocava-lhe emoções que nunca antes sentira. Era a sua amante, a sua confidente, a sua amiga. Demiris confiara nela por inteiro, e ela traíram com Larry Douglas. Foi um erro que Noelle pagara com a vida, Constantin Demiris combinara com as autoridades que o seu corpo fosse enterrado no chão do cemitério de Psara, a sua ilha particular no Egeu. Todos observaram que fora um gesto belo e sentimental. De fato, Demiris fizera com que o enterro fosse ali para ter o requintado prazer de caminhar sobre o túmulo da cabra. Na mesinha de cabeceira de Demiris havia uma fotografia de Noelle tirada da época em que

atingira a beleza máxima, a olhar para ele e a sorrir. Sorrindo para sempre, congelada no tempo. Mesmo agora, depois de mais de um ano, Demiris era incapaz de deixar de pensar nela. Ela era uma ferida aberta que nenhum médico poderia algum dia curar. "Porquê, Noelle, porque? Eu dei-te tudo. Eu amava-te, sua cabra. Eu amava-te. Eu amo- te. E depois apareceu Larry Douglas. Ele pagara com aviria. Mas isso não chegava para Demiris. Tinha outra vingança em mente. Uma vingança perfeita. Ele ia divertir-se com a mulher de Douglas como Douglas tinha feito com Noelle. Depois mandaria Catherine para junto do marido.

-Costa... Era a voz da mulher. Melina entrou na biblioteca.

Constantin Demiris era casado com Melina Lambrou, uma mulher atraente, originária de uma velha família aristocrática grega. Era alta e de aspecto régio, com uma dignidade inata.

-Costa, quem é a mulher que eu vi na entrada? -A sua voz estava tensa. A pergunta apanhou-o desprevenido.

- O quê? Oh. E uma amiga de um sócio - disse Demiris. -Vai trabalhar para mim em Londres.

- Vi-a num relance. Ela faz-me lembrar alguém. -Ai sim?

- Pois foi. -Melina hesitou. - Lembra-me a mulher do piloto que trabalhava para ti, Mas isso é impossível, claro. Eles mataram-na.

- É verdade - concordou Constantin Demiris. - Eles mataram-na.

Acompanhou com o olhar a saída de Melina. Tinha de ser cuidadoso. Melina não era parva nenhuma. "Eu nunca deveria ter casado com ela", pensou Demiris. "Tinha sido um erro mau..." Dez anos antes, o casamento de Melina Lambrou e Constantin Demiris agitara os círculos econômicos e sociais desde Atenas a Riviera e a Newport com ondas de choque, O que fez com que o caso fosse tão excitante é que apenas um mês antes se comprometera a casar com outro homem. Quando criança, Melina Lambrou havia consternado a família com a sua obstinação. Aos dez anos, decidiu que queria ser marinheira. O motorista da família encontrou-a no cais, tentando penetrar a bordo de um navio, e foi para casa envergonhada. Aos doze anos, tentou fugir com um circo itinerante. Aos dezessete anos, Melina resignou-se ao seu destino-era bela, fabulosamente rica e a filha de Mihalis Lambrou. Os jornais adoravam escrever sobre ele. Ela era uma figura de um conto de fadas, cujos companheiros eram princesas e príncipes, e durante todo esse tempo, por algum milagre, Melina conseguira permanecer incólume. Melina tinha um irmão, Spyros, que era dez anos mais velho do que ela, e eles adoravam-se. Os pais morreram num desastre de barco quando Melina tinha treze anos, e foi Spyros quem a criou. Spyros protegia-a extremamente - "demasiado", pensava Melina. Quando Melina estava a caminho dos vinte anos, Spyros tornou-se ainda mais desconfiado dos pretendentes de Melina, e examinava cuidadosamente cada candidato à mão da irmã. Nenhum deles se revelava merecedor.

-Tens de ter cuidado-aconselhava ele constantemente a Melina. -És um alvo para todos os caçadores de fortunas do mundo. És nova, rica e bonita, e tens um nome famoso.

-Bravo, meu querido irmão. Isso vai-me servir de grande conforto quando eu tiver oitenta anos e morrer donzela velha.

Não te preocupes, Melina. O homem certo há-de aparecer. Chamava-se Conde Vassilis Manos e tinha quarenta e tal anos, um homem de negócios bem-sucedido que vinha de uma velha e distinta família grega. O conde apaixonara-se pela jovem e bela Melina instantaneamente. A sua proposta surgiu algumas semanas depois de se conhecerem.

-Ele é perfeito para ti-disse Spyros com um ar feliz. -Manos tem os pés bem assentes na terra e está louco por ti.

Melina estava menos entusiasmada.

-Ele não é excitante, Spyros. Quando estamos juntos, ele só fala de negócios, negócios, negócios. Eu gostava que ele fosse mais... mais romântico.

O irmão disse firmemente:

-O casamento não é só romance. Tu precisas de um marido que seja sólido e estável, alguém que se dedique a ti.

E Melina foi finalmente persuadida a aceitar a proposta do Conde Manos.

O conde ficou excitado.

- Fizeste de mim o homem mais feliz do mundo - declarou ele. -Acabo de fundar uma nova companhia. Vou pôr-lhe o nome de Melina International.

Ela teria preferido uma dúzia de rosas. Marcou-se a data do casamento, enviaram-se mil convites e fizeram-se planos minuciosos.

Foi então que Constantin Demiris entrou na vida de Melina Lambrou, Conheceram-se numa das doze ou mais festas de noivado estavam a ser dadas para o par que ia casar-se.

O anfitrião apresentou-os.

-Esta é Melina Lambrou , Constantin Demiris.

Demiris olhou para ela com os seus cismados olhos negros. - Quanto tempo irão eles deixá-la cá ficar? -perguntou -Perdão?

- Claro que você foi enviada do céu para que soubéssemos o que é a beleza.

Melina riu-se.

- O senhor é muito lisonjeiro, senhor Demiris. Ele abanou a cabeça.

-Você está para além da lisonja.

-Nada do que eu dissesse poderia fazer-lhe justiça.

Nesse momento o Conde Manos apareceu e interrompeu a conversa. Nessa noite, mesmo antes de adormecer, Melina pensava em Demiris. Ouvira falar dele, claro. Era rico, era

viúvo e tinha a reputação de ser um homem de negócios implacável e um mulherengo compulsivo. "Ainda bem que não estou envolvida com ele", pensou Melina.

Os deuses riam-se.

Na manhã seguinte à festa, o mordomo de Melina entrou na sala onde se tomava o pequeno-almoço.

- Chegou uma encomenda para si, menina Lambrou. Foi entregue pelo motorista do senhor Demiris.

- Entregue-ma, por favor.

"Então o Constantin Demiris pensa que me vai impressionar com o dinheiro dele. Bem, vai apanhar um grande desapontamento. Seja o que for que mandou... uma jóia cara, ou uma antiguidade sem preço... vou devolver imediatamente."

A encomenda era pequena e retangular, belamente embrulhada. Curiosa, Melina abriu-a. A carta dizia simplesmente:

"Achei que ia gostar disto. Constantin"

Tratava-se de um exemplar encadernado a couro de Toda Raba de Nikos Kazantzakis, o seu autor preferido. Como é que podia ter sabido?

Melina escreveu um bilhete de agradecimento cortês e pensou: "Pronto Na manhã seguinte, chegou novo embrulho. Desta vez era um disco de Delius, o seu compositor favorito. O bilhete dizia:

"Talvez queira ouvir esta música enquanto lê Toda Raba." Desse dia em diante chegavam prendas todos os dias. As flor, s preferidas, o perfume, a música, os livros. Constantin Demiris dera-se ao trabalho de saber quais eram os gostos de Melina, e ela não podia senão sentir- se lisonjeada pela sua atenção. Quando Melina telefonou a agradecer a Demiris, ele disse; - Nada que eu lhe desse lhe faria justiça. "A quantas mulheres dissera ele o mesmo?" -Almoça comigo, Melina? Ia dizer que não, mas depois pensou: "Não faz nenhum mal almoçar com o homem. Ele tem sido muito atencioso.

-Almoço, sim.

Quando disse ao Conde Manos que ia almoçar com Constantin Demiris, ele objetou.

-Para quê, minha querida? Não tens nada a ver com esse homem terrível. Para quê encontrares-te com ele?

-Vassilis, ele tem-me enviado pequenas ofertas todos os dias, Vou dizer-lhe que pare com isso.

E no momento em que Melina dizia isto, pensou: "Eu podia terlhe dito ao telefone. Constantin Demiris reservara mesa no popular restaurante Floca na Rua Panepistimiou e estava à espera de Melina quando ela chegou. Ele pôs-se de pé.

-Já cá está. Receava tanto que pudesse mudar de ideia. - Cumpro sempre a minha palavra.

Ele olhou para ela e disse solenemente.

- E eu cumpro a minha. Eu vou casar-me consigo. Melina abanou a cabeça, meio confusa, meio incomodada.

- Senhor Demiris, eu estou comprometida com outra pessoa. - Com o Manos? -Ele acenou uma mão num gesto de rejeição. -Ele não lhe serve.

- Oh, não ? E porquê?

- Informei-me sobre ele. Há loucura na familia dele, ele é hemofílico, procurado pela polícia por causa de uma queixa de índole sexual em Bruxelas, e é um péssimo jogador de ténis.

Melina não pôde deixar de rir, -E você?

-Eu não jogo tênis.

- Compreendo. E por isso eu devo casar consigo?

- Não. Vai casar-se comigo, porque eu vou fazer de si a mulher mais feliz de sempre.

- Senhor Demiris...

Ele cobriu a mão dela com a sua. - Costa.Ela retirou a mão.

-Senhor Demiris, eu vim hoje aqui para lhe dizer que pare de enviar-me presentes. Não tenciono voltar a vê-lo.

Ele analisou-a por um longo momento.

- Tenho a certeza de que não é uma pessoa cruel. -Espera que não. Ele sorriu.

- Ótimo. Então não há-de querer ver o meu coração sofrer. - Duvido de que o seu coração sofra assim tão facilmente. Você tem cá uma reputação.

- Ah, isso foi antes de conhecê-la. Há muito tempo que sonho consigo. Melina riu-se.

- Juro. Quando era jovem, eu costumava ler sobre a família Lambrou. Você era muito rica e eu era muito pobre. Eu não tinha nada. Vivíamos ao deus-dará. O meu pai era estivador nas docas de Piraeus. Eu tinha catorze irmãos e irmãs, e tínhamos que lutar por tudo o que queríamos.

Mesmo não o desejando, ficou sensibilizada. - Mas agora você é rico.

- Sou. Não tão rico quanto vou ser, - O que é que o tornou rico?

-A fome. Eu estava sempre com fome. Ainda tenho fome. Ela podia ler a verdade nos seus olhos.

- Como é que você.., como é que você começou? - Quer mesmo saber? E Melina deu por si a dizer. - Quero mesmo saber.

-Quando eu tinha dezassete anos, fui trabalhar para uma pequena companhia petrolífera no Médio Oriente, As coisas não me estavam a correr bem. Uma noite jantei com um jovem geólogo que trabalhava para uma grande companhia. Pedi um bife nessa noite, e ele pediu apenas sopa, e disse que era porque não tinha os dentes de trás e não tinha dinheiro para mandar fazer uma dentadura. Dei-lhe cinquenta dólares para ele comprar

dentes novos. Um mês depois telefonou-me a meio da noite para me dizer que acabara de descobrir um novo depósito de petróleo. Ainda não contara ao patrão. De manhã pus-me a pedir emprestado todos os centavos que pude, e à noite eu tinha comprado opções sobre toda a terra em redor da nova descoberta. Veio a ser um dos maiores depósitos de petróleo do mundo. Melina bebia cada uma das suas palavras, fascinada.

-Isso foi o início. Eu precisava de petroleiros para transportar o meu petróleo, por isso, com o tempo adquiri uma frota. Depois, uma refinaria. Depois uma companhia área.-Ele encolheu os ombros. Não parou mais.

Só muito tempo depois de estarem casados é que Melina descobriu que aquela história do bife era pura ficção. Melina Lambrou não tivera intenção de voltar a ver Constantin Demiris. Mas por uma série de coincidências cuidadosamente preparadas,Demiris conseguia invariavelmente aparecer na mesma festa, no mesmo teatro ou acontecimento de caridade em que Melina estava presente. E cada vez mais ela sentia o seu magnetismo poderoso. Ao pé dele, Vassilis Manos parecia-detestava admiti-lo, mesmo a si própria - um chato. Melina Lambrou gostava dos pintores flamengos, e quando Caçadores na Neue, de Bruegel, apareceu no mercado, antes que pudesse comprá- lo, Constantin Demiris enviou-lho de presente. Melina ficou fascinada pelo conhecimento excepcional que ele tinha dos seus gostos.

-Não posso aceitar que me dê um presente tão caro-protestou. -Ah, mas não se trata de um presente. Tem de pagá-lo. Jante comigo esta noite.

E ela acabou por concordar, O homem era irresistível.

Uma semana depois Melina rompeu o noivado com o Conde Manos. Quando Melina contou a novidade ao irmão, ele ficou espantado.

-Porquê, em nome de Deus? -perguntou Spyros. -Porquê? - Porque me vou casar com Constantin Demiris,

Ele ficou estupefata.

-Tu deves estar louca. Não podes casar com o Demiris. Ele é um monstro. Ele vai destruir-te. Se...

-Tu estás enganado a respeito dele, Spyros. Ele é um ser maravilhoso. E nós estamos apaixonados. E...

-Tu estás apaixonada - Respondeu ele. -Não sei qual é a intenção a dele, mas não tem nada a ver com amor. Sabes qual é a fama dele com as mulheres? Ele...

- Isso pertence ao passado, Spyros. Eu vou ser a mulher dele. E ele não pôde fazer nada para convencer a irmã a desistir do casamento.

Um mês depois, Melina Lambrou e Constantin Demiris estavam casados. No começo parecia um casamento perfeito. Constantin era divertido e atencioso. Era um amante excitante e apaixonado, e constantemente surpreendia Melina com presentes excessivos e viagens por lugares exóticos. Na primeira noite da lua-de-mel, disse:

-A minha primeira mulher nunca foi capaz de me dar um filho, Agora vamos ter muitos rapazes,

-Nenhuma rapariga?

-Se quiseres. Mas primeiro um rapaz.

No dia em que Melina soube que estava grávida Constantin ficou em extâse.

-Ele vai tomar conta do meu império - declarou ele, feliz.

No terceiro mês, Melina abortou. Constantin Demiris estava fora do país quando isto aconteceu. Quando regressou e soube da notícia, reagiu como um louco.

- O que é que tu fizeste?- gritou ele. -Como é que pôde acontecer?
- Costa, eu... -Tu foste descuidada! - Não, juro... Ele respirou fundo.

-Pronto. O que está feito está feito. Teremos outro filho.

-Não.., não posso. -Ela não conseguia encará-lo de frente. O que é que estás a dizer?

- Sofri uma intervenção cirúrgica. Não posso ter mais filhos. Ele ficou ali, gelado, depois virou-se e saiu a largos passos sem uma palavra.

A partir desse momento, a vida de Melina tornou-se num inferno. Constantin Demiris agia como se a mulher tivesse matado o filho deliberadamente. Ignorava-a, e começou a procurar outras mulheres. Melina podia ter tolerado isso, mas o que tornava a humilhação tão dolorosa era o prazer que ele tinha em alardear publicamente as suas ligações. Tinha abertamente casos com estrelas de cinema, cantoras de ópera e mulheres de alguns dos amigos. Levava as amantes para Psara, a ilha privada que possuía perto de Chios, em cruzeiros no seu iate e a cerimônias públicas. A imprensa narrava com júbilo as aventuras românticas de Constantin Demiris, Encontravam-se num jantar em casa de um proeminente banqueiro.

-Você e a Melina têm de vir - dissera o banqueiro. -Tenho um novo chefe oriental que faz a melhor comida oriental do mundo.

A lista de convidados era prestigiosa. À mesa do jantar estava um fascinante agrupamento de artistas, políticos e industriais. A comida

era de fato maravilhosa. O chefe havia preparado uma sopa de barbatana de tubarão, rolos de camarão, carne de porco mu shu, pato de Pequim, costeletas de porco magras, macarrão de Cantão e uma dúzia de outros pratos. Melina estava sentada perto do anfitrião a uma das cabeceiras da mesa, o marido perto da anfitriã na outra extremidade. À direita de Demiris, sentava-se uma jovem e bela estrela de cinema. Demiris tinha os olhos nela, ignorando todos os outros que estavam à mesa. Melina conseguia ouvir fragmentos da conversa dele.

-Quando acabar o filme, tem de vir dar um passeio no meu iate. Terumas belas férias. Faremos um cruzeiro pela costa da Dalmácia... Melina tentou não escutar, mas era

impossível. Demiris não fazia nenhum esforço para baixar a voz,

-Nunca esteve em Psara, pois não? É uma ilhota adorável, completamente isolada. Vai gostar.-Melina sentiu vontade de se enfiar debaixo da mesa. Mas o pior estava ainda para vir.

Tinham acabado de comer o prato das costeletas, e os mordomos traziam taças de prata para lavar os dedos. Ao ser colocada uma taça diante da jovem atriz, Demiris disse: -Você não precisa disso. -E, com um sorriso largo, ergueu as mãos dela com as suas e começou a lamber lentamente o molho que corria nos dedos dela, um a um. Os outros convidados desviaram o olhar. Melina pôs-se de pé e virou-se para a anfitriã.

-Peço desculpa, mas estou ... estou com dores de cabeça.

Os convidados seguiram-na com o olhar enquanto ela saía da sala a toda a pressa. Demiris não foi a casa nessa noite, nem na seguinte.

Quando Spyros soube do incidente, ficou lívido.

-Diz-me só que aprovas. -O irmão de Melina estava enfurecido -, e eu mato esse filho da puta.

-Ele não consegue evitar-defendeu-o Melina. -Ele é assim mesmo.

- Assim mesmo? Ele é um animal! Ele deve ser morto. -Por que não te divorcias dele?

Era uma pergunta que Melina se perguntara a si própria muitas vezes na quietude das noites longas e solitárias que passava sozinha. E chegava sempre à mesma resposta: "Eu amo-o".

Às cinco e meia da manhã, Catherine foi acordada por uma criada apologética.

-Bom dia, menina...

Catherine abriu os olhos e olhou em volta confusa. Em vez da minúscula cela do convento, estava num belo quarto em... A memória veio em catadupa. "A viagem para Atenas... Você é Catherine Douglas... Eles foram executados pelo governo..."

-Menina... - Sim?

-O senhor Demiris perguntou se quer tomar o pequeno-almoço com ele no terraço.

Catherine olhou para ela sonolentamente. Estivera acordada até às quatro horas, o seu pensamento num turbilhão.

-Obrigada. Diga ao senhor Demiris que eu já vou.

Vinte minutas depois um mordomo acompanhava Catherine até um terraço enorme que estava defronte do mar. Havia um muro de pedra baixo que dava para os jardins cinco metros abaixo. Constantin Demiris estava sentado a uma mesa, à espera. Estudava Catherine enquanto ela caminhava na sua direção. Havia nela uma inocência excitante. Ele ia agarrá-la, possuí-la, torná-la sua. Imaginou-a nua na cama dele, ajudando-o a

castigar Noelle e Larry, de novo. Demiris ergueu-se.

-Bom dia. Desculpe-me acordá-la tão cedo, mas tenho de partir para o meu escritório dentro de alguns minutos, e queria ter a oportunidade para uma pequena conversa consigo primeiro.

- Sim, claro -disse Catherine.

Ela sentou-se à enorme mesa de mármore diante dele. O sol estava a erguer-se, banhando o mar com mil fulgores.

-O que é que deseja para o seu pequeno-almoço? Ela abanou a cabeça.

- Estou sem fome.

- Um pouco de café talvez? - Obrigada.

O mordomo estava a servir o café quente numa chávena de porcelana Belleek.

- Bem, Catherine - começou Demiris. - Pensou na nossa conversa?

Catherine não pensara noutra coisa toda a noite. Não havia nada que a prendesse em Atenas, e ela não tinha outro lugar para onde ir. "Não voltarei para o convento", ela jurou. O convite para trabalhar para Constantin Demiris em Londres parecia tentador. "De fato", Catherine

admitiu a si própria, "parece excitante. Pode ser o começo de uma nova vida."

-Sim-disse Catherine-, pensei. - E então?

-Acho ... acho que gostava de tentar. Constantin Demiris conseguiu disfarçar o alívio.

- Fico encantado. Já alguma vez esteve em Londres?

-Não. Isso ... acho que não. -"Porque é que eu não sei ao certo?" Ainda havia tantas lacunas na sua memória. "Quantas surpresas ainda vou ter?"

-É uma das poucas cidades civilizadas que ainda há no mundo. Tenho a certeza de que irá gostar muito.

Catherine hesitou.

- Senhor Demiris, porque é que se está a maçar tanto comigo?

-Digamos apenas que sinto um sentido de responsabilidade. - Fez uma pausa. -Fui eu que apresentei o seu marido a Noelle Page. -Ah- Catherine disse lentamente. "Noelle Page." O nome causou-lhe um pequeno arrepio. Os dois haviam morrido um pelo outro. "O Larry deve tê-la amado tanto"

Catherine esforçou-se para fazer uma pergunta que a atormentara toda a noite.

-Como... como é que eles foram executados? Houve uma pequena pausa.

- Eles foram mortos por um esquadrão de fuzilamento.

-Oh. - Pôde sentir as balas rasgarem a carne de Larry, dilacerando o corpo do homem que

ela amara tanto. Arrependeu-se de ter perguntado.

-Deixe-me dar-lhe um conselho. Não pense no passado. Só pode magoá-la. Tem de jogar tudo para trás das costas.

Catherine disse lentamente. - Tem razão. Vou tentar.

- Ótimo. Por acaso tenho um avião que parte para Londres hoje de manhã, Catherine. É capaz de ficar pronta para partir daqui a pouco?

Catherine pensou em todas as viagens que fizera com Larry, os preparativos excitados, o fazer as malas, a antecipação.

Desta vez, não haveria com quem ir, haveria pouco para embalar e

nenhuns preparativos.

- Sim. Consigo ficar pronta.

-Ótimo. A propósito-disse Demiris casualmente -,agora que recuperou a memória, talvez haja alguém que gostaria de ver, alguém do seu passado a quem quisesse informar que se encontra bem.

O nome que nesse instante lhe saltou para a mente foi o de William Fraser. Era a única pessoa no mundo quer estava do seu passado. Mas ela sabia que não estava pronta para enfrentá-lo agora. <Quando eu estiver estabilizada", pensou Catherine. "Quando começar a trabalhar outra vez, entrarei em contato com ele." Constantin Demiris observava-a, aguardando a resposta dela. -Não - disse Catherine finalmente. - Não há ninguém.

Ela não fazia idéia de que acabara de salvar a vida de William Fraser.

-Vou arranjar-lhe um passaporte. -Entregou-lhe um envelope. -Isto é um adiantamento por conta do seu salário. Não terá de preocupar-se com alojamento. A companhia tem um apartamento em Londres. Vai ficar lá. Era surpreendente.

- O senhor é muito generoso. Ele tomou-lhe a mão.

- Você acabará por achar que eu...

Ele acabou por não dizer no que estava a pensar. "Trata dela com cuidado", pensou. "Lentamente. Não a queiras espantar."

-... que eu sei ser um bom amigo. - O senhor é um bom amigo. Demiris sorriu. "Então espera."

Duas horas depois, Constantin Demiris ajudou Catherine a entrar para o banco traseiro do Rolls Royce que ia levá-la ao aeroporto.

-Aproveite o melhor de Londres - disse ele. -Ficarei em contato consigo. Cinco minutos depois de o carro ter partido, Demiris estava ao telefone com Londres.

- Ela vai a caminho.

Catherine apressara-se, só para encontrar a recepção de Fraser cheia de dezenas de

candidatas ao emprego. "Não tenho hipótese", pensou Catherine. A porta para o gabinete de William Fraser abriu -se, e ele emergiu. Era um homem alto e atraente, com cabelo louro encaracolado, de fontes já acinzentadas, olhos azuis brilhantes e um queixo forte, bastante ameaçador. Voltou-se para a recepcionista.

- Preciso de um exemplar da Life. Uma edição que saiu há três ou quatro semanas. Traz uma fotografia de Estaline na capa. -Vou pedi-la, senhor Fraser-disse a recepcionista. - Sally, o senador Borah está na linha. Eu quero ler-lhe um parágrafo dessa edição. Você tem dois minutos para me conseguir uma cópia. - Entrou no gabinete e fechou a porta.

As candidatas entreolharam-se e encolheram os ombros. Catherine deixou-se ficar, muito pensativa. Virou-se e saiu do escritório. Ouviu uma das mulheres dizer;

- Ótimo. É menos uma.

Três minutos depois, Catherine regressou ao escritório com uma cópia antiga da Life, com uma fotografia de Estaline na capa. Entregou-a à recepcionista. Cinco minutos depois Catherine encontrava-se sentada no gabinete de William Fraser.

-A Sally disse-me que foi você quem trouxe a revista.

-Fui eu, sim. Assumo que não trazia por acaso uma edição com três semanas na carteira.

-Pois não.

-Como é que a encontrou tão depressa?

-Fui lá abaixo à barbearia. As barbearias e os consultórios dos dentistas têm sempre edições antigas espalhadas por lá.

-Você é tão inteligente com o resto? -Não sou, não.

-Havemos de descobrir isso-disse William Fraser. Estava contratada,

Catherine apreciava a excitação de trabalhar para Fraser. Ele era um solteiro rico e social, e parecia conhecer toda a gente em Washington. A revista Time chamara-o "O solteiro mais elegível do ano". Seis meses depois de Catherine começar a trabalhar para William, apaixonaram-se.

O avião estava programado para partir do Aeroporto de Hellenikon às

9.OO da manhã. Era um Hawker Siddeley, e, para surpresa de Catherine, ela era a única passageira. O piloto, um grego de meia- idade, de rosto agradável chamado Pantelis, tratou de ver se Catherine ia confortavelmente sentada e com o cinto apertado.

- Decolaremos dentro de alguns minutos -disse-lhe ele.
- Obrigada.

Catherine viu-o entrar na cabina para se juntar ao co-piloto, e o coração dela repentinamente começou a bater mais depressa. "Este era o avião que o Larry pilotava. A

Noelle Page ter-se-ia sentado no lugar onde eu estou sentada agora?" Catherine de repente sentiu-se como se fosse desmaiar; as paredes começaram a fechar-se sobre ela, Fechou os olhos e respirou fundo. "Isso acabou", pensou. "O Demiris é que está certo. Isso pertence ao passado e nada poderá mudá-lo." Ouviu o ronco dos motores e abriu os olhos. O avião estava alevantar na direção de noroeste com rumo a Londres. "Quantas vezes tinha Larry feito este voo? Larry." Ela estava agitada pelo misto de emoções que o seu nome causava, E as lembranças. As maravilhosas e terríveis lembranças... Corria o Verão de 1940, o ano anterior à entrada da América na guerra. Ela acabara de sair da Universidade de Northwestern e fora de Chicago para Washington, D. C., onde arranjara o seu primeiro emprego. A companheira de quarto dissera-lhe:

-Sei de um emprego que talvez te interesse, Uma das raparigas da festa disse que se vai despedir para regressar ao Texas. Ela trabalha para o Bill Fraser. Ele é responsável pelas relações públicas do Departamento de Estado. Eu soube disso apenas ontem à noite, portanto, se fores já para lá, deves chegar primeiro do que as outras,

- Tenho de te contar uma coisa. Sou virgem. Fraser sacudiu a cabeça admirado.

- Isso é incrível.

Como é que eu me envolvi com a única virgem da cidade de Washington?

Um dia William Fraser disse a Catherine:

-A nossa firma foi solicitada para supervisionar um filme de recrutamento do Corpo Aéreo do Exército nos estúdios da MGM em Hollywood, Gostava que te encarregasses do filme enquanto eu estiver em Londres.

-Eu? Bill, eu nem sequer sei carregar uma Brownie. Que sei eu sobre um filme de treino?

Fraser deu um sorriso largo, mostrando os dentes.

- Quase tanto como toda a gente. Não precisas de te preocupar, Eles têm um realizador. Chama-seAllan Benjamin. O exército pensa usar atores no filme.

- Porquê?

-Acho que eles sentem que os soldados não convencem o suficiente para fazerem de soldados.

-Isso é mesmo do exército.

E Catherine voara para Hollywood para supervisionar o filme de treino.

O palco estava repleto de figurantes, a maior parte deles de uniformes que não lhes assentavam bem.

- Desculpe-me -disse Catherine a um homem que passou por ela. - O senhor Allen Benjamin está cá?

- O cabozinho? - Ele apontou. - Acolá.

Catherine virou-se e viu um homem franzino e de aspecto frágil num uniforme com divisas de cabo. Gritava com outro que usava estrelas de almirante.

- Estou-me marimbando para o que disse o diretor do elenco. Estou farto de generais. Preciso de oficiais subalternos.

Ergueu as mãos em desespero.

- Querem todos ser chefes, ninguém quer ser índio. -Desculpem-me interromper-disse Catherine. -Sou Catherine Alexander.

-Graças a Deus!-disse o homenzinho, -Você é que toma conta disto. Não sei o que estou a fazer aqui. Eu tinha um emprego de trinta e cinco mil dólares ao ano em Dearborn para dirigir uma revista de mobiliário e negócios, e fui recrutado para o Corpo de Sinaleiros e mandaram-me para aqui escrever filmes de treino. Que sei eu sobre produção e direção de filmes?

-Fique com tudo isto. -Voltou-se e apressou-se para a saída, deixando Catherine ali.

Um homem esguio, de cabelo grisalho e de camisola, aproximou-se dela, com um sorriso divertido no rosto.

- Precisa de ajuda?

-Preciso de um milagre-disse Catherine.-Estou à frente disto, e não sei quais são as minhas funções.

Ele deu-lhe um sorriso aberto.

-Bem vinda a Hollywood. Chamo-me Tom O'Brien, realizador

assistente,

-Acha-se com capacidade para realizar isto? Ela viu o canto da boca contorcer-se.

-Podia tentar. Fiz seis filmes com o Willie Wyler. A situação não é tão má quanto parece. Tudo o que é preciso é um pouco de organização. O argumento está escrito, e o cenário está pronto. Catherine deu uma vista de olhos pelo palco.

-Algumas destas fardas têm um péssimo aspecto. Vamos ver o que podemos fazer para as melhorar.

O'Brien abanou a cabeça num tom aprovador. -Certo.

Catherine e O'Brien foram aproximar-se do grupo de figurantes. A barulheira da conversa sobre o palco enorme era ensurdecedora.

-Vamos baixar a voz, rapazes -gritou O'Brien. - Temos aqui Catherine Alexander. É quem vai mandar aqui.

Catherine disse:

-Vamos alinhar, de modo a podermos olhar bem para vocês. OBrien formou os homens numa fila desalinhada. Catherine ouviu gargalhadas e vozes por perto e voltou-se irritada.

Um dos homens fardados estava num canto, sem prestar atenção, a falar com umas raparigas muito atentas ao que ele dizia e dando risinhos. Os modos do homem irritaram Catherine.

-Desculpe. Importava-se de se juntar a nós? Ele voltou-se e perguntou, preguiçosamente: - Está a falar comigo?

- Estou. Nós queríamos começar a trabalhar.

Ele era extraordinariamente bonito, alto e vigoroso, com cabelo negro azulado e olhos escuros tempestuosos. A farda assentava-lhe perfeitamente. Sobre os ombros havia uns galões de capitão, e sobre o peito tinha pregado uma mancha de fitas brilhantemente coloridas. Catherine olhou-as fixamente.

-Essas medalhas...?

-Impressionam bastante, chefe?-Avoz era profunda e cheia de divertimento insolente.

- Tire-as.
- Porquê? Achei que iam dar ao filme um pouco de cor.
- Esqueceu-se de um pequeno pormenor, A América ainda não está em

guerra. Só as poderia ter ganho nalgum carnaval.

-Tem razão - admitiu ele acanhadamente. - Não pensei nisso. Vou tirar algumas.

-Vai tirar todas -Respondeu Catherine.

Depois da filmagem da manhã, enquanto Catherine almoçava na intendência, ele foi até à mesa dela.

-Queria perguntar-lhe como é que eu me portei esta manhã. Fui convincente?

Os modos dele enfureceram-na.

-Você gosta de usar aquela farda e pavonear-se ao pé das raparigas, mas já pensou em alistar-se?

Ele parecia chocado.

- Elevar um tiro? Isso é para idiotas. Catherine estava pronta a explodir. -Eu acho que você é desprezível.
- Porquê?
- Se você não sabe porquê, eu nunca lhe poderia explicar. -Porque é que não tenta? Hoje ao jantar. Na sua casa. Cozinha? - Não se dê ao trabalho de voltar às filmagens - Respondeu Catherine. -Vou dizer ao senhor O'Brien que lhe envie o seu cheque para pagar esta manhã de trabalho. Como é que se chama? Douglas. Larry Douglas.

A experiência com o jovem ator arrogante exasperou Catherine, e ela estava determinada a esquecer o incidente. Por alguma razão, ela estava com dificuldades em esquecê-lo.

Quando Catherine regressou a Washington, William Fraser disse-lhe

-Tive saudades tuas. Tenho pensado muito em ti. Amas-me? -Muito, Bill.

-Eu também te amo. Porque não saímos esta noite para comemorar? Catherine sabia que era essa a noite em que ele ia pedir-lhe a mão.

Foram ao exclusivo Jefferson Club. A meio do jantar, Larry Douglas entrou, usando ainda a farda do Corpo Aéreo do Exército com todas as medalhas, Catherine observava incredulamente enquanto ele caminhava até à mesa deles e cumprimentou não a ela, mas a Fraser. Bill Fraser levantou-se.

- Cathy, este é o capitão Lawrence Douglas. Larry, esta é a Catherine

Alexander. O Larry voa na RAF. Ele era o líder da esquadrilha americana. Convenceram-no a chefiar uma base de caças em Washington para preparar alguns dos nossos rapazes para combate.

Como a reposição de um filme antigo, Catherine lembrou-se da ordem que lhe dera para que ele tirasse os galões e medalhas, e como ele alegremente cumprira. Ela fora presunçosa, autoritária-e chamara-o de cobarde! Só teve vontade de se esconder debaixo~da mesa.

No dia seguinte, Larry Douglas telefonou a Catherine para o escritório. Ela recusou aceitar as chamadas dele. Quando ela saiu do escritório, ele estava lá fora, à espera dela. Tirara as medalhas e as fitas e usava os galões de segundo-tenente. Ele sorriu e caminhou até ela. - Assim está melhor? Catherine ficou a olhar para ele. - O uso de insígnias indevidas não é contra os regulamentos? - Não sei. Pensei que você é que mandava nisto tudo. Ela olhou nos olhos e sabia que estava perdida. Havia nele uma força magnética que era irresistível.

- O que é que quer de mim? -Tudo. Quero-a a si.

Foram para o apartamento dele e fizeram amor. E foi uma alegria intensa que Catherine nunca pensara ser possível, uma aproximação fantástica que balançou o quarto e o universo-até que houve uma explosão que se tornou um delírio extasiante, uma viagem esmagadora e inacreditável, uma partida e uma chegada, um fim e um começo. E ela ficara ali deitada, exausta e entorpecida, abraçando-o com força, não querendo largá-lo, não querendo que esta sensação desaparecesse. Casaram-se cinco horas mais tarde no estado de Maryland. Agora, sentada no avião, a caminho de Londres para começar uma nova vida, Catherine pensava: <~Fomos tão felizes. O que é que correu mal? Os filmes românticos e as canções de amor levaram-nos a todos a acreditar em finais felizes e cavaleiros de armaduras brilhantes e no amor que nunca, nunca morria. Nós realmente acreditamos que James Stewart e Donna Reed tiveram Uma Vida Maravilhosa, e sabíamos que Clark Gable e Claudette Colbert ficariam juntos para sempre depois de Aconteceu Uma Noite, e derramamos lágrimas quando Frederick March voltou para Myrna Loy por causa de Os Melhores Anos das Nossas Vidas, e tínhamos a certeza de que Joan Fountaine encontrou a felicidade nos braços de Laurence Olivier em Rebecca. E eram mentiras. Tudo

mentiras. E as canções, l'llBe Loving You, alcuays. Como é que os homens medem o sempre? Com um relógio para cozer ovos? Hocu Deep Is the Ocean? Que tinha Irving Berlin em mente?

Meio metro? Um metro? E... Forever a Day. Vou-me embora. Quero o divórcio. Some Enchanted Evening. Nós vamos subir o Monte Tzoumerka... You and theNight and the Music. O gerente do hotel falou-me de umas caves aqui perto...(1 Love You) for Sentimental Reasons. Nunca ninguém... agora, enquanto ela está a dormir.Be My Love. E ouvimos as canções e vimos os filmes e pensamos realmente que era assim que a vida ia ser. Eu tinha tanta fé no meu marido. Poderei acreditar assim em alguém outra vez? Que fiz eu para que ele me quisesse assassinar?"

-Senhorita Alexandre...

Catherine olhou para cima, assustada, desfocada. O piloto estava ao pé dela.

-Já aterramos. Bem-vinda a Londres.

Havia uma limousine à espera de Catherine no aeroporto. O motorista disse:

-Eu encarrego-me da sua bagagem, menina Alexandrr. O meu nome é Alfred. Gostava de ir diretamente para o apartamento? O meu apartamento."

- Sim, será ótimo.

Catherine afundou-se nas costas do banco. Inacreditável. Constantin Demiris proporcionara-lhe um avião particular e um lugar para morar. Ou ele era o homem mais generoso do mundo, ou... Ela simplesmente no conseguia pensar noutra alternativa. "Não. Ele é o homem mais generoso do mundo. Terei de achar um modo conveniente de mostrar o meu agradecimento." O apartamento, na Elizabeth Street nas imediações de Eaton Square, era totalmente luxuoso. Consistia de uma entrada enorme, uma sala de estar muito bem mobiliada com um candelabro de cristal, uma biblioteca com paredes almofadadas, uma cozinha cheia de comida, três quartos atraentemente mobiliados e instalações para os criados. Catherine foi cumprimentada à porta por uma mulher de quarenta e tal anos vestida de preto.

-Boa tarde, menina Catherine. Chamo-me Anna. Sou a sua governanta.

Claro. A minha governanta. Catherine começou a aceitar tudo sem dificuldade.

-Muito prazer.

O motorista trouxe as malas de Catherine e colocou-as no quarto de

dormir.

-A limousine está à sua disposição-disse lhe. -Basta apenas dizer à Anna quando estiver pronta para ir para o escritório, e eu venho buscá- la.

"A limousine está à minha disposição. Naturalmente. -Obrigada-disse Anna.

-Vou desfazer as suas malas. Se precisar de mais alguma coisa, é só dizer-me.

-Acho que não preciso de nada-disse Catherine honestamente.

Catherine perambulou pelo apartamento até Anna acabar de desfazer as malas. Entrou no quarto e olhou para os belos vestidos novos que Demiris lhe comprara, e pensou: "Tudo isto parece um sonho maravilhoso." Sentiu-se repentinamente cansada. Deitou-se na cama macia e confortável. "Vou só descansar um pouco", pensou. Fechou os olhos. Estava a afogar-se e a gritar por socorro. E Lorry nadava em direção a ela, e quando a alcançou empurrou-a para debaixo da água. E ela estava numa gruta escura, e os morcegos atiravam-se a ela, puxando-lhe o cabelo, batendo as suas asas frias e húmidas contra o seu rosto. Catherine acordou com um sobressalto e sentou-se na cama, a tremer. Respirou fundo várias vezes para se recompor. "Chega", pensou. "Acabou. Isso foi ontem. Hoje é hoje. Ninguém te vai fazer mal. Ninguém. Já chega " Fora do quarto de Catherine, Anna, a governanta, escutara os gritos. Esperou um momento, e quando houve silêncio foi até ao hall e pegou no telefone para informar Constantin Demiris. A Corporação Helenica de Comércio estava situada no número 217 da Bond Street, nas imediações de Picadilly, num velho edifício do governo, que fora transformado anos antes em edifício de escritórios. O exterior do prédio era uma obra-prima de arquitetura, elegante e graciosa. Quando Catherine chegou, o pessoal do escritório estava à sua espera, Havia meia dúzia de pessoas perto da porta para cumprimentá-la.

-Bem-vinda, Miss Alexander. Sou Evelyn Kaye. Este é o Carl... o Tucker.., o Matthew,... a Jennie...

Os nomes e os rostos tornaram-se numa mancha. -Prazer em conhecê- los.

-O seu gabinete está pronto para recebê-la. Vou mostrar-lhe o caminho,

- Obrigada.

A sala de recepção estava mobiliada com gosto, com um grande sofá Chesterfield, flanqueado por duas cadeiras Chippendale e uma tapeçaria. Percorreram um longo corredor alcatifado e passaram por uma sala de conferências com pesadas cadeiras de pinho e couro alinhadas em redor de uma mesa chéia de lustro. Catherine foi conduzida para um gabinete atraente com mobília usada e confortável e uma poltrona de cabedal.

-E todo seu.

-É lindíssimo-murmurou ela. Havia flores frescas na secretária. - Do senhor Demiris.

"Ele é tão atencioso." Evelyn Kaye, a mulher que a conduzira até ao gabinete, era uma pessoa de meia-idade corpulenta com um rosto agradável e um modo tranqüilo.

-Vai precisar de alguns dias para se habituar ao lugar, mas as funções são realmente bastante simples. Somos um dos centros nevrálgicos do império de Demiris. Coordenamos os relatórios das di visas ultramarinas e enviamo-los para o quartel-general em Atenas. Eu sou a gerente do escritório, Você será a minha assistente.

- Oh. "Então eu sou a assistente da gerente."

Catherine não tinha idéia do que esperavam dela. Fora lançada num mundo de fantasia. Aviões particulares, limousines, um belo apartamento com criados...

-Wim Vandeen é o nosso gênio matemático residente. Ele faz a computadorização de todas as declarações e põe-as num mapa mestre de análise financeira. A mente dele trabalha mais depressa do que a maior parte das máquinas calculadoras. Venha até ao gabinete dele conhecê-lo. Desceram o corredor até um gabinete que ficava no fim do hall. Evelyn abriu a porta e ficou ali, concentrada. Wim Vandeem parecia ter pouco mais de trinta anos, um homem magro com uma boca de maxilares frouxos e uma expressão apática e aérea. Estava a olhar para o chão.

-Wim, Wim! Esta é Catherine Alexander. Ele olhou para cima.

- O verdadeiro nome de Catarina I era Marta Skowronka, era uma criada nascida em 1684 que foi capturada pelos russos, casou com Pedro I e foi imperatriz da Rússia de 1725 a 1727; Catarina a Grande era a filha de um príncipe alemão, nasceu em 1729 e casou-se com Pedro, que se tornou o Imperador Pedro III em 1762, e ela sucedeu-lhe

no trono no mesmo ano depois de o mandar matar. Durante o seu reinado houve três divisões da Polônia e duas guerras contra a Turquia... A informação brotava como uma fonte, num tom monótono. Catherine escutava, espantada.

-Isso .., isso é muito interessante-logrou ela. Wim Vandeem desviou o olhar. Evelyn disse:

-O Wim fica envergonhado quando conhece alguém. "Envergonhado?" pensou Catherine. "O homem é esquisito. E ele é um gênio? Que tipo de emprego vai ser este?"

Em Atenas, nos seus escritórios da Rua Aghiou Geronda, Constantin Demiris recebia um relatório pelo telefone enviado por Alfred de Londres.

- Levei a menina Alexander diretamente do aeroporto para o apartamento, senhor Demiris. Perguntei-lhe se queria que a levasse a algum lugar, como o senhor sugeriu, e ela disse que não.

-Ela não teve quaisquer contatos com o exterior?

-Não, senhor. Anão ser que tenha feito alguma chamada do aeroporto.

Constantin Demiris não estava preocupado com isso. Anna, a governanta, informá-lo-ia. Voltou a colocar o telefone, satisfeito. Ela não apresentava nenhum perigo imediato para ele, que trataria de mantê-la sob vigilância. Ela estava sozinha no mundo. Não tinha para quem se voltar exceto o seu benfeitor, Constantin Demiris. "Tenho de me preparar para ir para Londres em breve", pensou Demiris com um ar feliz. "Muito em breve. Catherine Alexander achou o seu novo emprego interessante. Chegavam relatórios diários do vasto império de Constantin Demiris. Havia conhecimentos de embarque de uma siderurgia no estado de Indiana, auditorias de uma fábrica de automóveis na Itália, faturas de uma cadeia de jornais na Austrália, uma mina de ouro, uma companhia de seguros, Catherine

conferiu os relatórios e cuidou para que a informação seguisse diretamente para Wim Vandeem. Wim olhou de relance para os relatórios uma vez, inseriu-os no incrível computador que era o seu cérebro, e quase instantaneamente calculou as percentagens de lucro ou prejuízo para a companhia. Catherine gostou de travar conhecimento com os seus novos colegas, e ficou pasmada pela beleza do velho edifício em que trabalhava. Disse-o uma vez a Evelyn Kate na frente de Wim, e Wim disse: -Isto era uma alfândega concebida por Sir ChristopherWren em

1721. Depois do grande incêndio de Londres, ChristopherWren rede senhou cinquenta igrejas, incluindo as de São Paulo, São Miguel e Santa Brígida. Projetou a Bolsa Real e a Casa de Buckingham. Ele morreu em 1723 e está sepultado na Catedral de São Paulo. Este edifício foi convertido em escritórios em 1907, e na Segunda Guerra Mundial, durante Blitz, o governo declarou-a como abrigo antiaéreo oficial. O abrigo antiaéreo era uma sala enorme à prova de bala, localizada do outro lado de uma pesada porta de ferro contígua à cave. Catherine foi ver a sala pesadamente fortificada e pensou nos bravos homens, mulheres e crianças britânicos que encontraram abrigo ali durante o terrível bombardeamento levado a cabo pela Luftwaff de Hitler. A cave em si era enorme, ocupando toda a extensão do edifício. Tinha uma caldeira grande para aquecer todo o edifício, e estava cheia de equipamento telefônico e eletrônicos. A caldeira era um problema. Várias vezes Catherine tinha acompanhado um técnico até à cave para dar uma vista de olhos. Todos eles a consertavam, declaravam-na arranjada daquilo que a importunava e iam-se embora.

-Parece tão perigosa -disse Catherine. -Há alguma hipótese de explodir?

-Nem pensar, minha senhora. Está a ver esta válvula de segurança aqui? Bem, se a caldeira alguma vez aquecer de mais, a válvula de segurança liberta todo o excesso de vapor, e volta tudo ao normal. Não há problema.

Quando o dia de trabalho chegava ao fim, havia Londres, Londres... uma cornucópia de maravilhas do teatro, do bailado e dos concertos. Havia interessantes livrarias antigas como as de Hatchard e Foylee dúzias de museus, pequenas lojas de antigüidades e restaurantes. Catherine visitava as lojas de litografias em Cecil Court e fazia compras nos Harrods, Fortnum e Mason, Marks e Spencer e tomou chá de domingo no Savoy.

De tempos a tempos, pensamentos espontâneos assaltavam a mente de Catherine. Havia tantas coisas que a faziam lembrar de Harry. Uma voz.., uma expressão... uma colônia. uma canção. "Não. O passado acabou. O futuro é o que importa." E cada dia ela tornava-se mais forte. Catherine e Evelyn Kaye tornaram-se amigas e ocasionalmente saíam juntas. Certo domingo visitaram a exposição de arte ao ar livre na margem do Tâmisa. Havia lá dezenas de artistas, jovens e velhos, expondo os seus quadros, e todos eles tinham uma coisa em comum:

eram falhados porque não conseguiram expor os seus trabalhos em nenhuma galeria. Os

quadros eram horríveis. Catherine comprou um por simpatia.

- Onde é que vais colocá-lo? - perguntou Evelyn. -No quarto da caldeira-disse Catherine.

Quando caminhavam ao longo das ruas de Londres depararam com os artistas dos passeios, homens que usavam giz colorido para pintar nas pedras dos passeios. Havia trabalhos espantosos: os transeuntes paravam para adurirá-los e depois lançavam algumas moedas aos artistas, Certa tarde, quando regressava do almoço, Catherine parou para observar um homem idoso que fazia uma bela paisagem a giz. Quando estava a acabá-la, começou a chover, e o velho ficou alia ver o seu trabalho desaparecer. "É muito idêntico à minha vida", pensou Catherine. Evelyn levou Catherine ao Mercado Shepherd. - É uma área interessante -prometeu Evelyn. Era certamente cheia de vida. Havia um restaurante com trezentos anos de nome Tiddy Dolls, uma banca de revistas, um mercado, um salão de beleza, uma padaria, lojas de antigüidades e velhas residências de dois e três pisos. As chapas de identificação das caixas do correio eram peculiares. Uma dizia "Helen" e por baixo "Lições de Francês". Outra dizia "Rosie" e por baixo "Aqui ensina-se Grego".

- Isto é uma área escolar? -perguntou Catherine. Evelyn riu-se em voz alta.

- De certo modo acho que é. Só que o tipo de educação que estas raparigas dão não se pode ensinar na escola.

Evelyn riu-se ainda mais alto quando Catherine corou.

Catherine estava sozinha a maior parte do tempo, mas mantinha-se ocupada de mais para se sentir solitária. Mergulhava nos dias como se estivesse a tentar compensar os momentos preciosos da vida que lhe foram roubados. Recusou preocupar-se sobre o passado ou o futuro. Visitou o Castelo de Windsor e a Cantuária com a sua bela catedral e Hampton Court. Aos fins-de-semana ia para o campo e instalava-se em pequenas e graciosas estalagens, e dava longos passeios pelos campos. "Estou viva", pensou. "Ninguém nasce feliz. Todos temos que construíra nossa própria felicidade. Eu sou uma sobrevivente. Sou jovem e sou saudável, e vão acontecer coisas maravilhosas." Na segunda-feira voltava para o trabalho. Para junto de Evelyn, das outras raparigas e de Wim Vandeem. Wim Vandeem era um enigma.

Catherine nunca conhecera ninguém como ele. Havia vinte empregados no escritório, e sem se dar ao trabalho de usar uma calculadora Wim Vandeem lembrava-se do salário de todos os empregados, do número da segurança social e dos descontos. Embora tudo isto estivesse arquivado, ele tinha todos os registros na cabeça. Sabia todo O movimento mensal financeiro de cada divisão e qual a comparação com os meses anteriores, desde os últimos cinco anos, quando começara a trabalhar na companhia. Wim Vandeen lembrava-se de tudo quanto vira, ouvira ou lera. O âmbito do seu conhecimento era incrível. As questões mais simples sobre qualquer assunto dispariam uma torrente de informação, e no entanto ele era anti- social. Catherine falava dele com Evelyn. -Eu não consigo

entender o Wim.

- O Wim é um excêntrico - disse Evelyn. - Tens de aceitá-lo como ele é. O negócio dele são números. Não me parece que se preocupe com as pessoas.

-Ele tem amigos? -Não.

-Ele tem encontros? Quer dizer, sai com raparigas? - Não.

Parecia a Catherine que Wim estava isolado e sozinho, e ela sentiu uma afinidade com ele.

O âmbito dos conhecimentos de Wim surpreendia Catherine. Certa manhã, ela começou a ficar com dor de ouvidos. Wim disse asperamente

- O tempo não vai ajudar. É melhor ir a um otorrino. -Obrigada, Wim. Eu...

- As partes do ouvido são o aurículo, o meato auditivo, a membrana timpânica, a cadeia de ossículos (martelo, bigorna e estribo) a cavidade timpânica, o canal semicircular, a janela oval, e a trompa de eustáquio, o nervo auditivo e o caracol. -E afastou-se.

Noutro dia, Catherine e Evelyn levaram Wim a almoçar ao Ram's Head, um pub na zona. Na sala das traseiras, os clientes lançavam o dardo.

- Você gosta de desporto, Wim? - perguntou Catherine. - Já alguma vez viu um jogo de beisebol?

-Basebol-disse Wim. -Uma bola de beisebol tem vinte e cinco centímetros e quarenta milímetros de circunferência. É feita de fio

enrolado sobre um cone de borracha dura com cabedal branco. O taco é geralmente feito de cinza, com o máximo de cinco centímetros e quarenta e um milímetros no diâmetro maior e o máximo de um metro e seis centímetros de comprimento. "Ele sabe as estatísticas todas", pensou Catherine, "mas terá alguma vez sentido a excitação de tê-lo jogado de fato?"

- Já alguma vez praticou algum desporto? Basquetebol, por exemplo?

- O basquetebol é jogado num piso de madeira ou cimento. A bola tem uma cobertura de cabedal esférica com setenta e oito centímetros e setenta e quatro milímetros de circunferência, enchida de ar com uma bexiga de borracha à pressão de treze libras. Pesa entre cinco quilos e setecentos gramas e seis quilos e duzentos e trinta e sete gramas. O basquetebol foi inventado por James Naismith em 1891. Catherine obteve a resposta,

Às vezes Wim podia ser um embaraço em público. Certo domingo, Catherine e Evelyn levaram Wim a Maidenhead, no Tamisa. Pararam na Compleat Angler para almoçar. O criado aproximou-se da mesa.

-Temos bivalves frescos hoje. Catherine voltou-se para Wim. -Gosta de bivalves?

Wim disse:

-Há bivalves compridos, amêijoas ou bivalves redondos, navalhas, mexilhões, de uma só concha, e bivalves de sangue.

O criado estava a olhar fixamente para ele.

- O senhor não se importa de pedir o que deseja? -Não gosto de bivalves-Respondeu Wim.

Catherine gostava das pessoas com quem trabalhava, mas Wim tornou- se especial para ela. Ele era inteligente de mais para a sua compreensão, e ao mesmo tempo parecia retirado e solitário. Catherine disse a Evelyn um dia:

-Não há nenhuma hipótese de o Wim levar uma vida normal? Vir a apaixonar-se e casar-se?

Evelyn suspirou.

-Eu já te disse. Ele não tem emoções. Ele nunca se ligará a ninguém.

Mas Catherine não acreditava nisso. Por uma ou duas vezes, ela apanhara um lampejo de interesse-de afeição, de riso nos olhos de

Wim, e ela sentiu vontade de puxar-lhe pela língua, ajudá-lo. Ou fora imaginação dela?

Um dia, o pessoal do escritório recebeu um convite para um baile de caridade que ia realizar-se no Savoy.

Catherine entrou no gabinete de Wim. - Wim, você sabe dançar? Ele fitou-a.

-Um compasso e meio de música quatro-quatro-tempo perfaz uma unidade rítmica no fox-trot. Ohomem começa o passo básico com o pé esquerdo e dá dois passos para a frente. A mulher começa com o pé direito e dá dois passos para trás. Os dois passos lentos são seguidos por um passo rápido em ângulo reto para os passos lentos. Para a inclinação, o homem dá um passo em frente sobre o pé esquerdo e inclina-se lentamente, depois move-se para a frente no pé direito, lentamente. Depois move-se para a esquerda com o pé esquerdo, rápido. Depois aproxima o pé direito ao esquerdo, rápido.

Catherine ficou parada, sem saber o que dizer. Ele sabe todas as Palavras, mas não conhece o significado delas.

Constantin Demiris telefonou. Era já tarde, e Catherine preparava-se para se deitar.

- Espero não tê-la incomodado. É Costa quem fala. -Não, claro que não.

Estava feliz par ouvir a voz dele. Sentia saudades de falar com ele, de lhe pedir conselhos. Afinal de contas, ele era a única pessoa do mundo que realmente conhecia o passado dela. Ela sentiu como se ele fosse um velho amigo.

- Tenho pensado em si, Catherine. Receava que pudesse achar Londres um lugar solitário. Afinal de contas, você não conhece ninguém aí.

- Por vezes, sinto-me de fato sozinha -Catherine

admitiu. -Mas estou a enfrentar. Lembro-me sempre do que me disse. Esquecer o passado,

viver o futuro.

-Isso mesmo. Por falar no futuro, vou estarem Londres amanhã. Gostaria de leve-la a jantar.

-Eu gostava muitíssimo -disse Catherine entusiasticamente. Ela ansiava por isso. Teria uma oportunidade de lhe dizer como lhe estava grata.

Quando Constantin Demiris pousou o telefone, sorriu para si próprio. "A perseguição começou."

Jantaram no Ritz. A sala de jantar era elegante e a comida estava deliciosa, mas Catherine estava demasiado excitada para prestar atenção a alguma coisa que não fosse o homem que se sentava à sua frente. Ela tinha tanto para lhe contar,

-Você tem um pessoal de escritório maravilhoso-disse Catherine. O Wim é espantoso. Nunca vi ninguém que pudesse.,.

Mas Demiris não estava a prestar atenção às palavras. Estava a estudá- la, pensando como ela era tão bela e tão vulnerável. "Mas eu não devo precipitá-la", decidiu Demiris. "Não, vou fazer o jogo com calma para saborear a vitória. Esta será em tua homenagem, Noelle, e do teu amante."

-Vai ficar muito tempo em Londres?-Catherine estava a perguntar.

-Apenas um ou dois dias. Eu tinha um assunto para tratar. Era verdade. Mas ele sabia que podia tê-lo resolvido pelo telefone. Não, ele viera a Londres para começar a sua campanha de aproximar Catherine mais dele, de torná-la emocionalmente dependente de si. Inclinou-se para a frente.

-Catherine, já lhe falei do tempo em que trabalhei nos campos de petróleo na Arábia Saudita...?

Demiris levou Catherine a jantar na noite seguinte.

-A Evelyn disse-me que você está a fazer um trabalho ótimo no escritório. Vou dar-lhe um aumento.

-O senhor tem sido tão generoso-Catherine protestou.-Eu... Demiris olhou-a nos olhos.

-Você não sabe como eu posso ser generoso.

Catherine ficou embaraçada. "Ele está apenas a ser gentil, pensou ela. "No posso imaginar coisas.

No dia seguinte, Demiris estava pronto para partir. - Gostaria de ir até ao aeroporto comigo, Catherine? - Gostava. Ela achava-o fascinante, quase enfeitiçados. Era divertido e brilhante, e ela sentia-se lisonjeada pela sua atenção. No aeroporto, Demiris beijou Catherine ao de leve no rosto. -Estou feliz porque pudemos passar algum tempo juntos, Catherine.

-Também eu. Obrigada, Costa.

Ela deixou-se ficar a ver o avião dele levantar vôo. "Ele é muito especial", pensou Catherine. "Vou sentir saudades dele," Não havia ninguém que tivesse ficado espantado com a aparente amizade íntima entre Constantin Demiris e o cunhado, Spyros Lambrou. Spyros Lambrou era quase tão rico e poderoso quanto Demiris. Demiris possuía a maior frota de cargueiros do mundo; Spyros Lambrou possuía a segunda maior. Constantin Demiris controlava uma cadeia de jornais e linhas aéreas, campos petrolíferos, siderurgias e minas de ouro; Spyros Lambrou tinha companhias de seguro, bancos, quantidades enormes de propriedades imobiliárias e uma fábrica de produtos químicos. Pareciam concorrentes amigos; mais do que isso, companheiros.

-Não é maravilhoso-diziam as pessoas-que dois dos homens mais poderosos do mundo sejam tão amigos?

Na realidade, eles eram rivais implacáveis que se desprezavam. Quando Spyros Lambrou comprou um iate de trinta metros, Constantin Demiris de imediato encomendou um iate de 45 metros com quatro diesels G.M., uma tripulação de treze elementos, duas lanchas rápidas e uma piscina de água doce. Quando a frota de Spyros Lambrou atingiu um total de doze petroleiros, com uma tonelagem de 200.000, Constantin Demiris aumentou a sua própria frota para vinte e três petroleiros, com uma tonelagem de 650.000. Spyros Lambrou adquiriu uma série de cavalos de corrida, e Demiris comprou uma cavalaria maior para correr contra ele, e consistentemente ganhou. Os dois homens encontravam-se freqüentemente, pois desempenhavam funções juntos em comitês de caridade, faziam parte da administração de várias corporações, e ocasionalmente freqüentavam reuniões de família. Eram exatamente o oposto em temperamento. Enquanto Constantin Demiris tinha vindo da sarjeta e subira a pulso até ao topo, Spyros Lambrou nasceu aristocrata. Era um homem magro e elegante, sempre impecavelmente vestido, com modos corteses e do Velho Mundo. Conseguiu seguir o rasto da sua árvore genealógica até Otto da Baviera, que fora em tempos rei da Grécia. Durante as primeiras sublevações políticas na Grécia, uma pequena minoria, a oligarquia, fez fortunas no comércio, transportes e terras. O pai de Spyros Lambrou foi um deles, e Spyros herdara o seu império. No decurso dos anos, Spyros Lambrou e Constantin Demiris levaram por diante a sua charada de amizade. Mas cada um estava convicto de que no fim cada

um destruiria o outro, Demiris por causa do seu instinto de sobrevivência, Lambrou por causa do tratamento que o cunhado dava a Melina. Spyros Lambrou era um homem supersticioso. Apreciava a sua sorte na vida, e tudo fazia para não contrariar os deuses. De tempos a tempos consultava médios para pedir orientação. Era assaz inteligente para reconhecer as fraudes, mas houve uma médio que ele achara excepcional, Ela previra o aborto da irmã, o que aconteceria ao casamento, e uma dúzia de outras coisas que vieram a acontecer. Vivia em Atenas. Chamava-se Madame Piris. Constantin Demiris tinha o hábito de chegar aos seus escritórios da Rua Aghiou Geronda todas as manhãs

pontualmente às seis horas. Quando os seus rivais começavam a trabalhar, já Demiris conduzira várias horas de negócios com os seus agentes numa dúzia de países. O gabinete particular de Demiris era espetacular. A vista era magnífica, com j anelas panorâmicas que punham a cidade de Atenas aos seus pés. O pavimento era de granito preto. Nas paredes havia uma coleção de arte cubista, com Légers, Braques, e meia dúzia de Picassos. Havia uma enorme secretária de vidro e uma cadeira-trono de cabedal. Sobre a secretária estava uma máscara da morte de Alexandre o Grande, incrustada em cristal, A inscrição em baixo dizia: Alexandros. O defensor do homem." Nesta manhã particular, o telefone privado de Constantin Demiris estava a tocar quando entrou no escritório. Havia apenas meia dúzia de pessoas que tinham acesso a este número. Demiris levantou o telefone.

-Kalimehra.

- Kalimehra.

A voz no outro lado pertencia ao secretário particular de Spyros Lambrou, Nikos Veritos. Parecia nervoso. -Peço imensa desculpa por estar a incomodá-lo, senhor Demiris. O senhor disse-me para ligar quando eu tivesse alguma informação que o senhor pudesse...

- Sim. O que é?

-O senhor Lambrou está a pensar adquirir uma companhia chamada Aurora International. Está cotada na Bolsa de Valores de Nova Iorque. O senhor Lambrou tem um amigo na direção que lhe disse que um importante contrato com o governo vai ser adjudicado à companhia para a construção de bombardeiros. Isto, obviamente, é muito confidencial. As ações sofrerão um grande aumento quando o anúncio...

-Não estou interessado no mercado de ações -Respondeu Demiris. -Não

volte a incomodar-me a não ser quando tiver algo importante a dizer- me.

-Desculpe-me, senhor Demiris. Eu pensei... Demiris havia desligado.

Às oito horas, quando o assistente de Demiris, Giannis Tcharos, chegou, Constantin Demiris ergueu o olhar da secretária. Há uma companhia na Bolsa de Nova Iorque, Aurora International. Informe

todos os nossos jornais de que a companhia vai ser investigada por motivo de fraude. Utilize uma fonte anônima, mas passe a palavra, Quero que eles insistam na história até as ações baixarem. Depois, comece a comprar até eu ter o controlo.

-Sim, senhor. É só?

-Não. Depois de eu adquirir o controlo, anuncie que os rumores eram infundados. Ah, mais uma coisa. Faça com que a Bolsa de Nova Iorque tenha conhecimento de que Spyros Lambrou comprou as ações baseado em informação dada por alguém lá de dentro.

Giannis Tcharos disse delicadamente:

-Senhor Demiris, nos Estados Unidos, isso é crime punido por lei. Constantin Demiris sorriu. -Eu sei.

A dois quilômetros de distância, na Praça de Syntagma, Spyros Lambrou trabalhava no seu gabinete. O seu local de trabalho refletia o seu gosto eclético. O mobiliário consistia de antigüidades raras, uma mistura franco-italiana. Três das paredes estavam cobertas com obras de impressionistas franceses. A quarta parede estava toda dedicada a uma coleção de artistas belgas, de Van Rysselberghe a De Smet, Na tabuleta da porta do gabinete exterior podia ler-se: LAMBROU E ASSOCIADOS, mas nunca houvera nenhuns associados. Spyros Lambrou herdara um negócio bem sucedido do seu pai, e com o decurso dos anos transformara-o num conglomerado de implantação mundial. Spyros Lambrou deveria ter sido um homem feliz. Era rico e bem sucedido e gozava de excelente saúde. Mas era-lhe impossível ser completamente feliz enquanto Constantin Demiris fosse vivo. O seu cunhado era uma anátema para ele. Lambrou desprezava-o. Demiris era polymichanos, um homem fértil em artimanhas, um patife sem moral. Lambrou odiara sempre Demiris pelo forma como tratava a irmã, mas a rivalidade feroz entre eles tinha o seu próprio terrível nexo. Começara dez anos antes, quando Spyros Lambrou almoçava com a irmã. Ela nunca o vira tão excitado.

-Melina, sabes que todos os dias o mundo consome todo o combustível fóssil que levou anos a criar?

-Não, Spyros.

-Vai haver uma grande procura de petróleo no futuro, e não vai haver petroleiros em número suficiente para transportá-lo.

-Tu vais construir alguns?

Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça.

-Mas não apenas os petroleiros vulgares. Terão o dobro do tamanho dos atuais. -A sua voz estava cheia de entusiasmo. -Passei meses a analisar os números. Ouve isto. Um galão de petróleo de Grude transportado do golfo Pérsico para um porto da costa oriental dos Estados Unidos custa sete cêntimos. Mas num grande petroleiro O custo baixaria para três cêntimos o galão. Tens alguma idéia do que isso pode significar?

-Spyros, onde é que tu vais arranjar dinheiro para construir uma frota como essa?

Ele sorriu.

-Mas essa é a melhor parte do meu plano. Não me vai custar um tostão.

-O quê?

Ele inclinou-se para a frente.

-Vou à América no mês que vem falar com os chefes das grandes companhias petrolíferas. Com estes petroleiros, posso transportar o petróleo deles por metade do preço.

-Mas... tu não tens nenhum petroleiro desses. Ele deu um sorriso largo.

-Mas se eu conseguir contratos de aluguel a longo prazo com as companhias de petróleo, os bancos emprestam-me o dinheiro de que preciso para os construir. O que é que achas?

-Acho que tu és um gênio. É um plano brilhante.

Melina estava tão excitada com a ideia do irmão que se referiu a ela quando falava com Demiris nessa noite ao jantar.

Quando a acabara de explicar, Melina disse: -Não é uma ideia maravilhosa?

Constantin Demiris manteve-se em silêncio por um momento.

- O teu irmão é um sonhador, Isso nunca resultaria. Melina olhou para

ele surpresa.

-Porque não, Costa?

-Porque é um esquema leviano. Em primeiro lugar, não vai haver essa procura tão grande de petróleo, de forma que esses míticos petroleiros vão circular vazios. Em segundo lugar, as companhias petrolíferas não vão entregar o seu precioso petróleo a uma frota fantasma que nem sequer existe. E em terceiro, esses banqueiros a quem ele se dirigir vão ridicularizá-lo dos escritórios para fora.

O rosto de Melina enublou-se de desapontamento.

- O Spyros estava tão entusiástico. Importavas-te de discutir o assunto com ele?

Demiris sacudiu a cabeça.

- Deixam sonhar, Melina. Seria melhor que ele nem soubesse desta nossa conversa.

-Está bem, Costa. Como queiras.

Logo pela manhã do dia seguinte, Constantin Demiris estava a caminho dos Estados Unidos para tratar de grandes petroleiros. Ele estava consciente de que as reservas de petróleo mundiais fora dos Estados Unidos e dos territórios do bloco soviético estavam controladas pelas sete congêneres: a Standard Oil Company de Nova Jérsia, a Standard Oil Company da Califórnia, a GulfOil, a Texas Company, a Socony Vacuum, a Royal Dutch-Shell e a Anglo-Iranian. Ele sabia que se pudesse conseguir convencer uma delas as outras certamente iriam atrás. A primeira visita de Constantin Demiris foi aos escritórios executivos da Standard Oil de Nova Jérsia. Tinha uma reunião com Owen Curtis, quarto vice-presidente.

- O que posso fazer por si, senhor Demiris?

- Tenho uma ideia que acho poder vir a ser de grande benefício financeiro para a sua companhia.

-Sim, você disse isso ao telefone. -Curtis olhou de relance para o relógio de pulso. -Tenho uma reunião dentro de alguns minutos. Se pudesse ser breve...

- Serei muito breve. Os senhores pagam sete cêntimos para transportar um galão de petróleo de Grude do golfo Pérsico até à costa oriental dos Estados Unidos.

-Isso é verdade.

-O que diria se eu lhe dissesse que lhe posso garantir o transporte do vosso petróleo por três cêntimos o galão?

Curtis sorriu protetoramente.

-E como é que conseguiria esse milagre? Demiris disse calmamente.

-Construindo uma frota de petroleiros que terão o dobro da capacidade de transporte dos atuais. Posso transportar todo o seu petróleo tão depressa quanto o bombeia do solo.

Curtis estudava-o, o seu rosto pensativo.

- Onde é que ia arranjar uma frota de grandes petroleiros? -Vou construí-los.

- Lamento. Nós não estaríamos interessados em investir em.., Demiris interrompeu.

-Não lhes custará um tostão. Tudo o que lhes peço é um contrato de longo prazo para transportar o vosso petróleo por metade do preço que pagam agora, Arranjarei o meu financiamento junto dos bancos.

Houve um longo e significativo silêncio. Owen Curtis aclarou a voz.

- Acho que devo levá-lo lá acima para conhecer o nosso presidente.

Foi o começo. As outras companhias de petróleo ficaram exatamente tão ansiosas para fazer contratos com os novos petroleiros de Constantin Demiris. Quando Spyros Lambrou soube o que estava a acontecer, era demasiado tarde. Voou para os Estados Unidos e conseguiu fazer alguns contratos com algumas companhias independentes, mas Demiris tinha extraído a melhor parte do mercado.

- Ele é teu marido - Lambrou esbravejava -, mas eu juro-te, Melina, que herde fazê-lo pagar pelo que fez.

Melina estava infelicíssima com o sucedido. Sentiu que traíra o irmão. Mas quando confrontou o marido ele encolheu os ombros.

-Eu não fui ter com eles, Melina. Eles é que vieram ter comigo. Como é que eu os podia recusar?

Mas as considerações comerciais não eram nada ao pé do que Lambrou sentia pela forma como Demies tratava Melina. Ele podia ter ignorado o fato de que Constantin Demiris era um mulherengo infame-afinal de contas, um homem tinha de ter o seu prazer. Mas o fato de Demies ser tão espalhafatoso era um insulto não só para

Melina, mas para toda a família Lambrou. O caso de Demirs com a atriz Noelle Page fora o caso mais insigne. Provocara títulos em jornais de todo o mundo. "Um dia", pensou

Spyros Lambrou. "Um dia... Nikos Ventos, o assistente de Lambrou, entrou no gabinete. Veritos trabalhava com Spyros Lambrou havia quinze anos. Era um homem competente mas sem imaginação, sem futuro, cinzento e sem rosto. A rivalidade entre os dois cunhados dava a Ventos aquilo que ele considerava uma oportunidade dourada. Ele apostava na vitória de Constantin Demirs, e de vez em quando passava-lhe informações confidenciais, esperando uma recompensa apropriada. Ventos aproximou-se de Lambrou.

- Desculpe. Está lá fora um senhor Anthony Rizzoli que quer vê-lo. Lambrou suspirou.

-Vamos lá a isso -disse Lambrou. - Mandem entrar. Anthony Rizzoli aparentava quarenta e tal anos. Tinha cabelo preto, um nariz fino e aquilino e olhos castanhos fundos. Movimentava-se com a elegância de um pugilista treinado. Trazia um fato bege, caro e feito por medida, uma camisa de seda amarela e sapatos de calfe. Era de falas mansas e polido, e no entanto havia nele algo de ameaçador.

-Prazer em conhecê-lo, senhor Lambrou. -Sente-se, senhor Rizzoli. Rizzoli sentou-se.

- Em que lhe posso ser útil?

-Bem, como expliquei aqui ao senhor Ventos, gostaria de fretar um dos seus cargueiros. Sabe, eu tenho uma fábrica em Marselha e quero enviar uma maquinara pesada para os Estados Unidos. Se chegarmos a um acordo, posso vir a fazer muitos negócios consigo no futuro. Spyros Lambrou recostou-se na cadeira e estudou o homem que se sentava diante de si. "Repugante"

-É só isso que tenciona enviar, senhor Rizzoli? Tony Rizzoli franziu o sobrolho.

-O quê? Não estou a perceber.

-Acho que está-disse Lambrou: -Os meus navios não estão à sua disposição.

- Por que não? De que é que o senhor está a falar?

- Drogas, senhor Rizzoli. O senhor é um traficante de drogas. Os olhos de Rizzoli contraíram-se.

- O senhor está louco! Anda a ouvir muitos boatos.

Mas eram mais do que boatos. Spyros Lambrou informara-se cuidadosamente sobre o homem. TonyRizzoli era um dos principais traficantes de drogas da Europa. Ele era da Mafia, parte da organização, e dizia-se que os meios de transporte de Rizzoli haviam acabado. Era por isso que estava tão ansioso para fazer um acordo.

-Receio que tenha de ir bater a outra porta.

Tony Rizzoli deixou-se ficar sentado a olhar fixamente para ele, o olhar frio. Por fim abanou a cabeça.

-Muito bem, -Tirou um cartão comercial do bolso e atirou para cima da secretária. -Se mudar de idéias, eis onde me pode encontrar. -Pôs-se de pé e pouco depois partiu.

Spyros Lambrou apanhou o cartão. Dizia "Anthony Rizzoli Import- Export", Havia uma

morada de um hotel de Atenas e um número de telefone no fundo do cartão. Nikos Veritos permanecera ali, de olhos arregalados, escutando a conversa. Quando Tony Rizzoli saiu a porta, disse:

-Ele é mesmo...?

-Sim, O senhor Rizzoli negoceia com heroína. Se permitíssemos que ele usasse um dos nossos navios, o governo podia cancelar a atividade de toda a nossa frota.

TonyRizzoli saiu do escritório de Lambrou numa fúria. "O cabrão do grego a tratar-me como se eu fosse um labrego da rua! E como é que ele soubera das drogas? O envio era invulgarmente grande, com um valor de rua de pelo menos dez milhões de dólares. Mas o problemaestava em fazê-lo chegar a Nova Iorque. Os malditos agentes do combate à droga estão a invadir Atenas. Tenho que fazer um telefonema para a Itália e procurar ganhar tempo. Tony Rizzoli nunca perdera um envio e não tencionava perder este. Achava-se um vencedor nato. Crescera na Cozinha do Inferno em Nova Iorque. Geograficamente estava localizada no West Side de Manhattan, entre a Oitava Avenida e o Rio Hudson, e as suas fronteiras a norte e a sul iam das ruas Vinte e Três e Cinquenta e Nove. Mas psicológica e emocionalmente a Cozinha do Inferno era uma cidade dentro da cidade, um conclave armado. As ruas eram governadas por grupos. Havia os Gophers, o Parlor Mob, os Gorillas e o Rhodes Gang. Os contratos para matar eram vendidos a retalho por cem dólares, com

ação violenta por um pouco menos. A primeira lembrança de Tony Rizzoli foi de ser atirado ao chão e terem-lhe roubado o dinheiro do leite. Tinha sete anos. Os rapazes mais velhos e maiores eram uma ameaça constante. O percurso para a escola era terra de ninguém, e a própria escola era um campo de batalha. Quando tinha quinze anos, Rizzoli desenvolvera um corpo forte e uma considerável aptidão como lutador. Adorava lutar, e porque era bom nisso o fato dava-lhe um sentimento de superioridade. Ele e os amigos organizavam desafios de boxe no Ginásio de Stillman. De tempos a tempos, apareciam uns membros das quadrilhas de criminosos para manter debaixo de olho os lutadores que possuíam. Frank Costello aparecia uma ou duas vezes por mês, acompanhado de Joe Adonis e Lucky Luciano. Divertiam-se com os desafios de boxe que os miúdos organizavam, e em jeito de diversão começaram a fazer apostar nos combates. Tony Rizzoli vencia sempre, e logo se tornou num favorito dos chefes das quadrilhas. Um dia, enquanto Rizzoli mudava de roupa no vestiário, o jovem ouviu por acaso uma conversa entre Frank Costello e Lucky Luciano, -O puto é uma mina de ouro-dizia Luciano,-Ganhei cinco mil com ele a semana passada.

-Vais apostar no combate dele com o Lou Domenic? - Claro. Vou apostar dez notas grandes.

- Que hipóteses tens para apostar?

-Dez para um. Mas qual é o problema? O Rizzoli é um vencedor à partida.

Tony Rizzoli não estava certo do significado da conversa. Foi ter com o irmão mais velho, Gino, e contou-lhe.

-Puxa!-exclamou o irmão. -Esses tipos estão a apostar muita massa em ti.

- Mas porquê? Eu não sou profissional. Gino pensou durante um momento.

-Tu nunca perdeste nenhum combate, pois não, Tony?

-Não.

- O que provavelmente aconteceu é que eles fizeram umas apostazitas de brincadeira, e depois quando viram o que tu conseguias fazer começaram a apostar para valer.

O rapaz mais novo encolheu os ombros. -Isso para mim não significa

nada. Gino tomou-lhe o braço e disse com empenho.

-Podia significar muito. Para nós dois. Presta atenção, criança...

O combate com Lou Domenic realizou-se no Ginásio de Stillman numa tarde de sexta-feira, e todos os rapazes estavam lá -Frank Costello, JoeAdonis, Albert Anastasi, Lucky Luciano e Meyer Lansky. Gostaram de ver os rapazes combater, mas do que gostaram ainda mais foi o fato de terem achado uma maneira de ganhar dinheiro à custa dos miúdos. Lou Domenic tinha dezessete anos, era um ano mais velho que Tony e pesava mais dois quilos. Mas não era parceiro para enfrentar a aptidão para o boxe e o instinto assassino que Rizzoli possuía.

O combate teve cinco rounds. O primeiro assalto foi facilmente ganho pelo jovem Tony. O segundo assalto também foi para ele. E o terceiro. Os chefes de quadrilha já faziam contas.

- O miúdo vai ser um campeão mundial - exultou Lucky Luciano. - Quanto é que apostaste nele?

-Dez mil- respondeuFrank Costello.-As melhores diferenças que consegui foi de quinze para um. O miúdo já tem fama.

E repentinamente, o inesperado aconteceu. A meio do quinto assalto, Lou Domenic pôs Tony Rizzoli fora de combate com um soco de baixo para cima. O juiz começou a contar... muito lentamente, olhando apreensivamente para o público de rostos petrificados,

-Põe-te de pé, meu sacaninha-gritou Joe Adonis. -Levanta-te e luta!

A contagem prosseguiu, e, mesmo a esse ritmo lento, chegou finalmente aos dez. Tony Rizzoli estava ainda no tapete, derrotada e frio. - Cabrão de merda. Um murro de sorte.

Os homens começaram a somar os prejuízos. Eram substanciais. Tony Rizzoli foi levado para um dos vestiários por Gino. Tony mantinha os olhos ligeiramente fechados, com receio de que pudessem descobrir que estava consciente e lhe fizessem algo de terrível. Só quando estava em segurança em casa é que começou a relaxar. -Conseguimos! -gritou

o irmão excitadamente. -Sabes quanto dinheiro fizemos? Quase mil dólares.

-Não percebo, Eu...

-Eu pedi dinheiro emprestado aos usurários para apostar no Domenico e consegui diferenças de quinze para um. Estamos ricos. - Eles não vão

aos arames? - perguntou Tony. Gino sorriu. -Nunca saberão.

No dia seguinte quando Tony Rizzoli saiu da escola uma enorme limousine preta estava à espera na curva. Lucky Luciano estava no banco traseiro. Fez sinal ao rapaz para que viesse até ao carro.

- Entra.

O coração de Tony começou a bater com força.

- Não posso, senhor Luciano, Estou atrasado para... -Entra.

Tony Rizzoli entrou na limousine. Lucky Luciano disse ao motorista:

- Dê uma volta ao quarteirão.

Graças a Deus que não o levavam para um passeio! Luciano virou-se para o rapaz,

-Tu simulaste um knock out.-disse ele categoricamente. Rizzoli corou.

-Não, senhor, eu...

-Não me venhas com tretas. Quanto é que tu ganhaste no combate?

-Nada, senhor Luciano. Eu...

-Vou perguntar-te mais uma vez. Quanto é que tu ganhaste por teres simulado knock out?

O rapaz hesitou. -Mil dólares. Lucky Luciano riu-se.

-Isso é deitar água a pintas. Mas acho que para um.., que idade tens?

-Quase dezesseis,

-Acho que para um miúdo de dezesseis anos isso não é mau. Sabes que por tua causa eu e os meus amigos perdemos uma data de massa.

- Eu peço desculpa. Eu...

-Esquece. És um rapaz inteligente. Tens futuro, - Obrigado.

-Eu não vou dizer nada sobre o assunto, Tony, caso contrário os meus amigos cortam-te os tomates e obrigam-te a comê-los. Mas quero que me venhas ver na segunda feira. Nós os dois vamos trabalhar juntos, Uma semana depois, Tony Rizzoli estava a trabalhar para Lucky Luciano. Rizzoli começou como agente de apostas, e depois como cobrador. Era brilhante e rápido e com o tempo esforçou-se para ser o representante de Luciano. Quando Lucky Luciano foi preso, condenado e enviado para a prisão, Tony Rizzoli permaneceu na

organização de Luciano. As Famílias estavam envolvidas no jogo, na usura, na prostituição e em tudo o mais que desse lucro ilegal. O tráfico de drogas era geralmente desaprovado, mas alguns dos membros insistiam em envolver-se, e as Famílias relutantemente davam-lhes autorização para organizar o tráfico de drogas sozinhos. A ideia tornou-se numa obsessão para Tony Rizzoli. Do que vira, as pessoas que andavam no tráfego de drogas estavam completamente desorganizadas. "Estava cada um a trabalhar para seu lado. Com o cérebro e o músculo certo por três..." Tomou a decisão. Tony Rizzoli não era homem para entrarem nada acidentalmente. Começou a ler tudo o que conseguia encontrar sobre heroína. A heroína estava a tornar-se rapidamente na rainha dos narcóticos. A marijuana e a cocaína provocavam uma ida às nuvens", mas a heroína criava um estado de completa euforia, sem dor, sem problemas, sem cuidados. As pessoas escravizadas pela heroína estavam dispostas a vender tudo o que possuíssem, roubar qualquer coisa ao seu alcance, cometer qualquer crime. A heroína tornou-se a sua religião, a sua razão de ser. A Turquia era um dos principais cultivadores da papoula de que a heroína derivava. A Família tinha contatos na Turquia, de forma que Rizzoli teve uma conversa com Pete Luca, um dos cabos.

-Eu vou meter-me no negócio-disse Rizzoli. -Mas tudo o que eu fizer será pela Família. Quero que saibam isso.

-Tu és um bom rapaz, Tony.

-Eu gostava de ir à Turquia para ver como são as coisas. Pode tratar do caso?

O velho hesitou,

-Vou entrarem contato. Mas eles não são como nós, Tony, Eles não têm princípios. São animais. Se não confiarem em ti, matam-te. -Terei cuidado.

-Tem mesmo.

Duas semanas depois, Tony Rizzoli estava a caminho da Turquia. Viajou para Esmirna, Afyon e Eskisehir, as regiões onde as papoulas crescem, e no começo Rizzoli foi cumprimentado com grande desconfiança. Era um estranho, e os estranhos não são bem-vindos.

-Nós vamos fazer muitos negócios juntos-disse Rizzoli. -Eu gostava de dar uma vista de olhos pelos campos de papoulas. Um encolher de ombros.

-Não sei nada de campos de papoulas. Você está a perder o seu tempo. Vá para casa.

Mas Rizzoli estava determinado. Fizeram-se meia dúzia de chamadas e trocaram-se telegramas em código. Por fim, em Kilis, na fronteira turco-síria, foi autorizado a assistir à colheita do ópio na quinta de Carella, um dos grandes proprietários de terras.

-Não percebo -disse Tony. -Como é que se pode obter ópio a partir de uma porcaria de uma flor?

Um cientista de casaco branco explicou-lhe.

-Há vários passos, senhor Rizzoli. A heroína é sintetizada a partir do ópio, o qual é feito através do tratamento de morfina com ácido acético. A heroína é derivada de uma classe particular de papoulas designada Papauer Somniferum, a flor do sono. A origem do ópio vem do grego opos, que significa suco,

- Percebi.

Durante o tempo da colheita, Tony foi convidado a visitar a propriedade principal de Carella. Cada membro da família de Carella estava munido de uma çizgi biçak, uma faca em forma de bisturi, destinada a fazer uma incisão perfeita na planta, Carella explicou:

-As papoulas têm de ser colhidas num período de vinte e quatro horas ou a planta está arruinada.

Havia nove membros na família e cada um trabalhava freneticamente para garantir a colheita a tempo. O ar estava cheio de fumos que provocavam sonolência.

Rizzoli sentiu-se grogue.

-Tenha cuidado-advertiu Carella. -Mantenha-se acordado. Se se deitar no campo, não voltará a levantar-se.

As janelas e as portas da casa da quinta mantinham-se firmemente fechadas durante o período de vinte e quatro horas da colheita. Depois da apanha das papoulas, Rizzoli viu a goma branca e pegajosa transformada a partir de uma base de morfina em heroína num laboratório nas colinas.

-Então, é assim, hein? Carella sacudiu a cabeça,

-Não, meu amigo. Isto é apenas o começo. Fazer a heroína é a parte mais fácil, A habilidade é transportá-la sem sermos apanhados.

Tony Rizzoli sentiu uma excitação crescer dentro de si. Era aqui que os seus conhecimentos iam sobrepor-se. Até agora, o negócio tinha sido dirigido por trapalhões. Agora ele ia mostrar-lhes como um profissional operava.

-Como é que movimenta o produto?

-Há muitas maneiras. Caminhão, autocarro, comboio, carro, mula, camelo...

-Camelo...?

-Costumávamos contrabandear heroína em latas dentro da barriga dos camelos, até que os guardas começaram a usar detectores de metal. De forma que mudámos para sacos de borracha. No fim da viagem matamos os camelos. O problema é que por vezes os sacos rebentam no interior dos camelos, e os animais arrastam-se até à fronteira como se estivessem bêbados. Por isso os guardas descobriram. - Qual é a rota que usam?

-Por vezes, a heroína segue de Aleppo, Beirute e Istambul para Marselha. Às vezes as drogas vão de Istambul para a Grécia, depois para a Sicília através da Córsega e de

Marrocos e cruzam o Atlântico.

- Agradeço a sua cooperação -disse Rizzoli. -Vou contar aos rapazes. Tenho mais um favor a pedir-lhe.

- Sim?

-Eu gostava de acompanhar o próximo envio. Houve uma longa pausa.

- Isso pode ser perigoso.

- Eu arrisco.

Na tarde seguinte, Tony Rizzoli foi apresentado a um bandido enorme e corpulento, com um grandioso e gracioso bigode e um corpo que parecia um tanque.

- Este é o Mustafa de Afyon. Em turco, afyon significa ópio. O Mustafa é um dos nossos melhores contrabandistas.

-Uma pessoa tem de ser competente-disse Mustafa modestamente. -Há muitas perigos.

Tony Rizzoli deu um sorriso largo. -Mas vale a pena o risco, hein? Mustafa disse corn dignidade;

-Você está a falar de dinheiro. Para nós, o ópio é mais do que uma plantação de dinheiro. Há uma mística em relação a ele. É a única

plantação que é mais do que apenas comida. A seiva branca da planta é um elixir dado por Deus que é um medicamento natural quando tomado em pequenas quantidades. Pode ser tomado, ou aplicado diretamente sobre a pele e cura a maioria dos sofrimentos comuns, perturbações no estômago, gripes, dores, sofrimento, distensões. Mas tem de ser cuidadoso. Se o tomar em grandes quantidades, não apenas irá perturbar os sentidos, como lhe roubará a sua potência sexual, e na Turquia poderá destruir tanto a dignidade de um homem como a impotência.

- Certo. Tem toda a razão.

A viagem desde Afyon teve início à meia-noite. Um grupo de fazendeiros, caminhando numa só fila por entre a noite escura, vieram encontrar-se com Mustafa. As mulas estavam carregadas com ópio, 350 quilos amarrados às costas de sete robustas mulas. O odor doce e pungente do ópio, como se de feno úmido se tratasse, pairava no ar por entre os homens. Havia uma dúzia de fazendeiros que tinham vindo tomar conta do ópio na transação com Mustafa. Cada fazendeiro estava armado com uma espingarda.

-Temos de ser cuidadosos nos dias de hoje-disse Mustafa a Rizzoli.- Temos a Interpol e muitas outras polícias à nossa procura. Nos velhos tempos tinha mais piada. Costumávamos transportar ópio através de uma aldeia ou da cidade num caixão forrado em preto. Era uma visão generosa ver as pessoas e os polícias na rua tirarem os chapéus e a cumprimentarem em sinal de respeito quando um caixão de ópio passava por perto.

A província de Afyon fica no centro da parte ocidental da Turquia no sopé das Montanhas

Sultan num planalto, remota e virtualmente isolada das principais cidades da nação.

-Este terreno é muito bom para o nosso trabalho - disse Mustafa. -Não é fácil encontrarem-nos.

As mulas movimentavam-se lentamente através das montanhas desoladas, e à meia-noite do terceiro dia chegaram à fronteira turco- síria. Ali foram recebidos por uma mulher vestida de negro. Conduzia um cavalo que transportava um inocente saco de farinha, e havia uma corda de cânhamo presa frouxamente ao aro da sela. A corda roçava atrás do cavalo, mas nunca tocava no chão. Era uma corda comprida, com sessenta metros de comprimento. Uma extremidade estava amarrada ao cavalo e a outra era suspensa por Mustafa e pelos quinze

contrabandistas contratados que o seguiam. Caminharam agachados, cada um curvado junto ao chão, uma mão segurando a linha da corda e a outra agarrando um saco de juta com ópio. Cada saco pesava quinze quilos. A mulher e o cavalo atravessavam um extensão de terreno armadilhado com minas contra pessoal, mas havia um caminho que fora aberto por um pequeno rebanho de carneiros que cruzara a área anteriormente. Se a corda caísse à terra, a folga era um sinal a Mustafa e aos outros de que havia gendarmes lá em cima. Se a mulher fosse levada para interrogatório, então os contrabandistas avançariam em segurança através da fronteira. Atravessaram em Kilis, o posto fronteiriço, que estava fortemente minado. Uma vez para lá da área controlada pelas patrulhas de gendarmes, os contrabandistas foram até à zona-tampão com cinco quilômetros de largura, até chegarem ao ponto de encontro, onde foram cumprimentados pelos contrabandistas sírios. Puseram os sacos de ópio no chão e foram presenteados com uma garrafa de raki, que os homens passaram entre si. Rizzoli observou o ópio ser pesado, feito em montes, amarrado e preso aos dorsos de uma dúzia de burros sírios todos sujos, O trabalho estava feito. "Muito bem", pensou Rizzoli. "Agora vamos ver como é que trabalham os rapazes da Tailândia. A próxima paragem de Rizzolifoi Banguecoque. Depois de as suas credenciais terem sido estabelecidas, foi autorizado a embarcar num navio de pesca tailandês que transportava drogas embrulhadas em folhas de polietileno embaladas dentro de tambores de parafina vazios, com argolas na tampa. Assim que os barcos se aproximavam de HongKong eles atiravam os tambores numa fila ordenada água rasa que circundava Lima e das Ilhas do Ladrone, onde era simples para um barco de pesca de Hong Kong apanhá-los com um arpão.

-Nada mau-disse Rizzoli. "Mas tem que haver uma maneira melhor."

Os cultivadores referiam-se à heroína como "H" e "cavalo", mas para Tony Rizzoli a heroína era ouro. Os lucros estavam a aumentar devagar. Os camponeses que cultivavam o ópio crú recebiam 350 dólares por quilo, mas quando o ópio era processado e vendido nas ruas de Nova Iorque, o seu valor tinha subido para 250.000 dólares.

É tão fácil", pensou Rizzoli. Carella tinha razão. A habilidade não é apanhar,"

Isso fora no início, dez anos antes. Mas agora era mais difícil. A Interpol, a polícia

internacional, colocara recentemente o tráfico de

droga no topo da lista, Todos os navios que saíam dos principais portos traficantes e parecessem mesmo minimamente suspeitos eram visitados e revistados, Foi por isso que Rizzoli procurara Spyros Lambrou. A sua frota estava fora de suspeita. Era improvável que a polícia revistasse um dos seus navios cargueiros. Mas o cabrão recusara-o. "Hei-de arranjar outra maneira,Tony Rizzoli", pensou. "Mas tenho que arranjar rapidamente."

- Catherine, estou a perturbá-la? Era meia-noite.

- Não, Costa, É agradável ouvir a sua voz. - Está tudo a correr bem?

- Sim, graças a si. Estou realmente a gostar do meu emprego. - Ótimo. Vou a Londres dentro de algumas semanas. Estou ansioso por vê-la.

-"Cuidado. Não vás tão depressa. " -Quero informar-me sobre algum do pessoal da companhia.

- Muito bem.

- Então, boa noite. -Boa noite. Desta vez foi ela que lhe telefonou.

-Costa, não sei o que dizer. O medalhão é lindíssimo. Não devia ter...

-É uma pequena lembrança, Catherine. A Evelyn disse-me que você a ajuda bastante. Apenas quis exprimir o meu agradecimento.

É tão fácil", pensou Demiris. Pequenas ofertas e lisonjeios. Mais tarde: Eu e a minha mulher vamos separar-nos. Depois a fase do "sinto-me tão sozinho".

Uma vaga conversa sobre casamento e um convite para a ilha dele no iate. A rotina nunca falhava, "Isto vai ser particularmente excitante", pensou Demiris, "porque vai ter um significado diferente. Ela vai morrer." Telefonou a Napoleão Chotas. O advogado ficou encantado por ouvi-lo.

-Já faz bastante tempo, Costa. Vai tudo bem? - Sim, obrigado. Preciso de um favor.

- Claro.

-A Noelle Page possuía uma pequena villa em Rafina. Quero comprá- la para mim, sob o nome de outra pessoa.

- Certamente. Vou mandar um dos meus advogados... - Quero que trate do caso pessoalmente.

Houve uma pausa.

-Muito bem. Tomarei conta do assunto. -Obrigado.

Napoleon Chotas deixou-se ficar sentado, a olhar para a telefone. A villa foi o ninho de amor onde Noelle Page e Larry Douglas tinham consumado o seu romance. Para que o queria Constantin Demiris? O tribunal de Arsakion na baixa de Atenas é um edifício de

pedra grande e cinzento que ocupa todo o quarteirão da Rua da Universidade e Strada. Das trinta salas de audiência do edifício apenas três estão reservadas aos julgamentos criminosos: salas 21, 30 e 33. Por causa do interesse enorme gerado pelo julgamento do assassínio de Anastasia Savalas, estava a realizar-se na sala 33. A sala de audiências tinha noventa metros por quinze de largo, e os bancos estavam divididos em três blocos, distantes dois metros uns dos outros, com nove bancos de madeira em cada fila. Na frente da sala havia um estrado elevado atrás de uma divisória de mogno, com cadeiras de costas altas para os três juízes que iam presidir. Em frente do estrado estava o banco das testemunhas, uma pequena plataforma elevada sobre a qual estava fixada uma estante de leitura, e contra a parede do fundo estava a banca dos jurados, ocupada agora pelos seus dez membros. Diante da banca do réu estava a mesa dos advogados. O julgamento do assassínio era assaz espetacular em si próprio, mas o prato-forte era o fato de que a defesa ia ser conduzida por Napoleon Chotas, um dos proeminentes advogados criminais do mundo. Chotas só aceitava casos de assassínio, e tinha um recorde de sucessos espetacular. Corria o boato de que os seus honorários eram de milhões de dólares. Napoleon Chocas era um homem magro de aspecto macilento com os olhos grandes e tristes de um cão de caça num rosto ondulado. Vestia-se mal, e a sua aparência física em nada contribuía para inspirar confiança. Mas, por detrás dos seus modos vagamente atarantados, escondia-se uma mente brilhante e mordaz. A imprensa especulara furiosamente sobre a razão por que Napoleon Chotas aceitara defender a mulher que ia ser julgada. Ele nunca poderia ganhar a questão. Fizeram-se apostas em como seria a primeira derrota de Chotas. Peter Demonides, o advogado de acusação, já se confrontara com Chotas antes, e -embora nunca o admitisse, mesmo a si próprio - espantava-se com a arte de Chotas, Desta vez, contudo, Demonides sentia que tinha pouco com que se preocupar. Se alguma vez houve um processo de assassínio de solução prevista, era o julgamento de Anastasia Savalas. Os fatos eram simples: Anastasia Savalas era uma jovem e bela mulher casada com um homem rico de nome George Savalas, que era trinta anos mais

velho do que ela. Anastasia tinha tido um caso com o jovem motorista, Josef Pappas, e, segundo as testemunhas, o marido ameaçara divorciar- se de Anastasia e excluí-la do testamento. Na noite do assassínio, ela dispensara os criados e preparara o jantar para o marido. George Savalas estava constipado. Durante o jantar, teve um ataque de tosse, A mulher trouxera-lhe o frasco do xarope. Savalas tomara um gole e caíra morto. Um caso de abrir e fechar. A sala 33 encheu-se de público logo pela manhã. Anastasia Savalas estava sentada na mesa do réu, trajando saia e blusa simples de cor preta, sem jóias e muito pouca maquilagem. Ela estava espantosamente bela. O advogado de acusação, Peter Demonides, dirigia-se ao júri.

-Meus senhores e minhas senhoras. Por vezes, num caso de assassínio, um julgamento dura até trës ou quatro meses, Mas não me parece que nenhum dos senhores tenha de preocupar-se em ficar aqui esse espaço de tempo. Quando tiverem conhecimento dos

fatos neste caso, tenho a certeza de que concordarão, sem dúvida, que só há um veredito possível, assassínio do primeiro grau. O estado provará que a ré assassinou intencionalmente o marido, porque o mesmo ameaçara divorciar-se quando descobriu que ela tinha um caso com o motorista da família. Provaremos que a ré teve o motivo, a oportunidade e os meios para levar a cabo o seu plano a sangue frio. Obrigado.

- Ele voltou ao seu lugar.

O juiz-presidente voltou-se para Chotas.

-O advogado de defesa está preparado para fazer a declaração de abertura?

Napoleon Chotas ergueu-se lentamente.

-Sim, Meritíssimo.-Moveu-se até à banca dos jurados com um andar incerto e arrastando os pés. Ficou ali a pestanejar para eles, e quando falou foi quase como se estivesse a falar consigo próprio.

-A minha vida já vai longa, e aprendi que não há homem ou mulher que possa ocultar um mau caráter. Revela-se sempre. Certo poeta disse um dia que os olhos são as janelas da alma. Acredito que seja verdade. Desejo, senhoras e senhores, que olhem bem dentro dos olhos da ré. Nunca acharia ela dentro do seu coração motivo para matar alguém, Napoleon Chotas ficou ali um momento como se tentando pensar em algo mais para dizer, depois arrastou-se de volta para o seu lugar. Peter Demonides ficou tomado de uma sensação repentina de triunfo. "Meu

Deus. Essa foi a abertura mais fraca que eu já ouvi na vida! O velho já perdeu."

-O advogado de acusação está preparado para chamar a primeira testemunha?

-Sim, Meritíssimo. Gostaria de chamar Rosa Lykourgos. Uma mulher de meia-idade e de porte pesado levantou-se do banco do público e caminhou com determinação até ao cimo da sala de audiências. Fez o juramento.

- Senhora Lykourgos, qual a sua profissão?

-Eu sou a governanta...-Ficou com a voz embargada.-Eu era a governanta do senhor Savalas.

- Do senhor George Savalas ? -Sim, senhor.

- E importa-se de dizer-nos quanto tempo foi empregada do senhor Savalas ?

-Vinte e cinco anos.

- Mas isso é muito tempo. Gostava do seu patrão? -Ele era um santo,

- Era empregada do senhor Savalas no primeiro casamento? -Era sim, senhor. Eu estava na campa com ele quando a esposa foi enterrada.

- Seria legítimo dizer-se que tinham uma boa relação? -Eles estavam loucamente apaixonados um pelo outro.

Peter Demonides olhou por cima para Napoleon Chotas, à espera do seu protesto quanto à linha de interrogatório, Mas Chotas deixou-se ficar, aparentemente perdido em pensamentos. Peter Demonides prosseguiu.

-E trabalhava para o senhor Savalas durante o segundo casamento, com Anastasia Savalas

- Oh, sim, senhor. Claro que sim. - Ela dizia as palavras com veemência.

-A senhora diria que era um casamento feliz?-Olhou uma vez mais de relance para Napoleon Chotas, mas não houve reação. - Feliz? Não, senhor. Brigavam que nem cão e gato. -Testemunhou alguma dessas brigas?

-Uma pessoa não podia evitar. Podia-se ouvi-los por toda a casa.,. e a casa é bem grande.

-Vejo que se tratavam de brigas verbais, e não físicas. Isto é, o senhor Savalas nunca bateu na mulher?

-Oh, claro que eram físicas. Mas era ao contrário, a senhora é que batia nele. O senhor Savalas estava a ficar velho, e o pobrezito já não se aguentava nas canetas.

- Viu mesmo a senhora Savalas bater no marido?

- Mais do que uma vez. - A testemunha olhou para Anastasia Savalas, e havia uma satisfação cruel na sua voz.

-Senhora Lykourgos, na noite em que o senhor Savalas morreu, que pessoal trabalhava na casa?

-Nenhum.

Peter Demonides deixou que a sua voz exprimisse surpresa. -Quer dizer que numa casa que a senhora diz ser tão grande não havia nenhum membro do pessoal na casa? O senhor Savalas não tinha cozinheira, ou uma criada... um mordomo...?

- Oh, sim, senhor. Tínhamos de tudo. Mas a senhora disse a todos que tirassem a noite de folga, Disse que queria ela própria fazer o jantar do marido. Ía ser uma segundá lua-de-mel. -A última observação foi dita com um resfôlego.

- Então a senhora Savalas livrou-se de toda a gente?

Desta vez, foi o juiz-presidente que olhou para Napoleon Chotas, à espera que ele protestasse. Mas o advogado manteve-se sentado, preocupado.

O juiz-presidente virou-se para Demonides.

- O advogada de defesa deve deixar de conduzir a testemunha. -Peço desculpa, Meritíssimo. Eu reformulo a pergunta. Demonides aproximou-se mais da senhora Lykourgos.

- Está a dizer que numa noite em que os membros do pessoal deveriam estar ordinariamente todos em casa a senhora Savalas ordenou que toda a gente saísse para

que ela pudesse ficar sozinha com o marido?

- Sim, senhor. E o pobrezinho estava com uma terrível constipação.

-A senhora Savalas cozinhava muitas vezes o jantar do marido? A senhora Lykourgos desdenhou.

- Ela? Não, senhor. Ela não. Ela nunca levantou um dedo para fazer

nada lá em casa.

E Napoleon Chotas mantinha-se sentado, ouvindo como se fosse um mero espectador.

-Obrigado, senhora Lykourgos. A senhora foi uma grande ajuda. Peter Demonides virou-se para Chotas, tentanto ocultar a sua satisfação. O testemunho da senhora Lykourgos tivera um efeito perceptível sobre os jurados. Todos lançaram olhares desaprovadores para a ré. Vamos ver como é que o velho descalça esta bota.

-A testemunha é sua.

Napoleon Chotas ergueu um olhar de relance. -O quê? Oh, não tenho perguntas.

O juiz-presidente olhou para ele surpreso.

-Senhor Chotas... não deseja contra-interrogar a testemunha? Napoleon Chotas levantou-se.

-Não, Meritíssimo. Parece uma mulher perfeitamente honesta. - Voltou a sentar-se.

Peter Demonides não acreditava na sua sorte, "Meu Deus", pensou, "ele nem sequer oferece luta. O velho está mesmo acabado." Demonides saboreava já a vitória.

O juiz-presidente virou-se para o advogado de acusação. -Pode chamar a próxima testemunha.

- O estado gostaria de chamar Josef Pappas.

Um homem novo, alto, bonito e de cabelo escuro levantou-se do banco do público e caminhou até ao banco das testemunhas. Fez o juramento, Peter Demonides começou.

-Senhor Pappas, queira por favor dizer-nos qual é a sua profissão.

-Sou motorista. -Encontra-se empregado? - Não.

-Mas esteve empregado até há pouco. Isto é, esteve empregado até à morte de George Savalas?

-Verdade.

- Durante quanto tempo foi empregado da família Savalas? -Pouco mais de um ano.

-Era um trabalho agradável?

Josef Pappas olhava para Chotas, espera que ele viesse salvá-lo.

Houve apenas silêncio.

-Era um emprego agradável, senhor Pappas? -Acho que era um trabalho razoável.

- Tinha um bom salário? -Tinha.

- Então não acha que o emprego era mais que razoável?

- Quero dizer, não havia uns extras que eram oferecidos? O senhor não dormia regularmente com a senhora Savalas? Josef Pappas olhou para Napoleon Chotas à procura de ajuda. Mas não houve nenhuma.

-Eu... Sim, senhor. Acho que sim.

Peter Demonides era fulminante no seu escárnio.

-Acha que sim? Está sob juramento. Teve um caso com ela ou não teve. Em que ficamos?

Pappas contorcia-se no lugar. -Tivemos um caso.

-Apesar de trabalhar para o marido dela... de ser generosamente pago por ele e viver debaixo do seu teto?

- Sim, senhor.

-Não lhe incomodava receber o dinheiro do senhor Savalas semana após semana enquanto tinha um caso com a mulher dele?

- Não era apenas um caso.

Peter Demonides engodou a armadilha cuidadosamente. -Não era apenas um caso? Que pretende dizer com isso? Receio não estar a perceber.

-Quero dizer, eu e a Anastasia tínhamos intenção de casar. Houve um murmúrio de surpresa na sala de audiências. Os jurados olhavam fixamente para a ré.

- O casamento foi idéia sua ou da senhora Savalas ? - Bem, o desejo era de ambos.

- Quem o sugeriu?

-Acho que foi ela. -Ele olhou para o lugar onde Anastasia Savalas se sentava. Ela devolveu-lhe o olhar sem vacilar.

-Com franqueza, senhor Pappas, estou intrigado. Como é que o senhor esperava casar-se? A senhora Savalas já tinha marido, não tinha? Tencionava esperar que ele morresse de velhice? Ou tivesse um acidente fatal de alguma espécie? Que tinha em mente ao certo?

As perguntas eram tão excitantes que a acusação e os três juízes olharam na direção de Napoleon Chotas, aguardando que o mesmo vociferasse um protesto. Mas o advogado de defesa estava entretido afazer desenhos numa folha de papel, sem prestar atenção. Anastasia Savalas começava também a ficar preocupada. Peter Demonides pressionou a sua vantagem.

- O senhor não respondeu à minha pergunta, senhor Pappas. Josef Pappas mexia-se desconfortavelmente na cadeira.

- Não sei ao certo.

A voz de Peter Demonides foi uma chicotada.

- Então deixe-me que lhe diga ao certo. A senhora Savalas planejava matar o marido para afastá-lo do caminho. Ela sabia que o marido ia excluí-la do testamento, e que ela ficaria sem nada. Ela...

-Protesto! -Não veio de Napoleon Chotas, mas do juiz-presidente. -O senhor está a pedir que a testemunha especule.

Ele olhou para Napoleon Chotas, surpreendido com o silêncio do advogado. O velho homem permanecia sentado no banco, os olhos semicerrados.

-Peço desculpa, Meritíssimo, -Mas ele sabia que tinha dito O que queria. Peter Demonidesvirou-se para Chotas.-A testemunha é sua.

Napoleon Chocas levantou-se.

- Obrigado, senhor Demonides. Não tenho perguntas.

Os três juízes viraram-se para se entreolharem, intrigados. Um deles falou:

-Senhor Chotas, está consciente de que esta é a sua única oportunidade para contra-interrogar a testemunha?

Napoleon Chotas pestanejou. -Sim, Meritíssimo.

-Em vista do depoimento que fez, não lhe deseja fazer quaisquer perguntas?

Napoleon Chotas acenou uma mão no ar e disse, vagamente: -Não, Meritíssimo.

O juiz suspirou.

-Muito bem. A acusação pode chamar a próxima testemunha. A testemunha seguinte era Mihalis Haritonides, um homem corpulento

de sessenta e tal anos:

Depois de Haritonides prestar juramento, o advogado de defesa perguntou:

- Queira informar o tribunal da sua ocupação. - Sim, senhor. Sou gerente de hotel. - Diga-nos o nome do hotel,

-Argos.

-E onde fica o hotel? - Em Corfu.

-Vou perguntar-lhe, senhor Haritonides, se alguém que se encontre nesta sala alguma vez se alojou no seu hotel.

Haritonides olhou em volta e disse: -Sim, senhor. Ele e ela.

-Que fique em ata que a testemunha está a apontar para Josef Pappas e Anastasia Savalas. -Voltou-se de novo para a testemunha. - Ficaram no seu hotel mais do que uma vez?

-Oh, sim, senhor. Estiveram lá meia dúzia de vezes, pelo menos. -E passavam as noites lá, juntos, no mesmo quarto? -Passavam, sim. Vinham geralmente passar o fim-de-semana. - Obrigado, senhor Haritonides. -Olhou para Napoleon Chotas. -A testemunha é sua.

-Não tenho perguntas.

O juiz-presidente virou-se para os outros dois juízes, e entre si sussurraram por uns momentos.

O juiz-presidente olhou para Napoleon Chotas.

-Não tem perguntas para esta testemunha, senhor Chotas ? -Não, Meritíssimo. Acredito no depoimento que fez. Um belo hotel. Eu próprio já lá me hospedei.

O juiz-presidente olhou fixamente para Napoleon Chotas durante um longo momento. Depois virou-se para a acusação.

- O estado pode chamar a sua próxima testemunha.

- O estado gostava de chamar o doutor Vassilis Frangescos. Um homem alto de aspecto distinto levantou-se e caminhou para o banco das testemunhas. Prestou juramento.

-Doutor Vassilis Frangescos, queira ter a bondade de dizer a este tribunal que espécie de medicina pratica.

- Sou médico de clínica geral,

- É o mesmo que médico de família?

- Sim, é uma forma diferente de o expressar. -Há quanto tempo é médico?

-Há quase trinta anos.

-E tem autorização oficial, claro. - Claro.

- Doutor Frangescos, George Savalas foi seu doente? - Foi, sim.

- Por quanto tempo?

-Um pouco mais de dez anos,

- E o senhor andava a tratá-lo de algum problema específico? -Bem, da primeira vez que o vi, ele consultara-me porque tinha a tensão alta.

-E o senhor tratou-o? - Sim.

- Mas o senhor viu-o depois disso?

- Oh, sim. Ele costumava vir à consulta de tempos a tempos, quando tinha bronquite, ou alguma inflamação no fígado... nada de grave.

- Quando foi a última vez que observou o senhor Savalas? - Em Dezembro do ano passado.

- Foi pouco antes de ele ter morrido. -Verdade.

- Ele foi ao seu consultório?

-Não. Eu é que fui vê-lo a sua casa. -Costuma fazer consultas ao domicffio? -Não, geralmente não.

-Mas neste caso fez uma exceção. - Sim.

-Porquê?

O médico hesitou.

-Bem, ele não estava em condições de se deslocar ao consultório. -Em que condições é que ele estava?

- Tinha dilacerações, umas costelas partidas e uma corrupção. -Tinha sofrido algum acidente?

O doutor. Frangescos hesitou.

- Não. Disse-me que a esposa lhe tinha batido. Houve um arquejo audível na sala de audiências. O juiz-presidente disse, num tom zangado:

-Senhor Chotas, não vai protestar contra o fato de se registrarem em ata testemunhos auriculares?

Napoleon Chotas ergueu o olhar e disse brandamente. -Oh, obrigado, Meritíssimo. Sim, protesto. Mas, claro, o mal já estava feito. Os jurados olhavam agora para a defesa com hostilidade declarada.

-Obrigado, doutor Frangescos. Não tenho mais perguntas. Peter Demonides voltou-se para Chotas e disse presunçosamente:

-A testemunha é sua. -Não tenho perguntas.

Seguiu-se uma torrente contínua de testemunhas: uma criada que depôs que vira a senhora Savalas entrar nos aposentos do motorista em várias ocasiões... um mordomo

que depôs que ouvira George Savalas ameaçar divorciar-se da mulher e alterar o seu testamento.., vizinhos que ouviram as discussões barulhentas entre os Savalas. E, no entanto, Napoleon Chotas não teve quaisquer perguntas a fazer às testemunhas. A rede apertava-se rapidamente sobre Anastasia Savalas. Peter Demonides sentia já o brilho da vitória, Na imaginação via os títulos nos jornais. Este ia ser o julgamento de homicídio mais rápido da história. "O julgamento podia terminar mesmo hoje", pensou ele. "O famoso Napoleon Chotas é um homem derrotado,"

- Gostaria de chamar o senhor Niko Mentakis a depor. Mentakis era um homem novo, alto e diligente, que se exprimia de uma maneira lenta e cuidadosa.

-Senhor Mentakis, queira dizer a sua ocupação ao tribunal, por favor.

-Sim, senhor. Trabalho num viveiro,

-Que cultiva exatamente?

- Temos árvores e flores, e todas as espécies de plantas.

-Então o senhor é um entendido em coisas que se cultivam.

- Devo ser. Há muito tempo que faço isso.

-E ao que me parece uma das suas funções é garantir que as plantas que tem à venda se mantenham saudáveis?

-Isso, sim. Tratamo-las muito bem. Nunca venderíamos plantas doentes aos nossos clientes. A maior parte são regulares.

-Com isso o senhor quer dizer que são sempre os mesmos clientes que o procuram?

- Sim, senhor. -A sua voz estava orgulhosa. -Nós prestamos uma boa assistência.

- Diga-me, senhor Mentakis, a senhora Savalas era uma cliente

regular?

- Oh, era, sim. A senhora Savalas adora plantas e flores. O juiz- presidente disse impacientemente:

- Senhor Demonides, o tribunal não sente que esta linha de interrogatório seja pertinente. Queira mudar de assunto, ou...

-Se o tribunal permitir que eu termine, Meritíssimo, esta testemunha tem um ponto de vista muito importante sobre o caso.

O juiz-presidente olhou para Napoleon Chotas.

-Senhor Chotas, tem alguma objeção a fazer quanto a esta linha de interrogatório?

Napoleon Chotas ergueu o olhar e pestanejou. - O quê? Não, Meritíssimo.

O juiz-presidente fitou-o frustrado e depois voltou-se para

Peter Demonides.

-Muito bem. Pode prosseguir.

- Senhor Mentakis, a senhora Savalas procurou-o um dia em Dezembro e disse-lhe que algumas plantas lhe estavam a dar problemas?

- Sim, senhor. É verdade.

-Não é verdade que ela disse que uma infestação de insetos lhe estava a destruir as plantas?

-Disse, sim.

-E não lhe pediu algo que pusesse fim a isso? -Pediu, sim. Sim, senhor.

-Importava-se de dizer ao tribunal do que se tratava? -Vendi-lhe um pouco de antimônio.

-E importa-se de dizer ao tribunal exatamente o que é isso? -Um veneno, como o arsênico.

Houve um tumulto na sala de audiências.

O juiz-presidente bateu o seu martelo com força.

-Em caso de nova desordem, mandarei o oficial de justiça evacuar a sala. -Voltou-se para Peter Demonides. -Pode continuar com o interrogatório.

-Portanto, vendeu-lhe uma quantidade de antimônio. - Foi, sim.

- E diz o senhor que se trata de um veneno mortal? -Comparou-o ao arsênico.

- Oh, é, sim. É mesmo mortal.

-E deu baixa da venda no livro de registros, como manda a lei sempre que vende qualquer veneno?

- Dei, sim.

- E trouxe esses registros consigo, senhor Mentakis ?

-Sim, trouxe. -Entregou a Peter Demonides um livro-mestre. O advogado de acusação caminhou até aos juízes.

- Meritíssimos, gostaria que isto fosse etiquetado como "Prova Ap. Voltou-se para a testemunha.

-Não tenho mais perguntas. Olhou para Napoleon Chotas. Napoleon Chotas abanou a cabeça. -Não tenho perguntas.

Peler Demonides respirou fundo. Chegou a hora da sua bomba.

-Gostaria de mostrar a "Prova B". Virou-se para o fundo da sala e disse a um oficial de justiça que se encontrava junto à porta. - Trazia cá para dentro, por favor?

O oficial de justiça saiu apressado, e alguns momentos depois estava de volta com um frasco de xarope numa bandeja.

Faltava uma quantidade apreciável. Os espectadores observavam, fascinados, quando O oficial de justiça entregou o frasco ao advogado de acusação. Peler Demonides colocou-a sobre a mesa em frente dos juízes. Senhoras e cavalheiros, estão a olhar para a arma do crime. Esta é a arma que matou George Savalas. Este é o xarope que a senhora Savalas administrou ao marido na noite em que ele morreu. Está cheio de antimônio. Como podem ver, a vítima engoliu algum.., e vinte minutos depois estava morto. Napoleon Chotas levantou-se e disse num tom brando:

-Protesto. O advogado de acusação não tem meios para saber se foi exatamente esse o frasco medicado ao falecido. E Peler Demonides fechou a armadilha.

-Com todo o devido respeito pelo meu douto colega, a senhora Savalas confessou que deu este xarope ao marido na noite em que ele morreu, O frasco esteve guardado pela polícia até ser trazido a este tribunal há alguns minutos atrás. O médico-legista testemunhou que George

Savalas morreu por envenenamento de antimônio. Este xarope contra a tosse está cheio de antimônio.

-Olhou para Napoleon Chotas desafiadoramente. Napoleon Chotas sacudiu a cabeça derrotado.

- Então acho que não há dúvida.

Peler Demonides disse triunfantemente.

-Não há nenhuma. Obrigado, senhor Chotas. A acusação dá por encerrada a apresentação de provas,

O juiz-presidente voltou-se para Napoleon Chotas. -A defesa está pronta para o seu sumário? Napoleon Chotas levantou-se.

- Sim, Meritíssimo. Deixou-se ficar um longo momento. Depois lentamente caminhou em frente. Ficou diante da bancada dos jurados, coçando a cabeça como se estivesse a tentar calcular o que ia dizer. Quando finalmente começou, falou lentamente, buscando as palavras.

-Suponho que alguns dos senhores estejam a interrogar-se da razão por que não contra-interroguei nenhuma das testemunhas. Bem, para lhes dizer a verdade, pensei que o senhor Demonides fez um trabalho tão primoroso que eu não precisava de fazer nenhuma pergunta.

"O palerma está a defender o meu caso em meu nome", pensou Peler Demonides animadamente. Napoleon Chotas voltou-se para olhar o frasco de xarope durante um momento, depois virou-se de novo para os jurados.

-Todas as testemunhas pareceram muito honestas. Mas de fato não provaram nada, pois não? O que eu quero dizer ... - Sacudiu a cabeça.

-Bem, se somarmos tudo o que as testemunhas disseram, chegamos a uma só conclusão:

uma jovem bonita casa-se com um homem velho que provavelmente não conseguia satisfazê-la sexualmente. -Fez um sinal com a cabeça na direção de Josef Pappas. - Então ela encontrou um homem novo que conseguia. Mas isso nós soubemos pelos jornais, não é verdade? Não há segredos na sua ligação. Todas as pessoas sabiam da sua existência. Tem sido escrita em todas as revistas escabrosas do mundo. Ora, nós podemos não aprovar o comportamento dela, senhoras e cavalheiros, mas Anastasia Savalas não está aqui a ser julgada por adultério. Ela não se encontra neste tribunal porque tem desejos sexuais normais em qualquer mulher nova. Não, ela está a ser julgada neste tribunal por homicídio. Voltou-se para

olhar o frasco de novo, como se estivesse fascinado por ele. "Deixem o velho delirar", pensou Peler Demonides. Olhou de relance para o relógio de parede da sala. Faltavam cinco minutos para o meio-dia. Os juízes pediam sempre intervalo ao meio-dia. Nem sequer foi assaz esperto para esperar que o tribunal estivesse suspenso de novo. "Por que tive eu sempre medo dele?" Peler Demonides interrogava-se. Napoleon Chotas divagava.

-Vamos examinar as provas juntos, sim? Algumas plantas da senhora Savalas estavam doentes e ela importava-se o bastante com elas para querer salvá-las.

Procurou o senhor Mentakis, um perito em plantas, que a aconselhou a usar antimônio. De foc~ma que seguiu o conselho que ele lhe deu. E depoishá o depoimento da governanta, que disse que a senhora Savalas mandou todos os criados embora para poder ter um jantar de lua-de- mel com o marido, que ela ia preparar. Bem, o que eu acho é que a governanta estava provavelmente meio apaixonada pelo senhor Savalas. Não se trabalha para um homem durante vinte e cinco anos a não ser que se nutra sentimentos profundos por ele. Ela ressentia-se de Anastasia Savalas. Não viram isso no seu tom? - Chotas tossiu ligeiramente e aclarou a voz. -Portanto, assumamos que a ré, no fundo do coração, amava realmente o marido, e tentava desesperadamente fazer funcionar o casamento. Como é que uma mulher mostra a um homem que o ama? Bem, uma das maneiras mais básicas, julgo, cozinhar para ele. Não é uma forma de amor? Acho que sim. - Virou-se para olhar o frasco uma vez mais. - E outra não é tratar dele quando está doente." na doença e na saúde? O relógio da parede indicava que faltava um minuto para as doze horas. Minhas senhoras e meus senhores, eu disse-lhes quando O julgamento começou que analisassem o rosto desta mulher. Não é o rosto de uma assassina. Não são os olhos de uma matadora. Peter Demonides observou os jurados quando eles fitaram a ré. Nunca vira uma hostilidade tão declarada. Tinha o júri no bolso.

-A lei é muito clara, senhoras e senhores, Como serão informados pelos nossos Meritíssimos Juízes, para poderem entregar um veredito de culpa, não devem ter quaisquer dúvidas sobre a culpa da ré. Nenhuma.

Enquanto Napoleon Chotas falava, voltou a tossir, puxando um lenço do bolso para tapar a boca. Caminhou até ao frasco de xarope que

estava na mesa diante do júri.

-Espremendo bem as coisas, a acusação não provou realmente nada, pois não? Tirando o fato de que este é o frasco que a senhora Savalas entregou ao marido. A verdade é que o estado não tem nenhum caso.

Quando acabou a frase, teve um ataque de tosse. Inconscientemente, alcançou o frasco de xarope, levou-o aos lábios e tomou um gole enorme. Todos os presentes fixaram o olhar, hipnotizados, e houve um arquejo de horror. A sala de audiências estava num tumulto. O juiz- presidente disse alarmado: -Senhor Chotas..,

Napoleon Chotas tomou outro gole.

- Meritíssimo, o caso da acusação é uma chacota à justiça. George Savalas não morreu às mãos desta mulher. A defesa dá por encerrada a apresentação de provas.

O relógio bateu as doze. Um oficial de justiça caminhou apressado na direção do juiz-presidente e disse qualquer coisa em voz baixa. O juiz- presidente bateu o martelo.

-Ordem! Ordem! O tribunal está suspenso, O júri irá retirar-se e tentar chegar a um veredito. O tribunal voltará a reunir-se às duas horas, Peter Demonides permaneceu sentado, petrificado. Alguém tinha trocado as garrafas! Não, isso era impossível. Aprova estivera permanentemente guardada. Poderia o médico-legista ter-se enganado? Demonides voltou-se para falar ao seu assistente, e quando percorreu o olharem busca de Napoleon Chotas, este tinha desaparecido. Às duas horas, quando o tribunal se reuniu novamente, o júri entrou em fila lenta na sala de audiências e tomou os seus lugares. Napoleon Chotas estava ausente. O filho da puta morreu , pensou Peter Demonides. E exatamente no momento em que pensava nisso, Napoleon Chotas atravessou a porta, com um ar perfeitamente saudável. Todas as pessoas que estavam na sala se voltaram para fitá-lo, enquanto ele caminhava para o seu lugar. O juiz-presidente disse:

- Senhores jurados, chegaram a um veredito? O presidente do júri levantou-se. -Chegamos, Meritíssimo. A ré é inocente.

Houve uma explosão de aplausos espontânea por parte do público, Peter Demonides sentiu o sangue desaparecer-lhe do rosto. "O sacana voltou a vencer-me", pensou. Ergueu o olhar num relance e Napoleon Chotas estava a olhar para ele, com um sorriso largo. Afirma de Tritsis e Tritsis era indubitavelmente a firma de advogados mais prestigiosa

da Grécia. Os fundadores retiraram-se havia muito, e a firma pertencia a Napoleon Chotas. Havia meia dúzia de sócios, mas Chotas era o gênio lideraste. Sempre que pessoas endinheiradas eram acusadas de homicídio, os seus pensamentos invariavelmente voltavam-se para Napoleon Chotas. A sua folha de serviços era fenomenal. Nos anos que levava na defesa de pessoas acusadas de crimes capitais, Chotas marcara sucessos contínuos. O recente julgamento de Anastasia Savalas fora notícia em todo o mundo. Chotas defendera uma cliente naquele que toda a gente pensava tratar-se de um caso

bem definido de homicídio, e arrebatara uma vitória espetacular. Correra um grande risco ao aceitá-lo, mas soubera que era a única maneira para poder salvar a vida da sua cliente. Ria consigo próprio quando se lembrava dos rostos dos jurados ao vê-lo tomar um gole do xarope carregado com um veneno mortal. Tinha organizado cuidadosamente em termos de tempo o seu sumário de forma a ser interrompido exatamente às doze horas. Essa era a chave para tudo. Se os juízes tivessem alterado a sua rotina fixa e ido almoçar depois das doze horas... Estremeceu só de pensar no que teria acontecido. Como veio a acontecer, registara-se uma ocorre ncia inesperada que quase lhe custou a vida. Depois da interrupção, Chotas descia apressadamente o corredor quando um grupo de repórteres lhe bloqueou o caminho. -Senhor Chotas, como é que o senhor sabia que o xarope não estava envenenado...?

-Pode explicar-nos como...?

-Acha que alguém trocou os frascos.,.? -Anastasia Savalas tinha...?

Por favor, cavalheiros, lamento, mas tenho de responder a uma chamada da natureza, Terei todo o prazer em responder às vossas perguntas mais tarde. Apressou-se até à casa de banho dos homens que ficava ao fundo do corredor. Um letreiro na maçaneta dizia: AVARIADO. Um repórter disse:

-Parece que vai ter que encontrar outra casa de banho, Napoleon Chotas deu um sorriso largo.

-Não aguento mais. -Arrombou a porta à força, entrou e trancou-a atrás de si,

A equipa estava lá dentro à espera dele. O médico queixou-se:

-Já estava a ficar preocupado. O antimônio atua rapidamente.

-Disse asperamente o assistente.

-Prepare a bomba gástrica.

-Sim, doutor.

O médico virou-se para Napoleon Chotas.

-Deite-se no chão, Lamento, mas isto vai ser desagradável,

- Quando considero a alternativa - Napoleon Chotas deu um sorriso largo -, estou certo de que não me importo.

Os honorários de Napoleon Chotas para salvar a vida de Anastasia Savalas foram de um milhão de dólares, depositados numa conta bancária na Suíça. Chotas tinha uma casa palacial em Kolonarai - uma elegante área residencial de Atenas-, uma villa na ilha de Corfu e um apartamento em Paris na Avenida Foch, Feitas bem as contas, Napoleon Chotas tinha razões excelentes para estar satisfeito com a vida. Havia apenas uma nuvem no seu horizonte. Chamava-se Frederick Stavros, e era o membro mais recente de Tritsis e Tritsis. Os outros advogados da firma queixavam-se constantemente de Stavros.

-Ele é de segunda qualidade. Ol ugar dele não é numa firma como esta...

- Stavros quase deu cabo do meu caso, O homem é um idiota. -Já sabe o que o Stavros fez ontem no tribunal? O juiz quase o pôs de lá para fora..,

-Raios, por que não o despede? Ele aqui é uma quinta roda. Não precisamos dele, e ele está a prejudicar a nossa reputação. Napoleon Chocas estava bem consciente disso. E quase se sentiu tentado a deixar escapar a verdade: "não posso despedi-lo.~

Mas tudo o que dizia era:

-Dêem-lhe uma oportunidade. O Stavros vai sair-se bem. E foi tudo o que os sócios conseguiram tirar dele. Um filósofo disse um dia:

-Toma cuidado com o que desejas; podes consegui-lo. Frederick Stavros, o membro mais novo de Tritsis e Tritsis, conseguira o seu deseja, e isso fizera dele o homem mais infeliz da terra, Era incapaz de dormir ou comer, e o seu peso diminuíra alarmantemente.

-Tens de ir ao médico, Frederick-insistia a mulher. Estás com muito mau aspecto.

-Não, eu.,. de nada serviria.

Ele sabia que o seu mal não podia ser tratado por nenhum médico. A sua consciência matava-o, Frederick Stavros era um homem novo,

intenso, ansioso, ambicioso e idealista, Durante anos trabalhara num escritório pobre eri Monastiraki, a área pobre de Atenas, defendendo clientes indigentes, muitas vezes sem receber honorários. Quando conheceu Napoleon Chotas, a sua vida mudou da noite para o dia. Um ano antes, Stavros defendera Lorry Douglas, em julgamento com Noelle Page pelo homicídio da mulher de Douglas, Catherine. Napoleon Chotas fora contratado pelo poderoso Constantin Demiris para defender a sua amante. Desde o início, Stavros ficara feliz por Chatas ter-se encarregado de ambas as defesas. Ele estava espantado com o novo advogado.

-Devias ver o Chotas em ação - dizia ele à mulher. O homem é incrível. Quem me dera poder trabalhar na firma dele um d:.a. Quando o julgamento se aproximava do seu termo, houve uma alteração inesperada. Um Napoleon Chotas sorridente reuniu Noelle Page, Lorry Douglas e Frederick Stavros numa sala de audiências privada.

Chotas disse a Stavros.

-Acabei de conferenciar com os juízes. Se os réus estiverem dispostos a transformar as suas ações em culpa, os juízes concordaram em aplicar a cada um uma pena de cinco anos, sendo quatro aros de pena suspensa. De fato, não terão de cumprir mais do que seis meses.

-Voltou-se para Lorry. -Pelo fato de ser americano, senhor Douglas, será deportado. Não será autorizado a regressar à Grécia. Noelle Page e Lorry Douglas concordaram ansiosamente em alterar as suas defesas. Um quarto de hora mais tarde, quando os réus e os advogados se encontravam diante do banco o juiz-presidente disse:

- Os tribunais gregos nunca aplicaram a pena de morte num caso em que um homicídio não tivesse ficado definitivamente comprovado. Os meus colegas e eu ficamos, por essa razão, francamente surpreendidos quando os réus passaram as suas defesas a culpa a meio do julgamento... pronuncio que a sentença para os dois réus, Noelle Page e Lorry Douglas, será a execução por um esquadrão de fuzilamento... a ser cumprida dentro de noventa dias a partir desta data. E foi nesse momento que Stavros soube que Napoleon Chotas os traíra a todos. Nunca houvera nenhum acordo. Chotas fora contratado por Constantin Demiris não para defender Noelle Page, mas para garantir a sua condenação. Esta foi a vingança de Demiris sobre a mulher que o havia traído. Stavros fora um cúmplice involuntário numa trama a sangue-frio. "Não posso permitir que isto aconteça", pensou Stavros.

Vou dizer ao juiz-presidente o que Chotas fez, e o veredito sofrerá uma reviravolta. E então Napoleon Chotas viera ao encontro de Stavros e dissera: - Caso esteja livre amanhã, por que não vem almoçar comigo, Frederick? Gostaria que conhecesse os meus sócios... Quatro semanas depois, Frederick Stavros era um sócio a tempo inteiro na prestigiosa firma de Tritsis e Tritsis, com um gabinete enorme e um salário generoso. Vendera a alma ao diabo. Mas chegara à conclusão de que era terrível guardar esse segredo. - "Não posso continuar assim. Não conseguia ver-se livre dos sentimentos de culpa. "Sou um assassino", pensou. Frederick Stavros-agonizava no seu dilema e chegou por fim a uma decisão. Entrou no gabinete de Napoleon Chotas certa manhã bem cedo. - Leon... Meu Deus, homem, por que não tira umas feriazitas, Frederick? Só lhe fará bem. Mas Stavros sabia que essa não era a solução para o seu problema. - Leon, estou-lhe muito grato pelo que fez por mim, mas não posso continuar aqui. Chotas olhou para ele surpreendido.

- Que está para aí a dizer? Você está a sair-se bem, -Não. Eu... eu sinto-me arrasado.

-Arrasado? Não sei o que está a perturbá-lo. Frederick Stavros olhou para ele incredulamente.

-O que... o que eu e você fizemos ao Noelle Page e ao Lorry Douglas. Não." não sente nenhuma culpa?

Os olhos de Chotas contraíram-se. Cuidado.

-Frederick, por vezes a justiça tem de ser feita de uma forma tortuosa.

-Napoleon Chotas sorriu. -Acredite-me, nós não temos que nos recriminar por nada. Eles eram culpados.

-Fomos nós que os condenamos. Nós enganamo-los. Não aguento mais. Lamento. Vim entregar o meu aviso de demissão. Ficarei aqui até ao fim do mês.

-Não aceito a sua demissão-disse Chotas firmemente. Por que não faz como eu lhe sugeri,.. tire umas férias e...?

- Não. Eu nunca poderia ser feliz aqui, sabendo o que sei. Peço desculpa.

Napoleon Chotas analisou-a, com olhar duro.

-Tem alguma idéia do que está a fazer? Está a deitar fora uma carreira brilhante... a sua vida.

-Não. Estou a salvar a minha vida.

-Então tomou mesmo uma decisão definitiva?

-Tomei. Tenho muita pena, Leon. Mas não precisa de se preocupar, eu nunca falarei." do que aconteceu.-Virou-se e saiu do gabinete.

Napoleon Chotas sentou-se à secretária durante muito tempo, perdido em pensamentos. Por fim, tomou uma decisão. Levantou o telefone e marcou um número.

-Comunique ao senhor Demiris que preciso de vê-lo esta tarde. Diga- lhe que é urgente.

Às quatro horas dessa tarde, Napoleon Chotas estava sentado no gabinete de Constantin Demiris.

-Qual é o problema, Leon?-perguntou Demiris,

- Pode não haver problema - replicou Chotas cuidadosamente-, mas achei que devia dizer-lhe que o Frederick Stavros veio falar comigo esta manhã. Decidiu abandonar a firma.

-Stavros? O advogado do Lorry Douglas? E depois? - Parece que a consciência está a pesar-lhe.

Houve um silêncio pesado. -Estou a entender.

-Ele prometeu não falar daquilo... daquilo que ocorreu naquele dia no tribunal.

-Acredita nele?

-Sim. De fato, acredito, Costa, Constantin Demiris sorriu. -Então, está bem. Não temos com que nos preocupar, pois não? Napoleon Chotas levantou-se aliviado.

- Suponho que não. Apenas pensei que devia dizer-lhe.
- Fez bem em dizer-me. Está livre para jantar na semana que vem?

-Claro.

-Eu telefono-lhe, e combinamos qualquer coisa, -Obrigado, Costa.

Na sexta-feira, ao fim da tarde, a velha igreja de Kapnikarea na baixa de Atenas estava repleta com o som do silêncio, tranqüilo e abafado, Num canto junto ao altar, Frederick Stavros estava ajoelhado diante do padre Konstantinou. O padre colocou um pano sobre a cabeça de Stavros.

-Eu pequei, padre. Não tenho salvação.

-O grande problema do homem, meu filho, é que ele pensa que é apenas humano. Quais são os seus pecados?

-Sou um assassino.

- Tirou a vida a alguém?

-Sim, padre. Não sei o que fazer para expiar.

- Deus sabe o que irá fazer. Vamos perguntar-Lhe. -Deixei-me desencaminhar, por vaidade e ganância. Aconteceu há um ano. O julgamento corria bem. Mas depois o Napoleon Chotas".

Quando Frederick Stavros deixou a igreja meia hora depois, sentia-se um homem diferente. Foi como se lhe tivessem tirado um tremendo fardo dos ombros. Sentiu-se purificado pelo ritual secular da confissão, Contara tudo ao padre e, pela primeira vez desde aquele dia terrível, sentiu-se de novo completo. "Vou começar uma vida nova. Vou viver noutra cidade e começar tudo de novo. Tentarei de alguma forma compensar a coisa terrível que fiz. Obrigado, Pai, por me dar nova oportunidade. A escuridão caíra sobre a cidade, e o centro da Praça Ermos estava quase deserto. Assim que Frederick Stavros alcançou a esquina da rua, o sinal ficou verde e ele começou a atravessar. Quando estava a meio do cruzamento, uma limousine negra começou a descer a colina com os faróis acesos, vociferando em direção a ele como um monstro gigantesco e irracional. Stavros arregalou os olhos, gelado.

Era tarde de mais para saltar. Houve um estrondo enorme, e Stavros sentiu o corpo ser esmagado e separado em dois. Houve um instante de dor excruciante, e depois escuridão. Napoleon Chotas era madrugador. Gostava dos momentos de solidão antes que as pressões do dia começassem a devorá-lo. Tomava o pequeno-almoço sempre sozinho e lia os matutinos à refeição. Nesta manhã particular havia vários artigos de interesse. O primeiro-ministro Themistocles Sophoulius havia formado um novo governo sustentado por uma coligação de cinco partidos. As forças comunistas chinesas tinham chegado à margem norte do rio Yangts. Harry Truman e Alben Barkley tomaram posse como presidente e vice-presidente dos Estados Unidos. Napoleon Chotas virou a página, e o sangue gelou-se-lhe. A notícia que o atraiu dizia o seguinte: O senhor Frederick Stavros, sócio da prestigiosa firma de advogados Tritsis e Tritsis, foi atingido e morto a noite passada, por um condutor que se pôs em fuga, quando saia da Igreja de Kapnikarea. De acordo com testemunhas oculares, tratava-se de uma limousine

preta sem chapa de matrícula. O senhor Stavros foi uma figura importante no sensacional julgamento de Noelle Page e Lorry Douglas. Era o advogado de Lorry Douglas e... Napoleon Chotas parou de ler. Sentou-se na cadeira, rígido, o pequeno-almoço esquecido. Um acidente. Foi um acidente? Constantin Demiris dissera- lhe que não precisava de preocupar-se com nada. Mas muitas pessoas haviam cometido o erro de avaliar Constantin Demiris pelo significado manifesto. Chotas pegou no telefone e ligou para Constantin Demiris. Uma secretária pô-lo em comunicação.

-Já leu o jornal da manhã?-perguntou Chotas. - Não, não li. Porquê?

-Frederick Stavros morreu,

-O quê?-Foi uma exclamação de surpresa. -O que é que me está a dizer?

-Foi morto a noite passada por um condutor que se pôs em fuga. - Meu Deus. Sinto muito, Leon, Já apanharam o condutor? -Não, ainda não.

-Talvez eu consiga pressionar um pouco mais a polícia. Ninguém está seguro nos dias de hoje. A propósito, que tal almoçarmos na quinta- feira?

- Ótimo.

-Está combinado.

Napoleon Chocas era um perito a ler nas entrelinhas. "Constantin Demiris ficou genuinamente surpreendido. Não tinha nada a ver com a morte de Stavros", concluiu Chotas. Na manhã seguinte, Napoleon Chotas entrou na garagem privativa do seu edifício de escritórios e estacionou o cano. Quando se dirigia para o elevador, um homem novo surgiu das sombras. -Tem lume? Um alarme assaltou a mente de Chotas. O homem era um estranho, e não tinha motivos para estar na garagem.

-Certamente.

Sem pensar, Chotas bateu com a pasta na cara do homem. O estranho gritou cheio de dores.

- Seu filho da puta!

Meteu a mão no bolso e puxou de uma pistola com um silenciador incorporado.

-Eh! O que é que se passa aí?-gritou uma voz. Um guarda fardado corria na direção deles.

O estranho hesitou por uin instante, depois correu para a porta aberta. O guarda chegou ao pé de Chotas.

- O senhor está bem, senhor Chotas?

-Ah... sim. -Napoleon Chotas estava com dificuldades em respirar, - Estou ótimo.

- O que é que ele lhe quis fazer? Napoleon Chotas disse lentamente;

-Não tenho a certeza.

"Podia ter sido uma coincidência", dizia Chotas a si próprio quando se sentou à secretária. É possível que o homem estivesse simplesmente a assaltar-me. Mas uma pessoa não usa uma arma com um silenciador para assaltar. Não, a intenção dele era matar-me." E Constantin Demiris teria declarado ter ficado chocado com a notícia como fingira ter estado sobre a morte de Frederick Stavros. "Eu devia ter sabido", pensou Chotas. "Demiris não é homem para correr riscos. Não pode permitir deixar pontas soltas. Bem, o senhor Demiris que se prepare para uma surpresa." A voz da secretária de Napoleon Chotas surgiu no intercomunicador;

- Senhor Chotas, deve comparecer no tribunal dentro dé trinta minutos.

Hoje era o sumário dele num caso de homicídios em série, mas Chotas estava demasiado abalado para aparecer no tribunal. -Telefone ao juiz e diga-lhe que estou doente. Um dos sócios que faça o meu trabalho. Não recebo mais chamadas.

Tirou um gravador de uma gaveta da secretária e sentou-se, a pensar. Depois começou a falar. Logo a seguir ao almoço, Napoleon Chotas apareceu no gabinete do advogado do Ministério Público, Peter Demonides, com um envelope castanho. O recepcionista reconheceu

imediatamente.

-Boa tarde, senhor Chotas. Posso a~udá-lo? - Quero falar com o senhor Demonides.

- Ele está numa reunião. Tem hora marcada?

- Não. Diga-lhe que eu estou aqui, e que é urgente. -Sim, naturalmente.

Quinze minutos depois, Napoleon Chotas foi conduzido ao gabinete do advogado do Ministério Público.

-Bem -disse Demonides-,vem Maomé à montanha. Em que posso ajudá-lo? Vamos negociar um pequeno apelo hoje à tarde? -Não. É um

assunto pessoal, Peter.

-Sente-se, Leon.

Quando os dois homens estavam sentados Chotas disse:

- Quero deixar um envelope consigo. Está selado, e é para ser aberto apenas caso eu tenha uma morte acidental.

Peter Demonides analisava-o, curioso.

- Está à espera que lhe aconteça alguma coisa? - É uma possibilidade.

- Compreendo. Um dos seus clientes ingratos?

- Não interessa quem. Você é a única pessoa em quem posso confiar. Pode guardar isto num cofre a que ninguém possa chegar? - Claro. - Ele inclinou-se para a frente . - Você parece assustado.

-E estou.

-Quer que o meu departamento lhe dê alguma proteção? -Posso mandar um polícia acompanhá-lo.

Chotas batia no envelope com a mão.

- Esta é a única proteção de que preciso. -Pois bem. Se está assim tão certo.

-Estou. - Chotas levantou-se e estendeu a mão. -Epharisto. Não lhe sei dizer o quanto estou agradecido.

Peter Demonides sorriu. -Parakalo. Fica-me a dever uma.

Uma hora depois, um mensageiro fardado apareceu nos escritórios da Corporação do Comércio helênico. Aproximou-se de uma das secretárias.

-Trago uma encomenda para o senhor Demiris. - Eu assino.

-Tenho ordens para entregar ao senhor Demiris pessoalmente.

-Desculpe, mas não posso interrompê-lo. Quem é que manda a encomenda?

-Napoleon Chotas.

- Tem a certeza de que não pode simplesmente deixá-la aqui? -Tenho, minha senhora.

-Vou ver se o senhor Demiris quer recebê-la. Premiu o botão do intercomunicador.

-Desculpe, senhor Demiris. Está aqui um mensageiro com uma

encomenda do senhor Chotas para si.

Avoz de Demiris surgiu no intercomunicador. -Traga cá, Irene.

- Ele diz que tem ordens para entregar pessoalmente. Houve uma pausa.

-Traga-o cá dentro.

Irene e o mensageiro entraram no gabinete. - O senhor Constantin Demiris ?

- Sou.

-Assina-me isto, por favor?

Demiris assinou um talão. O mensageiro colocou o envelope na secretária de Demiris.

-Obrigado.

Constantin Demiris seguiu a saída da secretária e do mensageiro. Estudou o envelope, de rosto pensativo, depois abriu-o. Havia um gravador no interior, com uma fita dentro, Curioso, premiu um botão e a fita começou a tocar. A voz de Napoleon Chotas invadiu a sala.

-Meu caro Costa: Tudo teria sido mais simples se você tivesse acreditado que Frederick Stavros não fazia tenções de revelaro nosso pequeno segredo. O que mais me custa é que você não tivesse acreditado que eu não fazia tenções de falar sobre esse assunto incómodo, Tenho todas as razões para pensar que você esteve por detrás da morte do pobre Stavros, e que é agora sua intenção mandar matar-me. Como a minha vida me é tão preciosa quanto a sua para si, devo respeitosamente declinar ser a sua próxima vítima... Tomei a precaução de escrever os pormenores do papel que nós os dois desempenhamos no julgamento de Noelle Page e Larry Douglas, e coloquei-os num envelope selado que entreguei ao advogado de acusação para ser aberto em caso da minha morte acidental. De forma que é agora do seu interesse, meu amigo, cuidar que eu fique vivo e bem. -A fita terminou. Constantin Demiris deixou-se ficar, a olhar o vazio, Quando Napoleon Chotas regressou ao escritório nessa tarde, o medo tinha-o abandonado. Constantin Demiris era

um homem perigoso, mas estava longe de ser um idiota. Não ia prejudicar ninguém sob pena de pôr em perigo a sua própria pessoa. "Ele fez o lance , pensou Chotas, "e eu dei-lhe xeque-mate. Ele sorriu para si. "Acho que tenho de fazer outros planos para o jantar de quinta-feira."

Nos dias que se seguiram, Napoleon Chotas esteve atarefado a preparar-se para um novo julgamento de homicídio envolvendo uma mulher que matara as duas amantes do marido. Chotas levantava-se cedo todas as manhãs e trabalhava até altas horas da noite, preparando as suas contra-interrogações. O instinto dizia-lhe que-contra todas as probabilidades-iria vencer de novo. Na quarta-feira à noite, trabalhou no escritório até à meia-noite e depois foi para casa. Chegou à villa à uma da manhã. O mordomo cumprimentou-o à porta.

-Deseja alguma coisa, senhor Chotas? Posso preparar-lhe uns mezedes se estiver com fome, ou...

-Não, obrigado. Estou bem. Vá-se deitar.

Napoleon Chotas subiu para o quarto. Passou a hora seguinte a rever mentalmente o julgamento, finalmente às duas da manhã, adormeceu. Sonhou. Estava no tribunal, a contra-interrogar uma testemunha, quando a testemunha repentinamente começou a rasgar a própria roupa. -Par que está a fazer isso? - Chotas perguntou.

- Estou a morrer de calor.

Chotas correu o olhar pela sala de audiências apinhada de gente e viu que todos os espectadores estavam a despir-se.

Voltou-se para o juiz.

- Meritíssimo, devo protestar contra... O juiz estava a tirar a toga.
- Está muito calor aqui dentro - disse ele. " Está quente aqui. E barulhento.

Napoleon Chotas abriu os olhos. As chamas lambiam a porta do quarto e o quarto estava cheio de fumo. Napoleon sentou-se, acordando instantaneamente. " A casa está a arder. Por que é que o alarme não tocou?" A porta começava a empenar por causa do calor intenso. Chotas correu para a janela, engasgando-se com o fumo. Tentou abrir a janela à força, mas estava emperrada. O fumo estava a ficar espesso, e era cada vez mais difícil respirar, Não havia saída. As brasas em chama começaram a cair do teto. Uma parede abateu e um lençol de chamas devorou-o. Ele gritava. O cabelo e o pijama estavam a arder. Às cegas, atirou-se contra a janela e atravessou-a, o seu corpo ardente estatelando-se no chão que ficava a cinco metros. Logo pela manhã do dia seguinte, uma criada conduziu o promotor público Peter Demonides ao escritório da residência de Constantin Demiris.

-Kalimehra, Peter-disse Demiris. - Obrigado por ter vindo. Trouxe aquilo?

-Trouxe, sim. -Entregou a Demiris o envelope selado que Napoleon Chotas lhe dera. -Pensei que pudesse querer guardar isto aqui.

- Foi muito atencioso da sua parte, Peter. Quer tomar o pequeno- almoço?

-Efharisto. É muita gentileza sua, senhor Demiris.

-Costa. Trate-me por Costa. Há algum tempo que o trago debaixo de olho, Peter. Acho que você tem um futuro importante. Gostava de lhe arranjar uma boa posição na minha organização. Estaria interessado?

Peter Demonides sorriu.

- Sim, Costa. Estaria muito interessado.
- Ótimo. Vamos falar sobre o assunto ao pequeno-almoço. Londres

Catherine falava com Constantin Demiris pelo menos uma vez por semana, o que se tornara um hábito. Ele continuava a enviar presentes, e quando ela protestava ele garantia-lhe que eram somente pequenas provas do seu agradecimento.

- A Evelyn contou-me da sua eficiência no tratamento do caso Baxter.
- Ou; -Soube pela Evelyn que a sua idéia está a fazer-nos poupar muito dinheiro nos encargos de transporte.

Na realidade, Catherine orgulhava-se do seu sucesso. Deparara com meia dúzia de coisas no escritório que poderiam ser melhoradas. Recuperara as suas antigas capacidades, e sabia que a eficiência do escritório melhorara bastante graças a si.

-Estou muito orgulhosa de si-disse-lhe Constantin Demiris. E Catherine sentiu uma excitação. Ele era um homem tão maravilhoso e carinhoso.

"Está quase na hora de avançam, concluiu Demiris. Com Stavros e Chotas seguramente afastados, a única pessoa que podia ligá-lo ao que acontecera era Catherine. Esse perigo era mínimo, mas, como Napoleon Çhotas descobrira, Demiris não era um homem que corresse riscos. "E uma pena", pensou Demiris, "que ela tenha de morrer. É tão bela. Mas, primeiro, a villa de Rafina." Ele tinha comprado a villa. Levaria Catherine para lá e faria amor com ela exatamente como Larry

Douglas fizera amor com Noelle. Depois disso... De vez em quando, Catherine recordava-se do passado. Leu no Times de Londres a notícia dasmortes de Frederick Stavros e Napoleon Chotas, e os nomes não lhe teriam dito nada à exceção da referência de que tinham sido os advogados de Larry Douglas e Noelle Page. Nessa noite voltou a ter o sonho. Certa manhã, Catherine viu um artigo num jornal que a abalou: "William Fraser, assistente do presidente americano Harry Truman, chegou a Londres para preparar um acordo comercial com o primeiro- ministro britânico." Baixou o jornal, sentindo-se idiotamente vulnerável. William Fraser. Ele fora uma parte tão importante da sua vida. "Que teria acontecido se eu não o tivesse deixado?" Catherine sentou-se à secretária, sorrindo tremulamente, com o olhar fixo na notícia do jornal. William Fraserf oi um dos

homens mais queridos que conhecera. Só lembrar-se dele fez que se sentisse ardente e amada. E ele estava aqui em Londres. "Tenho de vê-lo", pensou. Segundo o jornal, ele estava no Claridge's. Catherine marcou o número do hotel, e os seus dedos tremiam. Ela teve a sensação de que o passado estava prestes a tornar-se presente. Sentiu-se excitada com a idéia de ver Fraser. "Que dirá ele quando ouvir a minha voz? Quando me voltará ele a ver?" A telefonista disse: -Bom dia, Claridge's, Catherine respirou fundo. - O senhor William Fraser, por favor.

- Desculpe, minha senhora. Disse senhor ou senhora William Fraser?

Catherine parecia que lhe tinham batido. <oComo eu fui idiota. Porque é que eu não pensei nisso? Claro que nesta altura ele já podia ser casado."

Minha senhora...

- Eu.., deixe estar. Obrigada. - Colocou o telefone lentamente.

"Cheguei tarde de mais. Acabou-se. O Costa tinha razão. O passado deve pertencer ao passado."

A solidão pode ser um corrosivo, que consome o espírito. Todas as pessoas precisam de partilhar a alegria, a glória e a dor. Catherine vivia num mundo cheio de estranhos, observando a felicidade de outros casais, ouvindo o eco do riso daqueles que se amam. Mas recusou sentir pena por si própria. "Não sou a única mulher do mundo que está sozinha. Estou viva! Estou viva!" Havia sempre que fazer em Londres. Os cinemas de Londres estavam cheios de filmes americanos, e Catherine gostava de ir ao cinema. Viu O Fio da Navalha e Ana e o Rei de Sio. Um Acordo de Caoalheiros era um filme perturbante, e

Gary Cooper estava maravilhoso em The Bachelor and the Bobby- Soxer. Catherine ia a concertos no Royal AlbertHall e assistia a bailados em Sadler's Well. Foi a Stratford-upon-Avon ver Anthony Quayle em A Fera Amansada, e Laurence Olivier em Ricardo 111. Mas não tinha graça nenhuma ir sozinha. Foi então que apareceu Kirk Reynolds. Foi no escritório que um homem alto e atraente se dirigiu a Catherine e disse: -Chamo-me Kirk Reynolds. Por onde tem andado?

-Perdão?

-Tenho estado à sua espera. Foi assim que começou.

Kirk Reynolds era um advogado americano, que trabalhava para Constantin Demiris em fusões internacionais. Estava na casa dos quarenta, era sincero, inteligente e atencioso.

Quando falou de Kirk Reynolds a Evelyn, Catherine disse: -Sabes o que mais me agrada nele? Faz-me que eu me sinta uma mulher. Há muito tempo que eu não sentia isso.

-Não sei-Evelyn objetou. -Eu se fosse a ti tomava cuidado. Não precipites as coisas,

-Não o farei-disse Catherine.

Kirk Reynolds levou Catherine a uma viagem legal através de Londres. Estiveram no Old Bailey, onde os criminosos foram julgados durante séculos, e perambularam pelos trios dos tribunais, cruzaram-se com causídicos de aspecto grave, peruca e toga. Visitaram as instalações da Prisão de Newgate, construída no século XVIII. Mesmo em frente do local onde estivera a igreja, a estrada alargava-se, estreitando-se inesperadamente.

-É estranho-disse Catherine.- Por que será que construíram uma rua assim?

-Para acomodar as multidões. Era aqui que costumavam realizar-se as execuções públicas.

Catherine estremeceu. "Quase atingiu o alvo"

Certa noite, Kirk Reynolds levou Catherine à East India Dock Road, ao longo dos quebra-mares.

-Ainda não há muito tempo, os polícias andavam aos pares neste lugar- disse Kirk.-Era o ponto de encontro dos criminosos. Jantaram no Prospect of Whitby, um dos puós mais antigos da Inglaterra, localizado numa varanda construída sobre o Tâmisa, vendo as barcaças

que desciam o rio e se cruzavam com os grandes navios que iam a caminho do mar. Catherine adorava os nomes fora do vulgar dos pubs londrinos. Ye Olde Cheshire Cheese, o Falstaff e o Goat in Boots. Noutra noite, foram a um velho e pitoresco pub em City Road que se chamava Eagle.

-Aposto que as tuas cantigas de criança se referiam a este sítio - disse Kirk.

Catherine olhou fixamente para ele.

- Referiam-se a este sítio? Eu nem sequer ouvi falar daqui. - Ouviste, sim. O Eagle está na origem de uma rima infantil. - Que rima infantil?

-Aqui há uns anos, a City Road era o centro do comércio de alfaiataria, e por volta do fim-de-semana os alfaiates costumavam estar sem dinheiro, e punham o ferro de engomar no prego até ao dia de

pagamento. De forma que houve algum que escreveu uma rima infantil sobre isso:

Acima e abaixo da City Road Para dentro e para fora do Eagle Assim que o dinheiro desaparece Lá se aai o ferro de engomar

Catherine riu-se.

- Onde é que aprendeste isso?

-Um advogado deve saber tudo. Mas há uma coisa que eu não sei. Sabes esquiar?

-Infelizmente não. Porquê? De repente ele ficou sério.

-É que eu vou a St. Moritz. Há lá ótimos instrutores de esqui. Queres vir comigo, Catherine?

A pergunta apanhou-a completamente desprevenida. Kirk aguardava uma resposta.

-Eu... não sei, Kirk.

- Queres pensar no assunto?

- Quero. - O corpo tremia-lhe. Lembrou-se de como fora excitante fazer amor com Larry, e interrogava-se se poderia voltar a sentir algo semelhante. -Vou pensar no assunto.

Catherine decidiu apresentar Kirk a Wim. Foram apanhar Wim no apartamento e levaram-no a jantar ao restaurante The Ivy. Durante toda a noite, Wim nem por uma vez olhou de frente para Kirk

Reynolds. Parecia completamente retraído. Kirk olhou para Catherine de esguelha. Ela disse num trejeito:

-Fala com ele.

Kirk fez que sim com a cabeça e voltou-se para Wim. - Gosta de Londres, Wim?

- É um lugar agradável.

- Tem uma cidade preferida? -Não.

- Gosta do seu emprego? -É agradável.

Kirk olhou para Catherine, sacudiu a cabeça e encolheu os ombros. Catherine voltou a dizer num trejeito:

-Por favor.

Kirk suspirou e insistiu.

-Vou jogar golfe no domingo, Wim. Joga?

E Wim desfiou de uma assentada todos os tipos de tacos que se usam no golfe. Kirk Reynolds pestanejou.

- Você deve ser muito bom.

-Ele nunca jogou- explicou Catherine. -O Wirn apenas sabe coisas. É um ás em matemática.

Kirk Reynolds estava farto. Esperara passar uma tarde sozinho com Catherine, mas ela trouxera este chato atrás.

Kirk forçou um sorriso.

-Ah ?-Virou-se para Wim e perguntou inocentemente. -Por acaso sabe a quinquagésima-nona potência de dois?

Wim ficou em silêncio durante trinta segundos a estudar a toalha da mesa, e, quando Kirk se preparava para falar, Wim disse:

- 576, 460, 752, 303, 423, 488.

- Meu Deus! - disse Kirk. -Isso é verdade? Catherine voltou-se para Wim.

-Wim, é capaz de achar a raiz quadrada de... -Ela escolheu um número ao acaso. - 24137 585?

Ficaram ambos a olhar para Wim enquanto ele ali ficava, de rosto inexpressivo. Vinte e cinco segundos depois ele disse: -Dezessete; e o resto são dezesseis.

-Não posso crer-exclamou Kirk. -Pois acredita-disse-lhe Catherine. Kirk olhou para Wim.

- Como é que conseguiu fazer isso? Wim encolheu os ombros. Catherine disse:

-O Wim é capaz de multiplicar dois números de quatro algarismos em trinta segundos e memorizar cinqüenta números de telefone em cinco minutos. Assim que os aprende, nunca mais se esquece.

Kirk Reynolds estava a olhar para Wim Vandeen espantado. -De certeza que o meu escritório precisava de alguém como você -disse ele,

- Eu já tenho emprego - disse Wim asperamente.

Quando Kirk Reynolds deixou Catherine no fim da noite, disse: - Não te vais esquecer de St. Moritz, pois não?

- Não. Não me esquecerei. "Por que não consigo dizer simplesmente que sim?"

Constantin Demiris telefonou tarde nessa noite. Catherine esteve tentada a falar-lhe de Kirk Reynolds, mas no último momento decidiu não fazê-lo.

Atenas

O padre Konstantinou andava perturbado. Desde o momento em que vira a reportagem do jornal sobre a morte de Frederick Stavros causada por um condutor que se pôs em fuga, sentia-se perseguido pela mesma. O padre ouvira centenas de confissões desde que fora ordenado, mas a confissão dramática de Frederick Stavros, à qual se seguiu a sua morte, deixara uma impressão indelével.

-Eh, o que é que te está a incomodar?

O padre Konstantinou virou-se para olhar para o belo jovem que estava deitado nu a seu lado na cama.

-Nada, amor. -Não te faço feliz? -Sabes que sim, Georgios.

-Então qual é o problema? Comportas-te como se eu não estivesse aqui, pelo amor de Deus.

-Não uses profanidades. - Não gosto de ser ignorado.

-Desculpa-me, querido, É que... um dos meus paroquiantes morreu num acidente de automóvel.

-Todos nós temos que partir um dia, não ?

- Sim, claro. Mas o homem estava muito perturbado. -Estava doente da cabeça?

- Não. Ele tinha um segredo terrível, e era um fardo pesado de mais para ele

aguentar.

-Que espécie de segredo?

O padre acariciou a coxa do jovem.

-Tu sabes que eu não posso falar sobre isso. Foi-me dito no confessionário.

- Pensei que não havia segredos entre nós. - Não há, Georgios, mas...

-Garroto! Ou há ou não há. De qualquer forma, disseste que o tipo morreu. Que diferença pode isso fazer agora?

- Creio que nenhuma, mas...

Georgios Lato abraçou o companheiro de cama e sussurrou-lhe ao ouvido.

-Estou curioso.

-Estás-me a fazer cócegas no ouvido.

Lato começou a acariciar o corpo do padre Konstantinous. - Oh... não pares...

-Então conta-me.

-Está bem. Acho que não faz mal nenhum agora...

Georgios Lato subira na vida. Nasceu nos bairros da lata de Atenas, e quando tinha doze anos tornou-se prostituto. No início, Lato andava nas ruas, ganhando alguns dólares por prestar serviços a bêbados nos becos e turistas nos seus quartos de hotel. Era dotado de uma beleza morena e de um corpo firme e forte. Quando tinha dezasseis anos, um chulo disse-lhe:

-Tu és um poulaki, Georgios. Estás a deitar fora esse atributo. Possa fazer com que ganhes muito dinheiro,

E cumpriu a promessa. Desse dia em diante, Georgios Lato apenas servia homens ricos e importantes, e era generosamente recompensado.

Quando Lato conheceu Nikos Ventos, o assistente pessoal do grande nababo Spyros Lambrou, a vida de Lato mudou. -Estou apaixonado

por ti-disse NikosVentos ao jovem.-Não te quero ver a andar para aí no engate. Tu agora pertences-me. - Certo, Niki. Eu também te amo. Ventos estava constantemente a mimar o rapaz com prendas. Comprava-lhe roupa, pagava-lhe o pequeno apartamento e dava-lhe dinheiro para despesas miúdas. Mas atormentava-se com o que Lato fazia quando se ausentava. Ventos resolveu o problema um dia ao dizer-lhe: -Arranjei-te um emprego na companhia de Spyros Lambrou, onde trabalho.

-Para andares sempre de olho em mim? Eu não...

-Clara que não é isso, coisa doce. Só que gosto de te ter ao pé de mim.

Georgios Lato de início protestara, mas acabou por ceder. Concluiu que realmente gostava de trabalhar naquela firma. Trabalhava na seção de correio como paquete, e isso dava-lhe liberdade de arranjar dinheiro extra de clientes gratos como o padre Konstantinous. Quando Georgios Lato deixou a cama do padre Konstantinous nessa tarde, tinha a mente num turbilhão. O segredo que o padre lhe conïiara era uma notícia surpreendente, e o pensamento de Georgios Lato logo se virou para a forma como poderia fazer dinheiro da mesma. Podia tê-la confiado a Nikos Ventos, mas tinha outros planos. "Vou direto ao manda-chuva com isto", disse Lato para si próprio. "Aí é que está a grande recompensa p Na manhã seguinte, Lato entrou na sala de recepção de Spyros Lambrou. A secretária levantou os olhos.

- Oh, o correio hoje chegou cedo, Georgios. Georgios Lato sacudiu a cabeça.
- Não, minha senhora. Preciso de falar com o senhor Lambrou. Ela sorriu.

-É mesmo? Para que é que queres vê-lo?Tens alguma proposta comercial a fazer-lhe?- zombou ela.

Lato disse com um ar sério.

-Não, não é nada disso. Acabo dé receber a notícia de que a minha mãe está à morte, e eu... eu tenho de voltar para a terra. Queria apenas agradecer ao senhor Lambrou o emprego que me deu aqui. Só preciso de um minuto, mas se ele tem muito que fazer... - Preparava-se para sair.

-Espera. Tenho a certeza de que ele não se vai importar.

Dez minutos depois, Georgios Lato estava no gabinte de Spyros

Lambrou. Nunca lá entrara antes, e a opulência dominou-o. -Bem, meu jovem. Lamento saber que a tua mãe esteja à morte. Talvez uma pequena gratificação fosse...

-Obrigado, senhor. Mas não é realmente por isso que estou aqui. Lambrou olhou-o de sobrolho franzido.

-Não percebo.

-Senhor Lambrou, tenho uma informação importante que penso ter muito valor para o senhor.

Viu o ceticismo no rosto de Lambrou.

-Verdade ?

-Infelizmente tenho muito que fazer, de forma que se não te... -É sobre Constantin Demiris. -As palavras saíram com dificuldade.-Tenho um grande amigo que é padre. Ele ouviu a confissão de um homem que morreu pouco depois num acidente de viação, e o que o homem lhe disse tem a ver com Constantin Demiris. O senhor Demiris fez uma coisa terrível. Realmente terrível. Podia ir parar à prisão por causa disso. Mas se o senhor não está interessado...

Spyros Lambrou viu-se repentinamente muito interessado. - Senta-te... Como é que te chamas?

- Lato, senhor. Georgios Lato.

-Muito bem, Lato. E se começasses pelo princípio...?

O casamento de Constantin Demiris e Melina andava em fase de desagregação havia anos, mas nunca houvera qualquer violência física até recentemente. Começara amgo de uma discussão acalorada por causa de umaligação que Constantin Demiris mantinha com a amiga mais chegada de Melina.

-Tufazes det odas as mulheres umas putas-gritou ela.-Tudo aquilo em que tu tocas se transforma em porcaria.

-Skaseh! Cala-me essa boca horrorosa.

-Tu não me podes obrigar-disse Melina desafiadoramente. - Vou dizer a toda a gente o pousti que tu és.

- O meu irmão é que estava certo. Tu és um monstro.

Demiris levantou o braço e esbofeteou o rosto de Melina com força. Ela fugiu do quarto.

Na semana seguinte voltaram a discutir, e Constantin bateu-lhe de novo. Melina fez as malas e apanhou um avião para Atticos, a ilha particular que era propriedade do irmão. Ficou por lá uma semana, infeliz e sozinha. Sentiu saudades do marido e começou a arranjar desculpas para o que ele fizera. "A culpa foi minha", pensou Melina. "Eu não devia ter contrariado o Costa." E: "Ele não me queria bater. Só que perdeu a cabeça e não sabia o que estava a fazer." E: "Se o Costa não se preocupasse tanto comigo, não me teria batido, pois não?" Mas no fundo Melina sabia que eram apenas desculpas, porque ela não conseguia suportar a ideia de acabar com o casamento. No domingo seguinte estava de volta a casa. Demiris estava na biblioteca. Ergueu o olhar quando Melina entrou. -Então decidiste voltar.

-Esta é a minha casa, Costa. Tu és o meu marido, e eu amo-te.

Mas quero dizer-te uma coisa. Se voltas a tocar-me, eu mato-te. E ele olhou-a nos olhos e viu que ela estava a falar a sério.

De umaf orma estranha o casamento deles pareceu melhorar após este episódio. Durante muito tempo depois, Constantin tomou o cuidado de nunca perder a cabeça com Melina. Continuava a ter as suas ligações, e Melina estava orgulhosa de mais para lhe pedir que parasse. "Um dia ele vai fartar-se dessas cabras todas", pensou Melina, "e compreender que só precisa de mim,"

Num sábado à noite, Constantin Demiris vestia um "smoking>, preparando-se para sair. Melina entrou no quarto.

-Aonde é que vais? -Tenho um compromisso. -Já te esqueceste? Hoje vamos jantar à casa

do Spyros. - Não me esqueci. Surgiu uma coisa mais importante. Melina ficou a olhar para ele, furiosa.

-E eu sei o que é ... a tua poulaki! E tu vais ter com uma das tuas putas para te satisfazeres.

-Devias ter cuidado com a língua. Estás a ficar uma mulher desbocada, Melina, -Demiris examinou-se ao espelho.

-Não consentirei que faças isto! -O que ele lhe fazia a ela era bastante mau, mas insultar deliberadamente o irmão dela depois de tudo o que se passara era de mais. Ela tinha de achar uma forma de ofendê-lo, e só conhecia uma maneira.

-Devíamos ficar os dois em casa esta noite -disse Melina. -Não me digas. -perguntou ele indiferentemente.-E porquê? -Não sabes que dia é hoje? - ela escarneceu dele.

-Não.

- Faz hoje anos que matei o teu filho, Costa. Eu fiz um aborto. Ele ficou imóvel como um cepo, e ela viu as pupilas dos seus olhos escurecerem.

-Eu disse aos médicos que fizessem que eu nunca mais pudesse ter um filho teu - mentiu ela.

Ele ficou completamente descontrolado:

-Skaseh! -E deu-lhe um soco no rosto, continuando a bater-lhe.

Melina gritou e virou-se e correu pelo corredor, Constantin correu atrás dela. Agarrou-a no cimo das escadas.

-Vou matar-te pelo que fizeste-rugiu ele. Quando ele lhe batia de novo, Melina perdeu o equilíbrio e caiu, espalhando-se pela longa escadaria.

Ela jazia em baixo, choramingando de dor. -Oh, Deus. Ajuda-me. Parti qualquer coisa.

Demiris deixou-se ficar, olhando-a fixamente, com um olhar frio. -Vou mandar uma das criadas chamar um médico. Não quero chegar tarde ao meu compromisso. A chamada telefônica surgiu pouco antes da hora do jantar. -Senhor Lambrou? Fala o doutor Metaxis. A sua irmã pediu-me que lhe telefonasse. Ela encontra-se aqui no meu hospital particular. Lamento muito, mas ela sofreu um acidente... Quando Spyros Lambrou entrou no quarto de Melina, foi até à cama dela e olhou fixamente para ela, estarrecido. Melina tinha um braço partido, uma comoção e o rosto estava bastante inchado. Spyros Lambrou disse uma palavra. -Constantin. -A sua voz tremia de raiva. Os olhos de Melina encheram-se de lágrimas. -Ele não fez por mal - sussurrou ela.

- Eu vou destruí-lo. Juro. - Spyros Lambrou nunca tinha sentido tanta raiva.

Ele não conseguia suportar aquilo que Constantin Demiris andava a fazer a Melina. Tinha de haver uma maneira de detê-lo, mas como? Tinha de haver uma maneira. Estava desesperado. Precisava de conselhos. Como acontecera muitas vezes no passado, Spyros Lambrou decidiu consultar Madame Piris. Talvez ela pudesse ajudá-lo de algum modo.

Quando ia a caminho, Lambrou pensou de modo estranho: "Os meus amigos fariam pouco de mim se soubessem que eu ia consultar uma medium, Mas a verdade era que no passado Madame Piris lhe dissera coisas extraordinárias que vieram a acontecer. "Tem

de me ajudar agora. Estavam sentados a uma mesa num canto escuro do café vagamente iluminado. Ela parecia mais velha desde a última vez que a vira. Ali estava ela sentada, os olhos presos nele.

-Preciso de ajuda, Madame Piris - disse Lambrou. Ela abanou a cabeça com um sinal afirmativo.

-Por onde começar?-Houve um julgamento por assassínio aqui há coisa de ano e meio. Uma mulher de nome Catherine Douglas foi... A expressão no rosto de Madame Piris alterou-se.

- Não, gemeu ela.

Spyros Lambrou olhou para ela, intrigado. - Ela foi assassinada por ... Madame Piris pôs-se de pé.

-Não! Os espíritos disseram-me que ela iria morrer! Spyros Lambrou estava confuso.

- Ela morreu - disse ele. -Ela foi morta por..: -Ela está viva! Ele ficou completamente espantado.

-Não pode ser. Ela esteve aqui. Veio ver-me há três meses. Estava num convento.

Ele olhava para ela, totalmente imóvel. E repentinamente todas as peças se encaixaram. Eles mantinham-na num convento. Um dos atos caridosos de Demiris era dar dinheiro ao convento de Janina, a cidade onde se pensava que Catherine Douglas tivesse sido assassinada. A informação que Spyros recebera de Georgios Lato encaixava perfeitamente. Demiris mandara matar duas pessoas inocentes pelo assassínio de Catherine, embora ela estivesse bem viva, escondida pelas freiras. E Lambrou sabia como iria destruir Constantin Demiris. Tony Rizzoli. Os problemas de Tony Rizzoli multiplicavam-se. Tudo o que podia correr mal estava a correr mal. O que acontecera não fora certamente culpa sua, mas ele sabia que a Família o responsabilizaria a ele. Eles não toleravam desculpas. O que tornava o caso particularmente frustrante foi que a primeira parte da operação da droga decorrera perfeitamente. Ele tinha feito passar clandestinamente o envio em Atenas sem nenhuns problemas e arrecadou-a num armazém temporariamente. Subornara um comissário de bordo para que a fizesse seguir num vôo de Atenas para Nova Iorque. E depois, exatamente vinte e quatro horas antes do vôo, o idiota fora preso por conduzir bêbado e a companhia aérea tinham despedido. Tony Rizzoli virara-se para um plano alternativo, Arranjara um otário-neste caso,

uma turista de setenta anos chamada Sara Murchison que viera visitar a filha em Atenas-para lhe levar a mala de volta para Nova Iorque. Ela não tinha ideia do que iria

transportar. São algumas lembranças que prometi enviar à minha mãe explicou Tony Rizzoli-, e, como a senhora está a ser muito simpática ao fazer-me este favor, quero pagar a sua passagem.

-Oh, não é necessário-protestou Sara Murchison.-Sinto-me feliz por isso. Não moro longe do apartamento de sua mãe. Gostava muito de conhecê-la.

-E estou certo de que ela também gostaria de conhecê-la-disse Tony Rizzoli com desembaraço. -O problema é que ela se encontra bastante doente. Mas vai estar lá alguém para receber a mala. Ela era perfeita para o trabalho-uma doce avó tipicamente americana. A única coisa do seu contrabando com que a alfândega estaria preocupada seriam as agulhas de crochet. Sara Murchison ia partir para Nova Iorque na manhã seguinte. - Eu venho buscá-la para levá-la ao aeroporto.

-Ora, muito obrigada. Que jovem tão atencioso que você é. A sua mãe deve ter muito orgulho em si.

-Tem, sim. Nós somos muito chegados, -A sua mãe morrera havia dez anos.

Na manhã seguinte, quando Rizzoli se preparava para sair do hotel para o armazém a fim de apanhar a mala, o telefone tocou. -Senhor Rizzoli?

- Sim.

-Aqui fala o doutor Patsaka do banco de urgência do Hospital de Atenas. Temos aqui uma senhora de nome Sara Murchison. Ela ontem à noite tropeçou e caiu, e partiu uma anca. Estava muita ansiosa para que eu lhe dissesse a si o quanto ela lamentava...

Tony Rizzoli bateu o telefone com força. -Merda! Eram duas seguidas. Onde iria ele arranjar outro otário? Rizzoli sabia que tinha de ser cuidadoso. Corria um boato de que um importante agente de narcóticos americano estava em Atenas a trabalhar com as autoridades gregas. Estavam atentos a todas as saídas de Atenas, e aviões e navios eram rotineiramente revistados. Como se isso não bastasse, havia outro problema. Um dos seus informadores - um ladrão que era viciado- dissera-lhe que a polícia ia começar a revistar armazéns, à procura de drogas guardadas e outro contrabando. Eram horas de pôr a Família ao

corrente da situação. Tony Rizzoli deixou o hotel e desceu a Rua Patission a caminho da Central de Telefones. Não tinha a certeza se o telefone do quarto do hotel estava sob escuta, mas não quis correr o risco.

O número 85 da Rua Patission era um enorme edifício de pedra castanha com uma fila de pilares à frente e uma placa que dizia: O.T.E. Rizzoli atravessou a porta de entrada e olhou em redor. Duas dúzias de cabinas telefônicas alinhavam-se nas paredes com listas telefônicas de todo o mundo. No centro da sala havia uma mesa com quatro empregadas que recebiam os pedidos das chamadas a efetuar. As pessoas aguardavam numa fila a sua ligação. Tony Rizzoli aproximou- se de uma das mulheres que estava atrás da mesa.

- Bom dia - disse ele. - Em que posso servi-lo? -Queria fazer uma chamada para o estrangeiro.

-Vai ter que aguardar meia hora. - Tudo bem.

-Diz-me o país e o número, por favor? Tony Rizzoli hesitou.

- Com certeza. - Entregou um pedaço de papel à mulher. - É a cobrar.

-O seu nome? -Brown. Tom Brown.

-Muito bem, senhor Brown. Chamá-lo-ei assim que obtiver ligação,

- Obrigado.

Dirigiu-se para um dos bancos situado no outro lado da sala e sentou- se. <~Eu podia tentar esconder a encomenda num automóvel e pagar a alguém que a levasse para o outro lado da fronteira. Mas isso é arriscado; os carros são revistados. Pode ser que eu talvez conseguisse arranjar outro...

-Senhor Brown,.. Senhor Tom Brown... -O nome foi repetido duas vezes até que Rizzoli se deu conta de que era com ele. Levantou-se e precipitou-se para a mesa.

-A sua chamada está em linha. Cabina sete, por favor. -Obrigado. Já agora pode dar-me o bocado de papel que lhe dei? Vou precisar do número outra vez.

- Com certeza. - Ela devolveu-lhe o pedaço de papel. Tony Rizzoli entrou na cabina sete e fechou a porta. - Estou.

- Tony?És tu?

-Sim. Como estás, Pete?

Para dizer a verdade, estamos um pouco preocupados, Tony. Os rapazes esperavam que a encomenda já estivesse a caminho. -Tenho tido alguns problemas.

-A encomenda já foi enviada? - Não. Ainda cá está. Houve um silêncio.

-Nós queríamos que nada lhe acontecesse, Tony.

-Não lhe vai acontecer nada, Só preciso é de arranjar outra maneira de despachá-la. Os gajos dos narcóticos estão em toda a parte. -Estamos a falar de dez milhões de dólares, Tony.

-Eu sei. Não te preocupes, vou arranjar uma solução. -Faz isso, Tony. Arranja uma solução.

A linha morreu.

A conversa ao telefone deixara Tony Riizzoli nervoso. Teve de ir à casa de banho. "O Pete Lucca que se lixe!p Em frente, na esquina da Praça de Kolonaki, Rizzoli viu uma tabuleta:

APOHORITIRION, W.C. Tanto homens como mulheres atravessavam a porta para usar as mesmas instalações. "E os gregos denominavam-se civilizados>, pensou Rizzoli. "Que nojo!

-Vai ter que aguardar meia hora. -Tudo bem.

-Diz-me o país e o número, por favor? Tony Rizzoli hesitou.

- Com certeza, - Entregou um pedaço de papel à mulher. - É a cobrar.

-O seu nome? -Brown. Tom Brown.

-Muito bem, senhor Brown. Chamá-lo-ei assim que obtiver ligação.

- Obrigado.

Dirigiu-se para um dos bancos situado no outro lado da sala e sentou- se. "Eu podia tentar esconder a encomenda num automóvel e pagar a alguém que a levasse para o outro lado da fronteira. Mas isso é arriscado; os carros são revistados. Pode ser que eu talvez conseguisse arranjar outro..."

- Senhor Brown... Senhor Tom Brown... - O nome foi repetido duas vezes até que Rizzoli se deu conta de que era com ele. Levantou-se e precipitou-se para a mesa.

- A sua chamada está em linha. Cabina sete, por favor. -Obrigado, Já agora pode dar-me o bocado de papel que lhe dei? Vou precisar do

número outra vez,

- Com certeza. - Ela devolveu-lhe o pedaço de papel. Tony Rizzoli entrou na cabina sete e fechou a porta. - Estou.

-Tony? És tu?

- Sim. Como estás, Pete?

Para dizer a verdade, estamos um pouco preocupados, Tony. Os rapazes esperavam que a encomenda já estivesse a caminho. -Tenho tido alguns problemas.

-A encomenda já foi enviada? -Não. Ainda cá está. Houve um silêncio.

-Nós queríamos que nada lhe acontecesse, Tony.

-Não lhe vai acontecer nada. Só preciso é de arranjar outra maneira de despachá-la. Os gajos dos narcóticos estão em toda a parte. -Estamos a falar de dez milhões de dólares, Tony.

- Eu sei. Não te preocupes, vou arranjar uma solução. - Faz isso, Tony. Arranja uma solução.

A linha morreu.

Um homem cinzento estava de olhar atento quando Tony Rizzoli se encaminhnou para a saída. Aproximou-se da mulher que estava atrás da casa.

-Sigam. Está a ver aquele homem que vai a sair neste momento? quero saber o número para que ele telefonou.

Lamento muito. Não estamos autorizados a dar essa informação. O homem meteu a mão no bolso de trás e tirou uma carteira. Havia um distintivo dourado pregado.

- Polícia. Sou o tenente Tinou. A sua expressão alterou-se.

-Oh. Ele deu-me um número num bocado de papel e depois veio pedi- la.

-Mas a senhora fez o registro? - Oh, sim, fazemos sempre. -Importa-se de me dar o número? - Claro.

Ela escreveu o número num pedaço de papel e entregou-o ao tenente. Ele analisou-o por um momento. O indicativo do país era 39 e o prefixo era o 91. Itália. Palermo.

-Obrigado. Por acaso lembra-se do nome que o homem lhe deu? -Sim,

lembro-me. Foi Brown. Tom Brown.

A conversa ao telefone deixara Tony Rizzoli nervoso. Teve de ir à casa de banho. "O Pete Lucca que se lixe!" Em frente, na esquina da Praça de Kolonaki, Rizzoli viu uma tabuleta:

APOHORITIRION, W.C. Tanto homens como mulheres atravessavam a porta para usar as mesmas instalações. "E os gregos denominavam-se civilizados", pensou Rizzoli. "Que nojo!" Havia quatro homens sentados em redor da mesa de conferência na villa situada nas montanhas sobre Palermo.

-O material já devia ter sido enviado, Pete-queixou-se um dos homens.

-Qual é o problema?

-Não tenho a certeza. O problema pode ser o Tony Rizzoli. -Nós nunca tivemos nenhum problema com o Tony.

- Eu sei... mas às vezes as pessoas ficam gananciosas. Acho melhor mandarmos alguém a Atenas para ver o que se passa. -É pena. Eu sempre gostei do Tony.

No número 1O da Rua Stadiou, o estado-maior da polícia situado na baixa de Atenas, realizava-se uma conferência. Na sala estavam o chefe da polícia Livreri Dmitri, o inspetor Tinou, e um americano, o tenente Walt Kelly, um agente da Divisão de Costumes do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos. -Chegou às nossas mãos a informação- dizia Kelly-de que se prepara um grande negócio de droga. O embarque sairá de Atenas. O Tony Rizzoli está envolvido. O inspetor Tinou permanecia em silêncio. O departamento da polícia grega não via com bons olhos a interferência de outros países nos seus assuntos. Particularmente de americanos. Eles são sempre tão seguros de si próprios."

O chefe da polícia falou.

-Já estamos a trabalhar nisso, tenente. O Tony Rizzoli fez uma chamada telefônica para Palermo há pouco tempo. Estamos já a investigar o número. Quando conseguirmos, teremos a fonte dele.

O telefone que estava sobre a secretária tocou. -Conseguiste?-Escutou por um momento, o rosto inexpressivo, depois voltou a colocar o telefone.

- Então?

- Eles já deram com o número. -E então?

-A chamada foi feita por uma cabina pública da praça da cidade.

-Garroto!

- O nosso senhor Rizzoli é muito inch eskipnos. Walt Kelly disse impacientemente:

-Eu não falo grego.

-Desculpe, tenente. Significa astuto. Kelly disse:

- Gostava que aumentasse a vigilância sobre ele. "A arrogância do homem." O chefe Dmitrivoltou-se para o inspetor Tinou.

- Nós de fato não temos provas suficientes para fazer mais, temos?

-Não, senhor. Apenas fortes suspeitas.

O Chefe Dmitri voltou-se para Walt Kelly.

-Infelizmente não posso dispensar homens em número suficiente para seguir toda a gente que suspeitamos estar envolvida em narcóticos.

-Mas o Rizzoli,..

- Asseguro-lhe que temos as nossas próprias fontes, senhor Kelly. Se conseguirmos mais informações, sabemos onde contaté-lo. Walt Kelly olhou-o fixamente, frustrado.

-Não espere muito tempo - disse ele, - Ou então esse embarque ainda se vai embora.

A villa em Rafina estava pronta. O corretor de imóveis dissera a Constantin Demiris:

-Sei que o senhor a comprou mobiliada, mas se eu lhe puder sugerir algum mobiliário...

-Não. Quero que tudo fique exatamente como está. Exatamente como estava quando a sua infiel Noelle e o amante, Lorry, estiveram lá atraiçoando-o. Atravessou a sala de visitas. "Fizeram amor aqui no meio do chão? No gabinete privado? Na cozinha?" Demiris entrou no quarto, Havia uma cama grande no canto. A cama deles. Onde Douglas acariciara o corpo nú de Noelle, onde roubara o que pertencia a Demiris. Douglas pagara pela sua traição e agora ia pagar de novo. Demiris olhou para a cama. "Primeiro farei amor com a Catherine aqui", pensou Demiris. Depois nos outros quartos. Em todos eles." Telefonou da afina para Catherine.

- Estou?

-Tenho pensado em si.

Tony Rizzoli teve duas visitas inesperadas da Si cffia. Entraram no quarto sem ser anunciados, e Rizzoli sentiu logo que havia problema. Alfredo Mancuso era grande. Gino Laveri era maior. Mancuso foi logo direto ao assunto. -Viemos a mando do Pete Lucca. Rizzoli tentou parecer informal. -Isso é ótimo. Bem-vindos a Atenas. Em que posso ajudá-

los? -Deixe-se dessas parvoíces, Rizzoli-disse Mancuso.

-O Pete quer saber qual é o seu jogo.

-Jogo? De que é que vocês estão a falar? Eu já lhe expliquei que estou com um pequeno problema.

- É por isso que estamos aqui. Para o ajudar a resolvê-lo. -Esperem um pouco, companheiros-protestou Rizzoli.

- Tenho a mala em lugar seguro, e ela está em lugar seguro. Quando...

-O Pete não a quer guardada em lugar seguro. Ele investiu muito dinheiro nela. - Laveri encostou o punho ao peito de Rizzoli e atirou-o para uma cadeira.

-Deixe-me explicar-lhe como é que . Se o material estivesse nas ruas de Nova Iorque como devia estar, o Pete podia receber o dinheiro, lavá-lo e pô-lo a circular nas ruas. Percebe o que eu quero dizer?

"Eu podia atacar estes dois gorilas", pensou Rizzoli. Mas ele sabia que não estaria a lutar com eles; estaria a lutar com Pete Lucca. -Claro, percebo exatamente o que está a dizer-disse Rizzoli brandamente.

-Mas já não é tão fácil como antigamente. A polícia grega está em todo o sítio, e agora têm lá um agente dos narcóticos de Washington. Eu tenho um plano...

- O Pete também - Laveri interrompeu. -Sabe qual é o plano dele? Ele quer que você saiba que se o material não seguir para a semana quem vai entrar com o dinheiro é você.

- Eh! - protestou Rizzoli. - Eu não tenho esse dinheiro todo. Eu...

-O Pete pensou que talvez você não tivesse. Deforma que nos disse que achássemos outras maneiras de o fazer pagar.

Tony Rizzoli encheu o peito de ar.

-Tudo bem. Digam-lhe apenas que está tudo sob controlo. - Claro. Entretanto vamos ficar por aqui. Tem uma semana.

Tony Rizzoli fazia ponto de honra nunca beber antes do meio-dia, mas quando os dois homens saíram abriu uma garrafa de uísque e tomou dois gales. Sentiu o calor do uísque invadi-lo, mas não ajudou. "Nada vai ajuda", pensou. "Como é que o velho se pôde virar assim contra mim? Eu tenho sido como um filho para ele, e ele dá-me uma semana para eu achar uma saída. Preciso de um otário, urgente. O casino", concluiu ele. "Lá é que vou encontrar um. Às dez horas dessa noite, Rizzoli dirigiu-se para Loutraki, o popular casino situado a cinquenta milhas a oeste de Atenas. Vagueou pela enorme sala de joga, a observar o ambiente. Havia sempre muitos perdedores, dispostos a fazerem qualquer coisa para continuarem a jogar. Rizzoli localizou o seu alvo quase de imediato numa mesa de roleta. Era um homenzinho irrequieto, de cabelo grisalho, na casa dos cinqüenta, que passava o tempo a limpar a testa com um lenço. Quanto mais perdia, mais transpirava.

Rizzoli observava-o com interesse. Já conhecia os sintomas. Era um caso clássico de um jogador compulsivo que perdia mais do que permitiam os seus meios. Quando as fichas que tinha ã frente de si acabaram, disse ao banqueiro:

- Eu... eu queria requisitar mais uma série de fichas.

O banqueiro voltou-se para olhar o lugar reservado ao patrão. -Dá-lha. Será a última.

Tony Rizzoli gostava de saber quanto é que o trouxa já devia. Sentou- se ao lado do homem e entrou no jogo. Aroleta era um jogo para simplórios, mas Rizzoli sabia como jogar, e o seu monte de fichas crescia enquanto o do homem do lado diminuía. O perdedor espalhava fichas por toda a mesa, jogando nos números, nas cores e até fazendo apostas pares e ímpares. "Ele não faz idéia nenhuma do que está a fazer, pensou Rizzoli.

As últimas fichas desapareceram. O estranho deixou-se ficar, rígido.

Ergueu o olhar para o banqueiro esperançosamente. - Será que eu podia...?

O banqueiro sacudiu a cabeça. -Lamento. O homem suspirou e pôs-de de pé. Rizzoli levantou-se ao mesmo tempo.

-Azar-disse ele solidariamente. -Eu tive um pouco de sorte. Deixe-me pagar-lhe uma bebida.

O homem pestanejou. A sua voz vibrou. -É muito amável de sua parte.

"Encontrei o meu otário, pensou Rizzoli. Era óbvio que o homem precisava de dinheiro. Provavelmente não deixaria fugir a oportunidade de levar de avião uma encomenda para Nova Iorque por uns cem dólares e uma viagem grátis para os Estados Unidos.

- O meu nome é Tony Rizzoli. -Victor Korontzis.

Rizzoli levou Korontzis até ao bar. - O que é que vai tomar?

- Sinto muito, mas fiquei sem dinheiro. Tony Rizzoli acenou uma mão expansiva. -Não se preocupe com isso.

-Então tomo uma retsina, obrigado. Rizzoli virou-se para o empregado.

-E um Chivas Regal com muito gelo.

- O senhor é turista?-perguntou Korontzis num tom educado. - Sou

-replicou Rizzoli. - Estou de férias. É um belo país. Korontzis encolheu os ombros,

-Parece que sim. -Não gosta disto aqui?

-Oh, claro, que é bonito. Só que a vida está muito cara. Estou-me referir aos preços elevados, A não ser que seja milionário, custa muito pôr comida na mesa, especialmente quando se tem mulher e quatro filhos. - O seu tom era amargo.

Cada vez melhor.

- O que é que você faz, Victor? - perguntou Rizzoli informalmente.

- Sou conservador do Museu Nacional de Atenas. -Ah ? O que é que faz um conservador?

Um tom de orgulho insinuou-se na voz de Korontzis.

-Eu sou responsável por todas as antigüidades que são encontradas nas escavações que se fazem na Grécia. -Sorveu a bebida. - Bem, nem de todas. Temos outros museus. A Acrópole e o Museu Nacional de Arqueologia, Mas o nosso museu tem os artefatos mais valiosos.

Tony Rizzoli começou a ficar interessado.

-Muito valiosos?

Victor Korontzis encolheu os ombros.

-A maior parte são de valor inestimável. Há uma lei que proíbe a saída de todas as antigüidades do país, naturalmente. Mas temos uma pequena loja no museu que vende cópias.

O cérebro de Rizzoli começava a trabalhar furiosamente. - É verdade?

E as cópias são boas?

-Oh, são excelentes. Só um perito consegue distinguir entre um fac- símile e o original.

-Deixe-me oferecer-lhe mais uma bebida -disse Rizzoli. -Obrigado. É muito amável. Infelizmente não estou em posição de retribuir.

Rizzoli sorriu.

-Não se preocupe com isso. De fato há uma coisa que você pode fazer por mim. Eu gostava de visitar o seu museu. Parece-me fascinante.

- E é. - Korontzis assegurou-lhe entusiasticamente. - É um dos museus mais interessantes do mundo. Teria muito prazer em mostrá-lo em qualquer altura. Quando é que pode aparecer?

- Que tal amanhã?

Tony Rizzoli teve a sensação de que ia conseguir algo mais do que um otário. O Museu Nacional deAtenas fica situado nas imediações da Praça Syntagma, no centro de Atenas. Em si, o museu é um belo edifício construído no estilo de um templo antigo, com quatro colunas jónicas frontais, uma bandeira grega esvoaçando no topo, e quatro figuras talhadas no telhado superior. No interior, os espaçosos halls de mármore contêm depositadas antigüidades de váriosperíodos dahistória da Grécia, e as salas estão cheias de vitrinas com relíquias e artefatos. Há taças de ouro e corôas de ouro, espadas incrustadas e recipientes de libação. Uma vitrina pode conter quatro máscaras de inumação de ouro, e outra fragmentos de estátuas com séculos de existência. Victor Korontzis em pessoa oferecia uma visita guiada a Tony Rizzoli. Korontzis parou defronte

de uma vitrina que continha a estatueta de uma deusa com uma coroa de papoulas de ópio.

- A deusa da papoula - explicou numa voz reprimida. -

A coroa é simbólica da sua função como a portadora do sono, dos sonhos, da revelação e da morte.

- Que valor teria isso? Korontzis riu-se.

- Se estivesse à venda? Muitos milhões. - É mesmo?

O pequeno conservador estava cheio de orgulho patente durante a visita, chamando a atenção para os seus tesouros de valor inestimável.

- Isto é a cabeça de um kouros, 530 a.C....

-Esta é a cabeça de Atena com um capacete corintiano, cerca de 1450

a. C.... e eis aqui uma peça fabulosa. Uma máscara de ouro de um Achaean do túmulo real da Acrópole de îvtycenae, do século XVI a. C. Crê-se que seja o Agamémnon.

- Não me diga?

Levou Tony Rizzoli até outra vitrina. Era uma belíssima ânfora. -É um dos meus preferidos- confessou Korontzis, radiante. - Sei que um pai não deve ter um filho predileto, mas não consigo evitar. Esta ânfora...

-A mim parece-me um vaso.

-Pois... sim. Este vaso foi descoberto na sala do trono durante a escavação em Knossos. Podem ver-se os fragmentos que mostram a captura de um touro com uma rede. Nos tempos antigos, claro, captu ravam os touros com redes para evitarem o derramamento prematuro do seu sangue sagrado, de modo a...

- Quanto é que vale? - Rizzoli interrompeu. -Suponho que cerca de dez milhões de dólares. Tony Rizzoli franziu o sobrolho.

-Tanto?

-É verdade! Lembre-se: veio do Período Minóico Neopalacial, logo depois de 1500 a.C.

Tony Rizzoli passava os olhos pelas dezenas de vitrinas de vidro a abarrotar de artefatos.

-Todas estas coisas têm o mesmo valor?

-Oh, nem pensar. Somente as antigüidades genuínas. -Claro que elas são insubstituíveis, e dão-nos pistas sobre como viviam as civilizações antigas. Deixe-me mostrar-lhe uma coisa. Tony seguiu Korontzis até outra câmara. Pararam em frente de uma vitrina que estava no canto.

Victor Korontzis apontou para um vaso.

- Este é um dos nossos maiores tesouros. É um dos primeiros exemplos do simbolismo dos

sinais fonéticos. O círculo que vê com a cruz é a figura de Ka. O círculo cruzado é uma das primeiras formas inscritas por seres humanos para exprimirem o cosmo. Há apenas... "Estou-me cagando!"

-Quanto vale?-perguntou Tony. Korontzis suspirou.

-O resgate de um rei.

Quando Tony Rizzoli deixou o museu nessa manhã, fazia contas a um patrimônio com que nunca sonhara, nem mesmo nos sonhos mais

loucos. Por um fantástico golpe de sorte tropeçara numa mina de ouro. Andara à procura de um otário, e em vez disso encontrara a chave para a casa do tesouro. O lucro da heroína teria de ser dividido por seis. Ninguém era suficientemente estúpido para enganar a Família: mas o corsário das velharias era de novo outra coisa bem diferente. Se contrabandeasse artefatos para o exterior da Grécia, seria um negócio à parte que seria só seu; o bando não esperaria nada disso. Rizzoli tinha todas as razões para se sentir eufórico. "Agora tudo o que tenho a fazer", pensou Rizzoli, "é saber como lançar o anzol. Depois preocupo-me com o otário." Nessa noite, Rizzoli levou o recém- achado amigo ao Mostrou Athena, um clube noturno onde o entretenimento era obsceno, e havia recepcionistas eróticas à disposição no fim do espetáculo.

-Vamos engatar duas gajas e gozarum pouco-sugeriu Rizzoli. -Tenho de ir para casa-protestou Korontzis.-Além disso, infelizmente, não posso ter esses luxos.

-Eh, você é o meu convidado. Isto vai para as contas da empresa onde trabalho. A mim não me custa nada.

Rizzoli arranjou as coisas para que umas das raparigas levasse Victor Korontzis ao hotel dela.

-Você não vem?-perguntou Korontzis.

- Tenho um pequeno assunto para resolver aqui - disse-lhe Tony. -Vá à frente. Está tudo tratado.

Na manhã seguinte, Tony Rizzoli passou de novo pelo museu. Havia uma multidão enorme de turistas que percorria as várias salas, maravilhada com os tesouros antigos.

Korontzis levou Rizzoli para o seu gabinete. Ele estava de fato a corar.

-Eu... não sei como agradecer-lhe a noite passada, Tony. Ela.,. foi tudo maravilhoso.

Rizzoli sorriu.

- Para que é que servem os amigos, Victor?

-Mas não há nada que eu possa fazer para retribuir.

-Não disse que estou à espera- disse Rizzoli com veemëncia. - Eu gosto de si. Gosto da sua companhia. A propósito, hoje à noite há uma partidazita de póquer num dos hotéis. Eu vou jogar. Está interessado?

-Obrigado, gostava muito, mas...-encolheu os ombros. -Acho melhor não.

-Venha. Se é por dinheiro, não se preocupe. Eu financio. Korontzis sacudiu a cabeça.

-Você tem sido muito agradável comigo. Se eu perdesse, não lhe podia pagar.

Tony Rizzoli deu um sorriso largo.

- Quem é que disse que você vai perder? Já está ganho. -Ganho? Não... não entendo.

Rizzoli disse calmamente.

-Um amigo meu chamado Otto Dalton é que vai dirigir o jogo. Estão cá uns turistas americanos cheios de massa que adoram jogar, e eu e o Otto vamos levá-los.

Korontzis estava a olhá-lo, com os olhos arregalados. -Levá-los? Está a querer dizer que vai enganá-los?-Korontzis lambeu os lábios. -Eu... nunca fiz uma coisa dessas.

Rizzoli abanou a cabeça num gesto de simpatia.

-Eu entendo. Se o incomoda, não venha. Apenas pensei que seria uma maneira fácil de ganhar dois ou três mil dólares. Korontzis arregalou os olhos.

- Dois ou três mil dólares? - Oh, sim. No mínimo. Korontzis lambeu os lábios de novo. - Eu.., eu... Não é perigoso? Tony Rizzoli riu-se.

- Se fosse perigoso, eu não iria jogar, pois não? É canja. O Otto sabe dar as cartas de uma forma mecanizada. Consegue dar um baralho de cima, do fundo ou do meio. Há anos que faz isso e nunca foi apanhado.

Korontzis deixou-se ficar ali, a olhar fixamente para Rizzoli. -De quanto... quanto é que eu precisava para entrar no jogo? -Cerca de quinhentos dólares. Mas até lhe digo isto. A coisa é tão fácil que lhe vou emprestar quinhentos dólares.

- Você está a ser muitíssimo generoso, Tony. Porque é que... porque é que está a fazer isso por mim?

-Eu digo-lhe porquê-A voz de Tony encheu-se de indignação.

-Quandovejo um homem decente e trabalhador como você, com uma profissão responsável como a de conservador de um dos maiores

museus do mundo, e o estado não lhe dá o valor suficiente para ter um ordenado que se veja, e você anda a lutar para conseguir alimentar a família, bem, para lhe dizer a verdade, Victor, isso dá cabo de mim. Há quanto tempo não é aumentado?

-Não... não há aumentos.

-Está a ver? Ouça. Você tem uma opção, Victor, Pode deixar-me fazer- lhe um pequeno favor hoje à noite, e assim ganhar uns milhares de dólares e começar a viver como merece, ou então continua a viver com o que ganha sem pensar no futuro para o resto da

vida.

-Não... não sei, Tony, Não devo... Tony Rizzoli levantou-se.

-Eu compreendo. Sou capaz de estar de volta a Atenas dentro de um ou dois anos, e talvez venhamos a encontrar-nos de novo. Foi um prazer conhecê-lo, Victor. - Rizzoli dirigiu-se para a porta. Korontzis tomou a decisão.

-Espere. Eu.., eu gostaria de ir consigo esta noite. Mordera a isca.

-Eh, ótimo - disse Tony Rizzoli. - Sinto-me bem por poder ajudá-lo. Korontzis hesitou.

- Peço desculpa, mas quero ter a certeza de que entendi bem. Você disse que se eu perder os quinhentos dólares não terei que lhos devolver?

-É isso mesmo -disse Rizzoli. -Porque você não pode perder. O jogo está viciado.

- Onde é que vai ser a partida?

-Quarto quatrocentos e vinte no Hotel Metrópole. Dez horas. Diga à sua mulher que vai trabalhar até tarde.

sentiu-se repentinamente preocupado. E se alguma coisa corresse mal e ele perdesse quinhentos dólares? Afastou a idéia. O seu amigo Tony trataria do caso. E se ele ganhasse. Korontzis sentiu-se repentinamente eufórico. O jogo começou. Havia quatro homens no quarto do hotel além de Tony Rizzoli e Victor Korontzis.

-Quero que conheça o meu amigo Otto Dalton-disse Rizzoli. - Victor Korontzis.

Os dois homens apertaram as mãos. Rizzoli olhou para os outros curiosamente.

-Parece-me que não conheço estes cavalheiros. Otto Dalton fez as

apresentações.

-Perry Breslauer de Detroit... Marvin Seymour de Houston... Sal Prizzi de Nova Iorque.

Victor Korontzis abanava a cabeça, não confiando na voz.

Otto Dalton aparentava os seus sessenta anos, era magro, tinha cabelo grisalho e era um homem afável. Perry Breslauer era mais novo,mas tinha um rosto enrugada contraído. Marvin Seymour era um homem magro de aspecto brando. Sal Prizzi era um homem enorme, com a estrutura de um carvalho, de membros poderosos como braços. Tinha olhos pequenos e malvados, e uma faca deixara-lhe uma cicatriz profunda. Rizzoli reunira-se com Korontzis antes do jogo. ~Estes tipos têm muito dinheiro. Podem dar-se ao luxo de perder muita massa. O Seymour é dono de uma companhia de seguros, o Breslauer concessionário do ramo automóvel por todos os Estados Unidas, e o Sal Prizzi é o chefe de um grande sindicato em Nova Iorque." Otto Dalton falava.

- Muito bem, cavalheiros. Vamos começar. As fichas brancas valem cinco dólares, as azuis valem dez, as vermelhas valem vinte e cinco e as pretas valem cinqüenta. Vamos ver a cor do vosso dinheiro.

Korontzispuxou dos quinhentos dólares que TonyRizzoli lhe emprestara. "Não, pensou, "emprestara, não, dera. Olhou para Rizzoli e sorriu. O Rizzoli é um excelente amigo. Os outros homens tiravam enormes maços de notas. Korontzis Quem escolheu foi Otto, que dava as cartas. As apostas foram pequenas no princípio, e houve vasas de cinco cartas, de sete cartas e outras modalidades. No início, os ganhos e perdas foram distribuídos por partes iguais, mas aos poucos a maré começou a virar. Parecia que Victor Korontzis e Tony Rizzoli não podiam fazer nada de errado. Se as cartas deles eram razoáveis, as dos outros eram piores. Se os outros tinham bom jogo, Korontzis e Rizzoli tinham melhor. Victor Korontzis não queria acreditar na sua sorte. No fim da noite, tinha ganho quase dois mil dólares. Parecia um milagre.

-Vocês tiveram muita sorte -resmungou Marvin Seymour. -É verdade- concordou Breslauer. -Que tal darem-nos outra oportunidade amanhã?

-Eu depois digo-vos-disse Rizzoli.

Quando tinham saído, Korontzis exclamou: -Não posso acreditar. Dois mil dólares! Rizzoli riu-se.

-São favas contadas. Eu disse-1he.O Otto é um dos artífices mais

astutos na matéria. Os tipos estão mortos por levarem outro arrombo amanhã. Está interessado?

-Pode apostar. -Houve um sorriso largo no rosto de Korontzis. -Parece que disse uma piada.

Na noite seguinte, Victor Korontzis ganhou três mil dólares.

- É fantástico! - disse ele a Rizzoli, - Eles não suspeitam de nada?

- Claro que não. Aposto consigo que amanhã vão pedir para aumentar a parada. Julgam que vão recuperar o dinheiro. Quer alinhar?

-Claro, Tony. Alinho.

No momento em que se sentavam para jogar, Sal Prizzi disse: -Sabem uma coisa? Até agora não fizemos outra coisa senão perder. Que tal subirmos as apostas? Tony Rizzoli olhou por cima para Korontzis e piscou o olho. -Por mim tudo bem - disse Rizzoli. -E vocês? Todos abanaram a cabeça em sinal de concordância. Otto Dalton colocou pilhas de fichas.

-As brancas valem cinquenta dólares, as azuis cem, as vermelhas quinhentos, as pretas mil.

Victor Korontzis olhou para Rizzoli inquietantemente. Não pensara que as apostas fossem tão altas. Rizzoli abanou a cabeça de um modo tranquilizador. O jogo começou. Nada mudou. Os jogos de Victor Korontzis eram mágicos. Todas as cartas que tinha venciam os outros. Tony Rizzoli também estava a ganhar, mas não tanto.

-Que cartas de merda! -resmungou Prizzi. -Vamos trocar de baralho.

Otto Dalton amavelmente apresentou um baralho novo. Korontzis olhou por cima para Tony Rizzoli e sorriu. Ele sabia que nada ia fazer mudar a sorte deles. À meia-noite mandaram buscar sanduíches. Os jogadores fizeram um intervalo de quinze minutos. Tony Rizzoli levou Korontzis para um canto.

-Eu disse ao Otto que os deixasse partilhar um pouco-sussurrou ele.

-Não percebo.

- Vamos deixá-los vencer alguns jogos. Se estiverem sempre a perder, podem desanimar e desistir.

- Oh, compreendo. É bem pensado.

-Quando pensarem que estão muito hábeis, nós subimos a parada outra vez e damos cabo deles.

Victor Korontzis estava hesitante.

-Eu já ganhei tanto dinheiro, Tony. Não acha que seria melhor sairmos enquanto estamos...?

Tony Rizzoli olhou-o de frente e disse:

-Victor, você não gostaria de sair daqui esta noite com cinquenta mil dólares no bolso?

Quando o jogo recomeçou, Breslauer, Prizzi e Seymour começaram a ganhar. As cartas de Korontzis ainda eram boas, mas as dos outros eram melhores. "O Otto Dalton é um gênio, pensou Korontzis. Esteve a observá-lo enquanto dava e não conseguira detectar um movimento falso. A medida que o jogo prosseguia, Victor Korontzis ia perdendo. Não estava preocupado. Em poucos minutos, quando tivessem - qual era a palavra? - partilhado com os outros, ele, Rizzoli e Dalton procederiam ao golpe final. Sal Prizzi regozijava-se com a desgraça alheia. -Bem - disse ele -, parece que vocês arrefeceram. Tony Rizzoli sacudiu a cabeça pesarosamente.

-Parece que sim, não ? - Deu a Korontzis um olhar entendido. -A vossa sorte não podia durar para sempre-disse Marvin Seymour.

Perry Breslauer interveio.

-Que tal subirmos a parada de novo para vocês levarem uma cabazada?

Tony Rizzoli fingiu considerar a questão.

-Não sei-disse ele pensativamente. Virou-se para Victor Korontzis. - O que é que acha, Victor? Não gostava de sair daqui esta noite com cinqüenta mil dólares no bolso?

"Poderei comprar uma casa e um carro novo. Posso levar a família de férias"... Korontzis quase tremia de excitação.

Sorriu.

- Porque não?

-Tudo bern -disse Sal Prizzi. -Vamos jogar. Não há limite. Iam jogar vasas de cinco cartas, As cartas estavam dadas. -Vamos abrir com cinco mil dólares.

Cada jogador recolheu a sua ante.

Victor Korontzis recebeu duas damas. Tirou três cartas, e uma delas era outra dama.

Rizzoli olhou para a sua mão e disse: -Subo mil.

Marvin Seymour analisou a sua mão. - Pago para ver e subo dois mil. Otto Dalton baixou as cartas,

- É de mais para mim. Sal Prizzi disse: - Jogo. O bolo foi todo para Marvin Seymour.

Na mão seguinte, Victor Korontzis recebeu um oito, nove, dez e um valete de copas. Só faltava uma carta para um vôo súbito!

-Jogo para mil dólares-disse Dalton. -Jogo e subo mais mil. Sal Prizzi disse: -Vamos pôr mais mil.

Era a vez de Korontzis. Ele tinha a certeza de que um súbito vôo bateria tudo o que os outros tivessem. Só lhe faltava uma carta. -Eu jogo. -Tirou uma carta e pô-la com o valor para baixo, não ousando olhar para ela.

Breslauer baixou o jogo.

- Duas quadras e dois dez. Prizzi baixou o seu jogo. -Três setes.

Voltaram-se paraVictor Korontzis. Ele respirou fundo e apanhou a carta que lhe faltava. Era preta.

-Rebentei-disse ele. Baixou o jogo.

Os bolos iam crescendo. A pilha de fichas de Victor Korontzis ficou reduzida a quase nada. Olhou para Tony Rizzoli, preocupado. Rizzoli sorriu de um jeito tranquilizador, um sorriso que dizia: -Não há motivos para preocupações. Rizzoli deu início ao próximo bolo. As cartas foram dadas. -Aposto mil dólares no escuro. Perry Breslauer;

-Eu ponho mais mil. Marvin Seymour: -E eu cubro. Sal Prizzi:

-Sabem uma coisa? Acho que vocês estão a fazer bluff. Vamos subir mais cinco mil.

Victor Korontzis ainda não olhara para o seu jogo. "Quando é que a porcaria da partilha vai acabar?"

-Victor?

Korontzis recolheu o jogo lentamente e abriu as cartas uma a uma.

Um ás, outro ás e um terceiro ás, mais um rei e um dez. O sangue dele começou a galopar.

-Joga?

Sorriu para si próprio. A partilha havia parado. Sabia que ia receber para ter um full.

Desfez-se do dez e tentou manter uma voz normal.

-Jogo. Uma carta, por favor. Otto Dalton disse:

- Quero duas. - Olhou para as cartas. - Subo mil. Tony Rizzoli sacudiu a cabeça.

-Para mim é de mais. -Baixou o jogo.

- Eu jogo - disse Prizzi- e subo cinco mil. Marvin Seymour entregou o jogo.

- Saio.

Era entre Victor Korontzis e Sal Prizzi.

-Joga? -Prizzi perguntou. - Vai-lhe custar mais cinco mil. Victor Korontzis olhou para o monte de fichas que possuía. Cinco mil era tudo o que tinha.

Mas quando eu ganhar este bolo..., pensou ele. Olhou de novo para as cartas que tinha na mão. Eram imbatíveis. Pôs o monte de fichas no centro da mesa e puxou uma carta. Era um cinco. Mas ainda tinha três ases. Baixou o jogo. -Três ases. Prizzi espalhou o seu jogo. - Quatro duques. Korontzis deixou-se ficar ali, atordoado, vendo Prizzi recolher o bolo. Decerto modo sentiu-se como se tivesse decepcionado o seu amigo Tony. Se ao menos eu tivesse parado quando começamos a ganhar. Foi a vez de Prizzi dar.

-Vasa de sete cartas- anunciou ele. -Vamos pôr mil dólares no bolo.

Os outros jogadores recolheram a primeira carta. Victor Korontzis olhou para Tony Rizzoli com um ar de desespero.-Eu não tenho...

-Está bem -Rizzoli disse. Virou-se para os outros.

Ouçam, o Victor não teve tempo de levantar muito dinheiro para trazer hoje, mas garanto-lhes que ele é de confiança. Vamos dar-lhe crédito, e ajustamos contas no fim da noite.

Prizzi disse:

- Calma aí. O que é isto, alguma agência bancária? Nós nunca vimos o Victor Korontzis mais magro. Como é que sabemos que ele vai pagar?

-Têm a minha palavra-Tony Rizzoli assegurou-lhes.-O Otto passa-me um vale.

Otto Dalton falou.

-Se o Tony diz que o senhor Korontzis é de confiança, então não há problema.

Sal Prizzi encolheu os ombros. - Pronto, então está tudo bem. -Por mim tudo bem - disse Perry Breslauer. Otto Dalton virou-se para Victor Korontzis. -Quanto é que quer?

-Dê-lhe dez mil - disse Tony Rizzoli.

Korontzis olhou para ele surpreendido. Dez mil dólares eram mais do que ele ganhara em dois anos. Mas Rizzoli devia saber o que estava a fazer. Victor Korontzis engoliu. -Isso.., isso está ótimo. Um monte de fichas foi colocado diante de Korontzis. As cartas nessa noite foram o inimigo de Victor Korontzis. À medida que as apostas subiam, o seu novo

monte de fichas ia diminuindo. Tony Rizzoli também estava a perder. As duas da madrugada, fizeram um intervalo. Korontzis levou Tony Rizzoli para um canto.

-O que é que está a acontecer?-Korontzis sussurrou em pânico. -Meu Deus, sabe quanto dinheiro já estou a dever?

-Não se preocupe, Victor. Eu também estou a dever. Já fiz o sinal ao Otto. Quando for ele a dar o jogo vai mudar. Vamos dar-lhes uma boa coça.

Voltaram a sentar-se.

-Dá mais vinte e cinco mil dólares ao meu amigo-disse Rizzoli. Marvin Seymour franziu o sobrolho.

-Tem a certeza de que ele quer continuar a jogar? Rizzoli voltou-se para Victor Korontzis.

-É consigo. -Korontzis hesitou. "Já fiz sinal ao Otto. O jogo vai mudar." -Jogo.

-Está bem.

Fichas no valor de vinte e cinco mil dólares foram colocadas diante de Korontzis. Olhou para as fichas e de repente sentiu-se cheio de sorte, Otto Dalton estava a dar.

-Muito bem, cavalheiros. O jogo é vasa de cinco cartas. A aposta inicial é de mil dólares.

Os jogadores colocaram as fichas no centro da mesa.

Dalton distribuiu cinco cartas a cada jogador. Korontzis não olhou para a mão que recebeu. Vou esperar, pensou ele, "Vai dar sorte. -

Façam as vossas apostas. Marvin Seymour, sentado à direita de Dalton, estudou a sua mão por um momento.

- Desisto. - Baixou as cartas. Sal Prizzi era a seguir.

- Eu jogo e subo mil. - Pôs as fichas no centro da mesa. Tony Rizzoli olhou para a sua mão e encolheu os ombros. -Desisto. -Baixou as cartas.

Perry Breslauer estava a olhar para a sua mão e a rir-se. - Cubro o aumento, e subo mais cinco mil. Custaria a Victor Korontzis seis mil dólares continuar no jogo. Lentamente, apanhou a sua mão e abriu as cartas em leque. Não pôde acreditar no que viu. Segurava um straight f lush conveniente-uma quina, uma sena, um sete, um oito e um nove de copas. "Uma mão perfeita! Afinal Tony Rizzoli tivera razão. Graças a Deus! Korontzis tentou esconder a sua excitação.

- Cubro, e subo cinco mil. - Era esta mão que ia enriquecê-lo. Dalton entregou o jogo.

-Eu não. Passo.

-Agora é comigo-disse Sal Prizzi.-Acho que você está a fazer bluff, amigo. Jogo e subo mais cinco mil.

Victor Korontzis sentiu um ligeiro frémito de excitação atravessá-lo. Tinham-lhe dado uma mão que só se dá uma vez na vida. Ia ser o maior prêmio acumulado do jogo.

Perry Breslauer estudava a sua mão.

- Bem, acho que vou jogar e subir mais cinco, companheiros. Era de novo a vez de Victor Korontzis. Respirou fundo. -Cubro e subo mais cinco mil. -Quase tremia de excitação. Era tudo o que podia fazer para evitar estender as mãos e recolher o bolo.

Perry Breslauer abriu as cartas, um olhar de triunfo no rosto. -Três reis. Ganhei!" pensou Victor Korontzis. - Não chega - sorriu.

-Um straight flush. -Mostrou o jogo e estendeu a mão para arrecadar o bolo.

-Calma aí!-Sal Prizzi lentamente baixou a sua mão.-Ganho eu com um royal flush. Do dez ao ás de espadas.

Victor Korontzis empalideceu. Sentiu-se repentinamente a desfalecer, e o coração começou a palpitar.

-Caramba-disse Tony Rizzoli. -Dois straight flushes?-Virou-se para

Korontzis. - Lamento, Victor. Eu.. não sei o que dizer. Otto Dalton disse:

-Acho que por hoje chega, cavalheiros. -Consultou um pedaço de papel e virou-se para Victor Korontzis. -Deve-me sessenta e cinco mil dólares. Victor Korontzis olhou para Tony Rizzoli, espantado. Rizzoli encolheu os ombros, impotente. Korontzis tirou um lenço e começou a limpar a testa.

-Como é que quer pagar?-perguntou Dalton. -Em cheque ou em dinheiro?

-Não aceito cheques- disse Prizzi. Olhou para Victor Korontzis. - Só aceito dinheiro.

-Eu... eu... -As palavras não saíam. Viu que estava a tremer. -Não... não tenho essa...

-O rosto de Sal Prizzi escureceu. -Você o quê?-gritou ele. Tony Rizzoli disse rapidamente:

-Espere um pouco. O Victor não o tem com ele. Eu disse-lhes que ele era de confiança.

-Isso não dá camisa a ninguém, Rizzoli. Eu quero ver o dinheiro dele.

- E vai ver - disse Rizzoli tranquilizadoramente. - Tê-lo-á dentro de dias.

Sal Prizzi pôs-de de pé num salto. -Isso é uma porra.

- Não sou nenhuma instituição de caridade. Quero o dinheiro amanhã.

-Não se preocupe. Ele irá entregá-lo.

Victor Korontzis encontrava-se no meio de um pesadelo e não havia saída. Ficou ali sentado, incapaz de mexer-se, mal se apercebendo da saída dos outros. Tony e Korontzis ficaram sozinhos. Korontzis estava aturdido.

-Eu... nunca serei capaz de arranjar todo esse dinheiro-ele chorava. - Nunca!

Rizzoli pôs uma mão sobre o ombro de Korontzis.

-Não sei o que dizer-lhe, Victor. Não sei o que é que correu mal. Acho que perdi quase tanto dinheiro quanto você esta noite. Victor Korontzis enxugou os olhos.

-Mas... mas você pode dar-se a esse luxo, Tony. Eu... não posso. Vou ter que lhes dizer que não lhes posso pagar.

Tony Rizzoli disse:

-Eu se fosse você pensaria melhor, Victor. O Sal Prizzi é o chefe do Sindicato dos Marinheiros da Costa Leste. Parece que os tipos reagem muito mal.

-Tem de ser. Se não tenho o dinheiro, essa é a verdade. Que poderá ele fazer-me?

-Deixe-me dizer-lhe aquilo que ele é capaz de lhe fazer-disse Rizzoli com veemência. -Ele pode mandar os homens dele darem-lhe um tiro nos joelhos. Você nunca mais dá um passo. Pode mandá-los atirarem- lhe ácido para os olhos. Você nunca mais vê. E depois, quando passar por todas as dores que pode suportar, ele decidirá se o deixará viver nesse estada, ou se manda mofa-lo. Victor Korontzis olhava fixamente para ele, a sua face cor de cinza. - Você... você está a brincar.

-Oxalá estivesse. A culpa é minha, Victor. Eu nunca deveria tê-lo deixado entrar num jogo com um homem como o Sal Prizzi. Ele é um assassino.

- Oh, meu Deus. O que é que eu vou fazer? -Tem algum modo de arranjar o dinheiro? Korontzis começou a rir-se histericamente.

- Tony... eu mal consigo sustentar a família com o que ganho. -Bem, então a única coisa que posso sugerir é que você deixe a cidade, Victor. Talvez sair do país. Vá para um sítio onde o Prizzi não o consiga encontrar.

-Não posso fazer isso-lastimou-se Victor Korontzis.-Tenho mulher e filhos. -Olhou para Tony Rizzoli com um ar acusador. - Você disse que a partida estava viciada, que nós não iríamos perder. Você disse- me...

- Eu sei. E lamento sinceramente. Funcionou sempre antes. A única coisa em que posso pensar é que o Prizzi fez batota.

O rosto de Korontzis encheu-se de esperança.

- Bem, então, se ele fez batota não tenho de lhe pagar.

-Há aí um problema,Victor-disse Rizzoli pacientemente. -Se você o acusa de batoteiro, ele mata-o, e se você não lhe paga ele mata-o.

- Oh, meu Deus - Korontzis queixou-se. - Sou um homem morto.

-Sinto-me muito mal com tudo isto. Tem a certeza de que não há nenhuma maneira de conseguir arranjar...?

- Teria que viver cem vidas. Mil vidas. Tudo o que tenho está hipotecado. Aonde é que eu ia arranjar,.,?

E então Tony Rizzoli teve uma inspiração repentina.

-Espere um minuto, Victor! Você não disse que aqueles artefatos do museu valiam muito dinheiro?

- Sim, mas que tem isso a ver com",?

-Deixe-me só terminar. Você disse que as cópias eram tão boas como os originais.

- Claro que não são. Qualquer perito saberia distinguir. -Mas é isso mesmo. E se um desses artefatos desaparecesse e no seu lugar se colocasse uma cópia? O que quero dizer é isto: quando estive no museu havia lá muitos turistas.

-Eles iriam notar alguma coisa?

-Não, mas... sim... estou a ver qual é a sua idéia. Não, eu nunca poderia fazer semelhante coisa,

Rizzoli disse brandamente:

-Entendo, Victor. Apenas pensei que talvez o museu pudesse dispensar um pequeno artefato.

-Eles têm lá tantos.

Victor Korontzis sacudiu a cabeça.

-Sou conservador do museu há vinte anos. Nunca me passaria uma coisa dessas pela cabeça.

-Lamento imenso. Eu nem deveria ter falado nisso. A única coisa que me fez pensar no assunto foi porque isso poderia salvar-lhe a vida.

-Rizzoli levantou-se e espreguiçou-se. - Bem, está a fazer-se tarde. A sua mulher deve querer saber por onde é que você anda. Victor Korontzis olhava fixamente para ele.

-Podia salvar-me a vida? Como?

-E simples. Se você tirasse uma dessas velharias... -antigüidades.

- ... antigüidades... e dê-me-a, eu poderia levá-la para fora do país e vendê-la, e dava ao Prizzi o dinheiro que você lhe deve. Acho que consigo persuadi-lo a esperar esse tempo todo. E você ficava

desenrascado. Claro que não preciso de lhe dizer a si o risco que me estaria a fazer correr, porque, se eu fosse apanhado, ficava em grandes sarilhos. Mas estou a oferecer-me, porque acho que lhe devo isso. Quem o meteu nesta trapalhada fui eu.

-Você é um grande amigo -disse Victor Korontzis. -Mas não posso deitar-lhe as culpas. Eu não tinha nada de me meter nesse jogo. Você estava a tentar ajudar-me.

-Eu sei. Só desejava que tudo tivesse acabado de uma forma diferente. Bem, vamos dormir um pouco. Amanhã falo consigo. Boa noite, Victor.

-Boa noite, Tony.

A chamada chegou ao museu logo na manhã seguinte. - Korontzis?

- Sim?

- Aqui fala Sal Prizzi. -Bom dia, senhor Prizzi.

-Estou a ligar por causa do assunto dos sessenta e cinco mil dólares. A que horas posso ir buscá-los?

Victor Korontzis começou a transpirar bastante.

-Eu... não possuo esse dinheiro neste preciso momento, senhor Prizzi. Houve um silêncio no outro lado da linha.

-Mas a que raio de jogo anda você a brincar comigo?

-Acredite, não estou a fazer jogo nenhum. Eu...

-Então quero a merda do dinheiro. Está entendido?

-Claro que sim.

-A que horas fecha o museu?

- Seis... seis horas.

-Estarei aí. Esteja com o dinheiro, ou parto-lhe a cara. E depois disso é que vou mesmo fazer-lhe mal.

-A linha desligou.

Victor Korontzis permaneceu sentado cheio de medo. Queria esconder-se. Mas onde? Foi engolido por uma sensação de desespero total, apanhado num vórtice de "ses~: "Se ao menos eu não tivesse ido ao casino nessa noite; se ao menos eu não tivesse conhecido o Tony Rizzoli; se ao menos eu tivesse mantido a promessa que fiz à minha

mulher de não voltar a jogar." Sacudiu a cabeça para desanuviar. "Preciso de fazer alguma coisa e já.

E nesse momento, Tony Rizzoli entrou no gabinete dele. - Bom dia, Victor.

Eram seis e meia. O pessoal tinha ido para casa, e o museu fechara havia meia hora. Victor Korontzis e Tony Rizzoli estavam a olhar para a porta da rua.

Korontzis estava a ficar cada vez mais nervoso.

-E se ele disser não? E se ele quiser o dinheiro hoje à noite?

- Eu encarrego-me dele - disse Tony Rizzoli. - Deixe que eu falo.

-E se ele não aparecer? E se ele... você sabe... mandar alguém matar- me? Acha que seria capaz de fazer uma coisa dessas?

-Não, enquanto tiver hipótese de ver o dinheiro dele -disse Rizzoli confiantemente.

Às sete horas, Sal Prizzi finalmente apareceu. Korontzis correu para a porta e abriu-a.

-Boa noite-disse ele. Prizzi olhou para Rizzoli.

-Mas que raio está você a fazer aqui? Voltou-se para Victor Korontzis.

- Isto é só entre nós.

-Calma-disse Rizzoli. -Estou aqui para ajudar.

-Não preciso da sua ajuda. -Prizzi voltou-se para Korontzis. - Onde é que está o meu dinheiro?

-Eu... não o tenho. Mas... Prizzi agarrou pelos colarinhos.

- Ouça, meu cabrão. Ou me dá o dinheiro esta noite, ou vai ser comida dos peixes. Percebe?

Tony Rizzoli disse:

-Eh, acalme-se. Vai receber o seu dinheiro. Prizzi voltou-se para ele.

-Eu disse-lhe para não se meter nisto. O assunto não lhe diz respeito.

-Vai ser assunto meu. Eu sou amigo do Victor. O Victor não tem o dinheiro neste preciso momento, mas descobriu maneira de lho arranjar.

-Ele tem o dinheiro ou não tem?

-Tem e não tem -disse Rizzoli.

- Que raia de resposta essa?

O braço de Tony Rizzoli correu a sala.

- O dinheiro está aqui.

Sal Prizzi perscrutou a sala.

- Onde?

-Naquelas vitrinas. Estão cheias de velharias... -antigüidades-disse Korontzis automaticamente. -... que valem uma fortuna. Estou a falar de milhões.

-Ah sim? -Prizzi virou-se para olhar as vitrinas.

-Para que é que me servem se estão trancadas num museu? Eu quero dinheiro.

-Você vai ter dinheiro -disse Rizzoli brandamente. - O dobro daquilo que o meu amigo lhe deve. Só tem que ter um pouco de paciência, é tudo, o Victor não é um cambista. Ele apenas precisa de um pouco de tempo. Eu vou-lhe contar o plano dele. O Victor vai tirar uma destas velharias.., antigüidades... e vendê-la. Assim que ele arranjar o dinheiro, paga-lhe. Sal Prizzi sacudiu a cabeça.

- Isto não me cheira. Não sei nada desse negócio de velharias.

-E não precisa. O Victor é um dos maiores peritos do mundo. - Tony Rizzoli foi até uma das vitrinas e apontou para uma cabeça de mármore. - Quanto é que isso vale, Victor ?

Victor Korontzis engoliu.

-Esta é a deusa Higia, século catorze antes de Cristo. Qualquer colecionador pagaria com todo o prazer dois ou três milhões de dólares por isso.

Rizzoli voltou-se para Sal Prizzi. -Aí tem. Entende o que eu digo? Prizzi franziu o sobrolho.

-Não sei. Quanto tempo é que eu teria de esperar?

-Terá o dobro do seu dinheiro dentro de um mês.

Prizzi pensou por um momento, depois fez um sinal afirmativo com a cabeça.

-Tudo bem, mas se eu tiver de esperar um mês quero mais... digamos, mais duzentos mil dólares.

Tony Rizzoli olhou para Victor Korontzis. Korontzis sacudia a cabeça ansiosamente.

-Muito bem - disse Rizzoli. - Está combinado. Sal Prizzi dirigiu-se ao conservador de baixa estatura.

-Vou dar-lhe trinta dias. Se eu não tiver o dinheiro nessa altura, você será carne para cão. Está a perceber?

Korontzis engoliu. -Estou.

- Lembre-se... trinta dias.

Deu a Tony um longo e duro olhar.

-Eu não gosto de si.

Ficaram a olhar enquanto Sal Prizzi se voltou e saiu da sala. Korontzis afundou-se numa cadeira, enxugando a testa.

-Oh, meu Deus-disse ele. -Pensei que ele ia me matar. Acha que conseguimos arranjar-lhe o dinheiro dentro de trinta dias? - Claro - prometeu Tony Rizzoli. -Tudo o que tem a fazer é tirar uma dessas coisas da vitrina e pôr lá uma cópia.

- Como é que vai levá-la para fora do país? Você vai parar à prisão se for apanhado.

-Eu sei-disse Tony corajosamente. -Mas é um risco que vou ter de correr. Eu devo-lhe isso, Victor.

Uma hora depois, Tony Rizzoli, Sal Prizzi, Otto Dalton, Perry Breslauer e Marvin Seymour estavam a tomar umas bebidas na suite do hotel de Dalton.

- Correu às mil maravilhas - disse Rizzoli . - O gajo apanhou cá um cagaço.

Sal Prizzi deu um sorriso largo, mostrando os dentes. -Assustem, hem?

-Assustaste-me foi a mim-disse Rizzoli. -Davas um ator do caraças.

- Que é que ficou combinado agora? - perguntou Marvin Seymour. Rizzoli replicou.

-Combinamos o seguinte: ele dá-me uma daquelas velharias. Eu arranjo maneira de fazê-la sair e vendê-la. Depois cada um de vocês receberá a sua parte.

- Lindo - disse Perry Breslauer. -Adoro.

"É como ter uma mina de ouro, pensou Rizzoli. "Assim que Korontzis começar com isto, está no papo. Não vai poder voltar atrás. Vou obrigá-lo a limpar todo aquele maldito museu.

Marvin Seymour perguntou:

- Como é que vais levar a coisa para fora do país?

- Eu arranjo maneira - disse Tony Rizzoli. - Eu arranjo maneira.

Tinha de arranjar. E depressa. Alfredo Mancuso e Gino Laveri estavam à espera.

No quartel-general da polícia, situado na Rua Stadiou, fora convocada uma reunião de emergência. Na sala de conferências estavam o chefe da polícia Dmitri, o inspetor Tinou, o inspetor Nicolino, Walt Kelly, o agente do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos da América e meia dúzia de detetives. O ambiente era muito diferente do da reunião anterior.

O inspetor Nicolino dizia:

-Temos agora razões para acreditar que a sua informação estava correta, senhor Kelly. As nossas fontes dizem-nos que Tony Rizzoli está a tentar encontrar um meio para fazer sair um vultuoso embarque de heroína de Atenas. Já demos início a uma revista de possíveis armazéns onde ele a possa ter guardado.

- Pôs o Rizzoli sob vigilância?

-Aumentámos o número de homens esta manhã-disse o chefe Dmitri. Walt Kelly suspirou.

-Só espero que não seja tarde de mais.

O inspetor Nicolino atribuiu a vigilância de Tony Rizzoli a duas equipas de detetives, mas ele subestimou o seu sujeito. À tarde Rizzoli apercebeu-se de que tinha companhia. Sempre que saía do pequeno hotel em que estava hospedado, era seguido, e quando regressava havia sempre alguém a matar casualmente o tempo nas traseiras. Eram

profissionais a sério. Rizzoli gostava disso. Era um sinal de respeito por ele. Ele agora não só tinha de achar uma maneira de fazer sair a heroína de Atenas mas também ia ter uma antiguidade sem preço para negociar. O Alfredo Mancuso e o Gino Laveri não me largam, e a polícia caiu em cima de mim como um cobertor molhado. Tenho de

fazer um contato rapidamente". O único que lhe veio imediatamente à cabeça foi o de Ivo Bruggi, um pequeno armador de Roma. Rìzzoli fizera negócio com Bruggi no passado. Era urna tentativa com pouca possibilidade de sucesso, mas era melhor do que nada. Rìzzoli tinha a certeza de que o telefone do seu quarto de hotel estava sob escuta.Tenho de arranjar um estratagema para poder receber chamadas no hotel. Ficou sentado a pensar longamente. Por fim, levantou-se e foi até ao quarto em frente e bateu à porta. Foi um homem idoso de rosto irritado que a abriu.

-Sim?

Rìzzoli mostrou-se simpático.

- Desculpe-me - disse ele. - Lamento incomodá-lo. Vivo no quarto em frente. Será que eu poderia entrar e falar consigo por um minuto?

O homem analisou-o desconfiadamente. - Quero vê-lo abrir a porta do seu quarto. Tony Rìzzoli sorriu.

-Certamente. -Atravessou o corredor, tirou a chave e abriu a porta. O homem fez um sinal afirmativo com a cabeça. -Está certo. Entre.

Tony Rìzzoli fechou a porta e entrou no quarto que ficava no lado oposta.

- Que é que quer?

-Bem, trata-se de um problema pessoal, e custa-me muito incomodá-lo, mas... Bem, a verdade é que estou quase a divorciar-me, e a minha mulher contratou alguém para me seguir.

Abanou a cabeça desgostoso.

- Ela até pôs o telefone do meu quarto sob escuta. -Mulheres!

-resmungou o vizinho. -Malditas. Eu divorciei-me o ano passado. Uma coisa que já devia ter feito há dez anos. - Ah ? De qualquer forma, o que eu queria era saber se o senhor não se importava que eu desse o número do telefone do seu quarto a dois amigos para eles me telefonarem para aqui. Prometo que não haverão muitas chamadas.

O homem começou a abanar a cabeça. -Eu não posso ser incomodado... Rìzzoli puxou de uma nota de cem dólares do bolso. -Isto é para pagar o seu incômodo.

O homem lambeu os lábios.

- Oh. Bem, claro- disse ele. -Acho que não vai haver problemas. Tenho

muito gosto em fazer um favor a um companheiro sofredor.

-É certamente muito amável da sua parte. Sempre que houver uma chamada para mim, basta bater à minha porta. Eu estarei por aqui a maior parte do tempo.

- Certo.

Logo pela manhã do dia seguinte, Rìzzoli foi a uma central de cabinas telefônicas ligar para Ivo Bruggi. Marcou o código 39 da Itália e o indicativo 6 de Roma.

-Signor Bruggi, per piacere. -Non cè in casa.

- Quando arriverà? -Non lo so.

- Ghi dica, per favore, di chiamare il signor Rìzzoli.

-Rìzzoli deu o número do telefone do PBX do hotel e o número do quarto do vizinho. Regressou ao quarto. Ele detestava o quarto. Alguém lhe dissera que a palavra grega parahotel eraxenodochion, que significava um recipiente para forasteiros.

"Mais parece a merda de uma prisão", pensou Rìzzoli. A mobília era feia: um sofá verde e velho, duas mesas de canto gastas com candeeiros,uma pequena escrivaninha com um candeeiro e uma cadeira de escrivaninha, e uma cama concebida por Torquemada. Nos dois dias que se seguiram Tony Rìzzoli ficou no quarto, à espera que batessem à porta, pedindo a um paquete que lhe trouxesse a comida. Ninguém telefonou. Onde é que para o Ivo Bruggi?" A equipa de vigilância informava o inspetor Nicolino e Walt Kelly.

- O Rìzzoli está escondido no hotel. Não arreda pé há quarenta e oito horas.

-Tem a certeza de que ele está lá? -Tenho, sim. As criadas vêem-no de manhã e à noite quando vão arrumar o quarto.

- E quanto a chamadas telefônicas? -Nem uma. Que quer que a gente faça?

-Mantenham o controlo. Ele irá agir mais cedo ou mais tarde. E verifiquem se a escuta do telefone está a funcionar.

No dia seguinte, o telefone do quarto de Rizzoli tocou.

Porra!" Bruggi não devia ligar para aqui, Deixara recado para o idiota ligar para o quarto do vizinho. Teria de ser cuidadoso. Rizzoli atendeu a telefone.

- Estou? Uma voz disse: - É o Tony Rizzoli?

- Não era a voz de Ivo Bruggi. - Quem fala?

- O senhor veio falar comigo ao meu escritório no outro dia com uma proposta de negócio, senhor Rizzoli. Eu recusei. Acho que devemos discuti-la de novo.

TonyRizzoli sentiu uma excitação repentina de exaltação. Spyros Lambrou! Então o sacana mudou de ideia. Não conseguia acreditar na sorte que estava a ter. Todos os meus problemas estão resolvidos. Posso embarcar a heroína e a velharia ao mesmo tempo.u

- Mas é claro. Terei muito prazer em falar no assunto. - Quando é que poderia

encontrar-se comigo?

- Pode ser hoje à tarde?

<~Então ele está morto por fazer um acordo. Os cabrões dos ricos são todas a mesma coisa. Nunca estão satisfeitos com o que têm."

- Ótimo. Onde?

-Porque é que não vem até ao meu escritório?

-Aí estarei. -Tony Rizzoli voltou a colocar o telefone, entusiasmado.

No salão do hotel, um detetive frustrado informava o quartel-general. - O Rizzoli acabou de receber um telefonema. Vai-se encontrar com alguém no escritório dessa pessoa, mas o homem não disse o nome e não podemos localizar a chamada.

- Tudo bem. Sigam-no quando sair do hotel. Informem-me do destino dele.

-Perfeitamente.

Dez minutos depois, Tony Rizzoli saía de gatinhas por uma janela da cave que dava para um beco nas traseiras do hotel. -Mudou de táxi duas vezes para ter a certeza de que não estava a ser seguido e dirigiu- se para o escritório de Spyros Lambrou. Desde o dia em que Spyros Lambrou visitara Melina no hospital, jurara vingar a irmã. Mas fora incapaz de pensar numa punição assaz terrível para Constantin Demiris. Depois, com a visita de Gino Laveri e a notícia sensacional que Madame Piris lhe dera, teve acesso a uma arma que ia destruir o cunhado. A secretária anunciou;

-Está aqui um senhor de nome Anthony Rizzoli que deseja vê-lo. Não tem hora marcada e eu disse-lhe que o senhor não podia... -Mande-o

entrar.

-Com certeza.

Spyros Lambrou observou a entrada de Rizzoli, sorridente e confiante.

- Obrigado por ter vindo, senhor Rizzoli.

Tony Rizzoli deu um sorriso largo que lhe mostrou os dentes.

- O prazer é meu. Então sempre decidiu fazer negócio comigo, hem?

-Não.

O sorriso de Tony Rizzoli desvaneceu-se. - Como disse?

-Eu disse que não. Não tenho intenções de fazer negócio consigo. Tony Rizzoli fitou, confundido.

-Então por que diabo me chamou? O senhor disse que tinha uma proposta a fazer-me e...

-E tenho. Gostava de usar a frota de navios de Constantin Demiris? Tony Rizzoli afundou-se

numa cadeira.

- Constantin Demiris? De que é que está a falar? Ele nunca... -Claro que sim. Posso prometer-Ihe que o senhor Demiris ficará muito feliz por lhe dar tudo o que você quiser.

-Porquê? Que ganha ele com isso? -Nada.

-Isso não faz sentido. -Lambrou carregou no botão do intercomunicador. - Traga café, por favor, - Olhou para Tony Rizzoli. - Como é que gosta do seu?

-... puro, sem açúcar.

-Puro, sem açúcar, para o senhor Rizzoli.

Quando o café foi servido e a secretária saiu da sala, Spyros Lambrou disse;

-Vou contar-lhe uma pequena história, senhor Rizzoli. Tony Rizzoli observava-o, desconfiado.

-Vamos a isso.

- Constantin Demiris é casado com a minha irmã. Aqui há uns anos ele arranjou uma amante. Chamava-se Noelle Page.

-A atriz ?

- Sim. Ela enganou com um homem de nome Larry Douglas. Noelle e

Douglas foram a julgamento por homicídio da mulher de Douglas, porque ela não lhe quis dar o divórcio. Constantin Demiris contratou um advogado de nome Napoleon Chotas para defender Noelle.

- Lembro-me de ter lido algo sobre o julgamento. -Há algumas coisas que não apareceram nos jornais.

-Sabe, o meu prezado cunhado não tinha intenção de salvar a vida da amante infiel. Queria vingança. Contratou o Napoleon Chotas para garantir a condenação de Noelle. Perto do fim do julgamento, o Napoleon Chotas disse aos réus que tinha feito um acordo com os juízes se eles assumissem a culpa. Era mentira. Eles assumiram a culpa. E foram executados.

- Talvez esse tal Chotas realmente pensasse que... -Deixe-me terminar, por favor, O corpo de Catherine nunca foi encontrado. A razão por que nunca foi encontrado, senhor Rizzoli, é porque ela está viva. O Constantin Demiris manteve-a escondida. Tony Rizzoli olhava fixamente para ele.

-Espere um minuto. O Demiris sabia que ela estava viva e deixou que a amante e o namorado morressem porque a assassinaram? -Exatamente. Não sei ao certo como é a lei, mas estou certo de que, se os fatos fossem conhecidos, o meu cunhado passaria uns bons anos na prisão. No mínimo, ficaria certamente arruinado.

Tony Rizzoli deixou-se ficar ali sentado, pensando no que acabara de ouvir. Havia algo que

o intrigava.

-Senhor Lambrou, por que me está a contar tudo isto?

Os lábios de Spyros Lambrou moveram-se num sorriso beatífico.

-Porque devo um favor ao meu cunhado. Quero que vá falar com ele. Tenho um pressentimento de que ele com todo o prazer o deixará usar os navios dele. Havia tempestades assolando o seu interior que não conseguia controlar, um centro frio bem no seu fundo, sem memórias quentes para dissolvê-lo. Começaram há um ano com o seu ato de vingança contra Noelle. Ele pensara que isso tinha terminado, que o passado estava enterrado. Nunca lhe ocorrera que pudesse haver repercussões até que, inesperadamente, Catherine Alexander regressara à sua vida. Isso solicitara o afastamento de Frederick Stavros e Napoleon Chotas. Eles haviam encetado um jogo mortal contra ele, e ele vencera. Mas o que surpreendera Constantin Demiris foi o quanto ele gostara do risco, o fio cortante da excitação. Os

negócios eram fascinantes, mas em nada se comparavam ao jogo da vida e da morte. <oEu sou um assassino", pensouDemiris. "Não, não um assassino. Um carrasco." E, em vez de ficar aterrado pelo fato, ele achavam divertido. Constantin Demiris recebia um relatório semanal das atividades de Catherine Alexander. Até agora, tudo corria perfeitamente. As suas atividades sociais limitavam-se às pessoas com quem ela trabalhava. De acordo com Evelyn, Catherine saía ocasionalmente com Kirk Reynolds. Mas, como Kirk trabalhava para Demiris, isso não apresentava problema. "A pobre rapariga deve estar desesperada", pensou Demiris. Reynolds era um chato. Só sabia falar de leis. Mas isso até vinha a calhar. Quanto mais desesperada Catherine estivesse por ter companhia, mais fácil seria para ele. Devo ao Reynolds um voto de agradecimento." Catherine encontrava-se com Kirk Reynolds regularmente, e sentia-se cada vez mais atraída por ele. Ele não era bonito, mas era certamente atraente. "para bonito já me chegou o Larry", pensou Catherine com desagrado. "O velho provérbio é verdadeiro": A nobreza de cada provém da sua virtude. Kirk Reynolds era atencioso e de confiança. "E alguém com quem posso contar", pensou Catherine. "Não sinto nenhuma centelha ardente, mas é provável que nunca mais venha a senti-la. O Lorry encarregou-se disso. Tenho a experiência necessária para escolher um homem que eu respeite, que me respeite como companheira, alguém com quem eu possa partilhar uma vida sã e agradável sem estar com a preocupação de que me atirem do cimo duma montanha ou me queimem em grutas escuras." Foram ao teatro ver Dama náo É para Queimar, de Christopher Fry, e, noutra noite, Mar de Setembro, com Gertrude Lawrence. Iam a clubes noturnos. Parecia que todas as orquestras só tocavam o Tema do Terceiro Homem e La Vie En Rose.

-Vou a St. Moritz para a semana-disse Kirk Reynolds a Catherine. -Já te decidiste?

Catherine pensara muito no assunto. Tinha a certeza de que Kirk Reynolds estava apaixonado por ela.

"E eu amo-o", pensou Catherine. "Mas amar e estar apaixonada são duas coisas bem

diferentes, não são? Ou serei eu apenas uma romântica parva? De que ando eu à procura-de outro Lorry?-de alguém que me deixe empolgada, se apaixone por outra mulher e me tente matar? Kirk Reynolds poderia ser um marido maravilhoso. Porque é que eu hesito?"

Nessa noite Catherine e Kirk jantaram no Mirabelle's e, durante a sobremesa, Kirk disse:

-Catherine, caso não saibas, estou apaixonado por ti. Quero casar-me contigo.

Ela sentiu um pânico repentino.

- Kirk... - E não estava certa do que ia dizer. "As minhas próximas palavras", pensou Catherine, "vão mudar a minha vida. Seria tão simples dizer que sim. O que é que me impede? É o medo do passado? Vou viver o resto da minha vida amedrontada? Não posso deixar que isso aconteça." , -Cathy...

- Kirk.., por que não vamos os dois a St. Moritz? O rosto de Kirk iluminou-se.

-Isso quer dizer,..?

-Veremos. Quando me vires a esquiar, provavelmente não vais querer casar comigo.

-Kirk riu-se. -Nada no mundo me poderia impedir de querer casar contigo. Tu fizeste de mim uma pessoa muito feliz. -Vamos no dia cinco de Novembro-no Dia de Guy Fawkes. - O que é o Dia de Guy Fawkes?

- É uma história fascinante. O rei James impôs uma rigorosa política anticatólica, deforma que um grupo de proeminentes católicos romanos conspiraram o derrube do governo. Um soldado chamado Guy Fawkes foi trazido de Espanha para encabeçar a conspiração. Arranjou uma tonelada de pólvora, distribuída por sessenta e seis barris, que seria escondida na cave da Casa dos Lordes. Mas, na manhã em que iam explodir a Casa dos Lordes, um dos conspiradores denunciou-os e eles foram todos presos. Guy Fawkes foi torturado, mas não quis confessar. Os homens foram todos executados. Agora, todos os anos na Inglaterra, o dia da descoberta da conspiração é celebrado com fogueiras e fogo-de-artifício, e os miúdos fazem efígies do Guy. Catherine sacudiu a cabeça.

-É um feriado bastante desagradável. Ele sorriu e disse ternamente:

-Prometo que o nosso não vai ser desagradável.

Na noite da véspera da partida, Cather ne lavou a cabeça, fez e desfez a mala duas vezes e sentiu-se agitada pela excitação. Na vida apenas conhecera carnalmente dois homens: William Fraser e o marido.

"Ainda se usam palavras como carnalmente?" Catherine interrogou-se. "Meu Deus, espero não me ter esquecido. Dizem que é como andar de bicicleta; assim que se experimente, nunca mais se esquece. Talvez vá ficar desapontado comigo na cama. Talvez eu deva deixar-me de preocupar com isso e dormir."

- Senhor Demiris ? - Sim.

-A Catherine Alexander partiu esta manhã para St. Moritz. Houve um silêncio.

- St. Moritz ? -Sim, senhor. -Foi sozinha? -Não, senhor. Foi com o Kirk Reynolds.

Desta vez o silêncio foi mais longo. - Obrigado, Evelyn. Kirk Reynolds! Era impossível. Que poderia ela ver nele? "Esperei tempo de mais. Devia ter agido mais depressa. Terei de fazer qualquer coisa. Não posso permitir que ela..." A secretária tocou a campainha.

- Senhor Demiris, está aqui um senhor Tony Rizzoli que deseja vê-lo. Não tem hora marcada e...

- Então porque é que você me está a incomodar? - Demiris perguntou. Desligou o intercomunicador repentinamente,

Tornou a tocar.

-Peço desculpa por incomodá-lo. O senhor Rizzoli diz que traz um recado para si do senhor Lambrou. Diz que é muito importante. "Um recado?" Estranho. Por que não vinha o próprio cunhado dar o recado?

-Ele que entre. - Sim, senhor.

Tony Rizzoli foi conduzido ao gabinete de Constantin Demiris. Percorreu os olhos pelo gabinete apreciativamente. Era ainda mais pródigo que os gabinetes de Spyros Lambrou,

-Foi simpático de sua parte receber-me, senhor Demiris. Tem dois minutos.

-Quem me mandou vir cá foi o Spyros. Ele é da opinião de que eu e o senhor temos de conversar.

- Não me diga? E vamos falar de quê? -Importa-se que eu me sente?

- Não acho que vá ficar aqui tempo suficiente para isso.

Tony Rizzoli instalou-se numa cadeira de frente para Demiris. -Eu tenho uma fábrica de manufatura, senhor Demiris. Envio coisas para várias partes do mundo.

-Estou a ver. E quer fretar um dos meus navios. -Exatamente.

-Porque é que o Spyros o mandou vir ter comigo? Porque é que não freta um dos navios dele? Ele por acaso até tem dois parados neste momento.

Tony Rizzoli encolheu os ombros.

-Parece-me que ele não gosta do que eu envio. -Não entendo. O que é que você envia?

- Drogas - disse Tony Rizzoli delicadamente. -Heroína. Constantin Demiris fitava-o sem acreditar.

-E você espera que eu...? Ponha-se daqui para fora antes que eu chame a polícia.

Rizzoli fez um movimento com a cabeça na direção do telefone. -Não demore.

Observou Demiris a alcançar o telefone.

-Eu também gostava de falar com eles. Gostava de lhes contar sobre o julgamento de

Noelle Page e Lorry Douglas.

Constantin Demiris ficou paralisado. - De que é que está a falar?

- Estou a falar de duas pessoas que foram executadas pelo homicídio de uma mulher que ainda está viva.

O rosto de Constantin Demiris empalidecera.

- Acha que a polícia venha a mostrar-se interessada por essa história, senhor Demiris? Se não se mostrar, talvez a imprensa, não? Já estou a ver os títulos, e o senhor? Posso tratá-lo por Costa? O Spyros disse-me que todos os seus amigos o tratam por Costa, e eu acho que nós os dois vamos ser bons amigos. Sabe porquê? Porque os bons amigos não se traem uns aos outros. Vamos fazer dessa presazita de que o senhor foi autor o nosso segredo, está bem?

Constantin Demiris estava sentado rígido na cadeira. -Quando falou, foi com uma voz rouca. -O que é que você quer? -Já lhe disse. Quero fretar um dos seus barcos... e, como somas bons amigos, acho que não me vai cobrar nada pelo frete, pois não?Digamos que se trata de um favor em troca de outro favor.

Demiris respirou fundo.

-No posso permitir que faça isso. Se um dia se viesse a descobrir que permiti o contrabando de drogas num dos meus barcos, poderia perder

toda a minha frota,

-Mas não vai ser, pois não? No meu negócio não faço publicidade. Vamos fazê-lo sem nenhum alarido.

A expressão de Constantin Demiris endureceu.

-Você está a cometer um grande erro. Não pode fazer chantagem comigo. Sabe quem eu sou?

-Claro. Você é o meu novo sócio. Nós os dois vamos fazer negócios juntos por muito tempo, Costa, porque, se você disser que não, vou daqui direitinho à polícia e aos jornais e digo tudo. E lá vão a sua reputação e a trampa do seu império para o fundo.

Seguiu-se um longo e doloroso silêncio.

- Como... como é que o meu cunhado descobriu? Rizzoli sorriu.

-Isso não importa. O que importa é que o trago preso pelos tomates. Se aperto, você vira um eunuco. Você vai ser um soprano profissional para o resto da vida e vai cantar numa cela prisional. -Tony Rizzoli olhou para o relógio. - Meu Deus, os meus dois minutos esgotaram-se.

-Pôs-se de pé. -Vou dar-lhe sessenta segundos para decidir se saio daqui como seu sócio, ou se saio simplesmente.

Constantin Demiris de repente pareceu dez anos mais velho. O rosto estava lívido. Não tinha ilusões sobre o que aconteceria se a verdadeira história do julgamento viesse ao de cima. A imprensa ia comê-lo vivo. Seria retratado como um monstro, um assassino. Podiam até abrir inquéritos às mortes de Stavros e Chotas.

-Os seus sessenta segundos acabaram. Constantin Demiris sacudiu a cabeça lentamente. - Está bem - sussurrou ele -, está bem.

Tony Rizzoli sorriu triunfantemente para ele. -Você é esperto. Constantin Demiris ergueu-se lentamente.

-Desta vez vou deixá-lo sair com o material -disse ele. -Não quero saber como ou quando irá fazê-lo. Vou pôr um dos seus homens a bordo de uns dos meus barcos. Não darei mais um passo.

-Combinado -disse Tony Rizzoli. Ele pensava: "Talvez não sejas tão esperto. Leva-me só um carregamento de heroína e estás apanhado, Costa. Nunca mais te vês livre de mim." Em voz alta, repetiu. -Certo, está combinado.

Quando ia a caminho de regresso ao hotel, Tony Rizzoli estava

exultante. "Bingo, Os agentes dos narcóticos nunca pensariam em tocar naf rota de Constantin Demiris. Meu Deus, de agora em diante poderei carregar todos os navios dele com destino para o estrangeiro. O dinheiro irá rolar. Heroína e velharias-desculpa, Victor, riu-se em voz alta-antigüidades.

Rizzoli entrou numa cabina telefônica da Avenida Stadiou e fez duas chamadas. A primeira foi para Pete Lucca em Palermo, -Podes tirar os teus dois gorilas daqui, Pete, e pô-los de volta no jardim zoológico, que é a casa deles. O material está pronto para seguir. Vai de barco.

-Tens a certeza de que a embalagem é segura? Rizzoli riu-se.

- É mais segura do que o Banco de Inglaterra. Conto-te tudo

quando estivermos juntos. E tenho outra boa notícia. De agora em diante vamos poder fazer um envio todas as semanas.

-Isso é maravilhoso, Tony. Eu sempre soube que podia contar contigo.

"Sabias o tanas, seu cabrão " A segunda chamada foi para Spyros Lambrou.

- Correu bem. Eu e o seu cunhado vamos fazer negócio juntos. - Parabéns. Estou encantado por saber disso, senhor Rizzoli. Quando Spyros Lambrou pousou o telefone, sorriu. "Abrigada de narcóticos também."

Constantin Demiris ficou no gabinete até depois da meia-noite, sentado à secretária, contemplando o seu novo problema. Tinha-se vingado de Noelle Page, e ela regressava agora do túmulo para persegui-lo. Meteu a mão numa gaveta e tirou um caixilho com o retrato de Noelle. " Oh, sua cabra. Deus, como era bela! Pensas então que me vais

destruir. Bem, veremos. Veremos." St. Moritz era um encantamento. Eram milhas de pistas de esqui colina abaixo, elevadores, passeios de trenó e tobogã, torneios de pólo e uma dúzia de outras atividades. Enroscada em volta de um lago cintilante no vale de Engadine a mil e oitocentos metros de altitude na encosta dos Alpes, entre Celerina e Piz Nair, a pequena aldeia fez Catherine ofegar de deleite. Catherine e Kirk Reynolds registraram-se no fabuloso Hotel Palace. O salão estava cheio de turistas oriundos de uma dezena de países. Kirk Reynolds disse ao empregado da recepção:

-Uma reserva para senhor e senhora Reynolds.

Catherine desviou o olhar. "Eu devia ter posto uma aliança de

casada.~Tinha a certeza de que todas as pessoas que estavam no salão olhavam fixamente para ela, sabendo o que ela estava a fazer.

-Sim, senhor Reynolds. Suite duzentos e quinze.-O empregado entregou uma chave ao paquete, que lhes disse:

- Por aqui, por favor.

Foram levados para uma suite lindíssima, mobiliada com simplicidade, com uma vista espetacular das montanhas de todas as janelas. Quando o paquete saiu, Kirk Reynolds tomou Catherine nos braços.

-Não tenho palavras para te dizer como me tornaste feliz, querida.

-Espero dar-te essa felicidade-respondeu Catherine.-Eu... já faz tanto tempo, Kirk.

-Não te preocupes. Não te vou apressar.

"Ele é tão querido, pensou Catherine, "mas que sentiria ele ameu respeito se eu lhe contasse o meu passado?" Ela nunca lhe falara de Larry, do julgamento por homicídio ou de nenhuma das coisas terríveis que lhe aconteceram. Queria sentir-se íntima dele, confiar nele, mas havia algo que a impedia.

- É melhor desfazer as malas - disse Catherine.

Desfez as malas lentamente-demasiado lentamente-e de repente apercebeu-se de que estava a empatar, com medo de acabar o que fazia porque receava o que ia acontecer a seguir. Do outro quarto ouviu Kirk chamar. - Catherine...

"Oh, meu Deus, ele vai dizer vamos despir-nos e vamos para a camaN. Catherine engoliu e disse em voz baixa: - Sim?

-Por que não vamos passear um pouco por aí~? Catherine enfraqueceu de alívio.

-É uma idéia maravilhosa-disse ela entusiasticamente. "Que se passa comigo? Estou num dos lugares mais românticos do mundo, com um homem atraente que me ama, e estou em pânico?"

Reynolds olhava-a de um modo estranho. - Estás bem?

- Ótima - disse Catherine alegremente. - Simplesmente ótima.

-Estás com um ar preocupado.

-Não. Eu... estava a pensar em.., em esquiar. Dizem que é perigoso. Reynolds sorriu.

-Não te preocupes. Começamos com uma descida suave, amanhã, Vamos.

Vestiram camisolas e blusões forrados e saíram de encontro ao ar luminoso e revigoraste.

Catherine respirou fundo.

- Oh, é maravilhoso, Kirk. - Adoro isto aqui.

-E ainda não viste nada- deu um sorriso largo. -No Verão é duas vezes mais bonito.

"Será que ele no verão ainda me quer ver?N Catherine interrogava-se. "Ou será que eu vou ser um grande desapontamento para ele? Porque é que eu me preocupo tanto?~

A aldeia de St. Moritz era encantadora, uma maravilha medieval, repleta de lojas, restaurantes e chalés exóticos, enquadrada no meio dos majestosos Alpes.

perambularam pelas lojas, e Catherine comprou presentes para Evelyn e Wim. Pararam num pequeno café e mandaram vir um fondue.

À tarde, Kirk Reynolds alugou um trenó puxado por um cavalo baio, e percorreram os caminhos cobertos de neve até às colinas, a neve esmagando-se sob as sapatilhas de metal.

-Estás a gostar? -perguntou Reynolds.

-Oh, sim.-Catherine olhou para ele e pensou, "Vou fazer-te tão feliz. Hoje à noite! Sim, hoje à noite. Vou fazer-te feliz hoje à noite."

Nessa noite, jantaram no hotel em Stubli, um restaurante com a atmosfera de uma velha estalagem.

- Esta sala data de 1480 - disse Kirk. - Então é melhor não pedirmos o pão. - O quê?

-Uma pequena piada. Desculpa.

"O Larry costumava perceber as minhas piadas; por que estou a pensar nele? Porque não quero pensar nesta noite. Pareço a Maria Antonieta a caminho da guilhotina. Não vou pedir bolo para sobremesa."

A refeição foi soberba, mas Catherine estava nervosa de mais para apreciar. Quando acabaram, Reynolds disse:

- Vamos subir? Arranjei-te uma lição de esqui para logo de manhã.

-Certo. Ótimo. Certo.

Começaram a subir as escadas, e Catherine sentiu que o coração lhe batia depressa no peito. "Ele vai dizer, "Vamos já para a cama". E porque não? Foi para isso que eu vim aqui,

não foi? Não posso fazer de conta que vim para aqui esquiar."

Chegaram à suite, e Reynolds abriu a porta e acendeu as luzes. Foram para o quarto e Catherine fixou o olhar na cama enorme. Parecia ocupar o quarto todo.

Kirk observava-a.

- Catherine... estás preocupada com alguma coisa?

-O quê?-Uma risadinha oca. -Claro que não. Eu... eu só... -Só o quê? Ela deu-lhe um sorriso alegre. -Nada. Estou bem.

- Ótimo. Vamos despir-nos para nos deitarmos. Exatamente aquilo que eu sabia que ele ia dizer. Mas será que ele precisava de dizer? Bastava-nos ter seguido em frente e tê-lo feito. Falar disso é tão... tão.., grosseiro."

- O que é que disseste?

Catherine não se apercebera de que falara em voz alta. -Nada.

Catherine chegara-se ao pé da cama. Era a maior que já vira. Era uma cama que tinha sido construída para amantes, só para amantes. Não era uma cama para dormir. Era uma cama para...

-Não te vais despir, querida?

"Vou? Há quanto tempo não durmo com um homem? Há mais de um ano. E ele era meu marido."

- Cathy..,?

-Sim. Vou despir-me, e vou meter-me na cama, e vou desiludir-te. Não estou apaixonada por ti, Kirk. Não consigo dormir contigo. Kirk...

Ele voltou-se para ela, meio despido. -Sim?

-Kirk, eu... Perdoa-me. Tuvais ficar-me a odiar, mas não... não consigo, Peço imensa desculpa, Deves pensar que sou...

Ela viu o ar de desapontamento no rosto dele. Ele forçou um sorriso.

-Cathy, eu disse-te que teria paciência. Se ainda não estás disposta, eu... entendo. Mesmo assim podemos passar aqui um tempo maravilhoso.

Ela beijou-lhe a face agradecidamente.

- Oh, Kirk. Obrigada. Sinto-me tão ridícula. Não sei o que se passa comigo.

- Não se passa nada contigo - garantiu-lhe. -Eu entendo.

- Ela abraçou-o.

-Obrigada. Es um anjo.

-Entretanto - ele suspirou -,fico a dormir no sofá da sala. - Não vais nada - declarou Catherine. - Como a responsável por este problema estúpido sou eu, o mínimo que posso

fazer é garantir o teu conforto. Quem dorme no sofá sou eu. Tu ficas com a cama. -De maneira nenhuma. Catherine estava deitada na cama, bem desperta, pensando em Kirk Reynolds. "Serei capaz de voltar a fazer amor com outro homem? Ou o Larry extinguiu essa chama dentro de mim? Talvez, de certo modo, o Larry tenha mesmo conseguido matar-me" Catherine acabou por adormecer. Kirk Reynolds foi acordado a meio da noite pelos gritos. Sentou-se no sofá, e, como os gritos continuavam, foi a correr para o quarto. Catherine rebolava na cama, os olhos firmemente cerrados.

-Não -gritava ela. -Não! Não! Deixa-me em paz! Reynolds ajoelhou- se, pôs os braços à volta dela e abraçou-a. - Shhh - disse ele. -Pronto. Já passou.

O corpo de Catherine estava destroçado com soluços, e ele ficou abraçado a ela até passarem.

-Eles... tentaram afogar-me.

-Foi apenas um sonho -disse ele brandamente. -Tiveste um sonho mau. Catherine abriu os olhos e sentou-se. O seu corpo tremia.

- Não, não foi um sonho, Aconteceu. Eles tentaram matar-me. Kirk olhava para ela, intrigado.

- Quem é que te quis matar?

- O meu... o meu marido e a amante dele. Ele sacudiu a cabeça.

-Catherine, tu tiveste um pesadelo, e...

- Estou a dizer a verdade. Eles tentaram matar-me, e foram executados por causa disso.

O rosto de Kirk estava cheio de incredulidade. -Catherine...

-Eu não te contei antes, porque custa-me muito falar no assunto. De repente apercebeu-se de que ela falava a sério.

- Que é que aconteceu?

-Eu não quis dar o divórcio ao Lorry, e ele... estava apaixonado por outra mulher, e eles decidiram matar-me.

Kirk estava agora a escutar concentradamente. - Quando é que foi isso?

-Há um ano.

-O que é que lhes aconteceu? -Foram... foram executados pelo estado. Ele ergueu uma mão.

-Espera um minuto. Eles foram executados por tentativa de homicídio?

- Foram. Reynolds disse:

- Eu não sou nenhum perito em direito grego, mas estou disposto a apostar que não há sentença de morte por tentativa de assassínio. Deve haver algum engano. Conheço um

advogado em Atenas. Por acaso ele até trabalha no Ministério da Justiça. Vou telefonar-lhe amanhã de manhã e esclarecer isto. O nome dele é Peter Demonides.

Catherine estava ainda a dormir quando Kirk Reynolds acordou. Vestiu-se em silêncio e foi até ao quarto. Ficou lá um momento, a olhar para Catherine. "Amo-a tanto. Tenho de descobrir o que aconteceu e afastar as sombras que a perseguem." Kirk Reynolds foi até ao salão do hotel e pediu uma chamada para Atenas.-Gostaria que fosse pessoal, telefonista. Quero falar com Peter Demonides. A chamada chegou meia hora depois.

- Senhor Demonides? Aqui fala Kirk Reynolds. Não sei se está lembrado de mim, mas...

- Claro que sim. Você trabalha para o Constantin Demiris. - Exato.

- Que posso fazer por sim. Senhor Reynolds?

- Perdoe-me estar a incomodá-lo, mas é que fiquei um tanto espantado com uma coisa que acabei de ouvir. Tem a ver com um ponto da lei grega.

- Sei um pouco de lei grega - disse Demonides jovialmente. - Terei prazer em ajudá-lo.

-Há alguma coisa na vossa lei que permita a execução de uma pessoa por tentativa de homicídio?

Houve um longo silêncio no outro lado da linha.

- Posso perguntar-lhe por que está a querer saber isso? -Estou com uma mulher de nome Catherine Alexander. Parece que ela pensa que o marido e a amante foram executados pelo estado por tentarem matá-la. Não parece lógico. Percebe o que eu quero dizer?

-Percebo.-A voz de Demonides era atenciosa.-Entendo o que quer dizer. Onde é que se encontra, senhor Reynolds?

-Estou hospedado no Hotel Palace em St. Moritz. -Deixe-me só fazer uma consulta, e já lhe volto a ligar. - Ficaria muito agradecido. A verdade é que penso que a Catherine está a imaginar coisas, e eu gostava de esclarecer isto para tranqüilizá-la.

-Entendo. Vai ter notícias minhas. Prometo-lhe.

O ar estava brilhante e revigoraste, e a beleza dos arredores de Catherine disseminava os seus terrores da noite anterior. Os dois tomaram o pequeno-almoço na aldeia, e quando acabaram, Reynolds disse:

-Vamos até à descida da neve e fazer de ti uma coelhinha de neve.

Ele levou Catherine até à descida dos principiantes e contratou um instrutor para ela.

Catherine enfiou os esquis e levantou-se. Olhou para os pés.

- Isto é ridículo. Se Deus quisesse que tivéssemos este aspecto, os nossos pais teriam sido àrvores.

-O quê? -Nada, Kirk. O instrutor sorriu.

-Não se preocupe. Daqui a nada, estará a esquiar como uma profissional. Vamos começar na Corviglia Sass Ronsol. É a descida dos principiantes.

- Vais ficar surpreendida pela rapidez com que vais adquirir o jeito

-Reynolds garantiu a Catherine.

Ele olhou para a pista de esqui ao longe e virou-se para o instrutor.

-Acho que vou tentar a Fuorcla Grischa hoje.

-Parece delicioso. Vou pedir a minha grelhada-disse Catherine. Nem um sorriso.

-É uma pista de esqui, querida.

-Oh. -Catherine sentiu-se embaraçada para lhe dizer que era uma piada. "Não devo fazer isso com ele, pensou Catherine.

O instrutor disse:

-A Grischa é uma ótima pista íngreme. Pode começar na Corviglia Standard Marguns para aquecer, senhor Reynolds.

-Boa ideia. Vou fazer isso. Catherine, encontramo-nos no hotel à hora do almoço.

- Está bem.

Reynolds acenou e afastou-se.

-Diverte-te-Catherine gritou-Não te esqueças de escrever. -Bem -disse o instrutor-, mãos à obra.

Para surpresa de Catherine, as lições foram divertidas. Estava nervosa no começo. Sentiu-se desastrosa e subiu a pequena inclinação desajeitadamente.

-Incline-se um pouco para a frente. Mantenha os esquis apontados para a frente.

-Diga-lhes a eles. É que eles têm vontade própria-declarou Catherine.

-Está a sair-se muito bem. Agora vamos descer. Dobre os joelhos. Equilibre-se. Arranque.

Ela caiu.

- Mais uma vez. Está a fazer muito bem,

Voltou a cair. E de novo. E de repente encontrou o equilíbrio. E era como se tivesse asas. Desceu a encosta, e foi divertido. Quase parecia voar. Adorava o esmagar da neve sob os esquis e a sensação do vento a bater-lhe no rosto.

- Adoro isto - disse Catherine. - Não admira que as pessoas fiquem penduradas a isto. Vai levar muito tempo a irmos para adescida grande?

O instrutor riu-se.

-Hoje vamos ficar por aqui. -Amanhã, os olímpicos. Feitas bem as contas, foi uma manhã gloriosa.

Ela estava à espera de Kirk Reynolds na Sala do Grill quando ele regressou da prática de esqui. As suas faces estavam rosadas e ele parecia animado. Foi até ã mesa de Catherine e sentou-se.

- Então - perguntou -,como é que correu? -Extraordinário. Não parti nada de importante. Apenas caí seis vezes. E sabes uma coisa? - disse

orgulhosamente. - Mais para o fim já esquiava lindamente. Acho que ele me vai inscrever para os Jogos Olímpicos.

Reynolds sorriu.

-Ótimo. -Ele ia referir-se ao telefonema que fez a Peter Demonides, e depois decidiu calar-se. Não queria perturbar Catherine de novo.

Depois do almoço, foram dar um longo passeio a pé na neve, entrando em algumas lojas só para ver. Catherine começava a sentir-se cansada.

-Acho que me apetecia voltar para o quarto-disse ela,-Talvez durma um pouco.

- Boa idéia. O ar é muito rarefeito aqui, e quando não se está acostumado fica-se cansado facilmente.

--O que é que vais fazer, Kirk?

Ele olhou para um declive distante.

-Acho que vou descer o Grischa. Nunca o fiz. É um desafio. - Queres dizer "porque está lá".

- O quê?

Nada. Parece tão perigoso.

Reynolds fez um sinal afirmativo com a cabeça. - É por isso que é um desafio.

Catherine segurou a mão dele.

- Kirk, sobre ontem à noite. Desculpa. Vou... tentar fazer melhor.

- Não te preocupes. Vai para o hotel e dorme um pouco. -Vou mesmo,

Catherine viu-o afastar-se e pensou: "Ele é um homem maravilhoso. Que vê ele numa idiota como eu?"

Catherine dormiu durante a tarde, e desta vez não houve sonhos. Quando acordou, eram quase seis horas. Kirk estaria de volta em breve.

Catherine tomou banho e vestiu-se, pensando no fim de tarde que se aproximava dela. "Não, não à tardinha, admitiu ela para si própria, à noite. Vou compensá-lo."

Foi até à janela e olhou para fora. Começava a escurecer. "O Kirk deve estar mesmo a divertir-se", pensou Catherine. Olhou para o enorme declive à distância. "Aquilo é o Grischa? Será que alguma vez serei capaz de esquiar lá?" Às sete horas Kirk Reynolds ainda não havia

voltado. O crepúsculo transformara-se numa escuridão profunda. Ele não pode estar a esquiar às escuras, pensou Catherine. Aposto que está lá em baixo no bar a tomar uma bebida. Dirigia-se para a porta quando o telefone tocou. Levantou o telefone e disse alegremente:

- Então, cruzaste-te com algum Sherpa? Uma voz desconhecida disse:

- Senhora Reynolds?

Ela começou por dizer não, depois lembrou-se como Kirk os registara.

- Sim. Fala a senhora Reynolds.

-Infelizmente tenho más notícias para si. O seu marido teve um acidente de esquiação.

- Oh, não! ... muito grave? -Infelizmente .

-Vou já para aí. Onde..:?

-Lamento dizer-lhe que ele... ele morreu, senhora Reynolds. Estava a esquiar no Lagalp e partiu o pescoço.

Tony Rizzoli viu-a sair da casa de banho nua e pensou: "Porque é que as mulheres gregas têm um rabo tão grande? Ela enlïou-se na cama ao lado dele, abraçou e sussurrou:

-Estou feliz por me teres escolhido a mim, poulaki. -Desejei-te desde o primeiro momento em que te vi. Era tudo o que Tony Rizzoli podia fazer para não rir em voz alta. A puta tinha visto muitos filmes da série B,

-Está bem -disse ele. -Também sinto o mesmo, filha.

Tinha-a engatado no New Yorker, um clube noturno mal-afamado da Rua Kallari, onde ela trabalhava como cantora. Ela era aquilo a que os gregos desdenhosamente chamavam de gauyeezee ski lo, um cão que ladra. Nenhuma das raparigas que trabalhavam no clube tinha talento - não nas gargantas, pelo menos - mas por algum dinheiro não se importavam de ir a casa. Esta, Helena, era moderadamente atraente, com olhos escuros, um rosto sensual e um corpo cheio e maduro. Tinha vinte e quatro anos, um pouco velha para o gosto de Rizzoli, mas ele não conhecia nenhuma senhora em Atenas, e não podia dar-se ao luxo de ser esquisito,

- Gostas de mim? - perguntou Helena pudicamente. - Claro. Estou pazzo por ti.

- Começou a acariciar-lhe os peitos e apertou. sentiu os mamilos a

enrijecerem

- Vai até lá abaixo, filha. Ela sacudiu a cabeça.

- Eu não faço isso. Rizzoli fitou-a. -Ai não?

No instante a seguir, agarrou-a pelos cabelos e puxou. Helena gritou.

-Parakalo! Rizzoli deu-lhe uma bofetada violenta. -Refilas mais e eu parto-te a tromba. Rizzoli agarrou a cabeça dela e colocando-a entre as pernas. -Aí está ele, filha. Torna-o feliz.

- Larga-me -ela choramingou. -Estás-me a magoar. Rizzoli puxou-lhe o cabelo ainda mais.

-Eh... tu estás louca por mim, lembras-te?

Ele largou-lhe os cabelos, e ela olhou para ele, os olhos chamejantes.

- Podes ir...

A expressão do rosto dele deteve-a. Havia algo de terrivelmente errado com este homem. Porque não vira ela isso mais cedo? -Não há razão para brigarmos - disse ela num tom apaziguador. -Tu e eu...

Ele enterrou-lhe os dedos no pescoço.

-Não te pago para conversares comigo. -O punho dele atingiu-lhe a face. - Cala-te e começa a trabalhar.

- Claro, querido - Helena choramingou. - Claro.

Rizzoli era insaciável, e quando se satisfez Helena estava exausta. Ficou deitada a seu lado até ter a certeza de que ele estava a dormir, e depois quietamente escapuliu da cama e vestiu-se. Estava com dores. Rizzoli ainda não lhe pagara, e por regra Helena teria tirado o dinheiro da carteira dele, bem como uma gorjeta generosa para ela. Mas um instinto levou-a a sair sem levar dinheiro algum. Uma hora depois, Tony Rizzoli foi acordado por uma pancada na porta. Sentou-se e espreitou para o relógio de pulso. Eram quatro horas da manhã. Olhou à volta. A rapariga não estava.

-Quem é? - gritou ele.

-E o seu vizinho. -A voz estava zangada. -Telefone para si. Rizzoli esfregou uma mão na cara.

-Já vou.

Vestiu um roupão e atravessou o quarto até à cadeira onde as calças estavam penduradas. Verificou a carteira. O dinheiro estava todo lá.

Então a puta não foi estúpida. Tirou uma nota de cem dólares, dirigiu- se para a porta e abriu-a.

O vizinho estava no corredor de roupão e chinelos.

- Sabe que horas são? - perguntou indignadamente. - Você disse-me.., Rizzoli deu-lhe a nota de cem dólares,

-Peço imensa desculpa -disse ele em tom de desculpa. -Não vou demorar muito tempo.

O homem engoliu, tendo a indignação desaparecido,

-Não há problema. Deve ser importante, para acordarem uma pessoa às quatro da manhã

Rizzoli entrou no quarto em frente e pegou no telefone. -Rizzoli. Uma voz disse:

-Tem um problema; senhor Rizzoli. - Quem fala?

- O Spyros Lambrou pediu-me para eu lhe telefonar.

-Oh. -Teve uma sensação repentina de preocupação. -Qual é o problema?

-Diz respeito ao Constantin Demiris. - O que é que há com ele?

-Um dos petroleiros dele, o Thele, está em Marselha. Está atracado no molhe do cais na doca da Grande Joliette.

- E daí?

-Soubemos que o senhor Demiris deu ordens para que o navio fizesse um desvio para Atenas. Irá atracar lá domingo de manhã e parte domingo à noite. O Constantin Demiris pretende estar a bordo quando ele partir.

- O quê?

- Ele está a fugir. -Mas nós temos um...

-O senhor Lambrou disse para o informar de que o Demiris está a pensar esconder-se nos Estados Unidos até achar uma maneira de se ver livre de si.

- O filho da puta quer fugir! - Estou a ver. Agradeça ao senhor Lambrou em meu nome. Diga-lhe que fico muito agradecido.

-O prazer é dele.

Rizzoli pousou o telefone.

- Está tudo bem, senhor Rizzoli?

- O quê? Claro. Está tudo bem. - E estava.

Quanto mais Rizzoli pensava no telefonema mais satisfeito ficava. Ele fez que Constantin Demiris fugisse de medo. Isso iria facilitar-lhe o controlo do outro. Domingo. Tinha dois dias para fazer os seus planos. Rizzoli sabia que tinha de ser cuidadoso. Estava a ser seguido fosse para onde fosse. Sacanas dos polícias do Keystone~, pensou Rizzoli desdenhosamente. "Quando chegar a hora, vou desembaraçar-me deles." Logo na manhã seguinte, Rizzolifoi até à cabina telefônica da Rua Kifissias e marcou o número do Museu Nacional de Atenas. No reflexo de vidro Rizzoli via um homem que fingia estar a olhar para uma montra, e do outro lado da rua um outro homem que conversava com uma florista. Os dois homens faziam parte da equipa que o vigiava. NDesejo-lhes boa sorte", pensou Rizzoli.

- Gabinete do conservador. Tenha a bondade de dizer. -Victor? É o Tony.

-Passa-se alguma coisa? -Houve um pânico repentino na voz de Korontzis.

-Não-disse Rizzoli num tom brando. -Está tudo bem. Victor, estás a ver aquele vaso bonito com figuras vermelhas?

-A ânfora Ka.

- Essa mesmo. Vou buscá-la aí hoje à noite. Houve uma longa pausa.

-Hoje à noite? Não... não sei, Tony.-Avoz de Korontzis tremia. - Se alguma coisa correr mal...

-Pronto, pá, esqueça. Eu estava a tentar fazer-lhe um favor. Diga ao Sal Prizzi que não tem o dinheiro, e ele que faça o que bem lhe...

-Não, Tony. Espere. Eu... eu... -Houve outra pausa.

- Está bem.

-Tem a certeza de que está tudo bem, Victor? Porque se não quer fazê- lo, basta dizer, e eu volto para os Estados Unidos, onde não tenho problemas destes. Não tenho necessidade de passar por todo este aborrecimento, sabe. Eu posso...

-Não, não. Reconheço tudo o que está a fazer por mim, Tony. A sério, Hoje à noite estará muito bem.

- Ótimo. Quando o museu fechar, só tem que substituir o vaso

verdadeiro por uma cópia.

-Os guardas inspecionam todos os embrulhos que saem daqui. - E depois? Os guardas são alguns peritos em arte?

-Não. Claro que não, mas...

-Tudo bem, Victor, ouça-me. Arranje uma fatura para uma das cópias e ponha-a com o original num saco de papel. Percebe?

- Sim. Eu... entendo. Onde é que nos encontramos?

-Nós não nos vamos encontrar. Saia do museu às seis horas. Vai estar um táxi à frente. Traga o embrulho consigo. Diga ao motorista que o leve ao Hotel Grande Bretagne. Diga-lhe que espere por si, Deixe o embrulho no carro. Entre no hotel e tome uma bebida. Depois disso, vá para casa. Mas o embrulho...

- Não se preocupe. Alguém se encarregará dele. Victor Korontzis suava.

-Nunca me meti numa coisa destas, Tony, Nunca roubei nada. Toda a minha vida...

- Eu sei - disse Rizzoli num tom brando. - Eu também não. Lembre-se, Victor, de que quem está a correr todos os riscos sou eu, e não ganho nada com isso.

A voz de Korontzis interrompeu.

-Você é um grande amigo, Tony. O melhor amigo que já tive. - Contorcia as mãos. -Faz

alguma ideia de quando é que eu recebo O meu dinheiro?

- Muito em breve - Rizzoli assegurou-lhe. - Quando isto chegar ao fim, você não vai ter mais preocupações, -"E eu também não", pensou Rizzoli exultantemente. "Nunca mais."

Dois navios cruzeiro fundearam no porto de Piraeus nessa tarde, e consequentemente o museu estava cheio de turistas. Geralmente Victor Korontzis gastava de estudá-los, tentando adivinhar como eram as suas vidas. Havia americanos e ingleses, e visitantes de uma dúzia de outros países. Desta vez Korontzis estava demasiado assustado para pensar neles. Olhou para os dois mostruários onde se vendiam cópias de antigüidades. Havia uma multidão em redor dos mesmos, e as duas vendedoras tentavam atarefadamente dar vencimento aos pedidos. "Talvez esgotem", pensou Korontzis esperançosamente, "e assim não poderei cumprir o plano de Rizzoli." Mas ele sabia que estava a ser

irre.llista. Havia centenas de réplicas armazenadas na cave do museu. íl vaso que Tonylhe pedira para roubar era um dos grandes tesouros do museu. Era do século quinze a.C., uma ânfora com figuras mitológicas vermelhas pintadas sobre uma base negra. A última vez que Victor lhe tocara fora há quinze anos quando reverentemente a colocara no interior da vitrina para ser fechada para sempre. "E agora vou roubá- la", pensou Korontzis desditosamente. "Que Deus me ajude." Foi atordoadamente que Korontzis passou a tarde, aterrorizado com o momento em que se tornaria um ladrão, Voltou ao gabinete, fechou a porta e sentou-se à secretária, desesperado. "Não posso fazê -lo", pensou. "Tem de haver outra saída. Mas qual?" Não conseguia pensar noutra maneira de arranjar aquela quantidade de dinheiro. Ainda ouvia a voz de Prizzi. "Ou você me dá o dinheiro hoje à noite ou vai servir de alimento para os peixes. Está a perceber?" O homem era um assassino. Não, não tinha outra escolha. Uns minutos antes das seis, Korontzis saiu do gabinete. As duas vendedoras de réplicas de artefatos estavam a começar a arrumar. - Signomi - Korontzis chamou.

- Um amigo meu faz anos. Achei que lhe devia oferecer uma coisa aqui do museu. - Caminhou até à vitrina a fingir estudá-la. Havia vasos e bustos, taças, livros e mapas. Olhou em pormenor como se tentasse decidir o que escolher. Por fim, apontou para a cópia da ânfora vermelha.

-Acho que vai gostar desta:

-Tenho a certeza de que vai-disse a mulher. Tirou-a da vitrina e entregou-a a Korontzis.

- Pode passar-me um recibo, por favor?

-Certamente, senhor Korontzis. Quer que embrulhe para oferta? -Não, não-disse Korontzis rapidamente. -Meta-me só num saco.

Viu-a colocar a réplica num saco de papel e meter o recibo. - Obrigado.

-Espero que o seu amigo goste.

-De certo irá gostar. -Pegou no saco, com as mãos a tremer, e regressou ao gabinete.

Trancou a porta, depois retirou o vaso de imitação do saco e colocou-o sobre a secretária. "Ainda não é demasiado tarde", pensou Korontzis, Ainda não cometi nenhum crime. Estava numa agonia de decisão. Uma série de pensamentos aterradores passavam-lhe pela cabeça. "Eu podia

fugir para outro país e abandonar a minha mulher e os meus filhos. Ou podia suicidar-me. Podia ir à polícia e dizer-lhes que estou a ser ameaçado. Mas, quando os fatos forem descobertos, estarei perdido. Não, não havia saída." Se não pagasse o dinheiro que devia, sabia que Prizzi o mataria. "Graças a Deus>~, pensou ele, "pelo meu amigo Tony. Sem ele, eu seria um homem morto. Olhou para o relógio. Horas de avançar. Korontzis pôs-se de pé, as pernas trêmulas. Ficou por ali, a respirar fundo, tentando acalmar-se. As mãos estavam úmidas com suor. Limpou-as à camisa. Voltou a pôr a réplica no saco de papel e encaminhou-se para a porta. Havia um guarda parado à porta da rua que saía às seis, depois de o museu fechar, e outro guarda que fazia as rondas, mas tinha meia dúzia de salas para percorrer. Agora devia estar no extremo do museu.

Korontzis saiu do gabinete e deu de frente com o guarda. Ia começar a pedir desculpa.

-Desculpe-me, senhor Korontzis. Não sabia que o senhor ainda cá estava.

- É, eu... estou a preparar-me para sair.

- Sabe - disse o guarda com admiração -, eu invejo o senhor. "Se ele soubesse

- Não me diga. Porquê?

-O senhor sabe tanto sobre estas coisas bonitas. Eu ando por aqui e olho para elas e para mim são todas peças históricas, não são? Não sei muito sobre elas. Talvez um dia o senhor me possa explicar. Eu realmente...

O palerma nunca mais se calava. -Sim, claro. Um dia.

- Dar-me-ia muito prazer. - No outro extremo da sala, Korontzis via a vitrina que continha o precioso vaso. Tinha de ver-se livre do guarda.

- Parece... que há um problema com o circuito do alarme na cave. Importa-se de verificar?

- Claro. Sei que algumas destas coisas são muito antigas... -Importa-se de ir verificar agora? Não quero sair antes de saber que tudo está a cem por cento.

- Certamente, senhor Korontzis. Volto já.

Victor Korontzis ficou ali, a observar o guarda atravessar o trio e encaminhar-se para a cave. Assim que desapareceu, Korontzis correu

para a vitrina que continha a ânfora vermelha. Tirou uma chave e pensou, "vou mesmo fazê-lo. Vou roubá-la". A chave escorregou-lhe dos dedos e retiniu no chão.

"Será um sinal? Estará Deus a dizer-me alguma coisa?" Suava bastante. Dobrou-se e

apanhou a chave, e fitou o vaso. Era absolutamente primoroso. Fora feito com um carinho tão grande pelos seus antepassados há milhares de anos atrás. O guarda tinha razão;era uma peça histórica, algo que nunca poderia ser substituído. Korontzis fechou os olhos por um instante e estremeceu. Olhou em redor para ter a certeza de que ninguém estava a ver, depois abriu a vitrina cuidadosamente e retirou o vaso. Tirou a réplica do saco de papel e colocou-a no lugar da peça genuína. Korontzis deixou-se ficar, analisando-a por um momento. Era urna reprodução perita, mas para ele ela gritava, "Falsificação". "Era tão óbvio. Mas só para mim", pensou Korontzis, "e só para mais alguns peritos." Mais ninguém seria capaz de distinguir. E não haveria razão para alguém examiná-la atentamente. Korontzis fechou a vitrina e trancou-a, e pôs o vaso genuíno no saco de papel com o recibo. Tirou um lenço e limpou o rosto e as mãos. Estava feito. Olhou para o relógio: 6.1O. Tinha de se despachar. Encaminhou-se para a porta e viu o guarda vir na sua direção. Não consegui ver nada de errado no sistema de alarme, senhor Korontzis, e...

-Ótimo-disse Korontzis.-Não se pode ser demasiado cuidadoso. O guarda sorriu.

-Tem razão. Já de partida? -É verdade. Boa noite.

O segundo guarda estava à porta da frente, preparando-se para sair. Reparou no saco de papel e sorriu.

- Vou ter de verificar isso. Foi o senhor que ditou as regras.

- Claro - disse Korontzis apressadamente. Entregou o saco ao guarda. O guarda olhou para dentro, tirou o vaso e viu o recibo.

- É um presente para um amigo - explicou Korontzis. - Ele é engenheiro. -"Porque é que eu tinha de dizer isso? Ele está-se nas tintas! Tenho de agir de forma natural,

- É bonito. - O guarda deixou o vaso cair dentro do saco, e por um terrível instante Korontzis pensou que ia partir-se.

Korontzis apertou o saco contra o peito. -Kalispehra.

O guarda abriu-lhe a porta. -Kalispehra.

Korontzis mergulhou no ar frio da noite, respirando pesadamente e combatendo a náusea. Tinha nas mãos algo que valia milhões de dólares, mas Korontzis não pensava nela nesses termos. Pensava é que estava a trair o seu país, ao roubar uma peça histórica da sua Grécia amada e vendê-la a um estrangeiro sem rosto. Desceu os degraus. Como Rizzoli prometera, um táxi aguardava-o à frente do museu. Korontzis caminhou na sua direção e entrou.

- Hotel Grande Bretagne - disse.

Recostou-se no assento. Sentiu-se vencido e exausto, como se tivesse estado numa terrível batalha. Mas vencera ou perdera? Quando o táxi estacionou em frente do Hotel Grande Bretagne, Korontzis disse ao motorista:

- Espere aqui, por favor.

Deu um último olhar para o precioso pacote que estava no banco traseiro, depois saiu e entrou rapidamente no salão do hotel. Ao passar a porta voltou-se e olhou. Um homem entrava no táxi. Um momento depois partiu veloz. pronto. Estava feito. Nunca terei de fazer semelhante coisa outra vez, pensou Korontzis. Não enquanto for vivo. O pesadelo acabou." Às três horas de domingo à tarde, Tony Rizzoli saiu do hotel e perambulou até à Platia Omonia. Vestia um casaco xadrez vermelho-vivo, calças verdes e uma boina vermelha. Era seguido por dois detetives. Um deles disse:

-Ele deve ter comprado aquelas roupas num circo.

Na Rua Metaxa, Rizzoli mandou parar um táxi. O detetive falou para o walkie-talkie. O sujeito está a entrar num táxi com direção para oeste.

Umavoz respondeu:

- Estamos a vê-lo. Vamos seguir. Regresse ao hotel. -Certo.

Um turismo cinzento sem marca aproximou-se do táxi, mantendo uma distância discreta. O táxi rumou para sul, atravessando Monastiraki. No turismo, o detetive que se sentava ao lado do motorista pegou no microfone. -Central, Aqui é aUnidade quatro. O sujeito está num táxi. Está a descer a Rua Philhellinon... Espere. Acabam de virar à direita na Rua Peta. Parece que vaiem direção à Plaka. Podemos perdê-lo. Pode mandar um piquete segui-lo a pé?

- Só um minuto, Unidade quatro. -Alguns segundos depois, o rádio

voltou a estalar.-Unidade quatro. Temos ajuda disponível. Se ele descer na Plaka, continuará a ser vigiado.

-Kala. O sujeito veste um casaco xadrez vermelho-vivo, calças verdes e uma boina vermelha. É difícil de perder. Espere um minuto. O táxi vai parar. Ele está a sair na Plaka.

-Vamos passar a informação. Está coberto. Você fica livre. Desligue.

Na Plaka, dois detetives observavam no momento em que o homem saía do táxi.

-Onde é que ele comprou aquela roupa?-interrogou-se um dos detetives em voz alta.

Aproximaram-se dele e começaram a segui-lo por entre o labirinto apinhado da parte velha da cidade. Durante a hora que se seguiu ele vagueou sem destino por entre as ruas, perambulando por tabernas, bares, lojas de recordações e pequenas galerias de arte. Desceu a Anaphiotika e percorreu uma feira da ladra repleta de espadas, adagas, mosquetes, caçarolas, candelabros, candeeiros a petróleo e binóculos.

- Que andará ele a tramar?

- Parece que veio apenas dar um passeio. Espera. Lá vai ele. Eles iam atrás quando ele virou para a Aghiou Geronda e se dirigiu ao restaurante Xinos. Os dois detetives ficaram no exterior à distância, vendo-o pedir a comida.

Os detetives começaram a ficar aborrecidos.

-Espero que ele não se demore muito. Apetecia-me ir para casa. Uma soneca agora sabia-me bem.

-Mantém-te acordado. Se o perdemos, o Nicolino dá-nos cabo da vida.

- Como é que podemos perdê-lo? Ele parece um farol. O outro detetive olhava-o fixamente.

- O quê? O que é que tu disseste? -Eu disse...

-Não ligues. -Houve uma urgência repentina na sua voz.-Tu olhaste para a cara dele?

-Não.

-Eu também não. Tiflo! Anda daí.

Os dois detetives entraram no restaurante a correr e dirigiram -se para a mesa a passo largo. Estavam a olhar para o rosto de um completo

estranho. O Inspetor Nicolino estava furioso.

- Eu tinha três equipas destacadas para seguirem o Rizzoli. Como é que vocês puderam perdê-lo?

-Ele pregou-nos uma partida, inspetor. A primeira equipe viu-o entrar num táxi e...

-E eles perderam o táxi?

-Não. Nós vimo-lo sair. Ou pelo menos pensávamos que era ele. Ele estava com uma roupa estapafúrdia. O Rizzoli tinha outro passageiro escondido no táxi, e os dois homens trocaram de roupa. Nós fomos atrás do homem errado.

-E o Rizzoli continuou no táxi. - É verdade.

-Tiraram a matrícula?

-Bem, não. Não... não nos pareceu importante. -E o homem que vocês apanharam?

-É um paquete do hotel do Rizzoli. O Rizzoli disse-lhe que estava a pregar uma partida a uma pessoa. Deu-lhe cem dólares. É tudo O que o rapaz sabe.

O inspetor Nicolino respirou fundo.

-E não me parece que alguém saiba onde se encontra o senhor Rizzoli neste momento.

-Não, senhor. Infelizmente não.

A Grécia tem sete portos principais: Tessalónica, Patras, Volos, Igoumenitsa, Kavala, Iraklion e Pireu. Piraeus fica a sete milhas a sudoeste do centro de Atenas, e serve apenas não só como o porto principal daGrécia, mas como um dos principais portos da Europa. O complexo do porto consiste de quatro ancoradouros, três dos quais para barcos recreativos e navios transatlânticos. O quarto ancoradouro, Herakles, está reservado para cargueiros equipados com comportas que abrem diretamente sobre o cais. OThele estava ancorado em Herakles. Era um petroleiro enorme, e, ao permanecer parado no

ancoradouro escuro, fazia lembrar um beemote gigantesco pronto a saltar, Tony Rizzoli, acompanhado por quatro homens, foi até ao quebra-mar. Rizzoli olhou para o navio enorme e pensou, "Cá está ele. Agora vamos ver se o nosso amigo Demiris está a bordo Virou-se para os homens que o acompanhavam.

- Quero que dois de vocês esperem aqui. Os outros dois vêm comigo. Tratem de ver se ninguém sai do navio.

- Certo.

Rizzoli e dois homens subiram a prancha de embarque. Quando chegaram ao cimo, um marujo aproximou-se deles. -Desejam alguma coisa?

- Queremos ver o senhor Demiris.

-O senhor Demiris está no camarote do proprietário. -Ele está à vossa espera?

Então a dica estava certa. Rizzoli sorriu.

- Claro. Ele está à nossa espera. A que horas parte o navio? -Ameia- noite. Eu acompanho-os.

-Obrigado.

Seguiram o marinheiro ao longo do convés até que chegaram a uma escada descendente. Os três homens desceram a escada atrás dele e seguiram-no por uma passagem estreita, passando por meia dúzia de camarotes durante o trajeto. Quando chegaram ao último camarote, o marinheiro começou a bater à porta. Rizzoli afastou.

- Nós vamos anunciar-nos pessoalmente. - Ele abriu a porta com um empurrão e entrou.

O camarote era maior do que Rizzoli esperara. Estava mobiliado com uma cama e um sofá, uma secretária e duas espreguiçadeiras. Atrás da secretária sentava-se Constantin Demiris.

Quando ergueu o olhar e viu Rizzoli, Demiris pôs- de pé de uma forma atabalhoada. O rosto empalideceu.

- O quê... o que é que você está a fazer aqui?-A sua voz era um sussurro.

-Eu e os meus amigos decidimos fazer-lhe uma visita para lhe desejar boa viagem, Costa.

- Como é que você sabia que eu...? Quero dizer... eu não estava à sua espera.

-Claro que não -disse Rizzoli. Virou-se para o marinheiro. - Obrigado, amigo.

O marinheiro retirou-se.

Rizzoli voltou-se de novo para Demiris.

- Estava a planejar fazer uma viagem sem se despedir do seu sócio? Demiris disse num tom rápido.

-Não. Claro que não. Eu só... só vim cá verificar umas coisas. Parte amanhã de manhã. -Os dedos tremiam-lhe.

Rizzoli aproximou-se dele. Quando falou, a sua voz era macia. -Costa, você cometeu um grande erro. Não vale a pena tentar fugir, porque você não tem onde se esconder. Eu e você fizemos um contrato, lembra-se? Sabe o que acontece às pessoas que não cumprem os contratos? Têm uma morte terrível.., verdadeiramente terrível. Demtris engoliu.

- Eu... eu gostava de falar consigo a sós. Rizzoli virou-se para os seus homens. - Esperem lá fora.

Quando saíram, Rizzoli afundou-se numa poltrona. -Estou muito desapontado consigo, Costa.

-Não posso continuar com isto-disse Demiris. -Eu dou-lhe dinheiro.,. mais dinheiro com que você alguma vez sonhou.

-Em troca de quê?

-Que saia deste navio e me deixe em paz. -Havia desespero na voz de Demiris. -Você não me pode fazer isto. O governo vai-me tirar a frota. Vou ficar arruinado. Por favor. Dou-lhe tudo o que você quiser.

Tony Rizzoli sorriu.

-Eu tenho tudo aquilo que quero. Quantos petroleiros é que você tem? Vinte? Trinta? Nós vamos mantê-los em ação, você e eu. Tudo o que você tem a fazer é juntar mais um ou dois portos de escala.

- Você... você não tem a mínima idéia do que me está a fazer. -Acho que você deveria ter pensado nisso antes de ter armado aquela trama.

-Tony Rizzoli pôs-se de pé. -Vai ter de falar com o comandante. Diga- lhe que vamos ter de fazer mais uma paragem, ao largo da costa da Florida.

Demiris hesitou.

-Tudo bem, Quando você voltar de manhã,.. Rizzoli riu-se.

-Eu não vou a lugar nenhum. Acabaram-se os jogos. Você ia tentar fugir à mela-noite. Ótimo. Eu vou fugir consigo. Vamos trazer um carregamento de heroína para bordo, Costa, e só para valorizar o

contrato vamos levar

também um dos tesouros do Museu Nacional. E você vai vendê-lo nos Estados Unidos. É o seu castigo por tentar enganar-me. Havia uma expressão atordoada nos olhos de Demiris.

-Eu... não há nada - ele implorou - nada que eu possa fazer para...? Rizzoli deu-lhe uma pancada no ombro.

-Anime-se. Prometo-lhe que vai gostar de ser meu sócio. Rizzoli encaminhou-se para a

porta e abriu-a.

- Muito bem, vamos pôr a mercadoria a bordo - disse ele. - Onde é quer que a gente a ponha?

Há centenas de esconderijos em qualquer navio, mas Rizzoli não sentia a necessidade de ser esperto, Afrota de Constantin Demiris estava acima de suspeita.

-Ponham-na num saco de batatas-disse ele.-Marquem o saco e guardem-no na retaguarda da cozinha. Tragam o vaso para o senhor Demiris. Ele vai tomar conta dele pessoalmente.

Rizzoli virou-se para Demiris, os olhos cheios de desdém. -Você tem algum problema com isso?

Demiris tentou falar, mas as palavras não saíam.

- Muito bem, rapazes - disse Rizzoli. - Mexam-se. Rizzoli instalou-se de novo na poltrona.

-Ótimo camarote. Vou deixá-lo consigo, Costa. Eu e os meus rapazes vamos arranjar os nossos próprios alojamentos.

- Obrigado - disse Demiris com um ar infeliz. - Obrigado.

À meia-noite, o enorme petroleiro afastou-se do cais com dois rebocadores que o conduziram para o mar. A heroína fora escondida a bordo, e o vaso ficara entregue ao camarote de Constantin Demiris. Tony Rizzoli chamou um dos seus homens à parte.

- Quero que vás à sala das comunicações e arranques o rádio. Não quero que o Demiris envie mensagens.

-E para já, Tony.

Constantin Demiris era um homem derrotado, mas Rizzoli não corria riscos.

Rizzoli tivera receio até ao momento da partida de que alguma coisa

pudesse correr mal, pois o que estava a acontecer estava para além dos seus sonhos mais audazes. Constantin Demiris, um dos homens mais ricos e mais poderosos do mundo, era seu sócio. "Sócio, caramba", pensou Rizzoli. "Eu mando no sacana. A frota dele é toda minha. Posso enviar toda a mercadoria que os rapazes puderem entregar. Os outros tipos que matem os cornos a tentarem descobrir como fazer chegar o material aos Estados Unidos. Eu fiz a minha parte. E depois há todos aqueles tesouros do museu, É outra mina de ouro. Com a diferença de que é só minha. O que os rapazes não sabem não lhes fará mala Tony Rizzoli adormeceu a sonhar com uma frota de navios dourados e palácios e raparigas nóbeis para servi-lo. Quando Rizzoli acordou na manhã seguinte, ele e os seus homens dirigiram-se à sala de jantar para tomar o pequeno-almoço. Os seis membros da tripulação já lá estavam. Um criado aproximou-se da mesa.

-Bom dia.

- Onde é que está o senhor Demiris ? - perguntou Rizzoli. - Ele não vai tomar o pequeno-

almoço?

Ele vai permanecer no camarote, senhor Rizzoli. Deu-nos instruções para servirmos o senhor e os seus amigos de tudo o que quiserem.

-É muito simpático da parte dele. -Rizzoli sorriu.

-Eu vou tomar sumo de laranja, bacon e ovos. E vocês, rapazes? -Isso parece bom.

Depois de terem pedido, Rizzoli disse:

-Quero que fiquem calmos. Não tenham as vossas armas à mostra. Sejam simpáticos e bem-educados. Lembrem-se de uma coisa: nós somos convidados do senhor Demiris.

Demiris não apareceu para almoçar nesse dia. Nem apareceu para jantar. Rizzoli subiu para ir ter uma conversa com ele. Demiris estava no camarote, olhando fixamente através de uma vigia. Estava com um ar pálido e abatido. Rizzoli disse;

-Tem de comer para manter as forças; sócio, Não gostava de vê-lo doente. Temos muito que fazer. Eu disse ao criado que lhe trouxesse um pouco de comida,

Demiris respirou fundo.

- Não consigo... estou bem. Saia daqui, por favor. Rizzoli sorriu.

-Claro. Depois do jantar, veja se dorme um pouco, Você está com um

ar péssimo.

De manhã, Rizzoli foi falar com o comandante.

-Sou Tony Rizzoli - disse ele. - Sou convidado do senhor Demiris.

-Ah, sim. O senhor Demiris disse-me que o senhor viria falar comigo hoje. Ele refèriu-se a uma possível alteração da rota.

- Correto. Depois informo-o. Quando é que chegamos ao largo da Florida?

-Dentro de aproximadamente três semanas, senhor Rizzoli. - Ótimo. Falo consigo mais tarde.

Rizzoli retirou-se e perambulou pelo navio. É o "seu" navio. Afrota era toda dele. O mundo era dele. Rizzoli sentiu-se invadido por uma euforia que não conhecera antes.

A travessia foi suave, e uma vez por outra Rizzoli dava um salto ao camarote de Constantin Demiris.

-Você devia ter umas gajas a bordo-disse Rizzoli. -Mas parece-me que vocês gregos não precisam de gajas, pois não?

Demiris recusou-se a responder à provocação. Os dias corriam lentos, mas cada hora aproximava Rizzoli mais dos seus sonhos. Sentia uma febre de impaciência. Passou-se uma semana, depois outra, e aproximavam-se do continente norte-americano. Sábado à noite, Rizzoli estava junto à amurada do navio olhando O oceano quando houve um

relâmpago.

O primeiro imediato aproximou-se dele.

- Parece que vem aí mau tempo, senhor Rizzoli. Espero que seja bom marinheiro.

Rizzoli encolheu os ombros. -Nada me perturba.

O mar deu início à sua borrasca. O navio começou a mergulhar subitamente no mar e depois subia empinadamente à medida que sulcava as ondas.

Rizzoli começou a sentir-se enjoado. "É verdade que não sou bom marinheiro", pensou ele. Qual é a diferença? Era dono do mundo. Regressou ao seu camarote cedo e enfiou-se na cama. Sonhou. Dêsta vez, não havia navios dourados nem belas raparigas nuas. Havia uma guerra, e ele ouvia o troar dos canhões. Uma explosão acordou-o. Rizzoli sentou-se na cama, completamente desperto, O camarote estava

a balançar, O barco estava no meio de uma maldita tempestade. Ouvia os passos rápidos que corriam no corredor. Que raio ia ele fazer? Tony Rizzoli saiu da cama a correr e foi para o corredor. O chão inclinou-se repentinamente para um lado e et e quase perdeu o equilíbrio. -Que é que se passa?-gritou ele a um dos homens que passava por ele a correr.

-Uma explosão, O navio está a arder. Estamos a afundar. É melhor subir para o convés.

"A afundar",?" Rizzoli não conseguia acreditar. "Correra tudo tão bem. Mas não importa", pensou Rizzoli. "Posso bem perder este carregamento. Haverá muitos mais. Tenho de salvar o Demiris. Ele é a chave de tudo. Vamos enviar um pedido de ajuda." E depois lembrou- se que mandara destruir o rádio.

Lutando para manter o equilíbrio, Tony Rizzoli dirigiu-se para a escada do tombadilho e subiu até ao convés. Para sua surpresa, viu que a tempestade tinha passado. O mar estava calmo. Uma lua cheia surgira. Houve outra explosão estrondosa, e mais outra, e o navio começou a inclinar-se cada vez mais. A popa estava na água, descendo rapidamente. Os marinheiros tentavam baixar os barcos salva-vidas, mas era tarde de mais. A água em redor do navio era uma massa de petróleo em chamas. Onde estava Constantin Demiris? E então Tony Rizzoli ouviu. Era um som que roncava, cujo som se elevava bem acima das explosões. Olhou para o céu. Havia um helicóptero pairando três metros acima do navio. "Estamos salvos", pensou Rizzoli com júbilo. Acenou freneticamente para o helicóptero. Um rosto surgiu na janela. Rizzoli levou um momento para perceber que se tratava de Constantin Demiris. Estava a sorrir, e na sua mão erguida segurava a ânfora de valor incalculável. Rizzoli fixou o olhar, o seu cérebro tentando entender o que estava a acontecer. Como é que Constantin Demiris descobrira um helicóptero a meio da noite para...? E então Rizzoli percebeu, e os seus intestinos viraram água. Constantin Demiris nunca tivera qualquer intenção de fazer negócio com ele. O filho da puta planejara tudo desde o início. O telefonema a dizer-lhe que Demiris ia fugir-esse telefonema não viera da parte de Spyros Lambrou, viera de Demiris. Ele lançara a armadilha para apanhá-lo no navio, e Rizzoli caíra nela. O petroleiro começou a afundar-se cada vez mais, mais

depressa, e Rizzoli sentiu o oceano frio a envolver-lhe os pés, e mais tarde os joelhos. O sacana ia deixá-los morrer ali, no fim do mundo, onde não haveria vestígios do que viesse a acontecer. Rizzoli olhou para o helicóptero e gritou freneticamente -Volte. Eu dou-lhe

tudo! - O vento fustigou as suas palavras. A última coisa que Tony Rizzoli viu antes de o barco ficar de quilha para o ar e de os seus olhos se encherem de água salgada ardente foi o helicóptero afastar-se na direção da lua.

St. Moritz

Catherine ficou em estado de choque. Estava sentada num sofá no quarto do hotel, ouvindo o tenente Hans Bergman, chefe da patrulha de esqui, dizer-lhe que Kirk Reynolds estava morto. O som da voz de Bergman inundava Catherine em ondas, mas ela não prestava atenção às palavras. Ela estava demasiado entorpecida pelo horror do que acontecera. "Todas as pessoas que me circundam morrem, pensou ela desesperadamente. O Larry morreu e agora foi o Kirk. E havia os outros; Noelle, Napoleon Chotas, Frederick Stavros. Era um pesadelo infindável. Vagamente, por entre o nevoeiro do desespero, ouviu a voz de Hans Bergman.

-Senhora Reynolds... senhora Reynolds...

-Levantou a cabeça. -Eu não sou a senhora Reynolds -disse ela exausta. -O meu nome é Catherine Alexander. Eu e o Kirk éramos amigos.

- Compreendo. Catherine respirou fundo.

-Como.., como é que aconteceu? O Kirk era tão bom esquiador. -Eu sei. Ele esquiou aqui tantas vezes. -Ele abanou a cabeça. - Para lhe dizer a verdade, Miss Alexander, estou intrigado com o que aconteceu. Encontrámos o corpo dele no Lagalp, um declive que se encontrava encerrado por causa de uma avalancha que caiu a semana passada. O vento deve ter derrubado a tabuleta. Lamento imenso.

"Lamento, Que palavra tão fraca, que palavra tão estúpida. -Gostaria que nos encarregássemos dos preparativos para o funeral, Miss Alexander?

"Então a morte não era o fim. Não, havia preparativos para fazer. Caixões e lates do cemitério, e flores, e parentes a informar." Catherine queria gritar.

-Miss Alexander? Catherine ergueu o olhar. - Eu informo a famffia do Kirk. - Obrigada.

A viagem de regresso a Londres foi um pesar. Ela viera até às montanhas com Kirk cheia de esperança ansiosa, pensando que talvez

fosse um novo começa, uma porta para uma nova vida. "Kirk fora tão gentil e paciente. Eu devia ter feito amor com elep, pensou Catherine. " Mas afinal que importância teria tido? Devem ter-me rogado uma praga. Eu destruo quem quer que se aproxime de mim.

Quando Catherine regressou a Londres, estava demasiado deprimida para voltar ao

trabalho. Ficou no apartamento, sem querer ver ou falar com ninguém. Anna, a governanta, preparava-lhe as refeições e levava-as ao quarto de Catherine, mas os tabuleiros eram devolvidos intocados.

-A menina tem de comer.

Mas pensar em comida deixava Catherine doente.

No dia seguinte, Catherine sentia-se pior. Parecia que o peito estava cheio de ferro. Tinha dificuldade em respirar. "Não posso continuar assim", pensou Catherine. "Tenho de fazer alguma coisa. Discutiu o assunto com Evelyn.

- Eu continuo a culpar-me pelo que aconteceu. -Isso não faz sentido, Catherine.

- Eu sei que não, mas não consigo evitá-lo. Sinto-me responsável. Preciso de ter alguém com quem falar. Talvez se eu fosse a um psiquiatra...

-Conheço um muito bom- disse Evelyn. -De fato, o Wim vai à consulta dele de vez em quando. Chama-se Alan Hamilton. Tive uma amiga que era suicida, e quando o doutor Hamilton terminou o tratamento ela estava em grande forma. Gostavas de vê-lo?

-E se ele disser que eu estou maluca? E se eu estiver? Está bem -disse Catherine com relutância,

-Vou tentar marcar uma consulta para ti. Ele tem muita que fazer.

- Obrigada, Evelyn. Agradeço imenso.

Catherine entrou no gabinete de Wim. "Ele deve querer saber o que aconteceu ao Kirk , pensou ela.

-Wim, lembras-te do Kirk Reynolds? Ele morreu há dias num acidente de esqui.

-Ai sim? Westminster-zero-quatro-sete-um. Catherine pestanejou.

-O quê?-E ela de repente apercebeu-se de que Wim estava a recitar o número de telefone de Kirk. "Era isso que as pessoas significavam

para Wim? Uma série de números? Não tinha sentimentos pelas pessoas? Era ele realmente incapaz de amar ou odiar ou sentir compaixão? Talvez ele esteja em melhor situação do que eu", pensou Catherine. "Pelo menos ele poupou-se à dor terrível que o resto de nós pode sentira Evelyn conseguiu que o doutor Hamilton recebesse Catherine na sexta-feira seguinte. Evelyn pensou em telefonar a Constantin Demiris para lhe dizer o que fizera, mas concluiu que o assunto não tinha essa importância para ir maçá-lo por causa disso. O consultório do doutor Hamilton ficava na Wimpole Street. Catherine foi lá para a sua primeira consulta, apreensiva e irritada. Apreensiva porque estava receosa do que ele lhe pudesse dizer, e irritada consigo própria por ter de confiar num estranho para ajudá-la nos problemas que ela deveria ter sido capaz de resolver sozinha. A recepcionista do guiché disse:

- O doutor Hamilton está à sua espera, Miss Alexander.

"Mas estou eu pronta para vê-lo?" Catherine interrogava-se. Um pânica repentino tomou-a. "Que estou eu a fazer aqui? Não me vou pôr nas mãos de um charlatão com a mania que é Deus, Catherine disse:

-Eu.., mudei de ideia. Eu realmente não preciso de ver o médico. Gostaria de pagar a consulta.

- Oh? Sá um momento, por favor.

-Mas...

A recepcionista entrara no gabinete do médico.

Momentos depois, a porta do gabinete abriu-se e Alan Hamilton saiu. Tinha quarenta e poucos anos, era alto e louro, com olhos azuis brilhantes e modos afáveis.

Olhou para Catherine e sorriu. -Já me fez ganhar o dia disse ele. Catherine franziu o sobrolho.

- Como...?

-Eu não sabia que era um médico realmente tão bom. A senhora mal entrou na minha recepção e já se sente melhor. Isso deve ser um recorde.

Catherine disse defensivamente.

- Desculpe. Cometi um erro. Não preciso de ajuda nenhuma. -Agrada- me muito ouvir isso-disse Alan Hamilton. -Oxalá todos os meus doentes se sentissem assim. Já que está aqui, Miss Alexander, por que

não entra por uns momentos? Tomaremos uma chávena de café.

- Obrigada, mas não. Eu não...

- Prometo que vai bebê-lo sentada. Catherine hesitou.

- Está bem, só por um minuto.

Ela seguiu até ao gabinete. Era muito simples, decorado com bom e moderado gosto, mobiliado mais no estilo de uma sala de estar do que um consultório. Havia gravuras mitigantes penduradas nas paredes, e sobre uma mesinha de centro antiga estava a fotografia de uma bela mulher com um rapazinho a seu lado. "Pronto, ele tem um consultório bonito e uma família atraente. O que é que isso prova?"

- Por favor, sente-se - disse o doutor Hamilton. -O café deve estar pronto num minuto.

-Eu não devia estar a tomar o seu tempo, doutor. Eu...

- Não se preocupo com isso, - Ele sentou-se numa poltrona, analisando-a. -A senhora passou um mau bocado - disse ele solidariamente.

-O que é que o senhor sabe?-Catherine Respondeu. O seu tom foi mais irado do que intencionara.

-Falei com a Evelyn. Ela disse-me o que se passou em St. Moritz. Lamento.

"Lá vem a maldita palavra outra vez.u

-Lamenta mesmo? Se o senhor é um médico tão bom como dizem, talvez consiga trazer o Kirk de volta à vida. -Toda a infelicidade que estivera enclausurada dentro de si explodiu, irrompendo numa torrente, e para seu horror Catherine viu que soluçava histericamente,

-Deixe-me em paz-gritou.-Deixe-me em paz.

Alan Hamilton ficou a olhar para ela, sem dizer nada. Quando os soluços de Catherine finalmente passaram, ela disse num tom exausto:

- Peço desculpa. Perdoe-me. Tenho de me ir embora agora. - Pôs-se de pé e dirigiu-se para a porta.

-Miss Alexander, não sei se consigo ajudá-la, mas gostaria de tentar. Apenas lhe posso prometer que tudo o que eu lhe fizer não a prejudicará.

Catherine permaneceu junto à porta, indecisa. Voltou-se para olhar para ele, os alhos rasos de água.

- Não sei qual é o meu mal - sussurrou ela. - Sinto-me tão perdida. Alan Hamilton levantou-se e caminhou até ela.

- Então par que não tentamos encontrá-la? Vamos tentar juntos. Sente- se. Vou buscar o café.

Ele ausentou-se durante cinco minutos, e Catherine ficou ali sentada, perguntando-se como foi que ele a convencera a ficar. Ele tinha um efeito calmante. Havia algo nos seus modos que era reconfortante. "Talvez ele me possa ajudar", pensou Catherine.

Alan Hamilton regressou à sala com duas chávenas de café. - Há natas e açúcar, se desejar.

-Não, obrigada. Sentou-se à frente dela. - Sei que o seu amigo morreu num Era tão difícil abordar a questão.

-É verdade. Ele estava num declive que se pensava ter sido encerrado. O vento derrubou a tabuleta. É a primeira vez que enfrenta a morte de alguém tão chegado?

Como é que ela ia responder a isto? "Oh, não. O meu marido e a amante foram executados por tentarem assassinar-me. Todas as pessoas que me rodeiam morrem." Isso iria abalá-lo. Ele estava ali sentado, aguardando uma resposta, "o sacana do presunçoso". Bem, ela não lhe ia dar essa satisfação, Não tinha nada que se meter na vida dela. "Odeio-o Alan Hamilton viu a ira nos olhos dela. Mudou de assunto deliberadamente.

-Como está o Wim?-perguntou. acidente de esqui.

A pergunta apanhou Catherine totalmente desprevenida. -Wim? Ele... está ótimo. Evelyn disse-me que ele é seu doente. - É, sim.

-Pode explicar como é que ele ... porque é que ele ... é assim? -O Wim veio ter comigo porque estava sempre a ser despedido. Ele é algo de muito raro ... um misantropo genuíno. Não posso falar nas causas desse comportamento, mas, basicamente, ele odeia as pessoas. É incapaz de se relacionar com as outras pessoas.

Catherine lembrou-se das palavras de Evelyn.

"Ele então tem emoções. Nunca se ligará a ninguém."

- Mas o Wim é brilhante em matemática - prosseguiu Alan Hamilton. - Ele está agora num trabalho onde pode aplicar esse conhecimento.

Catherine fez um sinal afirmativo com a cabeça. -Nunca conheci

ninguém como ele.

Alan Hamilton inclinou-se para a frente na cadeira.

- Miss Alexander- disse ele -, aquilo por que está a passar é muito doloroso, mas acho que posso facilitar-lhe as coisas.

- Gostava de tentar.

- Não... não sei - disse Catherine. -Tudo parece tão irremediável.

-Enquanto se sentir assim-Alan sorriu-, não há outro caminho senão andar para a frente, pois não?-O seu sorriso era contagiante. - Por que não marcamos mais uma consulta? Se no fim da próxima ainda me odiar, então desistimos.

-Eu não O odeio-disse Catherine em tom de desculpa. -Bem, talvez um pouco.

Alan Hamilton foi até à secretária e analisou a agenda. Tinha as horas todas tomadas.

-Que tal na próxima segunda-feira?-perguntou. -À uma?À uma era quando ele almoçava, mas estava disposta a privar-se disso. Catherine Alexander era uma mulher que transportava um fardo insuportável, e ele estava determinado a fazer tudo o que pudesse para ajudá-la.

Catherine olhou para ele durante um longo momento. - Está bem.

-Ótimo. Então até segunda. -Ele entregou-lhe um cartão. - Entretanto, se precisar de mim, aqui tem o meu número do consultório e o de casa. Tenho o sono leve, de forma que não se preocupe em acordar-me.

-Obrigada-disse Catherine, -Cá estarei na segunda-feira. O doutor Hamilton acompanhou a saída dela com o olhar. "Ela é tão vulnerável, e tão bela. Tenho de ter cuidado" Olhou para a fotografia da secretária. HQue iria a Angela pensar?"

A chamada chegou a meio da noite. Constantin Demiris escutou, e quando falou a sua voz estava cheia de surpresa.

- O Thele foi ao fundo? Não posso acreditar.

-É verdade, senhor Demiris. Aguarda costeira encontrou alguns pedaços do naufrágio.

-Houve sobreviventes?

-Não, senhor. Infelizmente, não. Perderam-se todos os marinheiros.

- Isso é terrível. Alguém sabe o que aconteceu? -Infelizmente nunca

saberemos. Todas as provas estão no fundo do mar.

-O mar-murmurou Demiris -o mar cruel. -Entramos com a apresentação de um pedido nos seguros? -É difícil uma pessoa preocupar-se com essas coisas depois de to dos aqueles homens corajosos terem perdido a vida-mas, sim, entre com a apresentação do pedido. - O vaso ficaria na sua coleção particular. Agora eram horas de punir o cunhado. Spyros Lambrou estava num frenezim de impaciência, aguardando a notícia da prisão de Constantin Demiris. Mantinha o rádio constantemente ligado no seu escritório e passava a pente fino todas as edições dos jornais diários. "Eu já devia ter sabido de alguma coisa, pensou Lambrou. "Desta vez a polícia deve ter prendido o Demiris. No momento em que Tony Rizzoli informara Spyros de que Demiris concordara transportar-lhe as drogas, Lambrou dera conhecimento ã Alfândega norte-americana - anônimamente, claro - de que o Thele iria transportar uma quantidade enorme de heroína. -Já o devem ter apanhado. Porque é que os jornais não souberam da história?

O intercomunicador soou.

- O senhor Demiris está na linha dois.

- É alguém que quer falar com o senhor Demiris?

-Não, senhor Lambrou. É o próprio senhor Demiris que está na linha. - As palavras provocaram-lhe um arrepio.

-Era impossível!

Nervosamente, Lambrou pegou no telefone. - Costa?

-Spyros. -A voz de Demiris era jovial.-Como é que vão as coisas?

-Tudo bem, tudo bem. Onde é que estás? - Em Atenas.

- Oh. -Lambrou engoliu nervosamente. -Não temos conversado ultimamente - disse ele.

-Tenho estado ocupado. Que tal almoçarmos hoje? Estás livre? Lambrou tinha um almoço de trabalho importante.

- Estou. Está bem.

- Ótimo. Encontramo-nos no clube. Às duas horas.

Lambrou pousou o telefone, as mãos tremendo. O que é que em nome de Deus podia ter corrido mal? Bem, iria saber o que acontecera dentro de pouco tempo. Constantin Demiris deixou Spyros à espera durante meia hora, e quando, por fim, chegou disse bruscamente:

-Desculpa o atraso. -Não há problema.

Spyros analisou Demiris cuidadosamente, à procura de alguns sinais da experiência recente por que devia ter passado. "Nada"

-Estou com fome -disse Demiris animadamente. -E tu? Vamos ver o que é que há na lista para hoje. -Percorreu a ementa com um olhar atento. -Ah, Stridia. Queres abrir com ostras, Spyros?

- Não. Acho que não. - Tinha perdido o apetite.

Demiris agia com demasiada alegria, e Lambrou teve uma premonição terrível.

Depois de pedirem, Demiris disse: -Quero agradecer-te, Spyros. Spyros fitou desconfiadamente. - O quê?

-O quê? O teres-me mandado um bom cliente ... o senhor Rizzoli. Lambrou humedeceu os lábios.

-Tu... estiveste com ele?

- Oh, estive, sim. Ele garantiu-me que íamos fazer muitos negócios juntos no futuro. - Demiris suspirou. - Embora me custe pensar que o senhor Rizzoli já não tenha muito futuro.

Spyros ficou tenso.

- O que é que queres dizer com isso?

A voz de Constantin Demiris endureceu.

- O que eu quero dizer é que o Tony Rizzoli está morto. -Como é que..

~ O que é que aconteceu?

-Ele teve um acidente, Spyros.-Olhava de frente para o cunhado. - Como têm todos os que me querem enganar.

-Não... não entendo. Tu...

-Não entendes? Tu tentaste destruir-me. Falhaste. Prometo-te que teria sido muito melhor para ti se tivesses conseguido. -Não... não sei do que estás a falar.

-Não sabes, Spyros?-Constantin Demiris sorriu.-Em breve saberás. Mas primeiro vou destruir a tua irmã.

As ostras chegaram.

-Ah-disse Demiris-, parecem deliciosas. Bom apetite.

Depois, Constantin Demiris pensou no encontro com um sentimento

de satisfação profunda. Spyros Lambrou era um homem completamente desmoralizado. Demiris sabia quanto Lambrou adorava a irmã e Demiris tencionava puni-los a ambos.

Mas havia algo que tinha de tratar primeiro. Catherine Alexander. Ela telefonara-lhe

depois da morte de Kirk, à beira da histeria. ... é tão horrível. "Lamento muito, Catherine. Sei como devia gostar do Kirk. É uma perda terrível para nós dois. "Vou ter que alterar os meus planas", pensou Demiris. Agora não há tempo para Rafina." Catherine era o único elo existente que o ligava ao que acontecera a Noelle Page e Larry Douglas. "Foi um erro tê-la deixado viver todo este tempo Enquanto ela estivesse viva, alguém poderia provar o que Demiris fizera, mas com ela morta ele ficaria perfeitamente seguro. Pegou no telefone da secretária e marcou um número. Quando uma voz respondeu, Demiris disse:

-Vou estar em Kowloon na segunda-feira. Esteja presente, - Desligou sem esperar uma resposta.

Os dois homens encontraram-se num edifício deserto que Demiris possuía na cidade murada. Tem de parecer um acidente. Consegue arranjar isso?-perguntou Constantin Demiris. Era um insulto. Sentia a raiva crescer dentro de si. Isso era pergunta para se fazer a um amador que se contratava na rua. Sentiu-se tentado a responder com sarcasmo: "Oh, sim. Acho que consigo fazer isso. Prefere um acidente dentro de casa? Posso fazer que ela parta o pescoço ao cair de um lanço de escadas. O dançarino de Marselha. Ou ela podia embebedar-se e afogar-se na banheira. A herdeira de Gstaad. Podia tomar uma dose excessiva de heroína.~ Eliminara três assim. Ou ela podia adormecer na cama com um cigarro aceso. O detetive sueco de L'Hôtel da Margem Esquerda em Paris. "Ou será que prefere qualquer coisa no exterior? Posso provocar um acidente de trânsito, a queda de um avião ou um desaparecimento no mar." Mas não disse nada disto, pois na verdade tinha medo do homem que se sentava à sua frente. Ouvira muitas histórias arrepiastes a seu respeito, e tinha razão para acreditar nelas, De forma que tudo o que disse foi:

-Sim, senhor, posso provocar um acidente. Ninguém irá descobrir.

-Mas no momento em que dizia estas palavras a ideia passou-lhe pela cabeça: "Ele sabe que eu saberei" Ficou à espera. Ouvia os barulhos da rua do outro lado da janela, e a poliglota estridente e roufenha de línguas que pertenciam aos residentes da cidade murada. Demiris

estudava-o com olhos frios e negros. Quando finalmente falou, disse:

-Pois bem. O método ficará ao seu critério. - Sim, senhor. O alvo está aqui em Kowloon?

- Londres. Chama-se Catherine. Catherine Alexander. Trabalha nos meus escritórios de Londres.

-Dava jeito se ela me fosse apresentada. Uma pista interna. Demiris pensou por um momento:

-Vou enviar uma delegação de executivos a Londres na semana que vem. Vou fazer que você integre o grupo. - Inclinou-se para a frente e disse: - Só mais uma coisa.

-Sim,senhor?

- Quero que o corpo não consiga ser identificado por ninguém. Constantin Demiris

estava a telefonar.

-Bom dia, Catherine. Como é que se sente hoje? -Ótima, obrigada, Costa.

- Sente-se melhor? - Sinto-me.

-Ótimo. Muito me agrada ouvir isso. Vou enviar uma delegação dos executivos da nossa companhia aí a Londres para analisarem as nossas operações. Agradecia que se encarregasse deles.

- Com todo o prazer. Quando é que chegam? -Amanhã de manhã.

-Farei tudo o que puder.

- Sei que posso contar consigo. Obrigado, Catherine. -Não tem que agradecer.

-Adeus, Catherine.

A ligação foi interrompida.

"Pronto, acabou-se!~ Constantin Demiris encostou-se à cadeira, a pensar. Com Catherine fora de campo, deixava de haver pontas soltas. Agora, podia centrar toda a sua atenção na mulher e no irmão dela.

-Vamos ter companhia esta noite. Uns executivos da sede. Quero que faças o papel de anfitriã.

Havia tanto tempo que ela desempenhara as funções de anfitriã para o marido. Melina sentiu-se animada. Talvez isto altere as coisas. O jantar

dessa noite não modificou nada. Chegaram três homens, jantaram e partiram. O jantar foi uma névoa. Melina foi superficialmente apresentada aos homens e permaneceu sentada enquanto O marido os fascinava. Ela quase se esquecera do carisma de Costa. Ele contou histórias divertidas e elogiou-os profusamente, o que muito lhes agradou. Estavam na presença de um grande homem e mostraram que estavam conscientes do fato. Melina não teve uma oportunidade para falar. De todas as vezes que começava a dizer alguma coisa, Costa interrompia-a, até que por fim permaneceu em silêncio. "Porque quis ele a minha presença?o~ Melina interrogou-se. No fim da noite, quando os homens saíam, Demiris disse: -Vocês partem para Londres logo de manhã. Tenho a certeza de que se encarregarão de tudo o que precisa de ser feito. E partiram. A delegação chegou a Londres na manhã seguinte. Eram três, todos de nacionalidades diferentes. O americano, Jerry Haley, era um homem alto e musculoso, com um rosto amistoso e franco e uns olhos cinzento-azulados. Tinha as maiores mãos que Catherine já alguma vez vira. Ficou fascinada com elas. Pareciam ter vida própria, constantemente em movimento, contorcendo-se e virando-se, como se estivessem ansiosas por ter alguma coisa para fazer. O francês, Yves Renard, era um contraste agudo, Era baixo e corpulento. Tinha um ar atormentado, e uns olhos frios e penetrantes que pareciam atravessar Catherine. Parecia reservado e de poucas palavras. Cauteloso foi a palavra que veio à mente de Catherine. "Mas cauteloso com quê? Catherine interrogou- se. O terceiro membro da

delegação era Dino Mattusi. Era italiano, cordial e insinuante, transpirando encanto por todos os poros.

- O senhor Demiris tem-na em alta conta -disse Mattusi. -Isso é muito lisonjeador.

- Ele disse que você vai tomar conta de nós em Londres.

- Olhe, trouxe-lhe uma pequena lembrança. - Entregou a Catherine um embrulho com uma etiqueta da Hermes. No interior havia um belo cachecol de seda,

- Obrigada - disse Catherine. - Foi muito atencioso da sua parte.

-Olhou para os outros. -Permitam que lhes mostre os seus gabinetes.

Atrás deles houve um estrondo enorme. Todos se viraram. Era um rapazinho, a olhar consternado para um pacote que deixara cair. Trazia três malas. O rapaz aparentava uns quinze anos e era baixo para a idade que tinha. Tinha cabelo castanho encaracolado e uns olhos verdes

brilhantes, e tinha um aspecto frágil.

-Que raio -disse Renard bruscamente. -Toma cuidado com essas coisas!

-Perdão-disse o rapaz nervosamente.-Peço desculpa. Onde é que eu ponho as malas?

Renard disse impacientemente.

- Em qualquer sítio. Nós depois vamos buscá-las.

Catherine olhou para o rapaz interrogadoramente. Evelyn explicou.

- Ele deixou o trabalho de paquete que tinha em Atenas. -Nós precisávamos de outro paquete aqui.

- Como é que te chamas? - perguntou Catherine. -Atanas Stavich, senhora. -Estava quase a chorar.

-Olha, Atanas, há um quarto nas traseiras onde podes arrumar as malas. Eu depois encarrego-me delas.

O rapaz disse agradecidamente: -Obrigado, senhora. Catherine voltou-se para os homens.

- O senhor Demiris disse-me que os senhores vêm analisar a nossa operação aqui.

-Estou à vossa inteira disposição. Tentarei satisfazê-los em tudo o que venham a precisar. Agora, se me querem acompanhar-me, vou apresentá-los ao Wim e ao resto do pessoal.

Enquanto percorriam o corredor, Catherine parava para fazer as apresentações.

Chegaram à sala de Wim.

-Wim, esta é a delegação enviada pelo senhor Demiris. Yves Renard, Dino Mattusi e Jerry Haley, Acabam de chegar da Grécia. Wim lançou-lhes um olhar penetrante.

-A Grécia tem umapopulação de apenas sete milhões, seiscentos e trinta mil habitantes. - Os homens entreolharam-se, intrigados. Catherine sorriu para si própria. Eles estavam a

ter exatamente a mesma reação que ela teve quando conheceu Wim.

-Mandei preparar os seus gabinetes-disse Catherine aos homens. - Queiram seguir-me.

Quando já se encontravam no corredor, Jerry Haley perguntou:

- Que diabo era aquilo? Disseram que ele era importante por estas bandas.

- E é - assegurou-lhe Catherine. - O Wim está a par das finanças de todas as várias divisões.

-Eu não deixaria que ele tomasse conta do meu gato -Hamilton riu-se com desdém.

-Quando o conhecerem melhor...

-Eu não desejo conhecê-lo melhor-murmurou o francês. -Já tratei do alojamento-disse Catherine ao grupo. -Reparei que querem ficarem hotéis diferentes.

- É verdade -replicou Mattusi.

Catherine ia fazer um comentário, depois decidiu não fazê-lo. Não tinha nada a ver com o fato de eles terem decidido hospedar-se em hotéis diferentes. Ele observava Catherine, pensando. HEIa é muito mais bonita do que estava à espera. Isso tornará a coisa mais interessante. E já sofreu a dor. Posso ver nos olhos dela. Vou-lhe ensinar como a dor pode ser requintada. Vamos desfrutar juntos. E, quando tiver acabado com ela, vou mandá-la para um lugar onde não há dor. Vai para o Céu ou para o Inferno. Vou gostar disto. Vou gostar muitíssimo disto. Catherine levou os homens às suas respectivas salas, e, depois de eles estarem instalados, ela deu início ao regresso à sua secretária. Do corredor, Catherine ouviu o francês berrar com o rapazinho.

- Esta pasta está errada, seu estúpido. A minha é a castanha. Castanha! Não sabes inglês?

-Está bem, senhor. Perdão, senhor. -A sua voz estava tomada de pânico.

"Vou ter de fazer alguma coisa em relação a isto, pensou Catherine. Evelyn Kaye disse:

- Se precisares de ajuda para este grupo, conta comigo. -Agradeço, Evelyn. Não me esquecerei.

Alguns minutos depois, Atanas Stavich passou à frente do gabinete de Catherine. Ela chamou.

-Importas-te de entrar por um momento?

O rapaz olhou para ela com uma expressão assustada.

-Está bem, minha senhora. -Ele entrou com o ar de quem estava à espera de ser chicoteado.

- Fecha a porta, por favor. - Sim, senhora.

- Puxa uma cadeira, Atanas. Manas, não ? -É, sim, senhora.

Ela tentava pô-lo à vontade, mas não estava a consegui-lo. -Não há motivo para estares com medo.

-Não, minha senhora.

Catherine pôs-se a estudá-lo, imaginando que coisas terríveis lhe haviam sido feitas para torná-lo tão medroso. Decidiu que ia tentar saber mais do seu passado.

-Atanas, se alguém aqui te incomodar ou for mau para ti, quero que venhas ter comigo. Percebes?

Ele engoliu. -Sim, senhora. Mas ela duvidou de que ele teria coragem suficiente para vir ter com ela. Alguém, algures, havia reprimido a sua personalidade. -Falaremos mais tarde- disse Catherine. Os resumos da delegação mostravam que eles trabalharam em várias divisões do extenso império de Constantin Demiris, de forma que todos haviam tido experiência dentro da organização. Quem mais intrigava Catherine era o afável italiano, Dino Mattusi. Bombardeava Catherine com perguntas para as quais ele devia ter sabido as respostas, e não parecia muito interessado em inteirar-se das operações de Londres. De fato, parecia menos interessado na companhia do que na vida pessoal de Catherine.

- E casada? - perguntou Mattusi. -Não.

-Mas já foi casada? -Já.

-Divorciada?

Ela queria pôr fim à conversa. - Sou viúva. Mattusi deu-lhe um sorriso enorme.

-Aposto como tem um amigo. Entende o que eu quero dizer?

-Sim, entendo o que quer dizer-disse Catherine rispidamente. - E não é nada que lhe diga respeito. Você é casada?

- Sim, sou. Tenho mulher e quatro belos bambini. Têm muitas saudades minhas quando estou longe de casa.

-Viaja muito, senhor Mattusi? Ele pareceu ofendido.

-Dino, Dino. Senhor Mattusi é o meu pai. Sim, viajo bastante. -Sorriu para Catherine e baixou a voz. -Mas viajar às vezes pode trazer uns prazeres extras. Entende o que eu quero dizer?

Catherine devolveu-lhe o sorriso. -Não.

Às 12.15 dessa tarde, Catherine saiu para a consulta que tinha com o doutor Hamilton. Para sua surpresa, deu por si a desejá-la com ansiedade. Lembrou-se da perturbação que sentira da última vez em que fora vê-lo. Desta vez entrou no consultório com uma plena sensação de antecipação. A recepcionista tinha ido almoçar e a porta do gabinete estava aberta. Alan Hamilton estava ã espera dela. -Entre- ele cumprimentou-a.

Catherine entrou no gabinete e ele apontou para uma cadeira. -Então? Teve uma boa semana?

-Uma boa semana? Nem por isso. -Não conseguiu afastar do pensamento a morte de Kirk Reynolds. - Foi assim-assim. Eu... arranjo sempre que fazer.

-Isso ajuda muito. Há quanto tempo trabalha para o Constantin Demiris?

-Há quatro meses.

- Gosta do seu trabalho?

-Faz que eu não pense... nas coisas. Devo muito ao senhor Demiris. Não lhe posso dizer o quanto ele tem feito por mim. -Catherine sorrriu pesarosamente. -Mas acho que direi, não?

Alan Hamilton sacudiu a cabeça. -Dir-me-á apenas o que me quiser contar. Houve um silêncio.

Ela por fim quebrou-o.

-O meu marido trabalhava para o senhor Demiris. Era o piloto dele. Eu.., tive um acidente de barco e perdi a memória. Quando a recuperei, o senhor Demiris ofereceu-me este emprego.

"Estou a omitir a dor e o terror. Estarei com vergonha de lhe dizer que o meu marido me tentou matar? Será porque receio que ele vá pensar que sou menos digna? Não é fácil para nenhum de nós dois falar dos nossos passados." Catherine olhou para ele, em silêncio. -Disse que perdeu a memória.

- É verdade.

-Teve um acidente de barco.

-Sim.-Os lábios de Catherine estavam tensos, como se estivesse determinada a dizer-lhe o mínimo possível. Ela estava dividida por um conflito terrível. Queria contar-lhe tudo e ter a ajuda dele. Não lhe queria contar nada, queria que ele a deixasse em paz.

Alan Hamilton analisava-a pensativamente. -É divorciada?

- Sou. Por um pelotão de fuzilamento. - Ele... o meu marido morreu.

-Miss Alexander... -Ele hesitou. -Importa-se que a trate por Catherine?

-Não.

- Eu chamo-me Alan. Catherine, do que é que tem medo? Ela endureceu.

- O que é que o leva a pensar que tenho medo? - Não tem?

- Não. - Desta vez o silêncio foi mais longo.

Ela estava receosa de exprimir-se por palavras, receosa de pôr a realidade a descoberto.

-As pessoas que me rodeiam... parece que morrem. Se ficou surpreso, não mostrou.

- E você acredita que é a causa das suas mortes? -Sim. Não. Não sei. Estou... confusa.

- Nós culpamo-nos muitas vezes por coisas que acontecem aos outros. Se um casal se divorcia, os filhos pensam que a culpa é deles. Se alguém roga uma praga a uma pessoa e essa pessoa morre, a outra pensa que foi a causa do sucedido. Esse tipo de crença não é de modo algum invulgar. Você...

-E mais do que isso.

-É?-Ele observou-a, pronto a ouvir. As palavras jorravam.

- O meu marido foi morto, bem como a... a amante dele. Os dois advogados que os defenderam morreram. E agora... -A voz dela mudou de tom. - O Kirk.

-E você pensa que é responsável por todas essas mortes. É um fardo tremendo para carregar, não?

-Parece que eu... sou uma espécie de amuleto do azar. Tenho receio de ter uma relação com outro homem. Não acho que seria capaz de resistir se alguma coisa...

-Catherine, sabe,por que vida você é responsável? Pela sua. Pela de mais ninguém. E-lhe impossível controlar a vida e a morte de outra pessoa. Você está inocente. Não teve nada a ver com nenhuma das outras mortes. Precisa de entender isso.

"Você está inocente. Voce não teve nada a ver com nenhuma dessas mortes." E Catherine ficou a pensar nestas palavras. Queria desesperadamente acreditar nelas. "Aquelas pessoas tinham morrido por causa dos seus atos, não por causa dos dela. E, quanto a Kirk, foi um acidente infeliz. Não foi? Alan Hamilton ficou a observá-la em silêncio. Catherine ergueu O olhar e pensou: "Ele é um homem decente". Outro pensamento surgiu-lhe espontâneo na mente. "Quem me dera tê-lo conhecido há mais tempo. Com a consciência pesada, Catherine olhou de relance para a fotografia emoldurada da mulher e do filho de Alan na mesa do lado.

- Obrigada - disse Catherine. - Vou." vou tentar acreditar nisso. Terei de habituar-me à idéia.

Alan Hamilton sorriu.

- Habituar-nos~mos juntos. Vai voltar? - O quê?

-Esta sessão foi experimental, lembra-se? Você ficou de decidir se queria continuar.

Catherine não hesitou. -Voltarei, sim, Alan, Depois de ela partir, Alan Hamilton ficou a pensar nela. Ele tratara de muitas doentes atraentes durante os anos de prática, e algumas delas deram sinal de interesse sexual por ele, Mas ele era um psiquiatra demasiado bom para consentir atentação. Uma relação pessoal com uma doente era um dos primeiros tabus da sua profissão. Teria sido uma traição. O doutor Alan Hamilton era originário de um meio médico. O pai era um cirurgião que desposara a enfermeira, e o avô de Alan fora um cardiologista famoso. Desde menino, Alan sabia que queria ser médico. Um cirurgião como o pai. Frequentara a faculdade de medicina da King~s College e, após a licenciatura, especializara-se em cirurgia. Tinha uma queda natural para isso, uma

aptidão que não podia ser ensinada. E então, no dia 1 de Setembro de 1939, o exército do Terceiro Reich atravessara a fronteira da Polônia, e dois dias depois a Grã-Bretanha e a França declararam guerra. A Segunda Guerra Mundial havia começado. Alan Hamilton assentara praça como cirurgião. A 22 de Junho de 1940, depois de as forças do Eixo terem conquistado a Polônia, a Tchecoslováquia, a Finlândia, a Noruega e os Países

Baixos, a França rendeu-se, e o impacto da guerra caiu sobre as Ilhas Britânicas. A princípio, eram cem os aviões que diariamente lançavam bombas sobre cidades britânicas. Em breve eram duzentos aviões, depois mil. A carnificina estava para além da imaginação. Os feridos e os moribundos estavam por toda a parte. As cidades estavam em chamas. Mas Hitler avaliara muito mal os ingleses. Os ataques apenas serviram para fortalecer a sua determinação. Estavam prontos a morrer pela liberdade. Não havia folga, dia ou noite, e Alan Hamilton dava por si sem dormir for períodos que por vezes se estendiam até sessenta horas. Quando o hospital de urgências onde trabalhava foi bombardeado, ele levou os doentes para um armazém. Salvou inúmeras vidas, trabalhando sob as condições mais arriscadas possíveis. Em Outubro, quando o bombardeamento estava no seu ponto mais alto, as sirenes do antiaéreo soaram e as pessoas dirigiam- se para os abrigos antiaéreos subterrâneos. Alan estava a meio de uma operação e recusou-se a abandonar o doente. As bombas aproximavam-se. Um médico que trabalhava com Alan disse:

-Vamos pôr-nos a mexer daqui para fora.

-SÓ um minuto.-Ele tinha o peito do doente aberto e estava a remover pedaços de estilhaços ensangüentados.

-Alan!

Mas ele não podia ir-se embora. Estava concentrado no que fazia, alheio ao som das bombas que caíam à sua volta. Nunca ouviu o som da bomba que caiu no edifício. Esteve em coma durante seis dias, e quando acordou soube que, entre outros ferimentos, os ossos da sua mão direita tinham sido esmagados. Foram consertados e pareciam normais, mas não voltaria a operar. Levou quase um ano a ultrapassar o trauma de ver o seu futuro destruído. Esteve sob os cuidados de um psiquiatra, um médico competente que disse:

-Vão sendo horas de deixar de sentir pena de si próprio e iniciar uma vida nova.

-Afazer o quê?-Alan perguntara amargamente.

- O que tem andado a fazer.., só que de uma maneira diferente. -Não estou a perceber.

-Você é um médico, Alan. Cura os corpos das pessoas. -Bem, isso já não pode voltar a fazer. Mas é igualmente importante curar as mentes das pessoas. Você daria um ótimo psiquiatra. É inteligente e tem

compaixão, Pense nisso.

Revelara-se uma das decisões mais compensadoras que jamais tomara. Gostava tremendamente do que fazia. Em certo sentido, achava ainda mais satisfatório trazer pacientes que viviam no desespero de volta à vida normal do que ocupar-se do seu bem-estar físico. A sua reputação crescera rapidamente, e durante os três últimos anos fora forçado a rejeitar novos doentes. Concordara em receber Catherine só para lhe recomendar outro médico. Mas algo nela o deixara sensibilizado. "Tenho de ajudá-la Quando Catherine regressou ao escritório depois da consulta com o doutor Alan Hamilton, foi ver Wim.

-Fui hoje ao doutor Hamilton-disse Catherine.

-Ai sim? No reajustamento sócio-psiquiátrico, a escala classificativa pela morte do cônjuge é de cem, divórcio setenta e três, separação marital de um parceiro sessenta e cinco, detenção numa prisão sessenta e trës, morte de um parente chegado sessenta e três, ferimento pessoal ou doença cinqüenta e três, casamento cinqüenta, despedimento quarenta e sete...

Catherine ficou a ouvir. "Como é que será", interrogou-se ela, "pensar nas coisas só em termos matemáticos? Não conhecer outra pessoa como um ser humano, não ter um amigo verdadeiro. Eu sinto-me como se tivesse encontrado um novo amigo", pensou Catherine. "Gostava de saber há quanto tempo ele é casado." "Tu tentaste destruir-me. Falhaste. Prometo-te que teria sido melhor para ti se tivesses conseguido. Mas primeiro vou destruir a tua irmã." As palavras de Constantin Demiris ainda soavam nos ouvidos de Lambrou. Não tinha dúvida de que Demiris tentaria levar por diante a sua ameaça. O que é que em nome de Deus pôde ter corrido mal com Rizzoli? Tudo fora tão cuidadosamente planejado. Mas não havia tempo para especular sobre o que acontecera. O que importava agora era precaver a irmã. A secretária de Lambrou entrou no gabinete.

- O seu compromisso das dez horas está à espera. Quer que mande...?

- Não. Cancele todos os meus compromissos. Não voltarei esta manhã.

Pegou no telefone, e cinco minutos depois ia a caminho do encontro com Melina. Ela aguardavam no jardim da villa.

-Spyros. Parecias tão preocupado ao telefone! O que é que se passa?

-Temos de conversar.-Levou-a para um banco que ficava num miradouro coberto de videiras. Ficou a olhar para ela e pensou. "Que

mulher tão encantadora. Trouxe sempre a felicidade a todos quantos a sua vida tocou. Não fez nada para merecer isto."

- Não me vais dizer o que se passa? Lambrou respirou fundo.

-Vai ser muito doloroso, querida. -Estás a começar a preocupar-me.

-É essa a minha intenção. A tua vida está em perigo. - O quê? Ameaçada por quem?

Ele mediu as palavras cuidadosamente. -Penso que o Costa vai tentar matar-te. Melina olhava-o fixamente, boquiaberta, -Estás a brincar.

-Não, Melina, é a sério.

- Querido, o Costa pode ser muita coisa, mas não é um assassino. Ele não poderia...

-Estás enganada. Ele já matou. O rosto dela empalidecera.

- O que é que estás a dizer?

-Oh, ele não o faz com as próprias mãos. Contrata pessoas para matarem em vez dele, mas...

-Não acredito em ti.

-Lembras-te da Catherine Alexander? - A mulher que foi assassinada...

- Ela não foi assassinada. Está viva. Melina sacudiu a cabeça.

- Ela... não pode estar. Quer dizer.., as pessoas que a mataram foram executadas.

Lambrou tomou a mão da irmã na sua.

-Melina, o Larry Douglas e a Noelle Page não mataram a Catherine. Durante todo o julgamento, o Demiris manteve-a escondida. Melina estava espantada, muda, lembrando-se da mulher que vira de relance na casa.

"Quem é a mulher que eu vi no hall?" "E uma amiga de um sócio. Vai trabalhar para mim em Londres." "Eu vi-a de relance. Ela faz-me lembrar alguém. Faz-me lembrar a mulher do piloto que trabalhava para ti. Mas isso é impossível, claro. Eles mataram-na." " É verdade, eles mataram-na,~ Tornou a falar.

-Ela esteve cá em casa, Spyros. O Costa mentiu-me sobre ela. -Ele é louco. Quero que faças as malas e saias deste lugar. Ela olhou para ele e disse lentamente:

-Não, esta é a minha casa.

-Melina, eu não conseguiria aguentar se te acontecesse alguma coisa. Havia algo na voz dela.

- Não te preocupes. Nada me irá acontecer. O Costa não é nenhum idiota. Ele sabe que se fizesse alguma coisa para me prejudicar iria pagar bem caro por isso.

-Ele é teu marido, mas tu não o conheces. Receio pelo que te possa acontecer.

-Eu sei encarregar-me dele, Spyros.

Olhou para ela e sabia que não havia maneira de persuadi-la a mudar de idéias.

-Se não quiseres ir embora, faz-me um favor. Promete que não ficarás sozinha com ele.

Ela bateu-lhe ao de leve na face. - Prometo. Melina não fazia tenções de manter essa promessa.

Quando Constantin Demiris chegou acasa nessa noite, Melina estava à espera dele. Ele fez-lhe um sinal com a cabeça e seguiu para o quarto dele.

Melina seguiu.

-Acho que devíamos ter uma conversa-disse Melina. Demiris olhou para o relógio.

-SÓ disponho de uns minutos. Tenho um compromisso. -Tens? Estás a planejar matar alguém esta noite?

Ele voltou-se para ela.

-Que delírio é esse que estás para aí a ter? - O Spyros veio ver-me hoje de manhã.

-Vou ter de avisar o teu irmão para que se afaste da minha casa.

-Também é a minha casa -disse Melina em tom de desafio. - Tivemos uma conversa interessantíssima.

- Realmente? Sobre o quê?

- Sobre ti, Catherine Douglas e Noelle Page. Conseguira a atenção toda dele agora. - Isso é história antiga.

-É? O Spyros diz que tu mataste duas pessoas inocentes, Costa. - O Spyros Lambrou é um idiota.

-Eu vi a rapariga aqui, nesta casa.

- Ninguém vai acreditar em ti. Não voltarás a vê-la. -Arranjei uma pessoa para me livrar dela.

E Melina de repente lembrou-se dos três homens que vieram jantar. "Vocês partem para Londres logo de manhã. Tenho a certeza de que tudo será resolvido." Ele aproximou-se de Melina e disse suavemente:

-Sabes, estou a ficar farto de ti e do teu irmão. -Agarrou-a por um braço e apertou-o com força. - O Spyros Lambrou tentou arruinar-me. Ele devia ter-me morto.- Apertou com mais força.-Vocês os dois vão desejar que ele o tivesse feito.

- Pára com isso, estás-me a magoar.

- Minha querida esposa, tu não sabes o que é a dor. Mas vais aprender.

- Largou-lhe o braço. - Vou divorciar-me. Quero uma mulher a sério. Mas não sairei da tua vida. Oh, não. Tenho planas maravilhosos para ti e para o teu querido irmão. Bem, já conversamos. Se me dás licença, vou-me mudar. Não é boa educação fazer uma senhora esperar. Virou- se e entrou no quarto de vestir. Melina deixou-se ficar, o coração aos pulos. O Spyros Lambrou tem razão. "Ele é louco." Ela sentiu-se completamente desamparada, mas não temia pela própria vida. "Que coisa me prende à vida?", Melina pensava amargamente. O marido despojara-a de toda a dignidade e fizera-a descer ao seu nível. Pensou em todas as vezes que ele a humilhara, a maltratara em público. Ela sabia que era objeto de pena entre os seus amigos. Não, já não se preocupava consigo própria. "Estou disposta a morrer", pensou, "mas não posso consentir que faça mal ao Spyros." E no entanto que podia ela fazer para impedi-lo? Spyros era poderoso, mas o marido era mais poderoso. Melina sabia com uma certeza terrível que se ela o deixasse o marido cumpriria a sua ameaça. "Tenho de impedi-lo de alguma forma. Mas como? Como...?" A delegação dos executivos de Atenas mantinha Catherine ocupada. Ela marcava-lhes reuniões com executivos de outras companhias e informavas das operações de Londres. Eles estavam maravilhados com a sua eficiência. Ela conhecia todas as fases da transação, e eles estavam impressionados. Os dias de Catherine estavam cheios, e as distrações mantinham-lhe o pensamento afastado dos seus próprios problemas. Ela foi conhecendo cada um dos homens um pouco melhor. Jerry Haley era a ovelha negra da família. O pai fora um abastado homem do petróleo, e o avô, um juiz respeitado. Quando Jerry Haley

tinha vinte e um anos, cumprira já

três anos em centros de detenção juvenil por roubo de automóveis, assalto e invasão, e violação. A família enviara-o por fim para a Europa para se ver livre dele.

-Mas eu endireitei-me-disse Haley a Catherine com orgulho. -Virei uma página nova.

Yves Renard era um homem amargo. Catherine soube que os pais o abandonaram, e ele fora educado por uns parentes distantes que o maltrataram.

-Eles tinham uma quinta perto de Vichy, e obrigavam-me trabalhar que nem um cão, de sol a sol. Fugi de lá quando tinha quinze anos e fui trabalhar para Paris.

O italiano Dino Mattusi, sempre bem-disposto, nasceu na Sicília, filho de pais da classe média.

-Quando tinha dezasseis anos, causei um grande escândalo ao fugir com uma mulher casada dez anos mais velha do que eu. Ah, ela era belíssima.

- Que é que aconteceu? Suspirou.

-Trouxeram-me para casa e depois mandaram-me para Roma para fugir à ira do marido da mulher.

Catherine sorriu.

- Estou a ver. Quando é que começou a trabalhar na firma do senhor Demiris ?

Ele disse evasivamente.

- Mais tarde. Fiz muitas coisas primeiro. Sabe... todo o tipo de trabalhos. Tudo para ganhar a vida.

- E depois conheceu a sua mulher? Ele fitou Catherine nos olhos e disse: -A minha mulher não está aqui.

Ele observava-a, falava com ela, escutava o som da sua voz, sentia o seu perfume. Quis saber tudo a seu respeito. Gostava da maneira como ela se movimentava e gostaria de saber como seria o corpo dela sob o vestido. Em breve saberia. Muito em breve. Mal podia esperar. Jerry Haley entrou no gabinete de Catherine. - Gosta de teatro, Catherine?

- Claro que sim. Eu...

-Estreou um novo musical. OArco-íris deFinian. Eu gostava de ir ver hoje à noite.

-Terei todo o prazer em arranjar-lhe uma entrada.

-Não teria muita piada ir sozinho, pois não? Tem que fazer? Catherine hesitou.

- Não. - Deu por si a olhar fixamente para as suas mãos enormes e inquietas.

- Ótimo! Vá buscar-me ao hotel às sete horas. - Era uma ordem. Ele voltou-se e saiu da sala.

"Era estranho", pensou Catherine. "Ele parecia tão amável e aberto e no entanto...

Eu endireitei-me. Ela não conseguia afastar a imagem daquelas mãos enormes da idéia.

Jerry Haley estava à espera de Catherine no salão do Hotel Savoy, e foram para o teatro numa limousine da firma.

- Londres é uma grande cidade - disse Jerry Haley. - Gosto sempre de voltar aqui. Está cá há muito tempo?

-Há alguns meses. -Você é americana? - Sou. De Chicago. -Uma bela cidade. Passei lá uns bons tempos. "A violar mulheres?"

Chegaram ao teatro e misturaram-se com a multidão. O espetáculo foi maravilhoso e o elenco era excelente, mas Catherine não consegui concentrar-se. Jerry Haley passou o tempo a tamborilar com os dedos no braço da cadeira, no colo, nos joelhos. Foi incapaz de manter as suas enormes mãos sossegadas. Quando a peça acabou, Haley virou-se para Catherine e disse: -Está uma noite tão bonita. Porque é que não arrumamos o carro e vamos dar uma volta por Hyde Park?

-Eu tenho que estar amanhã bem cedo no escritório-disse Catherine.

-Talvez numa outra altura.

Haley analisou-a, um sorriso enigmático no seu rosto. - Certo - disse ele. - Temos muito tempo. Yves Renard estava interessado por museus.

-É claro-disse o francês a Catherine-que em Paris temos o maior museu do mundo. Já foi ao Louvre?

-Não-disse Catherine.-Nunca estive em Paris.

-É pena. Devia ir lá um dia. -Mas, apesar de o ter dito, pensou ele consigo: "Sei que ela não irá. -Eu gostava de ver os museus de Londres. Talvez no sábado pudéssemos ir visitar alguns.

Catherine planejara pôr em dia algum do trabalho do escritório no sábado. Mas Constantin Demiris pedira-lhe para cuidar dos visitantes.

- Está bem - disse ela. - Sábado será ótimo.

Catherine não ansiava passar um dia com o francês. Ele é tão amargo. Comporta-se como se ainda andassem a maltratá-lo.

O dia começou bastante agradavelmente. Primeiro, foram ao Museu Britânico, onde perambularam por entre galerias com magníficos tesouros do passado. Viram uma cópia da Magna Carta, uma proclamação assinada por Isabel I e tratados de batalhas combatidas em séculos anteriores. Havia algo em Yves Renard que incomodava Catherine, e só depois de estarem há quase uma hora no museu é que ela se apercebeu do que se tratava. Estavam a olhar para uma vitrina que continha um documento escrito pelo Almirante Nelson.

-Acho que esta é uma das peças mais interessantes em exibição - disse Catherine. - Foi escrita momentos antes de o almirante Nelson partir para a batalha. Sabe, é que ele não sabia se tinha autoridade... -E ela de repente apercebeu-se de que Yves Renard não estava a prestar atenção. E uma outra percepção apossou-se dela: ele não prestara quase nenhuma atenção às exposições que havia no museu. Nâo estava interessado. "Então porque é que ele me disse que queria ver museus?" interrogou-se Catherine.

A seguir foram ao Museu Vitoria e Albert, e a experiência repetiu-se. Destavez, Catherine observava-o de perto. Yves Renard ia de sala em sala elogiando da boca para fora o que viam, mas a sua mente estava obviamente noutro lugar. Quando terminaram, Catherine perguntou:

- Gostava de ir visitar a Abadia de Westminster? Yves Renard fez um sinal afirmativo com a cabeça. - Sim, claro.

Percorreram a imponente abadia, parando para ver os túmulos dos homens famosos da história que ali estavam sepultados, poetas, estadistas e monarcas.

-Olhe -disse Catherine -, aqui é onde o Keats está sepultado. Renard baixou o olhar num relance.

-Ah, Keats. -E depois continuou a andar.

Catherine ficou ali atendendo. "De que anda ele à procura? Porque é que está a desperdiçar assim o dia?"

Quando estavam de regresso ao hotel, Yves Renard disse: - Obrigado,

Miss Alexander. Gostei muito. "Ele está a mentir", pensou Catherine. "Mas porquê?"

- Ouvi dizer que há um lugar muito interessante. Stonehenge. Dizem que fica no Planalto de Salisbúria,

- Fica aí, sim - disse Catherine.

- Porque não vamos até lá visitar, talvez sábado que vem? Catherine interrogou-se se ele acharia Stonehenge mais interessante do que os museus.

- Seria ótimo.

Dino Mattusi era um gastrônomo. Entrou no gabinete de Catherine com um guia.

- Tenho aqui uma lista dos melhores restaurantes de Londres. Está interessada?

- Bem, eu...

- Ótimo! Hoje ã noite vou levá-la a jantar ao Connaught. Catherine disse:

-Esta noite tenho de...

- Nada de desculpas. Vou buscá-la às oito. Catherine hesitou.

-Muito bem. Mattusi ficou radiante.

-Bene!-Inclinou-se para a frente. -Não tem piada fazer as coisas sozinha, pois não?-O significado era inconfundível. "Mas ele é tão óbvio",pensou Catherine, "que é de fato completamente inofensivo."

O jantar no Connaught estava delicioso. Jantaram salmão escocês fumado, rosbife e pudim de Yorkshire. Quando comiam a salada, Dino Mattusi disse: -Acho-a fascinante, Catherine. Adoro as mulheres americanas. -Oh. A sua mulher é americana?-Catherine perguntou inocentemente. Mattusi encolheu os ombros.

-Não, é italiana. Mas é muito compreensiva. -Isso para si deve ser ótimo -disse Catherine. Ele sorriu.

-É ótimo.

- Só quando estavam a comer a sobremesa é que Dino Mattusi disse:

- Gosta do campo? Tenho um amigo que tem carro. Achei que pudéssemos ir dar um passeio no domingo.

Catherine começou por dizer não, e depois repentinamente pensou em

Wim. Ele parecia tão sozinho. Talvez gostasse de ir dar uma volta de carro pelo campo.

-Parece ser divertido.

- Prometo-lhe que vai ser interessante. - Será que posso trazer o Wim? Ele sacudiu a cabeça.

- É um carro pequeno. Vou tratar das coisas.

Os visitantes de Atenas eram exigentes, e Catherine viu-se com muito pouco tempo para si própria. Haley, Renard e Mattusi tinham tido várias reuniões com Wim Vandeen, e Catherine achava piada à maneira como as suas atitudes se haviam alterado.

- Ele faz tudo sem calculadora - disse Haley maravilhado. - É verdade.

- Nunca vi nada parecido.

Catherine estava impressionada com Atavas Stavich. O rapaz era o trabalhador mais esforçado que ela conhecera. Ele já estava no escritório quando Catherine chegava de manhã, e ficava lá depois de todos os outros saírem. Estava sempre a sorrir e ansioso por agradar. Fazia lembrar a Catherine um cachorrinho agitado. Algures no seu passado, alguém o tratara muito mal. Catherine resolveu falar de Atavas a Alan Hamilton. "Tem de haver uma maneira de construir a sua autoconfiança, pensou Catherine. "Estou certa de que o Alan o poderia ajudar."

- Sabes que o garoto está apaixonado por ti, não sabes? - disse Evelyn um dia.

- De que é que estás a falar?

-Do Atavas. Não viste o olhar de adoração nos olhos dele? Ele segue- te como se fosse uma ovelha tresmalhada.

Catherine riu-se. - Estás a exagerar. Num impulso, Catherine convidou Atavas para almoçar.

-Num.. num restaurante? Catherine sorriu.

- Sim, claro.

O rosto dele corou.

- Não... não sei, Miss Alexander. Baixou os olhos pela roupa imprópria.

-A senhora sentiria vergonha de ser vista na minha companhia. -Eu

não julgo as pessoas pela roupa que vestem -disse Catherine com firmeza. -Vou tratar da reserva.

Levou Atavas a almoçar ao Lyons Corner House. Ele sentou-se à frente dela, espantado com o ambiente.

-Nunca estive num lugar como este. É tão bonito. Catherine ficou sensibilizada.

- Quero que peças tudo o que te apetecer. Ele analisou a ementa e abanou a cabeça. -É tudo tão caro.

Catherine sorriu.

-Não te preocupes com isso, Tu e eu trabalhamos para um homem muito rico. Tenho a certeza de que ele gostaria que nós comêssemos uma boa refeição.-Não lhe disse que quem ia pagar seria ela.

Atavas pediu cocktail de camarão e salada, um frango assado com batata frita e terminou a refeição com bolo de chocolate com gelado. Catherine viu comer espantada. Ele tinha uma estrutura tão pequena.

- Onde é que metes isso tudo? Atavas disse envergonhado: -Eu não engordo,

- Gostas de Londres, Atavas?

Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça. -Do que vi gostei muito.

-Trabalhavas como paquete em Atenas? Disse que sim com a cabeça.

- Para o senhor Demiris.-Houve uma nota de amargura na sua voz.

- Não gostaste?

-Desculpe-me... não sou eu quem deve dizer, mas o senhor Demiris não me parece boa pessoa. Eu... não gosto dele.-Ojovem olhou envolta num relance como se alguém o tivesse ouvido sem querer. Ele... não importa, Catherine pensou que era melhor não perguntar mais.

- O que é que te fez decidir vir para Londres, Atavas?

Atavas disse qualquer coisa tão baixinho que Catherine não conseguiu ouvi-lo.

-Como?

- Eu quero ser médico. Ela olhou para ele, curiosa. -Médico?

-Sim, senhora. Sei que parece uma parvoíce.-Hesitou, depois prosseguiu. -A minha família é de macedônia e toda a minha vida ouvi histórias sobre os turcos que entravam na nossa aldeia para matar e

torturar o nosso povo. Não havia médicos para ajudar os feridos. Agora, a aldeia já não existe e a minha família foi exterminada. Mas ainda há muitas pessoas feridas no mundo, Eu quero ajudá-las. - Baixou os olhos, embaraçado. -A senhora deve pensar que eu sou maluco.

-Não - disse Catherine num tom calmo.-Acho que isso é maravilhoso. Então tu vieste para Londres com o intuito de estudar medicina?

- É verdade. Vou trabalhar de dia e estudar de noite. Vou ser médico.

Havia um toque de determinação naquela voz. Catherine fez um sinal afirmativo com a cabeça.

-Acredito que sim.

-Havemos de falar mais sobre isso, nós os dois. Tenho um amigo que te poderá ajudar. E conheço um restaurante maravilhoso onde poderemos almoçar na semana que vem.

À meia-noite, uma bomba explodiu na villa de Spyros Lambrou. A explosão destruiu a frente da casa e matou dois criados. O quarto de Spyros Lambrou ficou destruído, e ele sobreviveu simplesmente porque à última hora ele e a mulher mudaram de planos e decidiram ir a um jantar oferecido pelo presidente da Câmara de Atenas. Na manhã seguinte, chegou ao seu escritório uma nota que dizia "Marte aos capitalistas". Estava assinado. Partido Revolucionário Helénico.

-Por que te fariam eles uma coisa deste género? -perguntou Melina horrorizada.

-Não foram eles - disse Spyros bruscamente. - Foi o Costa. -Tu... não tens provas.

-Não preciso de provas nenhuma. Ainda não percebeste com quem estás casada?

-Não sei o que pensar.

-Melina, enquanto esse homem for vivo, nós os dois estaremos em perigo. Nada o deterá.

-Não podes ir à polícia?

- Tu própria o disseste. Não tenho provas. Eles iam rir-se na minha cara. -Ele tomou as mãos dela nas suas. -Quero que saias daqui. Por favor. Vai para o lugar mais longe possível.

Ela deixou-se ficar durante muito tempo. Quando por fim falou, foi

como se tivesse tomado uma decisão de grande importância. -Muito bem, Spyros. Farei o que devo fazer.

Ele abraçou-a.

-Ótimo. E não te preocupes. Arranjaremos um meio de impedi-lo.

Melina ficou no quarto durante a longa tarde, a sua mente tentando aceitar o que estava a acontecer. Era verdade, o marido falara a sério quando ameaçara destruí-la a ela e ao irmão. Ela não podia deixar que ele concretizasse essa ameaça. E, se as suas vidas estavam em perigo, também estava a vida de Catherine Douglas. "Ela vai trabalhar para mim em Londres. Eu vou adverti-la", pensou Melina. "Mas preciso de fazer mais do que isso. Preciso de destruir o Costa. Preciso de impedi- lo que faça mal a outras pessoas. Mas como?" E foi então que lhe surgiu a resposta. "Claro!", pensou ela. "E a única maneira. Porque é que não pensei nisso antes?"

C: Desculpe o atraso, Alan. Houve uma reunião de última hora no escritório.

A: Não há problema. A delegação de Atenas ainda está em Londres? C: Está. Eles... estão a pensar partir no fim da semana que vem.

A: Você parece aliviada. Eles têm sido difíceis?

C: Não propriamente difíceis, só que tenho uma sensação estranha em relação a eles.

A: Estranha?

C: Édifícilexplicar.Podeparecerparvoíce,mas...háalgodeesquisito em todos eles.

A: Eles fizeram alguma coisa que...?

C: Não. Apenas me deixam pouco à vontade. A noite passada, voltei a ter o pesadelo.

A: Aquele sonho em que algum tentava afogá-la?

C: Sim. Não tinha esse sonho há uns tempos, E desta vez foi diferente.

ARQUIVO CONFIDENCIAL Transcrição da Sessão com Catherine Douglas

A: De que maneira?

C: Era mais... real. E não terminou onde terminara antes. A: Foi além do momento em que algum tentava afogá-la?

C: Sim. Estavam a tentar afogar-me e de repente eu estava num lugar seguro.

A: No convento?

C: Não tenho a certeza. Podia ter sido. Era um jardim. E apareceu um homem para me ver. Acho que já sonhei com qualquer coisa assim antes, mas só que desta vez eu pude ver-lhe o rosto.

A: Reconheceu-o?

C: Sim. Era o Constantin Demiris. A: Portanto, no seu sonho...

C: Alan, não foi apenas um sonho. Foi uma recordação verdadeira. De repente lembrei-me que o Constantin Demiris me deu o alfinete de ouro que possuo.

A: Acredita que o seu subconsciente lhe trouxe à memória algo que realmente aconteceu? Tem a certeza de que não era...

C: Eu conheço-o. O Constantin Demiris deu-me esse alfinete no convento.

A: Disse que foi salva do lago por umas freiras que a recolheram no convento?

C: É verdade.

A: Catherine, alguém sabia que esteve no convento? C: Não, acho que não.

Então como é que o Constantin Demiris podia ter sabido que estava lá? Eu... eu não sei. Apenas sei que isso aconteceu. Acordei sobressaltada. Parecia que o sonho era uma espécie de aviso. Sinto que algo de terrível vai acontecer. Os pesadelos podem ter esse efeito em nós. O pesadelo é um dos mais velhos inimigos do homem. A palavra tem a sua origem no inglês médio nitz, ou "morte", e mare, ou duende". Diz a velha superstição que o pesadelo prefere atacar depois das quatro da manhã. Acha que não têm nenhum significado real? Às vezes têm. Coleridge escreveu: "Os sonhos não são sombras, mas as próprias substâncias e calamidades da minha vida." Provavelmente eu estou a levar isto demasiado a sério. Tirando os meus sonhos disparatados, sinto-me ótima. Há uma coisa que gostaria de falar consigo, Alan. Sim? O nome dele é Atanas Stavich. É um rapaz ainda novo que veio para Londres para estudar medicina. Tem tido uma vida adversa. Pensei que um dia talvez pudesse vê-lo e dar-lhe uns

conselhos. Ficaria muito feliz. Por que está a franzir o sobrolho? Lembrei-me de uma coisa. De quê? É uma coisa maluca. O nosso subconsciente não distingue entre maluco e são. No meu sonho, quando o senhor Demiris me entregou o alfinete de ouro... Sim? Ouvi uma voz dizer: "Ele vai matar-te." Tem de parecer um acidente. Não quero que ninguém consiga identificar o corpo dela. Havia muitas maneira de matá-la. Tinha de começar afazer os preparativos. Estava deitado na cama a pensar neles e viu que estava com uma ereção. A morte era o derradeiro orgasmo. Por fim, soube como iria fazê-lo. Era tão simples. Não haveria corpo para identificar. Constantin Demiris ficaria satisfeito. A casa de praia de Constantin Demiris estava localizada a cinco quilômetros a norte de Piraeus num alqueire de terreno da zona do cais. Demiris chegou às sete da tarde. Parou na entrada para a garagem, abriu a porta do carro e caminhou para a casa de praia.

Assim que lá chegou, a porta foi aberta por um homem que não reconheceu.

- Boa noite, senhor Demiris.

Lá dentro, Demiris viu meia dúzia de agentes da polícia. - O que é que se passa aqui? - perguntou Demiris.

- Sou o tenente de Polícia Theophilos. Eu...

Demiris afastou-o e entrou na sala de estar. Era uma carnificina. Era óbvio que acontecera uma luta terrível. Mesas e cadeiras estavam de pernas para o ar. Um dos vestidos de Melina estava caído no chão, rasgado. Demiris apanhou e fitou-o.

-Onde é que está a minha mulher? Eu vinha encontrar-me com ela aqui.

O tenente de polícia disse:

-Ela não está aqui. Nós revistamos a casa e percorremos a praia por todo o lado. Parece que a casa foi assaltada.

-Bem, onde é que está a Melina? Ela telefonou-Ihe? Esteve cá? -Sim, pensamos que ela esteve aqui. -Ele mostrou um relógio de mulher. O vidro foi partido e os ponteiros pararam nas três horas. -Este relógio é da sua esposa?

-Parece que sim.

-Atrás há uma gravação: "Para Melina com amor, Costa." - Então é.

Foi um presente de aniversário.

O detetive Theophilos apontou para umas manchas no tapete. -Aquilo são manchas de sangue, -Apanhou uma faca que estava no chão, cauteloso para não tocar no cabo. A lâmina estava coberta de sangue.

-Já alguma vez viu esta faca? Demiris olhou-a num breve relance.

- Não. Está a querer dizer-me que ela morreu?

-Por certo é uma possibilidade. Encontramos gotas de sangue na areia que vai até à água.

-Meu Deus-disse Demiris.

- Para nossa sorte, há algumas impressões digitais nítidas na faca. Demiris sentou-se pesadamente.

- Então o senhor vai apanhar quem quer que o tenha feito.

-Certamente, se as impressões digitais estiverem no arquivo. Há impressões digitais por toda a casa. Temos de classificá-las. Caso não se importe de nos dar as suas impressões digitais, senhor Demiris, podemos eliminá-las já. Demiris hesitou. -Sim, claro.

Ali o sargento pode encarregar-se disso. Demiris caminhou até um polícia fardado que tinha uma prancha de impressões digitais. - Queira colocar aqui os seus dedos. - Pouco depois estava pronto. - O senhor compreende que se trata apenas de uma formalidade.

- Claro.

O tenente Theophilos entregou a Demiris um pequeno cartão comercial.

- Sabe alguma coisa sobre isto, senhor Demiris?

Demiris olhou para o cartão. Dizia o seguinte: "Agência de Detetives Katelanos-Investigações Particulares" Devolveu o cartão. , -Não. Tem algum significado?

- Não sei. Estamos a verificar.

-Naturalmente que é meu desejo que os senhores façam tudo O que puderem para encontrarem o responsável. E informem-me se souberem alguma coisa sobre a minha

mulher.

O tenente Theophilos olhou para ele e fez um sinal afirmativo com a cabeça.

-Não se preocupe. Não deixaremos de fazê-lo.

"Melina. A rapariga de ouro, atraente, brilhante e divertida. Fora tão maravilhoso no início. E depois ela matara o filho, e por isso nunca poderia haver perdão... apenas a morte.

A chamada chegou ao meio-dia do dia seguinte. Constantin Demiris estava a meio de uma conferência quando a secretária tocou. -Peço desculpa, senhor Demiris...

- Eu disse-lhe que não queria ser incomodado.

-Pois disse, mas um tal inspetor Lavanos está ao telefone. Diz que é urgente. Quer que lhe diga para...?

-Não. Vou atender. -Demiris virou-se para os homens que se sentavam à volta da mesa da conferência. -Desculpem-me por um momento. - Pegou no telefone. - Demiris.

Uma voz disse:

- Aqui é o inspetor Lavanos, senhor Demiris, da Esquadra Central. Temos uma informação que pensamos poder interessar-lhe. Será que podia vir até aqui ao comando-geral da polícia?

-Tem notícias da minha mulher?

- Eu preferia não discutir o assunto ao telefone, se não se importa. Demiris hesitou por um momento.

-Vou já para aí. -Pousou o telefone e virou-se para os outros. -Surgiu uma coisa urgente. Porque é que nâo vão para a sala de reuniões e discutem a minha proposta, que eu estarei de volta para lhes fazer companhia ao almoço? Houve um murmúrio geral de concordância. Cinco minutos depois, Demiris estava a caminho do comando-geral. Havia meia dúzia de homens à sua espera no gabinete do comissário da polícia. Demiris reconheceu os polícias que vira na casa de praia.

-... e este é o promotor público especial Delma.

Delma era um homem baixo e entroncado, com sobrancelhas carregadas,uma face redonda e uns olhos cínicos.

-Que é que aconteceu? -Demiris perguntou. -Há notícias da minha mulher?

O inspetor-chefe disse:

- Para ser totalmente franco, senhor Demiris, deparamos com coisas que nos intrigam. Esperávamos que o senhor nos pudesse ajudar.

-Infelizmente há muito pouco que eu possa fazer para os ajudar. Tudo isto é tão

chocante...

-O senhor tinha marcado um encontro com a sua esposa na casa de praia por volta da uma hora de ontem à tarde?

- O quê? Não. A senhora Demiris telefonou-me e pediu-me para que me encontrasse com ela lá às sete horas.

O promotor Delma disse num tom brando:

- Ora, essa é uma das coisas que nos está a intrigar. Uma criada sua disse-nos que o senhor telefonou à sua mulher por volta das duas horas e lhe pediu que fosse à casa de praia sozinha e esperasse por si.

Demiris franziu o sobrolho.

-Ela está a fazer confusão. A minha mulher é que me telefonou a pedir-me que fosse ter com ela lá às sete horas a noite passada.

-Entendo. Então a criada enganou-se.

-Obviamente.

-Sabe que razão a sua esposa terá tido para lhe pedir que fosse à casa de praia?

-Suponho que queria tentar convencer-me a desistir do divórcio. - O senhor tinha dito à sua esposa que ia divorciar-se dela? -Tinha.

- A criada diz que ouviu uma conversa ao telefone durante a qual a senhora Demiris lhe disse que ela é que ia divorciar-se de si. -Estou- me nas tintas para o que a criada disse. O senhor terá de crer na minha palavra.

- Senhor Demiris, o senhor tem calções de banho na casa de praia?- perguntou o inspetor~hefe.

-Na casa de praia? Não. Deixei de nadar no mar há anos. Uso a piscina na casa da cidade.

O inspetor-chefe abriu uma gaveta da secretária e tirou um par de calções de banho que estavam dentro de um saco de plástico. Tirou-os e segurou-os para que Demiris os visse.

- Estes calções são seus, senhor Demiris ? - Poderiam ser meus, acho eu.

- Têm as suas iniciais.

- Sim. Parece que estou a reconhecê-los. São meus.

- Encontramo-los no funda de um roupeiro na casa de praia. -E daí Provavelmente foram lá deixados há muito tempo. Porque é que...?

- Ainda estavam molhados com água salgada. A análise revelou que a água é igual à que está em frente à sua casa de praia. As manchas vermelhas são sangue.

O gabinete estava a ficar muito quente. -Então uma outra pessoa deve tê-los vestido-disse Demiris firmemente.

O promotor especial disse:

-Por que razão iria alguém fazer isso? Essa é uma das coisas que está a incomodar-nos, senhor Demiris.

O inspetor-chefe abriu um pequeno envelope que estava sobre a secretária e tirou um botão dourado.

-Um dos meus homens achou isto debaixo de um tapete da casa de praia. Reconhece-o?

-Não.

-É de um dos seus casacos. Tomamos a liberdade de mandar um detetive a sua casa hoje de manhã para verificar o seu guarda-fatos. Faltava um botão num dos casacos. As linhas condizem perfeitamente. E o casaco chegou da lavanderia há exatamente uma semana. - Eu não.,.

- Senhor Demiris, o senhor afirmou ter dito à sua mulher que queria,divorciar-se e que ela estava a tentar dissuadi-lo?

- E correto.

O inspetor ergueu o cartão comercial que fora mostrado a Demiris na casa de praia na véspera.

- Um dos nossos homens visitou hoje a Agência de Detetives Katelanos.

- Eu já disse aos senhores que nunca ouvi falar deles. -A sua esposa contratou-os para que a protegessem. A notícia surgiu como um choque.

- Melina? Protegê-la de quê?

-De si. De acordo com o proprietário da agência, a sua mulher vinha ameaçando com um pedido de divórcio, e o senhor disse que, se ela levasse a idéia por diante, a mataria. Ele perguntou-lhe por que razão não pedia ela proteção à polícia, e ela disse que queria manter o

assunto em privado. Não queria publicidade. Demiris pôs-se de pé.

-Não vou ficar aqui a ouvir essas mentiras. Não há...

O inspetor meteu a mão numa gaveta e tirou a faca manchada de sangue que fora encontrada na casa de praia.

-O senhor disse ao agente na casa de praia que nunca tinha visto esta faca?

- É verdade.

-As suas impressões digitais estão nesta faca. Demiris olhava fixamente para a faca.

-As minhas.., as minhas impressões digitais? Deve haver engano, Isso é impossível!

A sua mente galopava. Analisava velozmente as provas que se amontoavam contra si: a criada afirmando que telefonara à mulher às duas horas para lhe dizer que fosse ter com

ele à casa de praia sozinha... um par de calções de banho com manchas de sangue... um botão rasgado do blusão... uma faca com as suas impressões digitais...

-Não estão a ver, seus idiotas? É uma trama-gritou ele. -Alguém levou esses calções de banho para a casa de praia, derramou um pouco de sangue sobre eles e sobre a faca, puxou um botão do meu casaco, e... O promotor especial interrompeu.

-Senhor Demiris, pode explicar como é que as suas impressões digitais foram parar a esta faca?

-Eu... não sei... Espere aí. Pois. Já me lembro. A Melina pediu-me que eu lhe abrisse um pacote. Deve ser essa faca que ela me deu. Por isso as minhas impressões estão aí.

-Entendo. O que é que havia no pacote? - Eu... não sei.

- Não sabe o que havia no pacote?

- Não. Só cortei o fio. Ela nunca chegou a abri-lo.

-Pode explicar as manchas de sangue no tapete, ou na areia a caminho da praia, ou...?

- Óbvio. -Respondeu Demiris. -Tudo o que a Melina teve de fazer foi fazer um pequeno golpe e depois caminhar na direção da água, para que se pensasse que eu a assassinei. Ela está a tentar vingar-se de mim

porque eu disse-lhe que ia me divorciar dela. Neste preciso momento, ela está escondida algures a rir-se porque pensa que o senhor me vai prender. A Melina está tão viva quanto eu. O procurador especial disse num tom grave:

- Oxalá isso fosse verdade. Retiramos o seu corpo do mar esta manhã. Ela foi apunhalada e afogada. O senhor vai ficar sob prisão, senhor Demiris, pela morte da sua mulher. percebeste? Acabou. Não quero mais nada contigo. Sai daqui, metes-me nojo. Melina ficou a olhar para ele. Por fim disse num tom calmo: -Muito bem. Faz o que quiseres. -Virou-se e deixou o escritório com a faca na mão.

-Esqueceste-te do embrulho-gritou Demiris. Ela já tinha saído.

Melina entrou no quarto de vestir do marido e abriu a porta do roupeiro. Havia uma centena de fatos pendurados no roupeiro com uma parte reservada a casacos desportivos. Agarrou num dos casacos e arrancou um botão dourado. Meteu o botão no bolso dela. A seguir abriu uma gaveta e tirou uns calções de banho do marido com as suas iniciais. "Estou quase pronta", pensou Melina. A Agência de Detetives Katelanos ficava localizada numa esquina da Rua Sofokleous num velho edifício de tijolo desbotado. Melina foi conduzida ao gabinete do proprietário da agência, o senhor Katelanos, um homenzinho careca com um bigode fino.

- Bom dia, senhora Demiris. Posso ajudá-la? -Preciso de proteção.

- Que espécie de proteção? - Do meu marido.

Katelanos franziu o sobrolho. Cheirava-lhe a esturro. Não era de modo algum o caso que

ele antecipara. Seria muito imprudente fazer algo que pudesse ofender um homem tão poderoso como Constantin Demiris.

-Já pensou em ir à polícia? - perguntou ele.

-Não posso. Não quero publicidade de qualquer espécie.

- Quero manter isto privado. Eu disse ao meu marido que queria divorciar-me dele, e ele ameaçou matar-me se eu fosse por diante. Por isso vim procurá-lo.

- Compreendo. O que é que deseja exatamente que eu faça? - Quero que contrate uns homens para me protegerem. Katelanos pôs-se a estudá-la. "É uma mulher bonita", pensou.,

"Obviamente neurótica." Era inconcebível que o marido lhe pudesse

fazer mal. Tratava-se provavelmente de um pequeno arrufo doméstico que passaria dentro de poucos dias. Mas, entretanto, poderia cobrar. No começo, Melina não fizera idéia de como iria executar o plano. Apenas sabia que o marido tencionava destruir o irmão, e ela não podia permitir que isso acontecesse. De alguma forma, Costa tinha de ser detido. A vida dela já não tinha importância. Os seus dias e as suas noites estavam cheios de dor e humilhação. Lembrava-se de como Spyros tentara preveni-la contra o casamento. "Tu não te podes casar com o Demiris. Ele é um monstro. Ele vai destruir-te". Como ele estava certo. E ela estava demasiado apaixonada para prestar atenção. Agora o marido tinha de ser destruído. Mas como? "Pensa como o Costa." E foi o que ela fizera. Pela manhã, Melina preparara todos os pormenores. Feito isso, o resto fora simples. Constantin Demiris estava no escritório de casa a trabalhar quando Melina entrou. Trazia um embrulho ando com um barbante grosso. Tinha uma faca enorme na mão.

- Costa, importavas-te de me abrir isto? Acho que não consigo. Ele ergueu o olhar e disse impacientemente

-Claro que não podes. Não sabes que não se deve segurar uma faca pela lâmina? - Ele arrancou-lhe a faca e começou a cortar o barbante.

- Não podias ter pedido a um criado que fizesse isso? Melina não respondeu.

Demiris acabou de cortar o barbante.

- Pronto! - Ele pousou a faca e Melina apanhou-a cuidadosamente pela lâmina.

Ela olhou para ele e disse:

-Costa, nós não podemos continuar assim. Eu ainda te amo. Tu ainda deves sentir alguma coisa por mim. Lembras-te dos tempos maravilhosos que passamos juntos? Lembras-te da noite da nossa lua- de-mel quando...?

-Pelo amor de Deus-disse Demiris bruscamente.--lhe uns bons honorários. Feitas as contas, Katelanos decidiu que valia a pena o risco.

- Muito bem - disse ele. - Tenho um homem de confiança a quem posso entregar o seu

caso. Quando deseja que ele comece? -Na segunda-feira.

Portanto ele estava certo. Não havia urgência. Melina Demiris pôs-se de pé.

-Depois telefono-lhe. Tem um cartão da firma? -Naturalmente que sim.

-Katelanos entregou-lhe o cartão da firma e conduziu-a até ao exterior. "É uma boa cliente", pensou. "O nome dela vai impressionar os outros clientes." Quando Melina voltou para casa, telefonou ao irmão:

- Spyros, tenho uma boa notícia. - A sua voz estava cheia de excitação.

- O Costa quer uma trégua.

- O quê? Eu não confio nele, Melina. Deve ser algum truque. Ele...

- Não. É a sério. Ele acha que é uma estupidez vocês os dais andarem sempre a brigar. Ele quer ter paz na familia.

Houve um silêncio. -Não sei.

- Dá-lhe pelo menos uma oportunidade. Ele quer encontrar-se contigo no teu pavilhão de caça de Acrocorinto hoje à tarde às três horas.

- Mas isso são três horas de carro. Porque é que não podemos encontrar-nos na cidade?

-Ele não disse-adiantou-lhe Melina-mas se vai ser por motivo de paz...

- Está bem. Eu vou. Mas faço-o por ti. -Por nós-disse Melina. -Adeus, Spyros. -Adeus.

Melina telefonou a Constantin para o escritório. A voz dele foi abrupta.

-O que é? Estou ocupado.

-Acabei de receber um telefonema do Spyros. Ele quer fazer as pazes contigo.

Houve um riso breve e desdenhoso.

-Aposto que sim. Quando eu tiver acabado com ele, ele vai ter a paz que sempre desejou...

- Ele disse que não vai competir mais contigo, Costa. - Ele está disposto a vender-te a frota dele.

-Vender-me a... Tens a certeza? -A voz dele ficou de repente cheia de interesse.

-Tenho. Ele disse que já está farto.

-Muito bem. Ele que mande os contabilistas dele ao meu gabinete, e...

-Não . Ele quer encontrar-se contigo esta tarde às três horas em Acrocorinto.

-No pavilhão de caça dele?

- Sim. E um lugar retirado, Serão só vocês os dois. Ele quer sigilo absoluto sobre o assunto.

"Aposto que quer>, pensou Demiris com satisfação. "Quando se souber, ele vai ser motivo de riso." -Está bem-disse Demiris.-Podes dizer-lhe que eulá estarei. A viagem para Acrocorinto era longa, com estradas cheias de curvas que serpenteavam por entre o pavilhão de caça luxuriante, flagrante com os odores das vinhas, dos limões e do feno. Spyros Lambrou passou por antigas ruínas ao longo do caminho. Na distância, viu os pilares caídos do Elefsis, os altares em ruínas de deuses menores. Pensou em Demiris. Lambrou foi o primeiro a chegar ao pavilhão de caça. Estacionou à frente da cabana e ficou sentado dentro do automóvel por um momento, a pensar no encontro que ia ter. Constantin queria mesmo uma trégua, ou era mais um dos seus truques? Se lhe acontecesse alguma coisa, pelo menos Melina sabia aonde ele tinha ido. Spyros saiu do carro e entrou na casa deserta.

O pavilhão de caça era um velho e belo edifício de madeira com vista sobre Corinto que se erguia em baixo. Quando era rapaz, Spyros Lambrou passara fins-de-semana com o pai ali, atrás de caça pequena nas montanhas. Agora a caça era maior. Quinze minutos depois, chegou Constantin Demiris. Viu Spyros lá dentro, à espera, o que lhe deu uma satisfação intensa. "Portanto, depois de todos estes anos, o homem está finalmente disposto a admitir que foi derrotado." Saiu do carro e entrou na cabana. Os dois homens fitaram-se mutuamente.

-Bem, meu caro cunhado-disse Demiris-,chegamos então ao fim da estrada.

- Eu quero que esta loucura tenha um fim, Costa. Foi longe de mais.

-Não podia concordar mais contigo. Quantos navios é que tens, Spyros?

Lambrou olhou para ele surpreendido. - O quê?

-Quantos navios é que tu tens? Compro~s todos. Com um desconto substancial, naturalmente.

Lambrou não podia acreditar no que ouvia. -Comprares-me os meus navios?

-Estou disposto a comprá-los todos. Fará de mim dono da maior frota do mundo.

-Estás maluco? O que é que... que te faz pensar que eu quero vender os meus navios?

Foi a vez de Demiris reagir.

- É por isso que estamos aqui, não ?

- Estamos aqui porque tu pediste uma trégua. A face de Demiris escureceu.

-Eu.., quem é que te disse isso? - Foi a Melina.

A verdade revelou-se-lhes no mesmo momento. -Ela disse-te que eu queria uma trégua?

-Ela disse-te que eu queria vender-te os meus navios?

- Estúpida de merda- exclamou Demiris. -Suponho que ela pensou que pelo fato de nos reunirmos poderíamos chegar a uma espécie de acordo. Ainda é mais idiota do que tu,

Lambrou. Perdi uma tarde par causa de ti.

Constantin Demiris voltou-se e saiu furioso porta fora. Spyros Lambrou olhou para ele, a pensar: "A Melina não nos devia ter mentido. Ela devia saber que eu e o marido dela nunca haveremos de reconciliar-nos. Não é agora. É demasiado tarde. Foi sempre tarde de mais "

Às duas horas dessa tarde, Melina chamou a criada. - Andrea, importa- se de me trazer um pouco de chá?

- Não , minha senhora. - A criada saiu do quarto e, quando voltou com a bandeja do chá dez minutos depois, a patroa falava ao telefone. O tom era zangado.

-Não, Costa, já decidi. Tenciono divorciar-me de ti, e vou fazer o maior escândalo público que eu puder.

- Embaraçada, Andréa colocou a bandeja e dirigiu-se para a porta. Melina fez-lhe sinal para que ficasse.

Melina falava para o telefone desligado.

- Podes fazer-me todas as ameaças. Eu não vou mudar de idéias... Nunca... Pouco me rala o que estás para aí a dizer... Tu não me metes medo, Costa... Não ... De que é que adiantava?... Está bem. Vou ter contigo à casa de praia, mas não vai servir de nada. Está bem, vou

sozinha. Dentro de uma hora. Está muito bem.

Lentamente, Melina pousou o telefone, com um olhar preocupado no rosto. Virou-se para Andrea.

-Vou à casa de praia para me encontrar com o meu marido. Se eu não tiver voltado até às seis horas, quero que chame a polícia. Andrea engoliu nervosamente.

-A senhora deseja que o motorista a leve?

- Não. O senhor Demiris pediu-me para eu ir sozinha. - Sim, senhora.

Havia mais uma coisa a fazer. A vida de Catherine Alexander estava em perigo. Tinha de ser avisada. Era alguém da delegação que jantara em casa. "Não vais voltar a vê-la. Mandei uma pessoa dar-lhe um fim." Melina pediu uma chamada para os escritórios do marido em Londres.

- Há uma pessoa de nome Catherine Alexander que trabalha aí~? -Ela não se encontra de momento. Pode ser com outra pessoa? Melina hesitou. O recado era urgente de mais para confiar noutra pessoa, mas não teria tempo de voltar a ligar.

Lembrou-se de Costa ter mencionado o nome de Wim Vandeen, um gênio no escritório.

- Poderia falar com o senhor Vandeen? - Só um momento. Uma voz de homem surgiu na linha. -Estou.

Ela quase não o percebia.

-Tenho um recado para a Catherine Alexander. É muito importante. Importa-se de lho transmitir?

-À Catherine Alexander.

-Sim. Diga-lhe... diga-lhe que a vida dela corre perigo, Alguém vai tentar mofa-la. Acho que poderá ser um dos homens que foi de Atenas.

-Atenas... - Sim.

Atenas tem uma população de oitocentas e sessenta mil... Pareceu a Melina que o homem não a entendeu. Desligou o telefone. Fizera o melhor que pudera. Wim ficou à secretária, digerindo a chamada telefônica. "Alguém vai tentar matar a Catherine. Cento e catorze mortes foram cometidas na Inglaterra este ano, a Catherine será a número cento e quinze. Um dos homens que veio de Atenas. Jerry Haley,Yves Renard, Dino Mattusi. Um deles vai matar a Catherine." A mente de computador de Wim logo se encheu com dados sobre os três

homens. "Acho que sei qual é." Quando Catherine regressou mais tarde, Wim não lhe disse nada sobre o telefonema. Ele tinha curiosidade em saber se estava certo. Catherine saía com um membro diferente da delegação todas as noites, e quando vinha trabalhar todas as manhãs Wim estava lá, à espera. Ele parecia desapontado em vê-la. "Quando é que ela ia permitir que ele o fizesse?" Wim interrogou-se. "Talvez devesse informá-la sobre o recado. Mas isso seria fazer batota. Não seria justo alterar as apostas Aviagem para a casa de praia levou uma hora de tempo real e vinte anos de memórias. Havia tanto para Melina refletir, tanto para recordar. Costa, jovem e bonito, dizendo, "Claro que você foi enviada dos céus para nos mostrar o que é a beleza. Você está além do galanteio. Nada do que eu pudesse dizer lhe faria justiça..." Os cruzeiros maravilhosos no iate e as frias idílicas em Psara... Os dias dos amorosos presentes-surpresa e as noites de amor selvagem. E depois o aborto, a série de amantes e o caso com Noelle Page. E os espancamentos e as humilhações públicas. "Monnaree mou! Tu não tens uma razão para viver", dissera-lhe ele. "Porque é que não te matas?" E, por fim, a ameaça para destruir Spyros. Isso foi o que, no fim, Melina não conseguiu suportar. Quando Melina chegou à casa de praia, estava deserta. O céu estava nublado, e havia um vento desagradável que soprava dos mares. "Um presságio", pensou ela. Entrou na casa confortável e amistosa e percorreu o olhar pela última vez. Depois começou a virar a mobília e a partir os candeeiros. Rasgou o vestido e deixou-o cair no chão, Tirou o cartão da agência de detetives e colocou-o na mesa. Levantou o tapete e pôs o botão sob o mesmo. A seguir tirou o relógio de ouro que Costa lhe dera e esmagou-o contra a mesa, Apanhou os calções de banho do marido que trouxera de casa e levou-os à praia. Molhou-os na água e voltou a entrar na casa. Finalmente, só faltava fazer uma coisa. "Chegou a hora", pensou ela. Respirou fundo e lentamente apanhou a faca e desembrulhou-a, tomando cuidado para não deslocar o papel que cobria o cabo. Melina segurou-a, fitando-a. Era a parte crucial. Tinha de e

esfaquear-se com força suficiente para parecer homicídio, e ao mesmo tempo ter energia bastante para levar por diante o resto do plano. Fechou os olhos e espetou a faca bem fundo no seu corpo. A dor foi cruciante. O sangue começou a jorrar. Melina segurava os calções de banho a seu lado, e quando ficaram cobertos de sangue ela dirigiu-se a um roupeiro e atirou-os lá para dentro. Começa va a sentir- se tonta. Olhou em volta para ter a certeza de que não se esquecera de nada, depois foi a tropeçar até à porta que dava para a praia, o sangue

manchando a alcatifa com um vermelho brilhante. Caminhou na direção do oceano. O sangue saía agora mais rápido, e ela pensou, "Não vou conseguir." O Costa vai ganhar. Não posso deixar que isso aconteça. A caminhada até ao mar parecia nunca mais acabar. "Mais um passo", pensou. "Só mais um passo." Ela continuava a andar, combatendo a tontura que tomava conta de si. A visão começou a enevoar -se. Caiu de joelhos. Não posso parar agora. Ergueu-se e continuou a andar até que sentiu a água fria bater-lhe nos pés. Quando a água salgada lhe tocou no ferimento, deu um grito alto por causa da dor insuportável. "Faço isto pelo Spyros", pensou ela. "Querido Spyros." Ao longe, viu uma nuvem baixa que pairava sobre o horizonte. Começou a nadar na sua direção, deixando um rasto de sangue. E aconteceu um milagre. A nuvem desceu sobre ela, e ela sentiu a sua maciez branca envolvê-la, banhá-la, acariciá-la. A dor desaparecera, e ela sentiu uma paz maravilhosa apoderar-se de si. "Vou para casa", pensou Melina feliz. "Vou finalmente para casa."

-Vou prendê-lo pela morte da sua esposa.

Depois disso, tudo parecia acontecer em movimento lento. Preencheu a ficha, e tiraram-lhe as impressões digitais de novo. Foi fotografado e colocado numa cela. Era inacreditável que ousassem fazer-lhe isto a ele.

-Mande-me chamar Pete Demonides. Diga-lhe que quero falar com ele agora mesmo.

-O senhor Demonides foi suspenso das suas funções. Está sob investigação.

De modo que não havia a quem socorrer. "Eu vou-me safar disto", pensou. "Eu sou Constantin Demiris."

Mandou chamar o promotor especial. Delma chegou à prisão uma hora mais tarde, -Pediu para falar comigo,

-Pedi, sim - disse Demiris. -Sei que fixou a hora da morte da minha mulher às três horas.

-É correto.

- Então, antes que o senhor se meta a si e à polícia em mais sarilhos, posso provar-lhe que não estive em lugar nenhum perto da casa dé praia ontem a essa hora.

- Pode provar isso?

-Claro. Tenho uma testemunha.

Eles estavam sentados no gabinete do comissário de polícia quando Spyros Lambrou chegou. O rosto de Demiris iluminou-se quando o viu.

-Spyros, graças a Deus que chegaste! Estes idiotas pensam que eu matei a Melina, Tu sabes que eu não o poderia ter feito. Diz-lhes.

-Spyros Lambrou franziu o sobrolho,

-Digo-lhes o quê?

-A Melina foi morta ontem às três da tarde. Nós estávamos juntos em Acrocorinto às três horas. Eu não podia ter chegado à casa de praia antes das sete. Conta-lhes o nosso encontro, Spyros Lambrou olhava-o fixamente. -Que encontro?

O sangue começou a esgotar-se do rosto de Demiris,

-O... o encontro que tu e eu tivemos ontem. No pavilhão de caça em Acrocorinto.

-Deves estar a fazer confusão, Costa. Eu ontem estive fora sozinho. Não vou mentir por tua causa.

O rosto de Constantin Demiris encheu-se de raiva.

-Tu não podes fazer isto! -Ele agarrou as bandas do casaco de Lambrou. -Diz-lhes a verdade.

Spyros Lambrou empurrou-o.

-A verdade é que a minha irmã está morta, e foste tu que a mataste.

-Mentiroso! -gritou Demiris -Mentiroso! -Ele avançou na direção de Lambrou de novo e dois polícias tiveram de detê-lo. -Seu filho da puta. Sabes que estou inocente.

-Isso quem vai decidir são os juízes. Acho que vais precisar de um bom advogado.

E Constantin Demiris apercebeu-se de que só havia um homem que poderia tê-lo salvo : Napoleon Chotas.

ARQLIVO COSF[DENCIAL Transcrição da Sessão com Catherine Dotcglas

C: Acredita em premonições, Alan?

A: Elas não são cientificamente aceites, mas eu de fato acredito. Tem tido premonições?

C: Tenho. Tenho a sensação de que algo de terrível me vai acontecer.

A: Faz parte do seu velho sonho?

C: Não. Eu disse-lhe que o senhor Demiris enviou uns homens de Atenas...

A: É verdade.

C: Ele pediu-me que tratasse deles, de forma que os tenho visto com alguma frequência.

A: Sente-se ameaçada por eles?

C: Não. Não exatamente. É difícil de explicar. Eles não fizeram nada, e no entanto eu ...

estou sempre à espera que alguma coisa aconteça.

A: Fale-me deles.

C: Há um francës, o Yves Renard. Insiste em irmos a museus, mas quando lá chegamos verifico que ele não está interessado, Pediu-me que o levasse a Stonehenge sábado que vem.

Há o Jerry Haley. É americano. Parece bastante agradável, mas há nele algo de perturbador. Depois há o Dino Mattusi. Vem creditado como executivo da firma do senhor Demiris, mas faz muitas perguntas para as quais ele devia ter a resposta. Convidou-me para um passeio de carro. Pensei em levar o Wim comigo... E isto agora é outra coisa.

É?

O Wim tem agido com estranheza. Em que sentido? Quando chego ao escritório de manhã, o Wim está sempre à minha espera, coisa que nunca costumava fazer. E quando me vê quase como se estivesse zangado por eu estar ali. Nada disto faz sentido, pois não? chegada dos estranhos de Atenas, e Atenas era a cena do passado traumático. A parte sobre Wim intrigou Alan. Estaria Catherine a imaginá-la? Ou estava Wirn a comportar-se de uma forma atípica? "Vou ver o Wim dentro de algumas semanas", pensou Alan. "Talvez eu antecipe a consulta dele." Alan ficou a pensar em Catherine. Embora tivesse estabelecido que nunca se deixaria envolver emocionalmente com as suas doentes, Catherine era uma pessoa especial. Era bela e vulnerável e..."Que estou eu a fazer? Não posso permitir-me pensar assim. Vou concentrar-me noutra coisa." Mas os seus pensamentos voltavam sempre para ela.

A: Tudo faz sentido quando tiver a solução, Catherine. Tem tido mais sonhos?

C: Sonhei com Constantin Demiris. É muito vago.

A: Conte-me o que se lembra.

C: Perguntei-lhe por que razão era tão amável comigo, por que razão me ofereceu o emprego em Londres e um lugar para morar. E por que razão me deu o alfinete de ouro.

A: E o que é que ele disse?

C: Não me lembro. Acordei aos gritos.

O doutor Alan Hamilton estudou a transcrição cuidadosamente, à procura dos vestígios inobservados do subconsciente, em busca de uma pista que explicasse o que perturbava Catherine. Ele estava razoavelmente certo de que a apreensão dela se relacionava com a Catherine não conseguia afastar Alan Hamilton da idéia. "Não sejas idiota", disse Catherine a si própria. "Ele é um homem casado. Todas as pacientes se sentem assim em relação ao seu analista." Mas nada do que Catherine dizia a si própria ajudava. "Talvez eu deva consultar um analista por causa do meu analista: ~ Ela ia voltar a ver Alan dentro de dois dias. "Talvez eu deva cancelar a consulta" pensou Catherine, "antes que me envolva muito mais. Tarde de mais." na manhã em que tinha a consulta com Alan, Catherine vestiu-

se muito cuidadosamente foi ao salão de beleza. "Já que não vou voltar a vê-lo depois de hoje", raciocinou Catherine, "não há mal em apresentar-me bonita: No momento em que entrou no gabinete dele, a sua resolução dissipou-se. "Por que tem ele de ser tão atraente? Porque é que não nos conhecemos antes de ele se casar? Porque é que ele não me conheceu quando eu era um ser normal e são? Por outro lado, se eu fosse um ser humano são e normal, nunca o teria procurado, pois não?"

- Perdão?

Catherine apercebeu-se de que falara em voz alta. Agora era altura de lhe dizer que esta era a última consulta.

Respirou fundo.

-Alan..,-E a sua determinação quebrou-se. Olhou para a fotografia que estava sobre a mesa. - Há quanto tempo é casado?

-Casado?-Ele seguiu o relance de Catherine.-Oh, Essa é a minha irmã e o filho.

Catherine sentiu uma vaga de alegria invadi-la.

-Oh, isso é maravilhoso! Quero dizer, ela... tem um aspeto maravilhoso.

-Você está bem, Catherine ?

Kirk Reynolds passara a vida a perguntar-lhe o mesmo. "Eu naquela altura não estava bem", pensou Catherine, "mas agora estou." -Estou ótima-disse Catherine.-Você não é casado?

-Não.

"Quer jantar comigo? Quer levar-me para a cama? Quer casar comigo?" Se ela dissesse alguma destas coisas em voz alta então é que ele iria pensar que ela estava maluca. "Talvez esteja." Ele observava-a, com o sobrolho franzido.

-Catherine, infelizmente não vamos poder continuar com estas sessões. Hoje será a última.

O coração de Catherine desfaleceu. -Porquë? Eu fiz alguma coisa que...?

-Não... não é por sua causa. Numa relação profissional deste tipo, é impróprio que um médico se envolva emocionalmente com uma doente.

Ela tinha agora o olhar fixado nele, os olhos brilhantes. -Está-me a dizer que se deixou envolver emocionalmente por mim?

- Estou. E por causa disso receio...

- Tem toda a razão-disse Catherine feliz.-Vamos falar disso hoje à noite ao jantar.

Jantaram num restaurantezinho italiano no centro de Soho. A comida podia ter sido excelente ou péssima, que eles não deram por nada. Estavam totalmente absorvidos um pelo outro.

-Não é justo-disse Catherine. -Você sabe tudo a meu respeito. Fale-me de si. Nunca se

casou?

-Não, Estive quase para casar. - Que aconteceu?

-Foi durante a guerra. Vivíamos num pequeno apartamento. Foi durante os dias da blitz. Eu trabalhava no hospital e quando cheguei a casa uma noite...

Catherine pôde ouvir a mágoa na sua voz.

-... o prédio tinha desaparecido. Não tinha sobrado nada. Ela envolveu- lhe a mão.

-Sinto muito.

- Levei muito tempo a ultrapassar o que aconteceu.

-Nunca conheci ninguém com quem me quisesse casar. -E os seus olhos disseram, "até agora".

Ficaram sentados durante quatro horas, falando sobre tudo - teatro, medicina, a situação do mundo; mas a verdadeira conversa não era falada. Era a eletricidade que ia crescendo entre eles. Podiam ambos senti-la. Havia uma tensão sexual entre eles que os esmagava.

Finalmente, Alan falou no assunto.

-Catherine, o que eu disse hoje de manhã acerca da relação médico- paciente...

- Fala-me disso no teu apartamento.

Despiram-se juntos, rápida e ansiosamente, e enquanto Catherine tirava a roupa pensou no que sentira quando esteve com Kirk Reynolds e como era diferente agora. "A diferença é estar-se apaixonada~, pensou Catherine. "Estou apaixonada por este homem N

Deitou-se na cama à espera dele, e, quando ele chegou e a tomou nos braços, todas as preocupações, todos os receios de nunca poder relacionar-se com um homem desapareceram. Acariciaram o corpo um do outro, explorando, primeiro com meiguice, depois ferozmente, até que a necessidade de ambos se tornou incontrolável e desesperada, e eles uniram-se, e Catherine gritou em voz alta com total felicidade. "Sou de novo inteira", pensou. "Obrigada!" Permaneceram ali, exaustos, e Catherine manteve Alan envolto nos seus braços, desejando nunca mais largá-lo. Quando conseguiu voltar a falar, disse com uma voz trêmula. - O senhor sabe como tratar uma doente, doutor. Catherine soube pelos jornais da prisão de Constantin Demiris pelo homicídio da mulher. Constituiu um choque muito grande. Quando chegou ao escritório, havia uma nuvem sobre todas as coisas.

- Já sabes das notícias? - lastimou-se Evelyn. - Que vamos fazer?

- Vamos continuar exatamente como ele queria que o fizéssemos. Tenho a certeza de que é tudo um grande equívoco. Vou tentar telefonar-lhe.

Mas Constantin Demiris estava fora de alcance, Constantin Demiris era o prisioneiro mais importante que a Prisão Central de Atenas já alguma vez albergara. O promotor dera ordens para que Demiris não recebesse tratamento especial. Demiris exigira um número

de coisas:

acesso a telefones, telex e serviço de correio. As suas exigências foram negadas. Demiris passava a maior parte das horas em que estava acordado, e muitas quando sonhava, a tentar descobrir quem matara Melina. No início, Demiris assumira que um ladrão fora surpreendido por Melina enquanto saqueava a casa de praia e a matara, Mas no momento em que a polícia o confrontara com as provas contra ele Demiris compreendera que estava a ser tramado. A pergunta era: por quem? A pessoa lógica era Spyros Lambrou, mas a fraqueza dessa teoria era que Lambrou amava a irmã mais do que qualquer outra pessoa no mundo. Ele nunca lhe teria feito mal. A suspeita de Demiris virara-se então para o bando com quem Tony Rizzoli se havia envolvido. Talvez tivessem sabido do que ele fizera a Rizzoli e esta era a forma de se vingarem. Constantin Demiris afastara essa ideia de imediato, Se a mafia quisesse vingança, teria simplesmente contratado um pistoleiro para matá-lo. E assim sentado sozinho na sua cela, Demiris matutara longa mente, tentando arranjar uma solução para o enigmado que acontecera. No fim, quando esgotara todas as possibilidades, só havia uma conclusão: Melina suicidara-se. Matara- se e tramara-o com a morte dela, Demiris pensou no que tinha feito a Noelle Page e a Larry Douglas, e a ironia amarga era de que ele agora estava exatamente na mesma posição em que eles estiveram! Ia ser julgado por um homicídio que não cometera. O carcereiro estava à porta da cela. - O seu advogado veio vê-lo. Demiris pôs-se de pé e seguiu o carcereiro até uma pequena sala de reuniões. O advogado aguardava-o. O nome do homem era Vassiliki. Estava na casa dos cinqüenta, tinha o cabelo grisalho e basto e o perfil duma estrela de cinema. Tinha a fama de ser um advogado criminal de primeira qualidade. Isso seria suficiente?

O carcereiro disse:

-Têm quinze minutos. -Deixou os dois sozinhos. -Bem-perguntou Demiris.-Quando é que me vai tirar daqui para fora? Para que é que lhe estou a pagar?

- Senhor Demiris, receio que não seja assim tão simples. O promotor principal recusa-se...

-O promotor principal é um palerma. Eles não me podem manter aqui dentro. E se pagarmos caução? Eu pago o que eles pedirem. Vassiliki lambeu os lábios nervosamente.

-A caução foi negada. Estive a analisar as provas que a polícia tem

contra si, senhor Demiris. São... são bastante prejudiciais. -Prejudiciais ou não... eu não matei a Melina. Estou inocente! O advogado engoliu.

- Sim, claro, claro. Tem.., tem alguma idéia de quem possa ter morto a sua mulher?

-Ninguém. A minha mulher suicidou-se. O advogado fitou-o.

-Desculpe-me, senhor Demiris, mas não me parece que isso vá constituir uma boa defesa.

Vai ter que pensar em algo melhor do que isso.

E, com um coração desfalecido, Demiris sabia que estava certo. Não havia júri no mundo que fosse acreditar na sua história.

Logo pela manhã do dia seguinte, o advogado veio ver Demiris de novo.

-Infelizmente tenho más notícias.

Demiris quase riu em voz alta. Estava numa prisão enfrentando uma sentença de morte, e este idiota estava a dizer-lhe que tivera más notícias. Que coisa podia ser pior que a situação em que se encontrava?

- Sim?

-É sobre o seu cunhado.

- O Spyros? O que é que há com ele?

-Tenho informação de que ele foi à polícia dizer que uma mulher de nome Catherine Douglas ainda se encontra "va. Eu não estou realmente a par do julgamento de Noelle Page e Lorry Douglas, mas... Constantin Demiris já não escutava. Com toda opressão do que estava a acontecer-lhe, esquecera-se totalmente de Catherine. Se a encontrassem e ela falasse, poderiam implicá-lo nas mortes de Noelle e Lorry. Ele já mandara alguém a Londres para tratar dela, mas agora o caso tornara-se repentinamente urgente. Inclinou-se para a frente e agarrou o braço do advogado.

- Quero que mande uma mensagem para Londres imediatamente.

Leu a mensagem duas vezes e sentiu os indícios de uma excitação sexual que sempre o atingiam antes de concretizar um contrato para matar. Era como fazer o papel de Deus. Ele decidia quem vivia e quem morria. Estava espantado com o poder que possuía. Se tivesse de fazer isto imediatamente, não haveria tempo para elaborar o outro plano,

Teria de improvisar alguma coisa. Simular um acidente. Hoje à noite." ARQUIVO CONFIDENCIAL Transcrição de Sessão com Wim Vandeen A: Como se sente hoje?

W: Bem. Vim de táxi. O nome de motorista é Ronal Christie. Chapa de matrícula três-zero-dois-sete-um licença do táxi número três-zero-sete. No caminho passámos portrinta e sete Rovers, um Bentley, dez jaguares, um Mini Minor, seis Austins, um Rolls-Royce, vinte e sete motorizadas e seis bicicletas.

A: Como é que você vai no escritório, Wim? W: Você sabe.

A: Diga-me.

W: Odeio aquela gente.

A: E a Catherine Alexander?... Wun, e a Catherine Alexander?... Wim?

W: Oh, ela. Ela vai deixar de trabalhar lá. A: O que é que quer dizer?

W: Ela vai ser assassinada.

A: O quê? Porque é que diz isso? W: Ela disse-me.

A: A Catherine disse-lhe que vai ser assassinada? W: Foi a outra. A: Que outra?

W: A mulher dele.

A: A mulher de quem, Wim? W: Do Constantin Demiris.

A: Ela disse-te que a Catherine Alexander ia ser assassinada? W: A senhora Demiris. A mulher dele. Telefonou-me da Grécia. A: Quem é que vai matar a Catherine?

W: Um dos homens.

A: Está-se a referir a um dos homens que vieram de Atenas? W: Sim. A: Wim, vamos ter de ficar por aqui. Tenho de sair. W: Certo.

Os escritórios da Corporação Helênica de Comércio encerraram ãs sete

horas. Alguns minutos antes das seis, Evelyn e os outros empregados estavam a preparar-se para sair.

Evelyn entrou no gabinete de Catherine.

-O Milagre da Rua 34 está em exibição no Criterion. Teve críticas excelentes. Queres ir ver hoje à noite?

-Não posso-disse Catherine. -Obrigada, Evelyn. Prometi ao Jerry Haley que ia ao teatro com ele. Eles dão-te muito que fazer, não dão? Está bem. Diverte-te.

Catherine ouviu o barulho dos outros ao saírem. Por fim, houve silêncio. Deu um último olhar pela secretária, certificou-se de que tudo estava em ordem, vestiu o casaco, apanhou a carteira e saiu para o corredor. Estava quase a chegar à porta da frente quando o telefone tocou. Catherine hesitou, pensando se ia atender. Olhou para o relógio; ia chegar atrasada. O telefone continuou a tocar. Voltou a correr para a sala e pegou no telefone.

-Estou. Catherine.-Era Alan Hamilton. Ele parecia sem fôlego. - Graças a Deus que te apanhei.

-Aconteceu alguma coisa?

- Tu corres um grande perigo. Parece que alguém está a tentar matar- te.

Ela emitiu um som baixo e lamuriaste. Os seus piores pesadelos estavam a tornar-se verdadeiros. Sentiu-se repentinamente tonta. - Quem?

-Não sei. Mas deixa-te estar aí. Não saias do escritório. Vou buscar-te.

-Alan, eu...

-Não te preocupes, vou já para aí. Tranca-te. Vai tudo acabarem bem,

A linha desligou-se. Catherine pousou o telefone lentamente. - Oh, meu Deus! Manas apareceu no corredor. Olhou para o rosto pálido de Catherine e correu para ela.

-Passa-se alguma coisa, Miss Alexander? Voltou-se para ele.

-Alguém.., alguém vai tentar matar-me. Ele estava a olhar para ela embasbacado. -Porquê? Quem... quem poderia fazer uma coisa dessas?

-Não tenho a certeza.

Ouviram alguém bater à porta. Atanas olhou para Catherine. -Acha que devo...?

-Não -disse ela de imediato, -Não deixes ninguém entrar. O doutor Hamilton está aí a chegar.

A pancada na porta da frente repetiu-se, mais alta.

-Podia esconder-se na cave-Atanas sussurrou.-Ficará mais segura lá. Ela acenou com a cabeça nervosamente. -Tens razão.

Foram para o fundo do corredor, em direção à porta que dava para a cave.

- Quando o doutor Hamilton chegar, diz-lhe onde estou. - Não vai ter medo de ficar lá em baixo?

- Não - disse Catherine.

Manas acendeu a luz e foi à frente pelas escadas da cave. -Ninguém a vai encontrar aqui-Atanas assegurou-lhe. -Não faz idéia nenhuma de quem pudesse querer matá-la? Ela pensou em Constantin Demiris e nos seus sonhos. "Ele vai matar-te. Mas isso foi apenas um sonho."

- Não tenho a certeza.

Manas olhou para ela e sussurrou: -Eu acho que sei, Catherine olhou fixamente para ele. -Quem?

-Eu. -Repentinamente na mão dele surgiu uma faca de ponta e mola, que ele empunhou contra a garganta dela.

-Atanas, isto não são horas para brincadeiras... Sentiu a faca pressionar-lhe mais fundo na garganta.

-Já alguma vez leu Encontro em Samarra, Catherine? -Não? Bem, agora é tarde de mais, não ? Fala de uma pessoa que tentou fugir à morte. Foi para Samarra e a morte aguardava-a lá. -Isto é a sua Samarra.

Era obsceno ouvir estas palavras aterradoras vindas da boca de um rapaz com ar inocente.

-Atanas, por favor. Tu não podes... Ele esbofeteou-a com força na cara.

-Não posso fazê-lo porque sou um jovem? Surpreendi-a? Isso é porque eu sou um ator brilhante. Sabe porque é que pareço um rapaz? Porque quando eu estava em crescimento não tinha comida que chegasse. Eu vivia do lixo que roubava dos baldes do lixo à noite.

Ele tinha a faca apontada à garganta dela, encostando-a contra a

parede.

-Quando era rapaz, vi os soldados violarem a minha mãe e o meu pai e depois chicotearem os dois até à morte, e depois violaram-me a mim e abandonaram-me pensando que eu estava morto. Empurrava-a cada vez mais para o fundo da cave. -Atanas, eu... nunca te fiz mal nenhum, Eu... Ele deu um sorriso infantil,

-Não é nada pessoal. É negócio. Você vale cinqüenta mil dólares, morta.

Foi como se uma cortina tivesse descido à frente dos seus olhos e ela estivesse a ver tudo através de uma névoa vermelha. Uma parte de si estava fora, olhando o que estava a acontecer.

-Eu tinha um plano maravilhoso pensado para si. Mas o patrão está com pressa agora, de forma que teremos de improvisar, não ? Catherine sentia a ponta da faca enterrar-se-lhe no pescoço, Ele desceu a faca e rasgou a parte da frente do vestido. -Belo-disse ele.-Muito belo. Eu estava a planejar termos primeiro uma festa, mas como o seu amigo médico está aí a chegar não teremos tempo, pois não? Não sabe o que perde. Eu sou um amante fantástico, Catherine ficou sufocada, mal podendo respirar. Manas meteu a mão no bolso do casaco e tirou uma garrafa de quartilho. Dentro havia um líquido pálido e cor-de- rosa.

-Já alguma vez tomou slivovic? Vamos beber ao seu acidente, hem?- Ele afastou a faca para abrir o frasco e, por um instante, Catherine sentiu-se tentada a fugir.

-Vá-disse Atanas num tom calmo. -Experimente. Por favor. Catherine umedeceu os lábios. -Ouça, eu... pago. Eu...

- Poupe o fôlego. -Atanas tomou um trago enorme da garrafa e entregou-lha. -Beba-disse ele.

-Não. Eu não... -Beba!

Catherine pegou na garrafa e tomou um pequeno gole. O aperto violento do brande queimou-lhe a garganta, Atanas tirou-lhe a garrafa e tomou mais um gole enorme.

- Quem é que disse ao seu amigo médico que iam matá-la? -Não... não sei.

-Também não interessa. -Atanas apontou para um dos postes de madeira grossos que sustinha o teto. - Vá para ali.

Os olhos de Catherine dirigiram-se num relance para a porta. Ela sentiu a lâmina de ferro a pressionar-lhe no pescoço.

-Não me obrigue a dizer outra vez. Catherine foi até ao poste de madeira.

-Bonita menina-disse Atanas.-Sente-se.-Ele virou-se por um instante, E nesse momento Catherine fugiu. Começou a correrem direção às escadas, o coração a bater depressa. Corria pela vida. Alcançou o primeiro degrau e, quando estava prestes a subir, sentiu uma mão a agarrar-lhe a perna e a puxá-la para trás. Ele era incrivelmente forte. - Cabra!

Agarrou-a pelos cabelos e aproximou o seu rosto do dele. - Faça isso outra vez e eu parto-lhe as pernas, Ela sentia a faca entre as omoplatas.

-Mexa-se! Atavas veio atrás dela até ao poste de madeira e atirou-a ao chão, - Fique aí, Catherine observava quando Atavas se dirigiu a uma pilha de caixas de cartão atadas com um fio grosso. Cortou duas extensões de fio e trouxe-as para junto dela.

-Ponha as duas mãos atrás do poste. -Não, Atavas. Eu...

Deu-lhe um murro na cara, e o quarto perdeu a nitidez. Atavas aproximou-se e sussurrou:

- Nunca me diga não. Faça o que eu digo antes que eu lhe desfaça a tromba.

Catherine pôs as mãos atrás do poste e um momento depois sentiu o fio causar-lhe uma dor aguda nos pulsos enquanto Atanas os apertava. Sentia perder a circulação,

- Por favor - disse ela. - Está muito apertado. -Ótimo-sorriu, mostrando os dentes. Pegou no segundo pedaço de fio e atou-lhe as pernas pelos tornozelos. Em seguida pôs-se de pé.

-Pronto-disse.-Confortável. - Deu mais um gele da garrafa. - Quer beber mais?

Catherine sacudiu a cabeça. Ele encolheu os ombros. -Tudo bem,

ela viu-o levar a garrafa aos lábios outra vez. "Pode ser que se embebede e adormeça, pensou Catherine desesperadamente.

- Eu costumava beber um litro por dia - Atanas gabou-se. Pousou a garrafa no chão de cimento. -Bem, são horas de pegar ao trabalho.

- O que é que... o que é que você vai fazer?

-Vou provocar um pequeno acidente. Vai ser uma obra-prima. Eu posso até pedir o dobro ao Demiris.

-Demiris! Então não era apenas um sonho. Ele estava por trás disto, Mas porquê?

Catherine viu Atavas atravessar a sala em direção à enorme caldeira. Ele removeu a chapa exterior e examinou a luz-piloto e as oito chapas da caldeira que aqueciam o edifício. A válvula de segurança estava aninhada num caixilho de metal que a protegia. Atavas apanhou um bocadinho de madeira e enfiou-o no caixilho de forma a que a válvula de segurança ficasse inoperante. O mostrador da temperatura indicava sessenta e cinco graus . Enquanto Catherine observava, Atavas rodou o mostrador até ao máximo. Satisfeito, voltou para junto de Catherine.

-Lembra-se da chatice que tivemos com esta caldeira?-perguntou Atavas. -Bem, receio que vai acabar por explodir. Aproximou-se de Catherine.

-Quando o mostrador chegar aos duzentos graus, a caldeira vai explodir. Sabe o que vai acontecer depois? Os tubos do gás vão-se romper e os queimadores vão pegar-lhes fogo. O edifício inteiro irá explodir que nem uma bomba,

-Você é louco. Há pessoas inocentes lá fora que...

- Ninguém é inocente. Vocês americanos acreditam em finais felizes. - Ele esticou o braço e verificou a corda que mantinha as mãos de Catherine presas atrás do poste. Os pulsos dela estavam a sangrar. A corda cortava-lhe a carne e os nós estavam apertados. Atenas lentamente percorreu as mãos pelos peitos nús de Catherine, acariciando-s e depois inclinou-se e beijou-os.

- É uma pena não termos mais tempo. Você nunca saberá o que perdeu. -Agarrou-a pelos cabelos e beijou-lhe os lábios.

O seu hálito exalava a brande.

-Adeus, Catherine. - Ele pôs-se de pé.

- Não me abandone - Catherine implorou. -Vamos falar e... - Tenho de apanhar o avião. Vou voltar para Atenas. - Viu-o subir as escadas.

-Vou deixar a luz acesa para que possa ver tudo a acontecer. -Um momento depois, Catherine ouviu a pesada porta da cave fechar-se e o estalido do trinco exterior, e depois houve silêncio. Estava sozinha. Olhou para o mostrador da caldeira, Estava a subir rapidamente.

Enquanto O observava, ele subiu de 7O para 75 graus e continuava a subir. Ela lutou desesperadamente para soltar as mãos, mas quanto mais puxava mais apertados ficavam os laços. Olhou de novo para cima. O marcador chegara aos 8O graus e continuava a aumentar. Não havia saída. Nenhuma.

Alan Hamilton descia a Wimpole Street como um louco, ultrapassando toda a gente, ignorando osgritos e o clangor das buzinas dos condutores irados. A estrada em frente estava bloqueada. Virou à esquerda e meteu-se na Praça Portland e dirigiu-se para Oxford Circus. O trânsito era mais intenso aqui, atrasando-o. Na cave do número 217 da Bond Street, o ponteiro chegara aos 9O graus. A cave estava a aquecer. O trânsito estava praticamente parado. As pessoas iam para casa, para jantar ou para o teatro. Alan Hamilton estava ao volante do carro, frustrado. ~~Eu devia ter telefonado à polícia? Mas que teria adiantado? Uma doente neurótica acha que alguém vai matá-la? A polícia só se teria rido." O trânsito começou a movimentar-se de novo. Na cave, o ponteiro estava a chegar aos cento e cinqüenta graus. O quarto estava a ficar insuportavelmente quente. Ela tentava libertar as mãos outra vez e os pulsos estavam em carne viva, mas a corda continuava apertada. Ele meteu-se pela Oxford Street, atravessando veloz uma passadeira para peões no momento em que duas velhotas passavam. Atrás de si ouviu a estridência do apito de um polícia. Por um instante sentiu-se tentado a parar e pedir ajuda. Mas não havia tempo para explicar. Continuou a conduzir. Num cruzamento, um Caminhão enorme parou, bloqueando-lhe o caminho. Alan Hamilton apitou impacientemente. Meteu a cabeça fora da porta.

- Saia daí.

O motorista virou-se para olhar para ele.

-O que é que se passa, amigo, vai apagar algum incêndio?

O trânsito tornara-se uma confusão de carros. Quando finalmente desanuviou, Alan Hamilton começou a conduzir de novo, apressando- se na direção da Bond Street. Uma viagem que devia ter levado dez minutos quase lhe levara meia hora, Na cave, o ponteiro chegou aos 2OO graus, Por fim, abençoadamente, o edifício estava à vista. Alan Hamilton parou o carro na curva do outro lado da rua e travou a fundo. Abriu a porta e saiu do carro a correr. Quando ia a correrem direção ao prédio, parou cheio de horror. O chão tremeu no momento em que o edifício inteiro explodia como uma bomba gigantesca, enchendo o ar

com chamas e estilhaços. E morte. Manas entregou-lhe o dinheiro.

-Bem, vamos ver o que é que tu sabes fazer com ele, querido. - Ela tirou a roupa e ficou a ver Atavas despir-se.

- Olhou para ele espantada. - Meu Deus, tu és enorme! - Sou? Ela enfiou-se na cama e disse: -Tem cuidado. Não me magoes.

Atavas dirigiu-se para a cama. Ordinariamente, ele gostava de bater em putas. Aumentava-lhe a satisfação sexual. Mas ele sabia que agora não era altura de fazer nada de suspeito ou deixar um rasto que a polícia pudesse querer seguir. Deforma que Atavas sorriu para ela e disse:

-Esta é a tua noite de sorte. - O quê?

-Nada. -Ele pôs-se em cima dela, fechou os olhos e mergulhou nela, magoando-a, e era Catherine que gritava por piedade, implorando-lhe que parasse. E ele martelava-a selvaticamente, cada vez com mais força, os gritos dela excitando-o até que por fim tudo explodiu e ele deitou-se de costas satisfeito.

-Meu Deus - disse a mulher. - Tu és incrível.

Atavas abriu os olhos e não estava com Catherine. Estava com uma puta feia num quarto medonho, Vestiu-se e apanhou um táxi para o quarto do hotel, onde fez as malas e saiu. Quando se dirigia para o aeroporto, eram nove e meia. Tinha muito tempo para apanhar o avião. Havia uma pequena fila de gente na Olympic Airways. Quando Atavas chegou ao princípio da bicha, entregou a passagem ao funcionário.

- O voo sai no horário?

-Sai, sim.- O empregado olhou para o nome que estava na passagem, Atavas Stavich. Olhou para Atanas outra vez, depois olhou de relance para um homem que estava perto dali e fez um sinal afirmativo com a cabeça. O homem caminhou até ao balcão.

-Posso ver a sua passagem? Atavas entregou-lhe a passagem. -Passa-se alguma coisa?- perguntou, O homem disse

-Infelizmente vendemos passagens a mais para este voo. Se quiser.

Atavas Stavich estava a sentir-se terrivelmente excitado. Executar uma morte por contrato provocava-lhe sempre isso, Para ele era regra ter relações sexuais com as suas vítimas, homens ou mulheres, antes de as matar, e ele achava isso excitante. Agora, sentia-se frustrado porque não houvera tempo para torturar Catherine ou ter relações com ela.

Atavas olhou para o relógio. Ainda era cedo. O avião só partia às onze horas da noite. Tomou um táxi até Shepherd Market, pagou o motorista e perambulou pelo labirinto de ruas. Havia meia dúzia de raparigas nas esquinas que se ofereciam aos homens que passavam.

- Olá, querido, gostavas de ter uma lição de francês esta noite? - Que dizes a uma festa?

-Estás interessada em grego?

Nenhuma das mulheres se aproximou de Atavas. Ele foi ter com uma loira alta que vestia minissaia, casaco de cabedal e sapatos de saltos finos.

-Boa noite-disse Atavas educadamente. Ela olhou para ele, divertida.

- Olá, garoto. A tua mãe sabe que vieste para a rua? Atavas sorriu timidamente.

-Sabe, sim, senhora. Pensei que se você não estivesse ocupada... A prostituta riu-se.

-Pensaste? E o que é que tu fazias se eu não estivesse ocupada? Já foste para a cama com uma rapariga?

-Uma vez - disse Atavas suavemente. -E gostei.

- Tu pareces um carapauzito - a rapariga riu-se. - Eu por norma mando os pequeninos dar uma volta, mas a noite está pouco animada. Tens dez libras?

-Tenho, sim, senhora.

-Está bem, querido. Vamos subir,

Ela conduziu Atavas através de um corredor e subiu dois lanços de escadas até um pequeno apartamento de uma divisão. ser acompanhar- me até ao escritório, tentarei resolver-lhe o problema. Atanas encolheu os ombros.

-Está bem. -Seguiu o homem até ao escritório, sentindo uma grande euforia. Demiris já devia estar solto. Era um homem demasiado importante para que a lei lhe tocasse. Tudo correra perfeitamente. Ele ia depositar os cinqüenta mil dólares num banco suíço numa conta numerada. Depois umas pequenas férias. Na Riviera talvez, ou no Rio de Janeiro. Ele gostava dos prostitutos do Rio. Atanas entrou no escritório e parou, com o olhar fixo. Empalideceu.

-Morreste! Morreste. Eu matei-te! -Era um grito.

Atanas gritava ainda quando foi levado para fora da sala para uma carrinha da polícia. Viram-no partir, e Alan Hamilton virou-se para Catherine.

-Acabou, querida. Acabou finalmente.

Na cave, algumas horas antes, Catherine tentara desesperadamente soltar as mãos. Quanto mais lutava mais apertada a corda ficava. Os seus dedos estavam a ficar insensíveis. Ela não tirava os olhos do mostrador da caldeira. O ponteiro chegara aos 12O graus. "Quando o ponteiro chegar aos 2OO graus, o cilindro explodirá. Tem que haver uma solução para isto", pensou Catherine. "Tem de haver!" Os seus olhos brilharam sobre a garrafa de uísque que Atanas deixara cair no chão. Ela olhou fixamente para ele, e o coração começou a bater violentamente. "Há uma possibilidade!" Se ao menos ela pudesse... Catherine deixou-se cair contra o poste e esticou os pés na direção da garrafa. Estava fora de alcance. Deslizou um pouco mais, as farpas de madeira espetando-se-lhe nas costas. A garrafa estava a uns cinco centímetros. Os olhos de Catherine encheram-se de lágrimas. "Mais uma tentativa", pensou ela. "Só mais uma." Ela deixou-se cair mais, as costas arranhadas pelas farpas, e empurrou outra vez com toda a sua força. Um pé tocou na garrafa. "Cuidado. Não a afastes." Lentamente, lentamente, prendeu o gargalo da garrafa com a corda que lhe atava as pernas. Muito cuidadosamente, recolheu os pés, arrastando a garrafa para mais perto. Por fim, teve-a ao seu alcance. Olhou para o mostrador, Tinha chegado aos 13O graus. Ela estava a combater o pânico. Lentamente, moveu a garrafa para trás de si com os pés. Os dedos encontraram-na, mas estavam demasiado entorpecidos para agarrá-la, e estavam escorregadios por causa do sangue dos pulsos no lugar onde a corda os cortara. A cave estava a ficar mais quente. Tentou outra vez. A garrafa escorregou. Catherine olhou de relance para o mostrador do cilindro. 15O agora, e o mostrador parecia avançar velozmente. O vapor estava a começar a sair do cilindro. Tentou agarrar a garrafa outra vez. "Pronto!" Tinha a garrafa nas mãos presas. Segurando-a com força, levantou os braços e deslizou-os pelo poste abaixo, esmagando a garrafa de vidro contra o cimento, Não aconteceu nada. Tentou de novo. Nada. O mostrador subia inexoravelmente. 175! Catherine respirou fundo e bateu com a garrafa no chão com toda a força, Ouviu a garrafa estilhaçar. Graças a Deus! O mais esta possível, Catherine segurou o gargalo da garrafa numa mão e começou a cortar as cordas com a outra. O vidro cortava-lhe os pulsos, mas ela ignorou a

dor. Sentiu um fio estalar e depois outro. De repente a sua mão soltou- se. Apressadamente libertou a corda da outra mão e desatou a corda que lhe prendia os pés. O mostrador chegara aos 195. Jatos fortes de vapor saíam da caldeira. Catherine levantou-se com dificuldade. Atavas havia trancado a porta. Não havia tempo para sair do edifício antes da explosão. Catherine correu para a caldeira e puxou o bloco de madeira que bloqueava a válvula de segurava, Estava muito apertado. 2OO! Tinha de tomar uma decisão num segundo. Correu para a porta do fundo que dava para o abrigo antiaéreo, abriu-o e meteu-se lá dentro. Bateu com a porta pesada, Ficou encolhida no chão do enorme refúgio, respirando com dificuldade, e cinco segundos depois houve uma

explosão tremenda, e a sala inteira parecia que balançava. Ficou na escuridão, lutando para respirar, ouvindo o estrondo das chamas do outro lado da porta. Estava salva. Acabara. Não, ainda não",pensou Catherine. Há ainda uma coisa que tenho de fazer. Quando os bombeiros a encontraram uma hora depois e a trouxeram para o exterior, Alan Hamilton já lá não estava. Catherine correu para os seus braços, e ele apertou-a com força.

-Catherine, meu amor. Eu estava cheio de medo! Como é que...?

-Depois-disse Catherine. -Agora temos de deter o Atavas Stavich.

Casaram-se na quinta da irmã de Alan no Sussex numa cerimônia privada. A irmã de Alan era uma mulher agradável igualzinha à fotografia que Catherine vira no consultório de Alan, O filho estava na escola. Catherine e Alan passaram um fim-de-semana tranqüilo na quinta e partiram de avião para Veneza em lua-de-mel. Veneza era uma página brilhantemente colorida de um livro de história medieval, uma cidade mágica flutuante de canais e 120 ilhas, ligadas por 400 pontes. Alan e Catherine aterraram no Aeroporto de Marco Polo em Veneza, perto de Mestre, tomaram uma lancha até ao terminal da Piazza San Marco, e registraram-se no Royal Danieli, o belo e velho hotel junto ao Palácio dos Doges. A sua suite era requintada, com belíssima mobília antiga, e dava para o Grande Canal.

- Que gostarias de fazer primeiro? -perguntou Alan, Catherine aproximou-se dele e abraçou-o. -Adivinha.

Desfizeram as malas depois. Veneza era uma cura, um bálsamo que fez Catherine esquecer os terríveis pesadelos e horrores do passado. Ela e Alan partiram à descoberta. A Praça de São Marcos ficava a poucas centenas de metros do hotel e a séculos de distância no tempo. A Igreja

de São Marcos era uma galeria de arte e uma catedral, as paredes e os tetos revestidos de mosaicos e frescos de cortar a respiração. Entraram no Palácio dos Doges, cheio de câmaras opulentas e ficaram na Ponte dos Suspiros, onde, séculos antes, os prisioneiros cruzaram para ir ao encontro da morte. Visitaram museus e igrejas e algumas das ilhas afastadas. Pararam em Murano para ver a modelagem do vidro através de sopro, e em Burano para ver as mulheres fazerem renda. Tomaram uma lancha para Torcello e jantaram em Locanda Cipriani no maravilhoso jardim repleto de flores. E isto fez que Catherine se lembrasse do jardim do convento, e recordou como se sentira perdida nessa altura. E olhou em frente, para o lugar onde se sentava o seu bem-amado Alan e pensou: "Obrigada, meu Deus," Mercerie era a principal rua de compras, e encontraram lojas fabulosas: Rubelli para tecidos, Casella para sapatos, Giocondo Cassini para antigüidades. Jantaram no Quadri, no Al Graspo de Ua e no Harry's Bar. Andaram de gôndola e nos sandolli, os mais pequenos. Na sexta-feira, quase no fim da sua estada, houve um aguaceiro repentino e uma violenta tempestade elétrica. Catherine eAlan correram para regressar ao abrigo do hotel. Viram a tempestade pela janela.

-Peço desculpa pela chuva, senhora Hamilton- disse Alan. - As brochuras prometiam sol.

Catherine sorriu.

- Que chuva? Estou tão feliz, querido.

Os relâmpagos brilharam fugazes no céu e houve uma explosão de tempestade. Um novo som surgiu repentinamente na mente de Catherine: a explosão do cilindro.

Virou-se para Alan:

-Não é hoje que o júri vai apresentar o veredito? Ele hesitou.

-Eu não falei no assunto porque... -Eu estou bem. Quero saber.

Ele olhou para ela por um momento, depois fez um sinal afirmativo com a cabeça.

-Tens razão,

Catherine observava quando Alan se dirigiu ao rádio que ficava no canto e o acendeu. Rodou o botão até sintonizar a BBC, que estava a dar notícias.

N.... e o primeiro-ministro apresentou o seu pedido de demissão. O

chefe do gabinete tentará formar novo governo" O rádio estava a falhar e a voz aparecia e desaparecia.

- É por causa desta maldita tempestade elétrica - disse Alan. O som surgiu de novo.

"Em Atenas, o julgamento de Constantin Demiris chegou finalmente ao fim, e o júri entregou o seu veredito há uns momentos atrás. Para surpresa de toda a gente, o veredito..."

O rádio calou-se. Catherine virou-se para Alan.

- Qual... qual achas que foi o veredito? Ele tomou-a nos braços.

-Depende se acreditares em finais felizes. Epílogo

Cinco dias antes do início do julgamento de Constantin Demiris, o carcereiro abriu a porta da sua cela.

-Tem uma visita.

Constantin Demiris ergueu o olhar. À exceção do seu advogado, não lhe foram permitidas visitas até agora. Recusou mostrar qualquer curiosidade. Os sacanas tratavam-no como um criminoso comum. E ele não lhes daria a satisfação de mostrar qualquer emoção. Seguiu o carcereiro até ao átrio e entrou numa pequena sala de reuniões. -Ali dentro, Demiris entrou e deteve--se. Um homem aleijado estava encolhido numa cadeira de rodas. O cabelo era branco como a neve. O seu rosto era um remendo medonho de tecido queimado branco e vermelho. Os lábios estavam paralisados para cima na abertura da boca que formava um sorriso horrível. Levou alguns momentos a aperceber- se de quem era a visita, O seu rosto ficou sem cor.

-Meu Deus!

-Não sou um fantasma-disse Napoleon Chotas. A sua voz era um som rouco irritante. -Entre, Costa.

Demiris conseguiu falar. -O incêndio... Eu saltei pela janela e parti a espinha. O meu mordomo levou-me antes que os bombeiros chegassem. Eu não queria que você soubesse que eu estava vivo, Eu estava muito cansado para continuar a combatê-lo.

- Mas... eles encontraram um corpo. -Era o meu caseiro. Demiris afundou-se numa cadeira.

-Fica... fico satisfeito.., por estar vivo-disse ele sem forças. - Deve

ficar. Eu vou salvar-lhe a vida.

Demiris estudou-o desconfiadamente. -Vai?

-É verdade. Vou defendê-lo. Demiris riu-se em voz alta.

-Francamente, Leon. Depois de todos estes anos, toma-me por idiota? Que o leva a pensar que ia pôr a minha vida nas suas mãos? -Porque eu sou a única pessoa que o pode salvar, Costa. Constantin Demiris pôs-se de pé.

- Não, obrigado. - Dirigiu-se à porta.

-Eu falei com o Spyros Lambrou. Persuadi-o a deporem como ele estava consigo na altura em que a irmã foi assassinada.

Demiris parou e voltou-se. - Por que faria ele isso?

Chotas inclinou-se para a frente na sua cadeira de rodas. -Porque eu o convenci de que tirar-lhe a sua fortuna seria uma vingança mais saborosa do que tirar-lhe a vida.

-Não entendo.

-Garanti ao Lambrou que, se ele testemunhar a seu favor, você lhe entrega toda a sua fortuna. Os seus navios, as suas firmas... tudo o que possui.

-Você está doido!

-Estou? Pense nisso, Costa, O depoimento dele pode salvar-lhe a vida. A sua fortuna vale mais do que a sua vida?

Houve um longo silêncio. Demiris sentou-se de novo. Estudou Chotas cautelosamente.

-O Lambrou está disposto a depor que eu estava com ele quando a Melina foi morta?

-É isso mesmo.

-E de volta ele quer... -Tudo o que você tem. Demiris sacudiu a cabeça. - Eu teria de ficar com a minha...

-Tudo. Ele quer que você fique sem nada. Sabe, é a vingança dele. Havia uma coisa que intrigava Demiris.

-E que é que você ganha com tudo isto, Leon?

Os lábios de Chotas moveram-se numa imitação de um sorriso. - Eu ganho tudo.

-Não... não entendo.

Antes de entregar a Corporação de Comércio Helênico ao Lambrou, você vai transferir todos os seus bens para uma nova companhia. Uma companhia que me pertence.

Demiris olhou fixamente para ele. -Então o Lambrou não recebe nada. Chotas encolheu os ombros.

- Há vencedores e há vencidos.
- O Lambrou não vai desconfiar de nada?
- Pela forma como eu vou tratar do assunto, não. Demiris disse

-Se você vai enganar o Lambrou, como é que eu sei que não me vai enganar a mim?

-E muito simples, meu caro Costa. Você está protegido, Faremos um acordo assinado em como a nova companhia só passará a ser minha na condição de você ser absolvido. Se for condenado, eu não recebo nada.

Pela primeira vez,Constantin Demiris deu por si a ficar interessado. Ficou a analisar o advogado aleijado. "Entregaria o julgamento e perderia centenas de milhões de dólares só para se vingar de mim? Não, Ele não é tão idiota como isso." Demiris disse lentamente:

-Concordo. Chotas disse - Ótimo. Você acaba de salvar a sua vida, Costa.

Salvei mais do que isso, pensou Demiris triunfantemente.

- Tenho cem milhões de dólares escondidos num lugar onde ninguém os achará.

O encontro de Chotas com Spyros Lambrou fora difícil, Quase pôs Chotas fora do escritório.

-Você quer que eu deponha para salvar a vida daquele monstro? Ponha-se mas é daqui para fora.

-Você quer vingança, não quer? -Chotas perguntara.

-Sim. E vou tê-la.

- Vai mesmo? Você conhece o Costa. Para ele o dinheiro tem mais importância do que a vida. Se for executado, a dor dele só dura uns minutos, mas se você o levar à ruína e lhe tirar tudo o que ele possui, forçá-lo-á a viver sem um tostão, estaria a infligir-lhe um castigo muito maior.

Havia verdade nas palavras do advogado, Demiris era o homem mais ganancioso que ele já conhecera.

- Está a dizer-me que ele está disposto a deixar-me num documento tudo o que tem?

-Tudo. A frota, os negócios, todas as firmas de que é proprietário. Era uma tentação enorme,

-Deixe-me pensar no assunto.

Lambrou observou o advogado sair do escritório na cadeira de rodas. "Pobre sacana, pensou. "O que é que o faz viver?"

À meia-noite Spyros Lambrou telefonou a Napoleon Chotas. -Já decidi. Está combinado.

A imprensa estava num frenesim devorador. Constantin Demiris não iria apenas ser julgado pelo homicídio da mulher, mas ser defendido por um homem que viera do mundo dos mortos, o brilhante advogado criminal que supostamente morrera num holocausto. O julgamento ia realizar-se na mesma sala de audiências onde Noelle Page e Larry Douglas foram julgados. Constantin Demiris sentou-se no lugar do réu, envolto numa aura de invisibilidade. Napoleon Chotas seguia na sua cadeira de rodas. O Estado era representado pelo promotor especial Delma. Delma estava a dirigir-se ao júri.

- Constantin Demiris é um dos homens mais poderosos do mundo, A sua vasta fortuna concede-lhe muitos privilégios. Mas há um privilégio que não lhe concede, Que é o direito de matar a sangue-frio. Ninguém tem esse direito.

Virou-se para olhar para Constantin Demiris,

- O Estado provará sem margem para dúvidas que Constantin Demiris é culpado do homicídio brutal da esposa que o amava. Quando acabarem de ouvir as provas, estou certo de que apenas poderão apresentar um veredito. Culpado de homicídio de primeiro grau. - Retirou-se para o seu lugar.

O juiz principal virou-se para Napoleon Chotas.

- A defesa está pronta a fazer a sua declaração de abertura?

-Estamos, sim, Meritíssimo.-Chotas conduziu ele próprio a cadeira para a frente do júri. Viu o ar de piedade nos seus rostos quando tentaram evitar olhar para a sua face grotesca e o seu corpo estropiado.

- Constantin Demiris não está aqui em julgamento por ser rico ou

poderoso. Ou talvez seja por causa disso que foi arrastado para esta sala de audiências.

- Os fracos tentam sempre destruir os fortes, não é verdade? O senhor Demiris pode ser culpado por ser rico e poderoso, mas uma coisa vou provar com certeza absoluta: ele não é culpado pela morte da sua mulher.

O julgamento começara. O promotor Delma questionava o tenente de polícia Theophilos que se encontrava no banco.

- Importa-se de descrever o que viu quando entrou na casa de praia de Demiris, tenente?

- As cadeiras e as mesas estavam viradas. Estava tudo numa confusão

- Parecia ter havido uma luta terrível?

-É verdade. Parecia que a casa tinha sido assaltada. -Encontrou uma faca com sangue no local do crime, não é verdade?

-É, sim.

-E havia impressões digitais na faca? - É correto.

-A quem pertenciam? -A Constantin Demiris. Os olhos dos jurados movimentaram-se na direção de Demiris.

-Quando fez busca à casa, que mais encontrou?

-No fundo de um roupeiro encontramos um par de calções de banho manchados de sangue que tinham as iniciais de Demiris.

- Não é possível que estivessem na casa há muito tempo? -Não. Ainda estavam molhados com água salgada. -Obrigado,

Era a vez de Napoleon Chotas.

-Detetive Theophilos, o senhor teve oportunidade de conversar com o réu pessoalmente, não teve?

-Tive, sim.

- Como é que o descreveria fisicamente?

-Bem... -O detetive olhou para o lugar onde Demiris estava sentado. - Eu diria que ele é um homem grande.

-Ele pareceu-lhe forte? Isto é, fisicamente forte? - Sim.

Não é o tipo de homem que teria de destruir uma sala para matar a mulher?

Delma estava de pé. -Protesto.

-Concedida. A defesa deve abster-se de conduzir a testemunha. -Peço perdão, Meritíssimo. -Chotas virou-se para o detetive. -Após a sua conversa com o senhor Demiris, avaliá-lo-ia como sendo um homem inteligente?

-Certamente. Penso que uma pessoa que enriqueça como ele tem de ser bastante esperta.

- Eu não podia concordar mais consigo, tenente. E isso conduz-nos a uma questão interessante. Como é que um homem como Constantin Demiris podia ser assaz estúpido para cometer uma morte e deixar no local do crime uma faca com as suas impressões digitais, um par de calções manchados de sangue...?Não diria que isso não foi muito inteligente?

-Bem, às vezes, no auge da realização de um crime, as pessoas fazem coisas estranhas.

-A polícia encontrou um botão dourado do casaco que Demiris devia usar na altura? Isso é correto?

-É, sim.

-E isso é uma prova importante contra o senhor Demiris? Segundo a teoria da polícia, a mulher arrancou durante a luta quando ele tentava matá-la?

-É correto.

-Portanto, temos um homem que habitualmente se vestia muito bem. Um botão arrancado do casaco, mas ele não dá por ele. Vai para casa com o casaco vestido e continua a não reparar. Depois despe-o e pendura no armário... e continua a não reparar. Isso faria do réu não apenas estúpido, mas também cego.

O senhor Katelanos estava de pé. O proprietário da agência de detetives aproveitava ao máximo este seu momento de glória. Delma estava a interrogá-lo.

-O senhor é o proprietário de uma agência privada de detetives?

- Sou, sim.

-E uns dias antes de a senhora Demiris ter sido assassinada, ela procurou-o?

-É verdade. -Que desejava ela?

- Proteção. Disse que ia divorciar-se do marido e que ele a ameaçara de morte.

Houve um murmúrio por parte dos espectadores. -Portanto, a senhora Demiris estava muito perturbada? -Oh, sim, estava. Certamente que estava.

- E ela contratou a sua agência para protegê-la do marido? - Exato.

-É tudo, obrigado. -Delma virou-se para Chotas. -A testemunha é sua. Chotas moveu a cadeira para o banco das testemunhas.

- Senhor Katelanos, há quanto tempo está na atividade de investigação?

- Há quase quinze anos. Chotas ficou impressionado, - Bem. Isso é muito tempo.

- O senhor deve ser muito bom naquilo que faz.

-Suponho que seja-disse Katelanos modestamente.

-Portanto, tem tido muita experiência em lidar com pessoas que estão com problemas.

- É por isso que me procuram - disse Katelanos presunçosamente.

-E a senhora Demiris quando o procurou pareceu-lhe um pouco perturbada, ou...?

-Oh, não. Ela estava muito perturbada. Poderia dizer em pânico.

-Estou a ver. Porque estava com medo do marido que ia matá-la.

-Exato.

-Portanto, assim que ela saiu do seu escritório, quantos homens mandou segui-la? Um? Dois?

-Bem, não mandei nenhum segui-la. Chotas franziu o sobrolho.

-Não entendo. Porque não?

- Bem, ela disse para nós começarmos só na segunda-feira. Chotas olhou para ele, confundido.

-Receio que me esteja a deixar ficar confuso, senhor Katelanos. Essa mulher que apareceu no seu escritório aterrorizada que o marido a fosse matar saiu sem mais nem menos e disse que não precisava de proteção antes de segunda feira?

- Bem, é verdade. Isso é exato.

Napoleon Chotas disse, quase para si próprio;

-Isso faz-nos pensar no grau de susto em que a senhora Demiris realmente se encontrava, não ?

A criada dos Demiris estava no banco das testemunhas.

- Então você ouviu de fato a conversa entre a senhora Demiris e o marido ao telefone?

- Ouvi, sim.

- Importa-se de nos dizer o que ouviu?

-Bem, a senhora Demiris disse ao marido que queria o divórcio e ele disse que não lhe dava.

Demiris olhou de relance para o júri.

-Compreendo. -Ele voltou-se para a testemunha. -Que mais ouviu?

-Ele marcou um encontro na casa de praia para as três horas, e ela que fosse sozinha.

-Ele disse que ela devia ir sozinha?

- Foi, sim. E ela disse que se não estivesse de volta pelas seis horas eu devia chamar a polícia.

-Houve uma reação visível por parte do júri. Viraram-se para fixar o olhar em Demiris.

-Não tenho mais perguntas.-Delma voltou-se para Chotas. A testemunha é sua.

Napoleon Chotas moveu a cadeira para junto do banco das testemunhas.

- O seu nome é Andrea, não verdade?

-É, sim. -Ela tentou não olhar para o rosto cicatrizado e desfigurado.

-Andrea, você afirmou que ouviu a senhora Demiris dizer ao marido que ia pedir o divórcio e que ouviu o senhor Demiris dizer que não lhe dava, e que ele lhe disse a ela que fosse à casa de praia às três horas e que fosse sozinha. Está certo?

- Está, sim.

- Você está sob juramento, Andrea. Você não ouviu nada disso. - Ouvi, sim, senhor doutor.

- Quantos telefones há no quarto onde a conversa se verificou? -Bem,

apenas um.

Napoleon Chotas aproximou a cadeira.

-Portanto, você não estava a ouvir a conversa noutro aparelho? - Não, senhor. Eu nunca faria uma coisa dessas.

-Então, a verdade é que apenas ouviu o que a senhora Demiris disse. Ter-lhe-ia sido impossível ouvir o que marido dizia?

- Oh. Bem, suponho...

-Por outras palavras, você não ouviu o senhor Demiris ameaçar a esposa ou pedir-lhe que se encontrasse com ele na casa de praia, nem nada. Você imaginou tudo isso por causa daquilo que a senhora Demiris estava a dizer?

Andrea estava atrapalhada.

- Bem, suponho que o senhor pode pôr as coisas nesses termos,

-Eu estou a pôr as coisas nesses termos. Porque é que estava no quarto quando a senhora Demiris estava ao telefone?

-Ela pediu-me que lhe levasse um pouco de chá.

- E a senhora levou-o?

- Levei, sim.

-Pô-lo em cima de uma mesa.

-Pus, sim.

-Porque não se retirou em seguida?

-A senhora fez sinal para que eu ficasse.

-Ela queria que você ficasse a ouvir a conversa ou a presumível conversa?

-Eu... suponho que sim.

A voz dele era uma correia de chicote.

-Portanto, não sabe se ela estava a falar com o marido ao telefone ou se, de fato, não estava a falar com ninguém.-Chotas aproximou ainda mais a cadeira. -Não acha estranho que, a meio de uma conversa pessoal, a senhora Demiris lhe pedisse que ficasse a escutar? Sei que em minha casa quando estamos a ter uma discussão pessoal não pedimos ao pessoal que fique a bisbilhotar. Não. Digo-lhe a si que essa conversa nunca existiu. A senhora não estava a falar com ninguém.

Estava a tramar o marido para que neste dia neste tribunal ele fosse a julgamento. Mas Constantin Demiris não matou a mulher. As provas contra ele foram cuidadosamente tramadas. Foram tramadas com cuidado excessivo. Nenhum homem inteligente deixaria atrás uma série de pistas óbvias que o incriminariam. E, independentemente de tudo aquilo que Constantin Demiris possa ser, ele é um homem inteligente. O julgamento prolongou-se por mais dez dias com acusações e contra-acusações, e depoimentos peritos da polícia e do médico-legista. O consenso de opinião apontava para que Constantin Demiris fosse provavelmente culpado. Napoleon Chotas guardou a bomba até o fim. Pôs Spyros Lambrou no banco das testemunhas. Antes do início do julgamento, Demiris assinara um contrato reconhecido em cartório transferindo por meio de escritura a Corporação do Comércio Helênico e todos os seus bens a Spyros Lambrou. Um dia antes, esses bens foram secretamente transferidos para Napoleon Chotas com a cláusula de que só teria efeito se Constantin Demiris fosse absolvido do seu julgamento.

-Senhor Lambrou. O senhor e o seu cunhado, Constantin Demiris, não se davam muito bem, pois não?

-É verdade.

- De fato, não seria exagero dizer-se que os senhores se odiavam? Lambrou olhou para Constantin Demiris.

-Podia até ser uma maneira branda de pôr a questão.

-No dia em que a sua irmã desapareceu, Constantin Demiris disse à polícia que nunca esteve nas imediações da casa de praia; que, de fato, às três horas, a hora fixada para a morte da sua irmã, ele estava reunido consigo em Acrocorinto. Quando a polícia o interrogou acerca do encontro, o senhor negou.

-Neguei, sim. - Porquê?

Lambrou permaneceu em silêncio por um longo momento. A sua voz estava cheia de raiva.

-Demiris tratava a minha irmã de uma forma vergonhosa. Maltratava-a e humilhava-a constantemente.

- Eu queria vê-lo castigado. Ele precisava de mim para ter um álibi.
- Eu não lhe queria dar. - E agora?

-Não posso continuar a viver com urna mentira. Sinto que tenho de

dizer a verdade.

-O senhor e Constantin Demiris encontraram-se em Acrocorinto nessa tarde?

-Sim, a verdade é que nos encontramos.

Houve uma algazarra na sala de audiências. Delma pôs-se de pé, o rosto pálido.

-Meritíssimo. Protesto... -Protesto negado.

Delma afundou-se no seu lugar. Constantin Demiris estava inclinado para a frente, com os olhos brilhantes.

- Fale-nos do vosso encontro. A idéia foi sua?

-Não. A idéia foi de Melina. Ela enganou-nos a ambos. -Enganou-os, como?

A Melina telefonou-me a dizer que o marido queria encontrar-se comigo no meu pavilhão de caça para discutir uma transação comercial. Depois telefonou ao Demiris a dizer-lhe que eu pedira um encontro. Quando chegamos, descobrimos que não tínhamos nada para dizer um ao outro.

- E o encontro realizou-se a meio da tarde na hora fixada da morte da senhora Demiris ?

-É verdade.

-São quatro horas de viagem de Acrocorinto até à casa de praia. Mandei verificar o espaço de tempo. -Napoleon Chotas olhava para o júri. -Deforma que não há possibilidade de Constantin Demiris poder ter estado em Acrocorinto às sete e regressado a Atenas antes das sete.

Chotas voltou-se para Spyros Lambrou.

-O senhor está sob juramento, senhor Lambrou. O que acabou de dizer neste tribunal corresponde à verdade?

-Sim. Tomo Deus por testemunha.

O júri ausentou-se durante quatro horas. Constantin Demiris observava o seu regresso à sala de audiências. Tinha um ar pálido e ansioso. Chotas não estava a olhar para o júri. Olhava para o rosto de Constantin Demiris. O aprumo e a arrogância de Demiris haviam desaparecido. Era um homem que enfrentava a morte. O juiz-presidente perguntou:

-O júri já chegou a um veredito?

- chegamos, sim, Meritíssimo. - O primeiro jurado segurava um pedaço de papel.

- O oficial de justiça que vá buscar o veredito, por favor.

O oficial de justiça caminhou até ao jurado, pegou no pedaço de papel e entregou-o ao juiz. Ele abriu o papel e ergueu o olhar.

- O júri considera o réu inocente.

Houve um pandemônio na sala de audiências. As pessoas começavam a levantar-se, algumas aplaudindo, outras assobiando. A expressão no rosto de Demiris era de êxtase. Respirou fundo, levantou-se e caminhou na direção de Napoleon Chotas.

-Você conseguiu -disse ele. -Fico em grande dívida consigo. Chotas olhou-o bem de frente.

-Já não. Eu sou muito rico e você é muito pobre. Venha. Vamos celebrar.

Constantin Demiris empurrou a cadeira de rodas por entre a multidão que se acotovelava, longe dos repórteres até ao parque de estacionamento. Chotas apontou para um turismo estacionado à entrada. - O meu cano está ali.

Demiris empurrou-o até à porta. -Não tem motorista?

-Não preciso. Mandei equipar o carro de forma a poder conduzi-lo eu próprio. Ajude-me a entrar. Demiris abriu a porta e levou Chotas até ao lugar do condutor, Demiris entrou no carro sentando-se ao lado de Chotas.

-Você ainda é o maior advogado do mundo-Constantin Demiris sorriu.

-É verdade. -Napoleon Chotas meteu a primeira e começou a conduzir.

- Que vai fazer agora, Costa? Demiris disse cuidadosamente

- Oh, herde safar-me. Com um milhão de dólares posso reconstruir o meu império. Demiris deu um risinho de satisfação.- O Spyros vai ficar muito chateado quando souber que você o enganou.

-Ele não pode fazer nada-assegurou-lhe Chotas. -O contrato que ele assinou dá-lhe uma companhia que não vale nada. Eles dirigiam-se para as montanhas. Demiris observava enquanto Chotas movia as alavancas que controlavam o acelerador e o freio.

-Você sabe mexer com essa coisa.

- Aprende-se aquilo que se é obrigado a aprender - disse Chotas. Subiam uma estrada estreita da montanha.

-Aonde vamos?

Tenho uma pequena casa ali no cimo. Vamos tomar uma taça de champanhe e depois eu chamo um táxi para trazê-lo de volta à cidade. Sabe, Costa, tenha andado a pensar. Tudo o que aconteceu... A morte de Noelle Page e de Lorry Douglas. E do pobre Stavros. Não foi nada por dinheiro, pois não? -Virou-se para olhar de relance para Demiris. - Tudo teve a ver com ódio. Ódio e amor. Você amava a Noelle,

-É verdade - disse Demiris. -Eu amava a Noelle.

-Eu também a amava-disse Chotas. -Você não sabia, pois não? Demiris olhou para ele surpreendido.

-Não.

-E no entanto eu ajudei-o a mofa-la. Nunca me perdoei por causa disso. Você já se perdoou, Costa?

-Ela teve o que merecia.

- Acho que acabamos todos por ter o que merecemos. Há uma coisa que eu não lhe disse. Aquele incêndio... desde a noite daquele incêndio, vivo em dor torturante. Os

médicos tentaram restaurar -me, mas realmente não resultou. Estou demasiado estropiado. - Empurrou uma alavanca que deu velocidade ao carro. Começaram a andar depressa em curvas apertadas, a subir cada vez mais. O mar Egeu surgiu ao fundo perante os seus olhos. -De fato - disse Chotas num tom rouco -, a minha dor é tão grande que a minha vida já não vale nada. - Empurrou de novo a alavanca, e o carro começou a andar mais depressa.

-Abrande - disse Demiris. -Você está a ir muito... Deforma que decidi que vamos os dois dar-lhe um fim juntos. Demiris voltou-se para fixá- lo, horrorizado.

- Que é que você está a dizer? Abrande, homem. Você vai-nos matar.
- É verdade - disse Chotas, Mexeu outra vez na alavanca, O carro avançou mais.

-Você está louco! -disse Demiris. -Você é rico. Você não quer morrer. Oslábios cicatrizados de Chotas formaram uma imitação horrível de

um sorriso.

-Não, eu não sou rico. Sabe quem é rico? A sua amiga, a Irmã Teresa. Dei todo o seu dinheiro ao convento de Janina. Dirigiam-se para uma curva fechada na íngreme estrada da montanha,

-Pare o carro! -gritou Demiris -Tentou arrancar o volante das mãos de Chotas, mas era impossível,

-Dou-lhe tudo o que você quiser-gritou Demiris. -Pare! Chotas disse:

-Eu tenho aquilo que quero,

No momento que se seguiu sobrevoavam o penhasco, pela encosta íngreme abaixo, o carro aos tombos numa pirueta graciosa, até que por fim caiu lá em baixo no mar. Houve uma explosão tremenda, e depois um silêncio profundo e eterno.

Terminara.

FIM